This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

UNIVERSITY OF CALIFORNIA

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME I

RIO DE JANEIRO

NA IMPRENSA PORTUGUEZA de J. A. da CRUZ COUTINHO — Filho

75, Rua de S. José, 75

1876

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

A. Herculano — O bobo, novo romance. — O Eurico. — O monge de Cister. 2 v. — Lendas e narrativas. 2 v. — Historia da inquisição em Portugal. 3 v. — Historia de Portugal. 4 v. — Estudos sobre o casamento civil. 5 folhetos. — A reacção ultramontana em Portugal. — A voz do propheta. — Ao partido liberal. — Poesias. — Opusculos. 2 v.

Pinheiro Chagas — Poema da mocidade, e o poemeto O anjo do lar. 1 v. — A flôr secca, romance. — A côrte de D. João v. — Tristezas á beira-mar. — Ensaios criticos. — Novos ensaios criticos. — A Judia, drama. — A morgadinha de Val-flôr, drama. — Portuguezes illustres. — Madrid, scenas de viagem. — Durante o combate, pretexto n'um acto. — A vingança do sargento, por Landelle, trad. 3 v. — Em redor da minha secretaria, por Disforges, trad. — A fada de Auteuil, por P. du Terrail, trad. — A San Felice, por A. Dumas, trad. — Amigas e peccadoras, por M.me Giraud, trad. — O juramento da duqueza. — O testamento do conde, trad. — A virgem Guaraciaba. — Contos e descripções. — O major Napoleão. — O segredo da viscondessa. 1 v. — Os guerrilheiros da morte. 1 v. — Historia da communa de Paris. 2 gr. v. com estampas. — Ministros, padres e reis. 1 v. — Historia da guerra entre a França e a Prussia. 1 v. — A conspiração de Pernambuco. 1 v. — A mascara vermelha. 1 v. — Astucias de namorada. 1 v. — O filho de Marat, trad. 4 v. — Historia de Portugal. 8 v. — Lenda da meia noite. 1 v. — O terremoto de Lisboa. 1 v. — A varanda de Julieta. 1 v. — Dramas do povo.

Rebello da Silva — Fastos da Igreja, historia da vida dos santos. 2 v. — A mocidade de D. João v, romance. 3 v. — Odio velho não cança. 2 v. — Historia de Portugal. 5 v. — Vida e escriptos de Martinez de la Rosa. — Lagrimas e thesouros. 1 v. — Varões illustres das tres épocas constitucionaes, com retratos. — De noite todos os gatos são pardos, romance. — Contos e Lendas. 1 v. — Compendio de economia industrial e commercial. 1 v. — Economia politica. 1 v. — Economia rural. 1 v.

Julio Diniz — As apprehensões de uma mãi.

Julio C. Machado — Contos ao luar. — Historias para gente moça. — Passeios e phantasias. — Em Hespanha, scenas de viagem. — Recordações de Paris e Londres. — Scenas da minha terra. — Contos a vapor. — Do Chiado a Veneza. — Quadros do campo e da cidade. — Da loucura e das manias em Portugal. — Lisboa na rua. 1 v. — Os theatros de Lisboa. — Estevão. 1 v. — A vida em Lisboa. 2 v. — Claudio, 1 v. — Manhãs e noites. 1 v.

Camillo C. Branco — Agulha em palheiro. — Amor de perdição. — Amor de salvação. — Os amores do Diabo, trad. — Anathema. — Annos de prosa. — Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado. — O bem e o mal. — Os brilhantes do brazileiro. — A bruxa do monte Cordova. — Carlota Angela. — O carrasco de Victor Hugo. — Cavar em ruinas. — Cousas leves e pesadas. — Cousas espantosas. — Coração, cabeça e estomago. —

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME I

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1876

PQ9160
T7
1876

TROVADOR

M761057

Dos amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida;
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Luctar só contra a sorte toda a vida.

Outros prantos não quero que não sejam
Esses prantos de fel amargurado
De minha companheira de infortunio,
Que me adora, apesar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma,
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que tambem sente os meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo, tambem quero
Que junte em minha eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos, eu sei que terei preces,
Saudades e lagrimas tambem,
Que não tenho lembrança de offendel-os,
E sei quanta amizade elles me tem.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego,
Peccador de mil culpas carregado;
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem
E o muito que tambem tenho chorado.

RISO E MORTE

Quando eu deixar de chorar,
Quando eu contente me rir,
Não se enganem, — desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio
Assim ligada se tem,
Como termo da desgraça
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,
É chorar o meu viver;
Quando eu deixar de chorar
Estou prestes a morrer.

Vem, ó morte! — de meu pranto
Não receies; pódes vir:
Choro nos braços da vida,
Nos teus braços me hei-de rir.

Muitas vezes um momento
Que parece de ventura,
Não é mais que um riso d'alma,
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se da vida,
Por vêr n'ella seu jardim;
O desgraçado na morte,
Por vêr da desgraça o fim.

RECITATIVO

TEU DÔCE AMOR

Da lua sublime, que te inunda os olhos,
Vem dar-me um raio de eternal fulgor;
E no meu peito a suspirar amante
Dá-me as delicias do teu dôce amor.

Quero-te muito, matutina estrella,
Celeste musa, peregrina flôr;
Por ti velando, suspirei saudoso,
Chorando a falta do teu dôce amor.

As auras brandas do correr da tarde,
O ether puro de azulada côr
Não tem perfumes como tens nos labios,
Nos ternos beijos do teu dôce amor.

O céo e os astros, a prateada lua,
O fogo ethereo que nos dá calor
Não tem imperio no meu sêr inteiro,
Como os perfumes do teu dôce amor.

Não era um sonho que eu guardava n'alma,
Nas vivas chammas de um sentido ardor;
Eram as rosas de um affecto immenso,
Eram saudades do teu dôce amor.

Mas hoje sinto que acordei de novo,
Que ás faces volta o juvenil rubor,
Nova existência no teu seio encontro,
Nos teus afagos, no teu dôce amôr.

Bettencourt da Silva.

CANÇÃO

O ARTISTA

(ROMANCE)

Musica do ill.mo snr. Antonio Luiz de Moura

Curvado em lucta constante
Da vida co'as incertezas,
Soffre o artista desgraçado
Da sorte as duras cruezas.

Chorando — coitado!
Da sorte ao rigor,
Seus bens são o pranto,
Seus gozos a dôr.

Apenas desponta o dia
Corre veloz ao trabalho,
A noite longa já vai,
Não busca dôce agasalho.

Chorando — etc.

Quando — quebradas as forças —
Dorido — quer repousar,
Cuidados mil que o anceiam
Seu somno vem perturbar.

Chorando — etc.

Vê sua espôsa e os filhinhos
Ás vezes faltos de pão;
Sem meios p'ra adquiril-o
Fugir-lhe sente a razão.

Chorando — etc.

No leito da dôr ás vezes
De tudo vê-se privado,
Que em vão procura o artista
Mudar o rigor do fado.

Chorando — etc.

Estranho vive — coitado!
Do mundo aos gozos mesquinhos;
O pobre artista por bens
Só tem acerbos espinhos.

Chorando — etc.

Até que em campa esquecida
Das lides acha o repouso,
Soffreu do mundo os desprezos,
As dôres teve por gozo.

Não mais do destino
Tem nada a temer;
O artista repousa
Sómente ao morrer.

A. J. de Sousa.

LUNDÚS

A CÔR MORENA

Para ser cantado com a musica do lundú — *A Moreninha*

Côr morena delicada,
Apreciada
És por muitos com razão;
Pois por ti tambem eu sinto,
Ah! não minto,
Quanto póde uma paixão.

Tem tal côr tanta gracinha,
Sinházinha,
Que só por gracinha prende;
E, seguro em tal prisão,
O coração
Inda mais culto lhe rende.

É gentil a moreninha,
Engraçadinha,
Muito viva e ardilosa;
E se mais travessa é ella
É mais bella,
É mil vezes mais formosa.

Mas eu, que estes versos faço,
Dou um passo
Que parece mangação;
E aposto que a sinhá,
Linda yáyá,
Crê-me um bello mocetão!

Pois não sou, minha senhora,
E sem demora
Desfaço este enganosinho;
Amo, sim, a vossa côr,
E com ardor,
Mas por ser de meu bemzinho.

Eu gosto d'um rapazinho
Moreninho,
Tambem cheio de gracinha;
Não lhe ganha em travessuras,
Diabruras,
A mais viva moreninha.

É a côr mais feiticeira,
Candongueira,
Que creou a natureza;
E a ti, que tens tal côr,
Meu amor,
Juro amar-te com firmeza.

Por uma joven fluminense.

BORBOLETA

Meninas ha que me chamam
Borboleta e beija-flôr,
Porque dizem que eu a todas
Faço protestos de amor.

Como se enganam
Em tal pensar!
Jonia que diga
Se eu sei amar.

Porque eu olhe com ternura
Ás vezes para uma bella,
Me julgam sem mais nem menos
Apaixonado por ella!

Como se enganam — etc.

Dizendo que as moças todas
Meus mimos e graças tem,
Decidiram em seu jury
Que eu não adoro a ninguem.

Como se enganam — etc.

Passa por certo entre ellas
Que a minha forte paixão
Desfaz-se toda na lingua,
Sem chegar ao coração.

Como se enganam — etc.

MODINHAS

OH SORTE MINHA CRUEL!

Oh sorte minha cruel,
Vem meus dias terminar,
Já que Jonia, por quem morro,
Não me quer feliz tornar.

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

Um momento de prazer
Bem merece o trahidor,
Que só tem por ti soffrido
Tantos tormentos e dôr.

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

Céos! oh céos! por piedade
Arrancai meu coração,
Que sumiu-se a minha estrella
Nas nuvens da ingratidão!

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

ROSTO D'ANJO

Rosto d'anjo, formosa donzella,
Que as cadêas de amor me pozeste,
Ah! não fujas — não leves-me a vida,
Não me roubes um bem que me déste.

ESTRIBILHO

Já não póde meu peito ser d'outra,
Já não posso existir sem te amar;
Só comtigo entendi a existencia,
Quero á campa comtigo baixar.

São ligados os meus aos teus dias
Como o calix da folha da flôr!...
Não consintas que a flôr se desfolhe,
Ah! não quebres os laços de amor!

ESTRIBILHO

Já não póde meu peito ser d'outra,
Já não posso existir sem te amar;
Só comtigo entendi a existencia,
Quero á campa comtigo baixar.

RECITATIVOS

BRAZIL, ACORDA!...

(RECITATIVO HEROICO)

Brazil, acorda do dormir profundo,
O velho mundo—te contempla a furto,
Vendo tolher-te—da molleza o laço—
Da gloria o passo—para ti tão curto.

Gigante immenso pelo céo votado
A marcio fado — de brilhantes louros,
Porque, fremente qual bramir das vagas,
Já não esmagas — quem te traz desdouros?!...

Em sonho, ao menos, meu Brazil, não vês,
Não entrevês — essa cohorte ousada,
Que — traiçoeira — do teu somno á sombra
A honra assombra — sob a dextra armada?!...

E tu dormitas!... quem dormir te faz?...
Que mão audaz — o teu valor reprime?!...
Ah!... tens razão... que *do passado os guias*
Foram harpias a vender-te ao crime!...

Porém qu'importa!... do lethargo acorda!...
Esmaga a horda — que voraz — servil —
Ousou tocar o teu emblema santo,
Manchar-te o manto — traiçoeira e vil!...

Vê de teus filhos como jorra o sangue!...
Um povo exangue — já descrido clama!... [1]
Eia!... em teus olhos, meu Brazil valente,
Brilhe fremente — do valor a chamma!...

Tens elementos que os inveja o mundo;
És sem segundo — a cobardia pune;
Ergue terrivel esse busto — e mostra
Que não se arrostra — teu furor impune!...

Ah!... estremeces, meu Brazil querido?!...
Emfim!... ouvido foi da patria o grito?!...
Moves os membros do torpôr escravos,
Ao som dos bravos — do teu povo afflicto!...

[1] O povo de Matto-Grosso.

Ergueste o collo, e teu olhar certeiro
O quadro—inteiro—devassou—terrivel;
A fronte enrugas—teu olhar é chamma
Que o raio inflamma—de vingança horrivel!...

Hosana!... hosana!... povo-rei, hosana!...
Do céo dimana—nossa gloria certa!...
Em marcio fogo, meu Brazil, já ardes!...
Tremei, cobardes! meu Brazil desperta!...

1865.

A. J. de Sousa.

ELVIRA

Serenos threnos de alaude rude,
Da juventude, venho aqui depôr;
Sonhando, amando teus encantos santos,
Virgem, meus cantos pedem só amor!

Formosas rosas n'esse rosto, posto,
Ha, só por gosto, da natura a mão;
Teu seio, cheio de ternura pura,
Tem na brancura virginal condão!

Não minto. Sinto que minh'alma a palma
Sonha da calma n'esse teu sorrir...
Tristonhos sonhos do futuro, eu juro,
Teu riso puro poderá banir!

Florida a vida se tornára, e cara,
Se pouco avára fosses tu no amar;
De amores dôres não carpira a lyra,
Se alento, Elvira, me quizesses dar!

Divinos hymnos, — não lamentos lentos,
Soltára aos centos teu fiel cantor,
Se anhelos bellos, perfumosos gozos,
Dias ditosos lhe trouxesse amor!

Meu peito, leito de amarguras duras,
De crenças puras se nutrira um dia,
Se Elvira dira a meus amenos threnos
Dissesse ao menos que valor daria!

J. F. N.

ARIA

A CORDA SENSIVEL

Traducção de F. P. Brito, da comedia do mesmo titulo

Da sorte aos acasos nada é impossivel
E tudo de amor se deve esperar,
Porque das mulheres a — *corda sensivel*
Mais tarde ou mais cedo se sente vibrar.

É sempre a *loureira* em tudo accessivel
A todos aquelles que bem podèm dar;
O fraco lhe movem, a — *corda sensivel,*
O carro, o vestido, o brinco, o collar.

A grata *burgueza* é mais susceptivel,
Com certa reserva se faz respeitar;
Se dão-lhe, porém, na—*corda sensivel,*
Assim como vive se deixa levar.

A nobre *fidalga* se mostra inflexivel
Brazões e grandezas querendo mostrar,
Mas cede ao vibrado da—*corda sensivel,*
Se ha mão amestrada que a saiba tocar.

Sagaz *bailarina* é tal combustivel
Que o fogo de amor faz logo atear,
Mas d'ella é o fraco, a—*corda sensivel,*
Folia, brinquedo, passeio ou jantar.

A bella *criada,* se está disponivel,
Na casa dos amos quer brios mostrar;
Ao toque, porém, da—*corda sensivel,*
Por dadiva simples se deixa levar.

A sonsa *beata,* na igreja infallivel,
Que em Deus só parece rezando pensar,
Ao simples vibrado da—*corda sensivel,*
Nem mais um momento se occupa em rezar.

Á pura *innocencia,* empresa é temivel
Fazel-a de amores nas luctas entrar,
Porque ninguem sabe da—*corda sensivel*
No peito innocente onde é o lugar.

Comtudo na terra nada é impossivel
E tudo de amor se deve esperar,
Porque das mulheres a—*corda sensivel*
Mais tarde ou mais cedo se sente vibrar.

LUNDÚS

PONTO FINAL

Poesia de F. P. Brito, e musica do snr. J. J. Goyanno

Tive por certa menina
Uma paixão sem igual,
Que escapou de dar commigo
Dos doudos no hospital.

Porém agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

Amei com pontos e virgulas,
Divisões e reticencias...
Tiradas as consequencias,
Tudo era artificial!

Porém agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

O que ella por mim fazia
Fazia a outros tambem;
Não ter amor a ninguem
É seu timbre natural.

Por isso agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

A MARREQUINHA

Poesia de F. P. Brito, e musica do snr. F. M. da Silva

Os olhos namoradores
Da engraçada yá-yázinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Se dançando a *brazileira*
Quebra o corpo a yá-yázinha,
Com ella brinca pulando
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Quem a vê terna e mimosa
Pequenina e redondinha,
Não diz que conserva presa
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Na margem da Caqueirada
Não ha só bagre e tainha,
Alli foi que ella creou
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Tanto tempo sem beber,
Tão *jururú*... coitadinha...
Quasi que morre de sêde
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

MODINHAS

SÃO CIUMES DE UMA INGRATA

Sinto no peito uma dôr
Que me consome e maltrata;
A dôr que sente minh'alma
São ciumes de uma ingrata.

Tenho no peito um amor
Que meu socego arrebata;
Os tormentos por que passo
São ciumes de uma ingrata.

Porque perto já da campa
A agonia se dilata?
Não são saudades do mundo,
São ciumes de uma ingrata.

A AUSENCIA

Poesia do ill.mo snr. dr. D. J. G. Magalhães, e musica do snr. Raphael C. Machado

Se os meus suspiros voassem
C'os meus tristes pensamentos,
E narrando os meus tormentos,
No teu coração vibrassem;
Ficaria commovida,
Oh! minha Urania querida!

Levai, ó céos,
Aos seus ouvidos,
Meus ais saudosos
E meus gemidos.

Ausente de ti, ó bella,
Só tristeza me rodeia;
Não vês a noite tão feia,
Sem lua, sem uma estrella?
Assim tenho est'alma agora,
Est'alma que por ti chora.

Levai, ó céos — etc.

Que de vezes passeando
N'esta horrenda soledade,
Consumido de saudade,
Adormeço em ti pensando!
Sonho então, e assim só vivo
Com esse prazer esquivo.

Levai, ó céos — etc.

RECITATIVO

DÁ-ME UM SORRISO

Porque me foges? teu desprezo mata,
Maltrata o seio que se abraza em chamma,
Com teu rigor, foge-me a razão,
E o coração mais a mais se inflamma.

E se de longe, para mim sorrindo,
Além fugindo, teu zombar conheço,
Tratos do inferno me acabrunham alma,
Da vida a calma a teu amor off'reço!

Nas lindas pregas d'esse teu vestido,
Vejo tolhido meu prazer futuro;
Ah! não te volvas, quero vêr teu rosto,
Dá-me um só gosto no teu riso puro.

Ah! não me fujas, vem ser minha um dia,
Sacra magia para mim desprende,
Vem ser o anjo a me guiar na vida,
Louca, perdida, que a ti só me prende!

Olha o meu peito succumbindo á dôr,
Lê santo amor nos meus rubros olhos,
Lança-me — boa — n'um caminho liso,
Dá-me o p'raiso n'um trilhar de abrolhos.

Eis-me curvado p'ra beijar-te as plantas,
Pois me supplantas n'um penar tão forte;
Move estes labios dôce — sim —, me dando,
Cedo mudando minha fera sorte.

Dá-me um só gesto, te darei a vida,
Louca, perdida, que a ti só me prende,
Junta-te ao seio de um fervente amar,
Sente o pulsar que de si desprende.

Dar-te-hei um beijo, morrerei contente,
Crente da vida que em ti bebi;
Embora eu morto, sem calor na arteria,
Torpe materia — pensarei em ti! —

Rodrigues Proença.

PORQUE ME FITAS?

Porque me fitas esses olhos languidos?
Porque interrogas a minh'alma assim?
Não vês que soffro — que padeço tanto,
Que de ti fujo por fugir de mim?

Ave cançada de pairar no espaço,
Buscas a sombra? que fallaz miragem!
Oh! não te illudas... porque em vez d'oásis
Talvez encontres a fatal voragem.

Vir de tão alto procurar na terra
Um ramo verde para ao sol pousar!
Ai! volve prompta... não te arrisques... treme,
Não é um lago o que tu vês... é o mar!

Tens tu coragem d'affrontar as ondas
Que além se alteiam em feroz tropel,
E á tempestade confiar afouta
De teu destino o festival baixel?

Se tens, escuta: caminhemos juntos,
Embora eu sinta vacillar-me o pé;
Serás o facho dispersando as trevas
Em que eu já via abandonar-me a fé!

Estreito abraço nos enlaça as vidas
Presas, bem presas pelo gozo e odôr;
Quando tu gemas, gemerei comtigo;
Quando sorrires, sorrirei d'amor!

Iremos ambos aos confins do mundo
Pedir ao ermo a solidão capaz;
Vagar á tarde na lagôa amena,
Cantar dos astros ao luzir fugaz!

Mas se o tufão accommettèr bramindo
O lenho fragil da amorosa nau,
Perdidos ambos entre as vagas doudas,
Onde encontrar da salvação o vau?

Entre os extremos de tão vária sorte
Lucto, mesquinho, a procurar a luz
Que nos aponta da ventura a senda,
Ou dar os braços á espinhosa cruz!

ROMANCE

JÁ NÃO VIVE DÉLIA

Poesia do snr. F. d'A. Pereira Castro, e musica do snr. Elias Alvares Lobo

Sinto a morte no meu peito,
Sinto a febre da agonia;
Já não vive Délia — virgem
Por quem minh'alma vivia.

Vou vêl-a, vou procural-a,
A virgem dos sonhos meus;
Se não achal-a nas tumbas,
Hei-de encontral-a nos céos.

Ai! não chores, mãi querida,
Não augmentes minha dôr;
Já não soffro, — na agonia
Ouço as dulias ao Senhor.

Querida flôr de minh'alma,
Minha mãi, eu parto... adeus!
Adormeço nos teus braços,
Acordarei lá nos céos.

LUNDÚS

FEITIÇOS DA MULATA

Quando vejo da mulata
Um reverendo bração,
Cabello liso e bem negro,
Largo, chato cadeirão;

Eis-me já todo rendido,
Já captivo da paixão,
Perco os sentidos de todo,
Não fico mais gente, não.

Se brilham dentes de prata
Entre um beiço arrebitado,
E se este tem bigodinho
Bem compacto e azulado;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se um nariz arrebitado,
E um olhar desdenhoso,
Se seus gestos dão symptomas
De ter um peito amoroso;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se vejo pomos de Venus
Entre as vestes empurrar,
Se tem pulso feito a torno,
Cinturinha de matar;

Eis-me já todo rendido—etc.

Mais que o corpo, escurecido,
Se o sovaquinho diviso,
Todo bom, todo cheiroso,
Bem côr do céo, por bem liso;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se acaso o vento estampa
Nas vestes certo retrato,
Por quem suspiro morrendo,
Por quem morrendo me mato;

Eis-me já todo rendido—etc.

Com andar meigo—gingando,
Se me faz certos tremidos,
Aformoseando o rodaque
Com compassados bulidos;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se a final a gozar venho
Tão subida formosura,
Me torno divinisado,
Deixo de ser creatura;

Eis-me então mais que rendido,
Mais captivo da paixão,
Entre soluços expiro,
Não fico mais gente, não.

NÃO POSSO COM MAIS NINGUEM

Para ser cantado pela musica do lundú — *Eu posso com mais alguem*

É mentira quem lhe disse
Que muitas me querem bem,
Tenho apenas uma amante,
Não posso com mais ninguem.

Pois já trago esfrangalhado
O meu pobre coração,
Me deixem por piedade,
Não posso com ninguem, não.

Esta amante, que possuo,
Verdade é — me quer bem,
Mas creiam, já me aborrece...
Não posso com mais ninguem.

« Se por falso ou inconstante »
Alguma outra me tem,
Paciencia — uma é bastante,
Não posso com mais ninguem.

Eu bem sei que as mocinhas
Me julgarão toleirão,
Mas por modestia é que eu digo:
Não posso com ninguem, não.

G. P.

MODINHAS

AMOR PERFEITO

(NOVA MODEINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Rôxa saudade*

Amor perfeito,
Terna florinha,
Tu és a cópia
Da vida minha.

Tu só conheces
O que é paixão,
Pois que do amor
Tens a expressão.

Tua côr linda,
E delicada,
É p'los amantes
Apreciada.

Cada folhinha,
Que em ti se prende,
Nas almas ternas
Amor accende.

Vives, florinha,
Tal como eu vivo,
De amor ardendo
Em fogo activo.

Só tu exprimes
Perfeito amor:
Paixão igual
Dá-me calor.

Adeus, mimosa,
Galante flôr;
Deus te conserve
Symb'lo de amor.

P'ra mim só peço
Um terno peito,
Que me consagre
Amor perfeito.

Por uma joven fluminense.

DESALENTO

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica de ***

Quando eu morrer, minha morte
Não lamentes, caro amigo;
O sepulchro é um jazigo
Onde eu devo descançar;
A minha triste existencia
É tão pesada, é tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já não me póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer;
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros sem fim:

Que tormento fôra a vida
Se não fosse transitoria!
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro,
Mas ninguem d'elle se queixa;
Quando o morto os olhos fecha
Não quer luz — quer descançar;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão-lhe tão tranquillo somno,
Que não póde despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho-o da vida;
Sinto minh'alma abatida,
Sem vigor o coração;
Já cançado de viver
Para a morte os olhos lanço,
Vejo n'ella o meu descanço,
A minha consolação.

A DESPEDIDA

Musica de ***

A herva nasce no prado,
Dá-lhe impulso a natureza,
Florece, murcha, se extingue,
— Esta vida é sem firmeza.

Linda rosa desabrócha,
Ostenta gentil belleza,
Logo após perde o perfume,
— Esta vida é sem firmeza.

Nada no mundo se exime
D'esta lei a tal fereza,
Tal é dos mortaes a sorte,
— Esta vida é sem firmeza.

Ás delicias de um só dia
Succede logo a tristeza,
Aos prazeres succedem prantos,
— Esta vida é sem firmeza.

Infancia, sonhos dourados,
Brilhantes de gentileza,
Tudo passa vindo a morte,
— Esta vida é sem firmeza.

Alegre busco teu canto,
Em ti louvo a natureza,
Ámanhã tudo é mudado,
— Esta vida é sem firmeza.

Eu parto com a saudade,
No peito levo a tristeza,
Tu ficas, logo te esqueces,
— Esta vida é sem firmeza.

S. Paulo — Setembro, 1862.

RECITATIVOS

O CANTO DA VIRGEM

Eu sou qual rosa, na manhã serena,
Ao sol rompendo o coralino encanto;
Se a briza passa, na singela aragem
Aos céos envio meu sincero canto...

No liso espelho de azuladas aguas,
Eu miro ás vezes meu gentil semblante;
E as estrellas de meus olhos lindos
Alli retratam seu luzir brilhante.

Das meigas flôres que no prado colho
Não ha nenhuma, como eu, tão bella...
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos
E d'ellas teço virginal capella.

Á claridade de um luar ameno,
Nas verdes folhas de meus louros annos,
Eu passo a vida descuidosa e pura,
Do mundo longe, dos mortaes enganos.

Se as avesinhas, ao alvor d'aurora,
Nos seus gorgeios vem saudar o dia,
Eu rezo á noite uma oração de amores,
Gratos perfumes d'immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,
Caricias gozo de uma mãi querida;
No seu regaço dôce amor me enleia
E aos seus afagos eu entrego a vida.

Bettencourt da Silva.

A lua já vai bem alta,
Não se escuta um só rumor,
A briza manda os queixumes
De teu desgraçado amor.

Canta, e corre sobre as aguas,
Que abrandarás tuas maguas.

LUNDÚ

IMBERNIZATE, ENGRAXATE, A LA MODE DE PARIS

(NOVO LUNDÚ)

Poesia do snr. M. M., e musica do snr. V. A. B.

Que maldita é esta vida,
Soes e chuvas supportar,
Escovas, graxas em potes,
Eu sósinho a carregar!

Não sabem? Já meu retrato
No caixão mandei pregar,
Para vêr se com tal luxo
Attenção vou despertar.

Porém se eu vejo um freguez,
Com força o collega diz:
Imbernizate, engraxate,
A la mode de Paris.

Então fico a vêr navios,
N'um mar de graxa atolados,
Quando os pés dos taes freguezes
Pedem ser assim chamados.

Mas aos males tão crueis
Que sente meu coração,
Encontro meus namoricos
Por terna compensação.

Namóro toda a creoula,
Seus olhos tem attracção;
Das brancas nem mesmo a côr
Me causa mais sensação.

Que casamento feliz
Dentro em pouco irei gozar,
Indo abrir co'a creoulinha
Uma casa de engraxar!

Seremos muito felizes,
O meu coração me diz,
A ella unido p'ra sempre
A la mode de Paris.

MODINHAS

TROVADOR

(ACCUSAÇÃO)

Trovador, o que tens? o que soffres?
Porque choras com tanta afflicção?...
O teu pranto demais me compunge,
Trovador, ah! não chores mais, não!

Que se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isso não chores,
Ah! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é qual nuvem
Quando o vento a sacode no ar;
O amor da mulher é voluvel
É tão vario qual onda do mar.

O amor da mulher é qual fragil,
Pequenino, adoudado batel,
Que vaguêa sem norte — sem rumo,
'Té quebrar-se n'um fraco parcel.

O amor da mulher é qual facho
N'uma noite de inverno a luzir;
É estrella do céo, entre as nuvens,
Quando a espaços se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras de mais p'ra enlevar;
Mas, no meio de seus attractivos,
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena
Que os muros de Troya abateu,
Que — infida — deixando o consorte
Para os braços do amante correu.

A mulher tem feitiço nos olhos
E nos labios veneno lethal;
A mulher nos illude chorando
E — sorrindo — nos crava o punhal.

O amor da mulher é qual rosa,
Desabrocha, mas logo fenece,
O que hoje a mulher idolátra
Ámanhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,
Não mendigues a sua affeição;
Ah! não queiras a quem te maltrata,
Trovador, ah! não chores mais, não!

DÁ-ME UM SORRISO

Poesia do snr. J. J. Bernardo, e musica do snr. J. F. das Chagas

Diz-me ó bella, só me adoras,
Escuta com attenção,
Dá-me um riso de teus labios,
Consola meu coração.

Se teu affecto é voluvel,
Porque me illudes em vão?
Pede a teu anjo um punhal
E me crava o coração.

Ah! como sou infeliz,
Amar e não ser amado!
Ser pelo anjo que adoro
Pouco a pouco desprezado!

Prudencia, tu és a mãi
D'um infeliz como eu;
Já gozei horas felizes,
Meu coração já bateu.

JÁ PASSEI DIAS FELIZES

Já passei dias felizes,
Minha dita foi sem par;
Já gozei com Lilia bella
Lindas noites de luar.

A minha vida hoje é triste,
Não é vida, é um penar;
Porém eu ainda espero
Felizes dias passar.

Quantas vezes vi seu rosto
Tinto de brando carmim!
Os seus olhos, amorosos,
Não se volviam de mim.

A minha vida hoje é triste — etc.

Quantas vezes no meu collo
Dôcemente adormecia!
Quantas veses me fallava
D'amor e de sympathia!

A minha vida hoje é triste — etc.

Saudade tenho do tempo,
D'aquelle tempo passado;
Saudades, por ter perdido:
O meu anjo idolatrado.

A minha vida hoje é triste — etc.

RECITATIVOS

A PENSATIVA

Qual Magdalena sobre a cruz pendida,
Vi-a embebida nos scismares seus;
Talvez pensasse nos affectos idos,
Ou ais sentidos enviasse a Deus.

Eu vi-a triste, qual marmorea imagem
Exposta á aragem d'uma noite bella;
Tendo as madeixas de côr negra — soltas —
N'ellas envoltas — virginal capella.

Vi-a tão triste, qual a rôla, quando
No ramo brando entoar vai queixas;
D'aquella alma, pela dôr magoada,
Ella — coitada — desprendia endeixas.

Tinha no rosto pallidez patente,
Era fervente seu orar de virgem;
— Talvez nas preces perguntasse a Deus
Dos males seus a primitiva origem...

Tão pensativa! e na flôr da idade!
A infelicidade ella tem por norte;
Em vez de affectos lhe guardarem n'alma,
Deram-lhe a palma de sinistra sorte.

Busca prazeres innocentes, virgem,
Qu'essa vertigem passará veloz;
Procura o templo, e com fervor — no altar,
Vai segredar com o Senhor — a sós.

1865.

Gualberto Peçanha.

OLHAR DE VIRGEM

Poesia do snr. Eduardo Villas-Boas, e musica do snr. Raphael Coelho

O olhar de virgem — é tão puro e lindo
Qual raio infindo de celeste luz;
Reflecte a santa candidez da alma
E a dôce calma que lh'a banha a flux.

O olhar de virgem — santamente amada,
É madrugada de gentil luar;
É a innocencia transcolando odores,
Briza que ás flôres vai frescura dar.

O olhar de virgem — é o lago ameno
Que o céo sereno retratou gentil;
É livro d'alma — que por Deus aberto
Não tem incerto um pensamento vil.

O olhar de virgem fulgurante brilha
Se ella trilha — da candura a senda;
Mas, transviàda pelo amor immundo,
Quem ha no mundo que o fulgor lhe accenda?

Ninguem: que ao fogo d'esse olhar tão terno,
Foi o Eterno quem pureza deu:
Perdida ella — n'um fatal delirio,
Murcha-se o lyrio que o candor perdeu.

ROMANCE

CONFISSÃO E DESENGANO

Poesia e musica de H. A. de Mesquita. Composto em Paris pelo author, e recentemente publicado n'esta côrte

Tu és bella, teu rosto é tão lindo
Como um astro de noite a luzir;
São teus labios a rosa entre-abrindo,
É de um anjo teu mago sorrir.

Mas que importa que sejas um nume,
Se és um'alma de affectos descrida,
Uma rosa de amor sem perfume,
Uma estatua formosa sem vida?

Tu serias de amor minha estrella,
Dos meus sonhos o puro ideal;
Fôras tu, anjo meu, menos bella,
Mas teu peito mais firme e leal!

Esses cantos de outr'ora acabaram,
Para ti minha musa findou,
Teus desprezos as cordas quebraram
D'esta lyra que a ti se votou.

LUNDÚS

EU JÁ TIVE UMA MENINA

Eu já tive uma menina
A quem amei mais que a ti;
Ausentou-se, foi-se embora,
Eu fiquei, mas não morri.

Menina traidora,
Que falta á promessa,
Não fique em lembrança,
Melhor é que esqueça.

Antes quero vêr-me
Queimado do lume,
Do que andar soffrendo
O negro ciume.

Comprei para a cuja
Um lindo retrato,
De um genio inconstante,
Voluvel, ingrato.

Gastar a gente
Os seus cabedaes,
Em fitas bonitas
E outras cousas mais;

Andar a gente
Feito gato ladrão,
Em risco de achar
Pedrada ou bordão;

Passar pela rua,
Parar na esquina,
Julgando que ouvia
A voz da menina;

Olhando p'ra lá,
Se chega á janella,
Como a noite é escura
Não sabe se é ella!

Accender o charuto
P'ra dar o signal,
E ella namorando
Outro no quintal;

Sósinho n'um canto
Com ares de tolo,
E ella com outro
Fazendo tijolo;

Estar sempre ao canto
Sósinho ou em pé,
Chocando c'os olhos
Como o jacaré;

Gostar da menina,
Dar a picholeta,
Sem ao menos poder
Fallar com a preta:

Trabalhos crueis,
Que já foram meus,
Não fallem-me n'elles
Pelo amor de Deus.

MULATINHA DO CARÓÇO

Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que mimosa me arrebata;
Essa côr é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos d'ella,
Quando ella
Para mim os quer volver;
Esses olhos melindrosos,
Tão formosos,
Dizem — sim — até morrer.

Não gosto da côr do lyrio,
Que delirio
Vi causar já de repente;
Nem tambem da côr nocturna,
Que da furna
O sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta;
Essa côr assim querida,
Conhecida
Nos bolinhos da mãi Benta.

Oh! que sim, por essa côr
De meu amor,
Me derreto, me espatifo;
Tenho febre, tenho frios,
Calefrios,
Tenho gosma, tenho typho.

Mulatinha do caroço
No pescoço,
Eis aqui o teu cambão;
Mette o ferro d'aguilhada,
Minha amada,
No teu dengue cachorrão.

Fura, fura, minha bella,
Na costella
De teu grato camapheu;
Dar-te-hei o que pudér,
Se és mulher,
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres,
Se fizeres
Quanto trago em minha mente...
Nos meus braços, meus cuidados
Oh! peccados!
Vai-te embora, que vem gente!...

MODINHAS

TROVADOR

(PRIMEIRA DEFESA)

Trovador, tudo isso é verdade:
A mulher é tyranna — é cruel;
A mulher, com ternura nos olhos,
Vos embebe nos labios o fel.

Porém, vós, ó tyrannos, não vêdes
Que sois causa de todo o seu mal?
Que sem pena, sem dó, sem piedade,
Sem cessar lhe cravaes o punhal?

Podeis vós, por ventura, negar
Ser com ella em tudo tyrannos?
Vossas leis são tornal-a uma escrava,
Ou mantel-a com vossos enganos.

Podereis, por ventura, negar
Que, senhores de sua fraqueza,
Abusaes d'essa força que tendes,
Para bem rebaixar vossa presa?!...

A mulher é um ente sublime,
Porém vós não amaes as fieis;
Com o exemplo de vossos enganos
As fazeis igualmente crueis.

Não amaes, certamente, a mulher
Que, sincera, por vós dá a vida;
Abusaes d'um amor extremoso,
Com excesso amaes a infida.

Porque então fallaes, ó infames,
No geral, insultando a mulher,
Se, depois de roubar-lhe o socego,
D'ellas gozos o homem só quer?

Se a mulher, em astucia, vos vence,
Se, sensivel, por vós é pisada;
Não amaes a doçura — os excessos,
Só astucia por vós é prezada.

Quereis, inda, ó monstros, negar
Ser verdade o que digo de vós?
Que, sem pejo de serdes malvados,
Infamantes sois sempre de nós!

Se soubesseis prezar a virtude
Da mulher que vos sabe adorar,
Poderieis, então, conhecer
Que a mulher só nasceu para amar.

SE EU FÔRA DA NOITE O ASTRO FORMOSO

Poesia do snr. F. M. A., e musica do snr. José Rufino d'Oliveira Costa

Se eu fôra da noite o astro formoso,
Em teus lindos olhos quizera brilhar;
Teus negros cabellos soltára aos ares,
Se fôra das praias a briza a rolar.

Se eu fôra da noite o echo sentido,
Tua falla — inspirado — quizera imitar;
Se eu fôra das aves a ave mais linda,
No braço de neve iria pousar.

Se eu fôra das flôres — a flôr predilecta,
De teus meigos olhos quizera um olhar;
Se eu fôra uma pomba — ou rola innocente,
Teus dôces afagos quizera gozar.

Se eu fôra uma trova — ou verso singelo,
Em teus dôces labios quizera pousar;
Se eu fôra uma lyra de cordas douradas,
Por teus debeis dedos quizera passar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem echo,
Nem ave, nem trova, nem briza do mar;
Sou homem que sente, que soffre, que geme,
Que canta na terra, o que póde amar.

ANJO

Poesia de Casimiro de Abreu, e musica do snr. Hugo Bussméyer

Eu era sombrio e triste...
Contente minh'alma é,
Eu duvidava sorrir,
E já no amar tenho fé.

Um anjo veio — e deu vida
Ao peito de amores nú,
Minh'alma, agora remida,
Adora um anjo — que és tu.

RECITATIVOS

A VIRGEM DOS MEUS SONHOS

Poesia de A. L. Ferraz Castro, e musica de ***

Nas horas tristes da mudez da noite
Eu velo, eu scismo — sem poder dormir;
Vejo — entre sombras — a gentil donzella,
Por quem meu peito sabe só sentir!

E se adormeço — nos meus sonhos passa
Sua tão linda e divinal visão!
Busco fallar-lhe, e esmoreço a medo,
E embalde intento lhe beijar a mão!

Que sina a minha! — que cruel supplicio!
Tel-a a meu lado — sem um gosto ter,
Que genio é esse que o temor me inspira,
Que em tantas dôres me fará morrer?

E quando acordo — delirante sempre —
Choro esse sonho que passou-se então,
Embora eu saiba que é mentido tudo,
Loucas insomnias de fiel paixão!

Ai! quanto soffro n'este amor que nutro!
Quanto tormento por amar sem fim!...
E quantas scismas — que crueis delirios
Não sinto sempre se passar em mim!

PERDÔA

(A ***)

Perdôa, ó virgem, se em momento louco
Calquei aos pés de tua c'rôa as flôres;
Perdôa ao joven que te amou com ancia,
Perdôa ao crente a quem só déste dôres.

Perdôa, ó anjo, o desvairar de um moço,
Que envolto em mágoa se atirou á orgia;
Perdôa ao naufrago de escrabosa senda,
Perdôa áquelle que te amára um dia.

Perdôa, archanjo, ao atrevido nauta
Que, sobre as vagas, seu batel partiu,
Perdôa ao peito do descrente moço,
Que acerbas dôres só por ti cortiu.

Perdôa, deusa—me horrorisa a morte,
E eu já me vejo do abysmo ás bordas;
Perdôa ao vate que cantou-te n'harpa,
Tendo-lhe o tempo carcomido as cordas.

Mulher, perdôa meus impuros beijos
Que sobre a face te imprimi com ancia;
Mulher perjura, me roubaste as flôres
De minha c'rôa, no sorrir da infancia.

Perdôa víbora, ao marinheiro ousado,
A quem murchaste sua verde palma;
Perdôa, e vê como eu vivo triste,
Condemna o corpo, mas perdôa á alma.

J. M. Mancebo.

ROMANCE

A VIDA

(TRES PHASES)

Poesia do snr. A. J. de Sousa, e musica do snr. A. L. Moura

MANHÃ

Ao primo alvôr
Da vida em flôr,
É tudo odôres,
Tudo primores.

O céo é puro,
Bello o futuro,
Sempre folgança,
No peito esp'rança.

É a vida um céo de amores
Matizado de mil flôres,
É um ledo paraiso
De eterno riso.

Dôce illusão,
Bafejo d'alma,
Do coração
Transpira a calma.

É a manhã
Leda e louçã
Da primavera
Que n'alma impera.

TARDE

Ao meio dia,
Sem harmonia,
Da existencia
Muda a essencia.

Não é a vida
Já tão florida,
O céo tão puro,
Ledo o futuro.

Nossa estrella empallidece,
Nosso céo se obscurece,
Nossas flôres matizadas
Tombam crestadas.

Vacilla a crença,
Duvida immensa
No coração
Sonda a razão.

Tarde da vida,
Meio descrida,
A nuvem d'ouro
Muda em agouro.

NOITE

Á noite o céo
De umbroso véo,
Traja os negrores
Cheio de horrores.

Soluça a alma
Perdida a calma;
Foge o futuro
N'um cahos escuro.

É a vida um céo de horrores
Semeado de mil dôres,
Negra copia do inferno,
De pranto eterno.

Morre o sorriso
Perdido o siso;
Da dôr no cumulo
Só resta o tumulo.

Crenças e flôres,
Perfume, amores,
Tudo se esvai
Da morte ao ai.

LUNDÚS

MENINA VOSSÊ ME DIGA

Menina vossê me diga
Para que é tão ingrata?
Se conhece os meus agrados,
Porque tanto me maltrata?

A amizade que me tinha
É possivel que perdesse?
Assim é que vossê paga?...
Quem mais faz menos merece.

Não zombe tanto de mim,
Attenda á minha expressão;
Os meus labios só exprimem
O que sente o coração.

Se seguir a maltratar-me,
Tem de vêr-me exasperar;
Eu já não posso viver
Tanto tempo a suspirar!

AS CLARINHAS E AS MORENINHAS

Babo-me todo,
Vendo mocinhas
Quer sejam claras,
Quer moreninhas.

Gosto das claras,
Fallo a verdade,
Mas não lhes tenho
Grande amizade.

Amo-as por gosto,
Brinco — namoro,
Mas, seriamente,
Não as adoro.

Jámais por claras
Sinto paixão;
Eu nunca amei-as
Do coração.

Brinco com ellas
Por divertir,
Matar o tempo,
Zombar e rir.

Mas as morenas!
Jesus! d'aquellas
Que são da gema,
Morro por ellas!

Ao vêl-as, fico
De amor acceso,
E pelo beiço
Me sinto preso.

As moreninhas
Fazem-me tolo;
Ellas me tiram
Todo o miolo.

Desmaio, chóro,
Se chego a vêl-as;
É meu destino
Morrer por ellas.

MODINHAS

TROVADOR

(SEGUNDA DEFESA)

Trovador, eu lastimo comtigo
D'essa ingrata o insano rigor;
E do pranto que vertes — tão triste —
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito
Te cravára o espinho da dôr;
Ah! esquece a perjura que adoras,
Mas, por Deus! acredita em amor!

O amor da mulher é sublime,
É do céo qual lampejo divino;
É estrella brilhante e serena,
Que precede ao clarão matutino.

O amor da mulher é qual briza
Quando á tarde suspira saudosa;
É a fonte que, dôce, murmura
N'uma praia deserta — arenosa.

A mulher é um ente infeliz,
O seu fado é soffrer e amar;
Quando os homens as tornam escravas,
Inda os ferros vão meigas beijar.

A coitada, illudida, sincera,
Quiz no homem firmeza encontrar;
Não prevê que quando elle jura,
Á mulher só procura enganar.

A mulher é ludibrio da sorte
Quando é firme, constante e fiel;
Mas os homens o culto lhe rendem,
Quando é falsa, perjura e cruel.

Para exemplo tu tens essa Helena,
Que o consorte, trahindo, deixou;
Pois por ella ser falsa e perjura,
Foi que Páris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume
Que se exhala de niveo jasmim;
O amor da mulher é constante,
Não conhece limites nem fim.

E porque uma quebrára os seus votos,
Todas ellas perjuras não são;
No amor da mulher acredita...
Trovador, ah! não chores mais, não!

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

Qual quebra a vaga do mar
Carcomendo as duras fragas,
Assim da saudade as vagas
O meu peito vem quebrar:
O meu destino é pensar,
Ingrata, no teu rigor;
Vê que contraste de horror:
Tu na minh'alma gravada,
Da tua mente apagada
Lembranças do nosso amor.

Se o sol desponta, eu lamento;
Se o sol se despede, eu chore;
Se a briza passa, eu imploro
Compaixão p'ra meu tormento:
Como não gozo um momento
Do somno o dôce favor,
Alta noite, com fervor,
Em ti minh'alma se inspira,
Canto ao som da minha lyra
Lembranças do nosso amor.

Mulher, a lei do meu fado
É o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado:
Sinto meu corpo vergado
Ao peso do dissabor;
Vai-me fugindo o calor...
Ai que me matam, querida,
Saudades da nossa vida,
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha fronte já fria;
Vai passear algum dia
Onde meu corpo repousa:
Da sepultura — na lousa
Que ha-de abafar minha dôr —
Por piedade, por favor
Planta um goivo, uma saudade,
Signal da nossa amizade,
Lembranças do nosso amor.

A SAUDADE ME FLAGELLA

A saudade me flagella,
Mais não posso em ti fallar;
O motivo por que peno
Devo sempre em mim guardar.

Mas se a sorte melhorar
O sensivel peito meu,
Hei-de vêr-te nos meus braços,
E depois voar ao céo.

Eu adoro a uma ingrata
E não posso aborrecel-a;
É tão cruel minha estrella,
Que estou sempre a suspirar.

Mas se a sorte — etc.

Recordando que teu nome
N'um verde tronco escrevi,
Fui beijal-o, e, quasi louco,
Julguei dar um beijo em ti.

Mas se a sorte — etc.

Salvador Fabregas.

RECITATIVOS

NÃO SEI QUE SINTO

Não sei que sinto, quando junto a ti
Momentos passo de prazer immenso;
Não sei que sinto, se a teu lado gozo
Delicias puras d'um amor intenso.

Não sei que sinto, a minh'alma terna,
De dita infinda se embriaga então;
E n'essas horas, que se passam rapidas,
Esqueço dôres que pezar me dão.

Não sei que sinto, se um instante buscas
A minha mão para á tua unir;
Do encanto dôce, que me prende a ti,
Então quizera m'esquivar... fugir!

Não sei que sinto, — um tremor convulso
Me agita o corpo como o vento á flôr;
E, como ella, eu me curvo ao peso
De teus extremos e — constante amor.

Não sei que sinto, quando te não vejo,
Pena infinita me consome e rala;
Se te contemplo, meu penar olvido,
Meu peito exulta, — meu soffrer se cala.

Mas... ah! bem sei! este fogo intenso
Que o peito abraza, devorando a mente,
Estes transportes que me offuscam — são
Delirios d'alma — é um amor ardente!

Por uma joven fluminense.

A BRUMA

Bruma cinérea de invernosa vida,
Onde, pendida, vaes esquiva assim?...
Ai! não me fujas, que este céo te mente,
Que elle não sente quanto eu sinto em mim.

Queres amores tu gozar no enleio
D'um triste seio, no harpejar da dôr?...
Não corras tanto, que o tufão te cança...
Ai! da bonança no cançado ardor...

Vês no infinito qual azul se ostenta?...
Vês suarenta, meiga nuve'alli?...
O sol requeima-a: — triste sorte dura!
Fôra tão pura, como és pura aqui.

Vês tanto azul de que se tinge agora
A meiga aurora n'essa negra côr?
Vês mais a nuvem junto ao sol ainda?
Eil-a que finda no tormento a dôr.

Rouco trovão a estalar de irado,
Esse enrubado — e assustador fuzil,
Não vês, louquinha, este mentir perjuro?...
Ai! tanto escuro no teu céo de anil!...

Ai! que sumidas na procella as côres
Das tristes flôres da esperança eu vi!
Hoje só restam resequidas crenças,
Trevas immensas, minha Bruma, a ti!...

Não corras tanto, que o tufão te cança,
Ai! que a esperança te fará soffrer...
Quebra a anciedade, no parcel da vida,
Se a tens perdida — vem aqui morrer.

Julio da Gama.

LUNDÚ

ESPANTA O GRANDE PROGRESSO

Espanta o grande progresso
D'esta nossa capital,
Decresce o bem por momento,
Cresce a desgraça e o mal.
A carestia de tudo,
De grande já não tem nome,
O pobre morre de fome,
De miseria e de trabalhos.

Em bellos carros
O rico corre,
O pobre morre,
Sem que comer;
Tudo é soffrer
Para a pobreza;
Só a riqueza
Vive contente:
Mortal que vive
De seu trabalho,
Não tem um canto
Para agasalho.

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho para lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

A carne secca tão cara!
Cada vez o preço cresce,
O monopolista á custa
Da pobreza s'enriquece.

Nos açougues carne podre,
Nas ruas leite com agua,
Causa dôr e causa magua
O pão de tão pequenino.

A dez tostões
Pinto gosmento,
Feijão bichento
A peso d'ouro;
Toucinho couro
E já tocado,
Café torrado
Com milho podre;
Todos os mezes,
Por alugueis,
Quatro paredes,
Trinta mil reis.

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho para lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

Pejam as ruas mendigos,
Ha ladrões por toda a parte,
Em breve nos darão leis
A faca e o bacamarte.
Por altas horas da noite
Invadem nossos poleiros,
E nos levam, ratoneiros,
A creação dos quintaes.

'Té as torneiras
Já não escapam,
Pois tudo rapam
De um modo estranho;

Pretos do ganho
São espreitados,
Após roubados
Pelos gatunos.
Em grandes festas,
Bailes, passeios,
Sempre acham meios
De ratonar.

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho çara lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

Feijão, milho e assucar,
Carne e peixe já cozidos
Nos vem das terra d'Europa,
Vem dos Estados-Unidos;
Em quanto o monopolista
O seu negocio equilibra,
Vendendo a pataca a libra,
Vai o pobre á carne secca.

Quatro pimentas
Por um vintem,
Só quem o tem
Póde gozar;
Quem quer comprar
Alguns limões,
Dá dous tostões
Por um sómente:
Viva quèm vive,
Morra o regresso,
Viva a nação,
Viva o progresso!

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho para lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

MODINHAS

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

(RESPOSTA)

Se os sentimentos de outr'ora
Inda existem no teu peito,
D'esse passado desfeito
Não posso lembrar-me agora:
Meu coração outro adora,
Hoje não tenho-te amor;
Se é fraqueza, ou se é rigor,
Perdão imploro clemente,
Não posso guardar na mente
Lembranças do nosso amor.

Este peito não é meu,
Já o dei a outro amante;
Porque buscas, inconstante,
O que não póde ser teu?
Jurei-lhe á face do céo
Amal-o com firme ardor;
Vê o contraste de horror:
De minha mente exclui,
E nem me restam de ti
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a magoa,
Destroe humana grandeza,
Da vida, gloria e riqueza
Até a esperança se apaga;
Talvez que o tempo te traga
Remedio p'ra a tua dôr;
Só eu mereço um favor:
Se inda me tens amizade,
Não conserves — por piedade —
Lembranças do nosso amor.

Não suspires e não chores,
Não me magôes est'alma,
Vai amar outra — e acalma
Teu soffrer n'estes amores;
Quando cadaver já fôres,
Não me pedes, trovador,
Que vá plantar uma flôr?...
Pois ella deve morrer,
E nunca mais ha-de ter
Lembranças do nosso amor.

SUPPLICA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Não te esqueças, Marilia, de mim*

Não te esqueças de mim, ó donzella,
Quando alegre gozares amores;
Não te esqueças de mim, quando triste,
Só, me vires luctando entre dôres!

Não te esqueças de mim, quando á noite
Escutares o triste descrido;
Não te esqueças de mim, quando á lua
Um suspiro escapar-me sentido.

Não te esqueças de mim, quando, ó bella,
Reclinada sonhares na ventura;
Pois que o pobre, n'um leito d'espinhos,
Liba o calix de negra amargura.

Não te esqueças de mim, quando a lua
Fôr, contente, teus labios beijar;
Vem ouvir os pungentes lamentos
De quem vive saudoso a chorar!

Não te esqueças de mim, ó meu anjo,
Que padeço sem ter mais ventura;
Corre a dar-me um sorriso dos teus,
Emanado d'ess'alma tão pura.

Não te esqueças de mim, quando ouvires
Os tangeres dos sinos da sorte;
Lembra aquelle que amou-te na vida,
Que hoje dorme no leito da morte.

Adeodato Socrates de Mello.

RECITATIVOS

ESPERANÇA MORTA

Que me importam d'harpa sonorosos canticos,
Que me importam graças, da manhã o alvor;
Que me importam olhos chammejantes, vividos,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam bailes em salões esplendidos,
Que me importam vozes do melhor cantor;
Que me importam galas d'este mundo fulgidas,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam os lares que deixei na infancia,
Que me importa o aroma da mais bella flôr;
Que me importam gozos dos meus dias placidos,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam labios, ou sorrisos candidos,
Que me importam faces de purpurea côr;
Que me importam phrases, ou suspiros languidos,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

D. Maria J. Martins de Carvalho.

PENSA E PROCEDE

Pensei, quando te dei de amores flôres,
Que de tu'alma a palma obteria;
É soffrer o prazer, descrença a crença...
Meu Deus! quanto senti por ti, Maria!

Do paraiso um riso achavas, davas,
A quem no peito um leito te sagrou!
Mas hoje foge, vai-se, esvai-se o sonho
Tão lindo, infindo, que a paixão matou!

Desperto, e perto, nevoeiro inteiro
Ao pobre encobre festival porvir!
D'outr'ora, agora, o desespero austero
Renovo, provo n'um cruel sentir!

A fada amada, de cabellos bellos,
Morena, amena, no gentil fallar,
Jura, perjura, vai mentindo, rindo,
Dando, tirando traiçoeiro amar!...

Repara... pára!... Vaes caminho asinho!
Concede, cede a paz ao teu viver!
Ai! tanto encanto dá contento, augmento,
A calma d'alma que não faz soffrer!

Revive, vive nos teus passos lassos...
Mas olha — antolha-se a mortalha fria!
Então, perdão irás, contrita, afflicta,
Dos males teus a Deus pedir, Maria!

Virge', a vertige' de um tormento lento
Retira, atira a virgindade ao chão!
Pensa na crença que á menina ensina
O anjo archanjo, maternal condão.

Ainda és linda! Tão criança, lança
A vista á lista das perdidas Láis!
Nos factos gratos da materna, eterna,
Rude virtude, uma lição terás!

L. Felix.

LUNDÚ

ESTAMOS NO SECULO DAS LUZES

'Stamos no sec'lo das luzes,
Já não ha que duvidar;
Temos gaz por toda a parte
Para nos alumiar!

A, E, I, O, U,
Vamos todos aprender,
Já se ensina de repente
Sem as letras conhecer.

Temos estradas de ferro
Para mais depressa andar,
Todos hão-de correr tanto
Que por fim hão-de cançar.

Ba, be, bi, bo, bu — etc.

Já com novo calçamento
Vejo as ruas se calçar,
De fino sapato e meia
Já se póde passear.

Ça, ce, ci, ço, çu — etc.

Já se alargam as ruas,
A da Cano é a primeira,
Hoje tudo são progressos
De famosa ladroeira.

Da, de, di, do, du — etc.

Agua suja, cisco e tudo
Já se não deve ajuntar,
É só lançar-se na rua
Que as carroças vem buscar.

Fa, fe, fi, fo, fu—etc.

Já se seguram as vidas,
Já se não deve morrer,
Quem tem sua creoulinha
Não tem medo de a perder.

Ga, gue, gui go, gu—etc.

Temos agua pelos cantos,
Que sempre estão a correr,
Sujo já por falta d'agua
Ninguem mais deve morrer.

Ja, je, ji, jo, ju—etc.

Já temos grandes theatros,
E a empresa quer crescer;
Estamos n'um céo aberto,
Isto, sim—é que é viver!

La, le, li, lo lu—etc.

Quando ha fogo na cidade
S. Francisco dá o aviso,
O castello corresponde
Com tres tiros á Gabizo.

Ma, me, mi, mo, mu—etc.

Os estrangeiros se empregam
N'essa nova exploração;
Nada tendo de fortuna,
Vem ganhar um dinheirão.

Na, ne, ni, no nu—etc.

Nacionaes de bocca aberta,
Nada tendo que comer,
Como boi de canga ás costas
Caladinho até morrer.

Pa, pe, pi, po, pu — etc.

Co'a carestia dos generos
Como o pobre ha-de viver?
Com um pequeno salario
Como honrado póde ser?

Ra, re, ri, ro, ru — etc.

Os poderosos não querem
Com os pobres se importar;
O pobre cheira a defunto,
Pois só sabe importunar.

Sa, se, si, so, su — etc.

Eis o que é o paiz natal
Dos filhos que viu nascer;
Qualquer estrangeiro á tôa
Vem aqui enriquecer.

Ta, te, ti, to, tu — etc.

Já temos, por f'licidade,
Melhor colonisação;
Felizmente se acabou
A *negra* especulação.

Va, ve, vi, vo, vu — etc.

Os transportes são immensos,
Quer por terra, quer por mar;
Até se póde seguro
Já navegar pelo ar.

Xa, xe, xi, xo, xu — etc.

Emfim, ninguem póde já
Duvidar da perfeição;
Que não ha seç'lo, como este,
De maior illustração.

Za, ze, zi, zo, zu,
Já podemos aprender,
Já se ensina de repente
Sem as letras conhecer.

MODINHAS

QUANTO ÉS BELLA!...

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha—*Sonhei com mil flôres*

Amor, enraivado
Um dia se achava,
Por vêr que só d'elle
Armania zombava.

De seus àttractivos
Então se esquecendo,
A setta prepara,
Mais nada prevendo.

Celeste beldade
Eis que lhe apparece...
A setta reprime,
A Venus conhece!...

«Em vós não quizera»,
Lhe diz o menino,
«Agora mostrar-me
Tão duro e ferino.

«Tomei-vos por *ella*...
Por cópia da ingrata,
Que zomba de Amor,
Que tanto o maltrata.»

J. M. Mourão.

MINH'ALMA É TRISTE

Poesia de Casimiro de Abreu, e musica de ***

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o alvor da aurora,
E em dôce arrulho, que o soluço imita,
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gozo
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dôr desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murcheu o estio.

Dizem que ha gozos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste,
Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei por que, mas a minh'alma é triste!

VIVENDO DE TI DISTANTE

Poesia de uma nitheroyhense, e musica de J. J. Bernardes

Vivendo de ti distante
E sempre em grande afflicção,
De saudades tenho oppresso
O meu leal coração.

Se tu de mim
Não te esqueceres,
Ainda terei
Divos prazeres.

Se inda em teu peito existe
Aquella mesma paixão,
Vem, que ancioso t'espera
Um saudoso coração.

Se tu de mim
Não te esqueceres,
Hão-de ter fim
Os meus lazeres.

Juraste—eu tambem jurei
Por Deus, que então nos ouvia,
Que findaria esse amor
No fundo da campa fria.

O juramento
Não quebres—não,
Que ainda é constante
Meu coração.

GEMO NA DURA PRISÃO

Quando de Analia eu reparo
A sublime perfeição,
Cáio nos laços de amor;
Gemo na dura prisão.

De Analia vencer não posso
A menor contemplação,
Cadêas, ferros arrasto,
Gemo na dura prisão.

Se a linda Analia quizesse
Socegar meu coração...
Mas não quer, sou desgraçado,
Gemo na dura prisão.

RECITATIVOS

Á LUA

Que fazes, risonha, mirando estes mares,
Suspensa nos ares — vagando nos céos?
Quem és? que mysterio! revela o segredo,
Revela, que é cedo — se és filha de Deus!

O dôce cortejo de estrellas mimosas,
Gentis, luminosas — te seguem p'ra além!
— Expande, não temas — teus languidos raios,
E n'esses desmaios — me falla tambem!

Se fallas, conversas — conversas sósinha?
Caminha... caminha — mas diz-me o que és:
És mundo perdido no céo *purpurino,*
Ou throno divino — da Virgem aos pés?

Espera! não fujas, não fujas do dia,
Celeste magia — não cances, derrama!
Eu amo-te os meigos — os ternos palores
No laivo de amores — que o peito m'inflamma!

As flôres te adoram, que orvalhas sahindo,
Das nuvens fugindo — ligeira a brilhar,
O lago alvacento nas aguas do prata
Teu porte retrata no seu soluçar!

Os montes altivos e serras tu beijas,
A relva vicejas — do campo a morrer!
És astro de amores — vagando nos ares,
Tombando nos mares — rolando a correr!

Ah! dize, não cales, se és praga de fada,
Ou alma penada — no espaço perdida,
Ou noiva de um santo — tão alto embalada,
Ou prece sagrada — de um anjo cahida?

Se foste da terra, que sina é a tua?...
Não fujas, oh lua — não fujas do dia;
Eu conto-te os transes — e as magoas do seio,
E o férvido anceio — qu'est'alma angustia.

As paginas soltas do livro da vida
Soletra, querida — se foste da terra!
Porém, vagabunda — se foges errante,
Na luz vacillante teu manto descerra!

São horas propicias — que dôces momentos!
Aplaca os tormentos — que eu soffro comtigo!
— Espera! do vento no placido açoite,
Princeza da noite — conversa commigo!

Pelo fallecido João Rodrigues Proença.

AO SOL

Que fazes — possante — no ar dominando,
Teu fogo espalhando — por montes e valles?...
Revela quem deu-te tamanho poder,
Revela o teu sêr — revela, não cales.

O mundo se agita apenas despontas,
Apenas apontas — ao longe fulgindo;
Mil hymnos da terra ao céo se levantam
Das aves que cantam — aos ninhos fugindo.

Do prado as florinhas esperam contentes
Teus beijos ardentes, repletos de amor;
A relva mimosa, de orvalho banhada,
Espera curvada — teu dôce calor.

Em toda a natura renasce alegria,
Apenas o dia — em teu carro se mostra;
Até do deserto o selvagem feroz,
Correndo veloz — contrito se prostra.

Que mago deleite, que dôce langôr
Teu vivo calor — nos lança dos ares,
Nas horas da sésta, lá quando dominas
As verdes campinas — o leito dos mares!...

*

Então tu imperas da briza aos bafejos,
Mil loucos desejos — fazendo sonhar;
Porém — sobranceiro — ao mundo sorrindo,
Tu vaes proseguindo — no teu caminhar.

E quando completas teu giro no espaço,
E vaes no rêgaço — do mar t'inclinando;
Que santo mysterio! que dôce magia,
Que meiga poesia vaes tu espalhando!...

Do prado os cantores te mandam do seio,
Em dôce gorgeio, canções sonorosas;
Nas azas da briza te mandam as flôres
Suaves odores — das pet'las mimosas.

Oh sol!... quem és tu, que lá d'essa altura
A toda a natura — dás tanto esplendor?...
És rei do universo, do céo habitante,
Ou facho brilhante — nas mãos do Senhor?...

Ah!... diz-me o segredo de tua existencia,
Revela a essencia — que encerras comtigo;
Á luz de teus raios, em basta floresta,
Nas horas da sésta — *conversa commigo.*

A. J. de Sousa.

MAGOA E SAUDADE

Pallido o rosto, sobre a mão mimosa,
Vejo-a saudosa, succumbindo á dôr;
Sua alma apraz-se na agonia lenta,
Que mais lhe augmenta um desgraçado amor.

Longe, bem longe, no scismar ancioso,
Busca o ditoso, a quem outr'ora amou,
E que, sem alma, desprezando prantos,
Laços tão santos, sem pezar quebrou.

.....
.....
.....
.....

Porque, sem dó, espedaçaste os sonhos
Meigos, risonhos, de tão puro amor?
Porque trouxeste em apparencia calma,
A morte d'alma á mais *bella flôr*?

Dize-me: acaso não choraste ao vêl-a
Tão triste e bella na fatal mudez?
E sem piedade a tão leaes extremos,
Disseste: amemos, a sorrir, talvez?

Dize-me: acaso mereceste a chamma
Que ainda inflamma o seu ardente olhar?
Dize-me: acaso mereceste os prantos
E os lindos cantos de quem soube amar?

Maldito aquelle que murchou a rosa,
Pura, mimosa, de celeste alvor!
Maldito aquelle que zombou da crença
Unica, immensa, do mais santo amor!

Por um nitheroyhense.

LUNDÚ

É PENEIRA NOS OLHOS QUE TEM

As peneiras no mundo só servem
Para riso, vergonha e desdem,
E os homens os mais intruidos
Tem peneira nos olhos tambem.

Toda a moça que vai p'ra a janella
Esperar o amante que vem,
Quando a mãi vem a ser sabedora,
Tem peneira nos olhos tambem.

Toda a moça que gosta de bailes,
É porque n'isso interesse ellas tem,
Quasi sempre por estes lugares
Ha peneira nos olhos tambem.

A mamã que deixa suas filhas
Com seus primos — por homens de bem,
E depois arrependem-se e casam,
É peneira nos olhos que tem.

Certos velhos com falta de tino,
Que inda tentam casar-se mui bem,
Quando pensam que os filhos são d'elles
É peneira nos olhos que tem.

Toda a moça que cose por machina
E que julga coser muito bem,
Dando pontos de legua e meia
Tem peneira nos olhos tambem.

MODINHAS

VEM, DONZELLA, NA HORA EXTREMA

(NOVA MODINHA)

Vem, donzella, na hora extrema
Cinge ao meu teu casto seio,
E corando em mago enleio,
Vem dizer um triste adeus.

Adeus, rosa d'innocencia,
Ó virgem dos sonhos meus!

N'um sorriso teu divino
Unge o raio de esperança,
E qual astro de bonança
A minha noite illumina.

Adeus, lyrio de candura,
Adeus, fada peregrina.

Dá-me um só beijo... com elle
Mitiga da ausencia as dôres;
E bem como a aurora ás flôres,
Me orvalha o sonho amoroso.

Adeus, flôr, celeste virgem,
Minha fada, anjo formoso.

Candido José de Araujo Vianna.

A DESPEDIDA

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica do snr. J. L. de Almeida Cunha

Adeus, adeus, é chegada
A hora da despedida;
Vou; que importa, se te deixo
N'este adeus a minha vida?

Foste ingrata aos meus extremos,
Não te peço gratidão;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim;
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nasceste para mim.

Perdôa ao louco d'amor
Esta estulta elevação;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

O crime que commetti
Foi muito punido já;
Castigou-me o teudes prezo,
Maior castigo não ha.

Castigado, reconheço
Quanto é justa a punição;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

Pouca vida já me resta;
Eu sinto que esta amargura
Tão intensa — muito cedo
Ha-de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te
Vem dar-me absolvição;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

ALÉM DE MEUS MALES

Além de meus males
Vêr Marcia infiel,
Zombar de meus prantos,
Ser sempre cruel.

É tão caprichosa,
É tão fementida,
Não sabe essa ingrata
Que me rouba a vida!
Oh Marcia, adeus,
Eu morro, adeus.

Da sorte os capriches
Não me tribulavam,
Quando os labios d'ella
Um riso me davam.

É tão caprichosa — etc.

E agora se uniram
A ingrata e a sorte,
Para gota a gota
Me darem a morte.

É tão caprichosa — etc.

ADEUS, MEU ANJO

Adeus, meu anjo, que eu parto,
P'ra longe de ti me ausento;
Vou soffrer saudosas dôres,
Vou passar cruel tormento.

Adora a triste saudade,
Emblema do meu amor;
Gravadas eu tenho n'alma
Seu padecer, sua dôr.

Genuino José Tavares.

RECITATIVOS

O SONHO

Eu tive um sonho em que vi — senti
Lucinda, linda, para mim partir;
E os labios bellos entr'abrindo — rindo,
Ditoso gozo demonstrar fruir.

Era seu rosto de encantos tantos,
Sereno, ameno, de morena côr;
Pedi-lhe um beijo, e n'um engano lhano,
Delirei, manchei seu juvenil pudor.

Ella, anciosa, n'esse enredo ledo
Furtivo, 'squivo um olhar lançou-me;
Julguei estar n'esse instante, ante
Estrella bella que o céo fadou-me.

Foi d'esses sonhos que a mente sente...
Dourado fado ao perpassar da vida...
Sonho que indica mil venturas puras,
Estreito preito de existencia fida.

Engano d'alma que existe triste,
Soffrendo, crendo em ideaes primores...
Illusão ficticia que n'um momento lento,
Contente sente quem sonhar amores.

Mas despertando do risonho sonho,
Lucinda, linda, jámais pude achar!
Não pude vêl-a! mas... embora... agora
Desperto certo de que a devo amar.

Ricardo Francisco de Almeida.

A NEBULOSA

Poesia do snr. Tito Livio, e musica do snr. José de Sousa e Aragão

Já lêstes a *Nebulosa*
Do fluminense cantor?
Não vistes a peregrina
Que matou ao trovador?!

Assim, mulher, tu me matas
Com teus desprezos sem fim;
Não tenhas tal isenção,
Meu anjo, tem dó de mim.

A flôr de minha esperança
Assim tu queres murchar?
Não te commove meu pranto,
Inda queres me matar?

Queres que faça em pedaços
A minha lyra querida,
Que te diga eterno adeus,
Ao depois termine a vida?

Que eu morra porque te amo,
Não consintas, lindo archanjo;
Mulher, acolhe os meus ais,
Tem pena de mim, meu anjo.

CANÇÃO

O MARUJO

Triste vida a do marujo,
Qual d'ellas a mais cançada,
Por 'mor da triste soldada
Passa tormentos.

Andar á chuva e aos ventos,
Quer de verão, quer de inverno,
Que parece o proprio inferno,
Com tempestades.

As nossas necessidades
Nos forçam a navegar,
E passar tempos no mar
Em aguaceiros.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cozinhar,
Nem tão pouco mal assar
Nossa comida.

Arrenego eu d'esta vida
Que nos dá tanta canceira;
Sem a nossa bebedeira
Não, não passamos.

Quando descançados 'stamos
No rancho a socegar,
Então ouvimos gritar:
— Oh! leva arriba!

LUNDÚ

O BANQUEIRO

Musica do snr. J. L. de Almeida Cunha

O diabo da menina
Commigo se enrabichou
De tal modo, que por mim
Um banqueiro abandonou.

Dava-lhe o rico banqueiro
Seiscentos mil reis mensaes,
Eu por dia dou-lhe cinco,
A menina pede mais.

Pede mais, mas não me deixa,
Gosta mais do meu dinheiro,
Acha mais gosto nas minhas
Que nas notas do banqueiro.

Trata as minhas com apreço,
Trata as d'elle com desdem;
Eu não sei, ella é quem sabe
As minhas que gosto tem.

O banqueiro é um labrego,
Grosseiro por natureza,
Talvez que as notas nem saiba
Dar-lhe com delicadeza.

Elle dá notas mensaes,
Eu dou as minhas por dia
Com toda a delicadeza,
Com toda a diplomacia.

Ás vezes eu dou-lhe as notas
Com geitos e modos taes,
Que em suspiros, dá-me em troca
Ternas notas musicaes.

Feito o troco, diz tomando
A bolsa do meu dinheiro:
Quem é que troca esta bolsa
Pelo banco de um banqueiro?

MODINHAS

SE ÉS ANJO NO GESTO E BELLEZA

Musica do snr. José Leite

Se és anjo no gesto e belleza,
Tens no peito de fera o rigor!...
Ai! não temo teus feios enganos!
Já não sinto por ti terno amor!

Desfolharam a flôr de meus dias,
Como o vento desfolha uma flôr!
Não quizeste que a flôr fosse minha,
Já não sinto por ti terno amor!...

De teus olhos n'um terno desmaio
Vi escripta a traição e furor!...
Enganava-me a luz de teus olhos,
Já não sinto por ti terno amor!...

Desfolharam a flôr de meus dias — etc.

NAS HORAS QUE PASSO TÃO TRISTE

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *O descrido*

Nas horas que passo tão triste
Bem recordo meus dôces amores,
Esses sonhos dourados de outr'ora,
Esses prados cobertos de flôres;

Esses tempos tão bellos, tão puros,
De floridas manhãs de arrebol,
Onde eu, em palmares virentes,
Não sentia os ardores do sol;

Esses tempos... não quero lembrar-me!
Morre o riso nos campos da dôr;
Soffre o peito, de magoa tranzido,
Ao lembrar-me da quadra de amor.

Da saudade o abutre voraz
É só hoje meu dôce prazer...
A pensar só nos dias de outr'ora,
Eu só peço, — só quero morrer!

Corra em faces doridas o pranto
Da tristeza cruel a mim dado;
Finde o calix das fezes amargas
Junto sempre do meu negro fado.

Tudo é findo p'ra mim, só as gotas
D'esse pranto que corre-me forte
Faz qu'eu triste — de tudo esquecido,
Queira, rindo, abraçar-me co'a morte.

Adeodato Socrates de Mello.

ROSEAS FLÔRES D'ALVORADA

Roseas flôres d'alvorada,
Teus perfumes causam dôr;
Essa imagem que recordas
E' meu puro e santo amor.

Me chamam vago, *et cætera* e tal,
'Té animal dizem já qu'eu sou;
Pouco me importa qu'elles vão fallando,
Mesmo vagando — bem vivendo vou.

Gualberto Peçanha.

ROMANCE

AMOR DE MÃI

Musica do snr. Elias Alves Lobo

Sob as azas plumosas da rôla
O filhinho piando se acolhe,
Como em seio de mãi carinhosa
Terno infante mil beijos recolhe.

Sabe a rôla, arroubada de affecto,
O seu filho contente afagar;
E a mãi, com extremo e enlevo,
Dôce somno d'infancia embalar.

Nossa mãi é o anjo inspirado
Que na dôr ou prazer resplandece;
Tudo acaba e destróe-se na vida,
Só de mãi o amor não fenece.

Se elle chora, ella chora com elle,
Se elle ri, ella exulta tambem;
Nossa mãi é um anjo sublime,
Outro igual este mundo não tem.

Póde o crime manchar a existencia
D'um seu filho nos seios criado;
A mãi terna lamenta a desgraça,
Mas não deixa seu filho isolado.

Nossa mãi é um anjo inspirado,
Que na dôr ou prazer resplandece;
Tudo acaba e destróe-se na vida,
Só de mãi o amor não fenece.

LUNDÚ

A CÔR MORENA

(NOVO LUNDÚ)

Resposta ao lundú do mesmo titulo publicado no n.º 1 do TROVADOR por uma joven fluminense. Para ser cantado pela musica do lundú — *Mulatinha do caroço*.

Eu bem sei que é delicada,
Apreciada,
Da morena a viva côr;
Eu por ella tambem sinto,
E não minto,
O mais puro e santo amor.

E' a côr mais delicada,
Enfeitiçada,
Que captiva o coração;
Eu por ella sinto n'alma
Dôce calma
Da mais ardente paixão.

E' mimosa, engraçadinha
A moreninha,
Me seduz a todo instante;
Puro amor eu lhe jurei,
Viverei,
Qual leal e fido amante.

Eu serei, e hei-de ser,
Até morrer,
Da morena bem constante;
Só o fado, a negra sorte,
Só a morte
Me fará ser inconstante.

Eu gosto da moreninha,
Firmezinha,
Bem sincera e bem bondosa;
Não é só a linda côr,
Meu amor,
Que a faz ser assim mimosa.

Eu aposto ser a côr,
Meu amor,
Que mais agrados inspira;
É por ella que os cantores,
Trovadores,
As cordas vibram da lyra.

Adeodato Socrates de Mello.

MODINHAS

A VIRGEM DO MEU AMOR

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Rôxa saudade*

Quando te vejo,
Mimosa flôr,
Louco — por ti
Morro de amor.

Um teu sorriso
E' meu viver;
Longe de ti
Vivo a soffrer.

Tuas madeixas,
De negra côr,
Me ateiam n'alma
Voraz amor.

Olhinhos ternos,
Tão seductores,
São pyrilampos
Por entre as flôres.

Tu és, ó virgem,
O meu condão;
Trago-te sempre
No coração.

Ai! quem respira
Os teus odores,
Fenece triste,
Morre de amores.

Não póde gozar venturas
Quem de amor soffre afflicção,
Não póde, afeito aos gemidos,
Ter prazer meu coração.

Ai! quem respira — etc.

Sem os sonhos de ventura
Murchou-se a flôr do desejo;
Que m'importam outras flôres,
Se a minha bella eu não vejo.

Ai! quem respira — etc.

Deixai que eu viva de penas,
De saudade e de lembrança,
Já que sequer me não resta
Nem uma só esperança.

Ai! quem respira
Os teus odores,
Fenece triste,
Morre de amores.

MARILIA, ESCUTA

Marilia, escuta,
Ouve os queixumes,
Não ha quem ame
Sem ter ciumes.

Marilia, escuta
Meu coração,
Tem dó, tem pena
D'esta afflicção.

Ouve, Marilia,
Dá-me um rival;
Crava em meu peito
Duro punhal.

Dá-me, ó Marilia,
Teu coração,
Ou dá-me a morte
Com tua mão.

O desgraçado
Suspira e chora,
E delirante
Amor te implora.

RECITATIVOS

Á LUA

Astro divino, que rompendo as trevas
O mundo inundas de esplendor brilhante;
Virtude acordas, e a crença elevas
Ao mortal triste que vagueia errante.

Se longas horas te contempla attento
Ó ente triste, de soffrer cançado;
Seu mal esquece, e um novo alento
Sente no peito, pela dôr magoado.

Na scidão da noite, se um scismar ardente
Abysma o homem que, pensando — vela;
Teus brandos raios dão-lhe calma á mente,
Que se extasia de te vêr tão bella.

Fogo sagrado, teu celeste encanto
No mundo impera com poder immenso;
Só tu inspiras o amor mais santo,
Paixão sublime d'um affecto intenso.

Teu dôce brilho que no ar fulgura,
E' qual anjinho a doudejar sereno;
Tranquillo corre, sua idéa é pura...
Assim tu corres pelo céo ameno.

Astro divino, que rompendo as trevas
O mundo inundas de esplendor brilhante:
Ás almas puras que na terra enlevas
Meigo illumina, dá-lhe luz constante.

Por uma joven fluminense.

O VAGO

Não tenho *bago* no meu bolso — é facto:
O meu sapato já roido é todo;
Ando calçado, mas dos pés os dedos
Lêem segredos que só ha no lodo.

Os cotovêlos da casaca usada,
Uma risada tambem dão, se encolho
Qualquer dos braços, p'ra chamar alguem
Que vejo além a me piscar o olho.

A minha calça, nos seus dous joelhos
Tem espelhos p'ra mirar-se o home'
Que só procura pervertidos guias,
E nas orgias seu vivor consome.

Chapéo não tenho, a *cachola* minha,
Ai! coitadinha! trago sempre núa;
Os meus cabellos (meu prazer!), coitados,
Arripiados, pavor tem da lua.

Minha camisa, que tambem foi nova,
Que grande sova tem levado — sei;
Porém não lembro se á lavadeira,
Ou á caseira p'ra lavar eu dei.

As minhas meias, se alguem as visse,
Talvez sentisse... (mas são meias finas)
...Porque exhalam (sem ser lisonjeiro)
O *bello* cheiro de um *frescal* de Minas.

E no entanto, que namôro ás bellas
Que p'las janellas — ao passar eu vejo!
Algumas deixam escapar o riso,
Que de improviso fugir deixa o pejo.

E assim vivo — ora rio e canto,
Se a tanto chega meu prazer no dia;
Tambem ás vezes amanheço *ardido,*
Se hei dormido com cruel azia.

Se acaso peço com voz supplicante
A um passante, — pouca cousa —um *bago;*
O *tal* me lança um olhar feroz,
Muda de voz e me diz: sahe — *vago.*

RECITATIVOS

SAUDADE

Era mentira quando o seio ardente
Inda tremente sobre o meu senti!
Oh! que loucura n'esse vão desejo,
N'aquelle beijo que ao te dar morri!

Lembra-me ainda o clarear da lua
Quando na tua minha mão tremeu;
Inda imagino teu vestido aereo
N'esse mysterio que me enlouqueceu.

Humida nuvem de uma luz saudosa
A face rosa te cobriu... passou;
Como de orvalho esse véo nitente
Que o lyrio algente de pudor curvou.

Oh! que alegrias, nos jardins, nas salas,
As dôces fallas de te ouvir sonhei!
Entre as roseiras, do luar queridas,
Hoje esquecidas a memoria achei.

Ficou-me apenas n'esta curta idade
Murcha saudade do sonhar fagueiro:
E' flôr que exprime, quando passas linda,
A vida finda do amor primeiro.

S. Paulo, 185..

Conselheiro J. Bonifacio.

ENLEVO

Á meia noite, silenciosa a terra,
Eu quero a vida reviver comtigo;
Nova existencia de dourado enleio
De amor ditosa, vem sonhar commigo.

Sobre o meu peito enrubecida, anciosa
Eu quero vêr-te de meus — ais — rendida,
De amor captiva, perfumados beijos
Minh'alma triste colherá na vida.

E tu em gozos de um sentir profundo
Caricias ternas, meu amor fruindo,
Sempre a meu lado, divinaes prazeres,
Celestes sonhos, gozarás sorrindo.

Assim da vida as esmaltadas flôres
De nossas almas nascerão formosas;
Aereo mundo habitaremos ambos,
Amante imperio, que existir de rosas!

E então comtigo, em anhelante abraço
Vendo-te bella, a palpitar tremendo,
Sobre o teu collo de volupia cheio
Quero o meu rosto reclinar morrendo.

F. J. Bettencourt da Silva.

ROMANCE

BEM TE VI

Poesia do snr. Bettencourt Sampaio, e musica do snr. E. Alvares Lobo.

Debaixo d'este arvoredo
Para te olhar me escondi,
Tu passavas em segredo,
Cantei baixinho com medo:
(*Imitando o passaro*)
Bem te vi.

Quiz dizer-te, atraz correndo,
Morro de amores por ti;
Mas não sei porque tremendo
Fiquei parado dizendo:
(*Imitando o passaro*)
Bem te vi.

Junto a fonte crystallina
Scismando chegaste alli;
Sopra a briza a casualina
Dôce nome Cipladina:
(*Imitando o passaro*)
Bem te vi.

E tu voltaste cantando!
Que voz tão meiga que ouvi;
Fui então te acompanhando,
Foste andando,
(*Imitando o passaro*)
Bem te vi.

BARCAROLA

BARCA BELLA

Pescador da barca Bella,
Onde vaes pescar com ella,
Que é tão bella,
Ó pescador?

Não vês que a ultima estrella
No céo nublado se vela?
Colhe a vela,
Ó pescador!

Pescador da barca Bella,
Inda é tempo, foge d'ella;
Foge d'ella,
Ó pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,
Que perdido é o remo e vela
Só de vêl-a,
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela
Que a serêa canta bella,
Mas cautela,
Ó pescador!

Aceita as provas
Do teu cantor,
Que só em vêr-te
Morre de amor.

Adeodato Socrates de Mello.

QUE QUERES MAIS?

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica do snr. J. L. de A. Cunha

Que mais desejas?
Tudo te dei,
De tudo, em troca
Nada alcancei.

Dei-te meu peito
Em pranto e ais;
Dei-te minh'alma,
Que queres mais?

Juraste eterna
Fidelidade:
Seguiu-se á jura
A falsidade.

Em toda a parte
Vejo rivaes;
A fé perdi-te,
Não creio mais.

Se não me queres,
Se não me adoras,
Quando me queixo
Que tens, que choras?

Ah! não me prendas
No pranto teu;
Não quero um pranto
Que não é meu.

Mas ah, perdôa...
Foi illusão;
Dos meus transportes
Tem compaixão.

Perdôa! esquece
O meu rigor;
Não fere offensa
Que vem de amor.

QUANDO NO TUMULO

Quando no tumulo
Dormires um dia
Da morte o somno,
Na lousa fria;

Ouvirão meu pó,
Gemer e carpir,
Se o nome da bella
Alguem proferir.

Será indelevel
A minha ternura;
Jurei adoral-a
'Té na sepultura.

Porém se primeiro
Morreres, Armia,
Regará meu pranto
Tua lousa fria.

Se guardas constancia,
Amor e fé pura,
Serei sempre teu,
'Té na sepultura.

Nos rogos e preces,
Na dôr e gemido,
De Armia o nome
Será proferido.

A DESCRENTE

Foi ditosa e feliz minha infancia
Toda cheia de crença e de amor,
O porvir qu'eu amava com ancia,
Que mais tarde devia transpôr.

Quão mentida me foi a esperança!
Muito cedo perdi a illusão!
Ai de mim, que inda sendo criança,
Vi morrer este meu coração!

E morrer sem gozar um instante
O porvir que no berço sonhei!...
Inda moça, e do crime distante,
Bem depressa no crime acordei.

Acordei... quiz voltar... era tarde...
Já não pude á desgraça fugir!
Só me resta hoje triste e cobarde,
O meu negro destino carpir.

Essa crença de amores que eu tive,
Ai! p'ra sempre, p'ra sempre perdi;
Em vez d'ella o cynismo revive
Junto ao fel qu'inda moça bebi.

Que m'importa que nada me reste
D'essa idade de crença e prazer;
Que m'importa que o mundo deteste
Este pranto que a dôr faz verter?...

Que m'importa a indiff'rença do mundo,
Se p'ra o mundo indiff'rente já sou?...
De meu crime o remorso profundo
Já a esperança e a fé me roubou!

Só me resta o socego da campa
Onde em breve eu irei repousar!
Esta nodoa, que o crime m'estampa,
Só co'a morte eu a posso apagar.

D. Josephina Pitanga.

LUNDÚS

COMTIGO SÓ POSSO EU

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú—*Eu posso com mais alguem*

Porque duvidas de mim?
D'um amor que é todo teu?
Apre lá, com teus ciumes!
Comtigo só posso eu.

Quem tão pouca confiança
Na cabeça te metteu?
Teus amúos não mereço,
Comtigo só posso eu.

Taes duvidas mortificam
O sincero peito meu;
Só eu posso supportar-te,
Comtigo só posso eu.

Diz-me pois, meu amuado,
Esse zelos, quem t'os deu?...
Taes ciumes são denguices,
Comtigo só posso eu.

Confia, meu bem, em mim,
N'um peito que é todo teu;
Amor, ternura e constancia,
Quem te consagra—sou eu.

Por uma joven fluminense.

LÁ NO LARGO DA SÉ

Lá no largo da Sé Velha
'Stá vivo um longo tútú
N'uma gaiola de ferro,
Chamado surucúcú.

Cobra feroz
Que tudo ataca;
'Té d'algibeira
Tira a pataca.

Bravo! da especulação
São progressos da nação.

Elephantes beberrões,
Cavallos em rodopios,
N'um curro perto d'Ajuda
Com macacos e bugios.

Tudo se vê,
Misericordia!
Só por dinheiro
Ha tal mixordia.

Bravo! da especulação — etc.

Garatujas mal cortadas,
Cosmoramas triplicados,
Fazem vêrmos toda a Europa
Por vidrinhos mal pintados.

Roma, Veneza,
Londres, Paris,
Tudo se chega
Ao nosso nariz.

Bravo! da especulação — etc.

Os estrangeiros dão bailes
P'ra regalar o Brazil;
Mas a rua do Ouvidor
E' de dinheiro um funil.

Lindas modinhas
Vindas de França,
Nossos vintens
Lá vão na dança.

Bravo! da especulação — etc.

Agua em pedra vem do norte
P'ra sorvetes fabricar;
De que nos serve os cobrinhos
Sem a gente refrescar?

A pitanguinha
Cajú, cajá,
Na guela fazem
Taratatá!

Bravo! da especulação — etc.

Candido Ignacio da Silva.

MODINHAS

VIRGEM SANTA

Virgem santa e meiga a quem eu amo
Mais do que se ama a vida, a patria, os céos;
Deixa que em teu collo eu deite a fronte,
Durma e sonhe com os amores meus.

Assim quero gozar tranquillo somno,
Sonhar comtigo e te abraçar sonhando;
Tuas mãos sentir unidas ás minhas,
Um beijo teu, um beijo meu de quando em quando.

Bella virgem de amor, meu sêr conforta,
Tu és a flôr que me embriagas com perfume;
Quero vêr-me feliz, no céo julgar-me,
Ter esperança, ter fé, não mais ciume.

Escuta, ó virgem minha — quando á noite,
Nas horas do silencio e do pranto,
Surgir a lua clareando os montes,
Recorda-te de mim, que te amo tanto.

SICILIANA

Musica de João Baptista Cimbres

Nas horas da tarde rubentes do outono,
O dôce susurro da lympha fugaz
Desperta em meu peito saudade voraz
De quem, bem o sabes, meu anjo — de ti.

Quem sabe se ainda te lembras de mim
Que trago indelevel, na mente gravada,
A tua imagem de tanto fulgor,
Teus olhos brilhantes, a face rosada.

No brilho dos raios do astro da noite,
No lindo horisonte em noite estrellada;
A luz que scintilla não é comparada
Áquella que brilha em teu casto semblante.

Mas ah! que bem penso, é triste pensar!
Não sei o motivo porque a natureza,
A tantos encantos, enlevos, belleza,
Um coração firme deixou de ceder-te.

NASCE RISONHA A AURORA

Poesia de M. P. de Ulhôa Cintra, e musica de Francisco de Salles Couto

Nasce risonha a aurora,
Para todos ha prazer;
Só eu triste, desgraçado,
Vivo sempre a padecer.

Canta o terno passarinho,
Vejo o campo florescer;
Para mim não ha ventura,
Vivo sempre a padecer.

SE A ESPERANÇA JÁ NÃO TENHO

Poesia de M. P. de Ulhôa Cintra, e musica de Francisco de Salles Couto

Se a esperança já não tenho,
Para que, ó céos, viver?
Se Lisia de mim s'esquece,
Meu allivio é só morrer.

Como é cruel
A sorte dura,
Que me condemna
Á sepultura!

O céo castigue
O teu rigor,
Já que desprezas
Meu terno amor.

A VIDA E A MORTE

Olha, Marcia, aquelles campos
De sepulchros alinhados;
Alli dormirão bem cedo
Os meus ossos descarnados.

Suspende o pranto de amor,
Não chores, prenda querida,
Porque a morte nos liberta
Das desgraças d'esta vida.

Qual amamos sobre a terra,
— Já da vida roto véo —
Co'o mesmo extremo se póde
Tambem amar lá no céo.

Suspende o pranto de amor — etc.

Noronha.

RECITATIVOS

VENUS

Vem, minha estrella, que te espero ancioso,
Astro garboso a irradiar no céo;
Vem, rutilante, a desparzir venturas,
Lá nas alturas a fulgir sem véo.

Amo-te ao vêr-te, encantadora e bella,
Ó minha estrella, corpo que seduz;
Contemplativo olho-te, mimosa,
Qual mariposa que procura a luz.

Venus esbelta que no espaço infindo,
De aspecto lindo vens amor saudar;
Oh! como ao vêr-te tão feliz me sinto,
Quando presinto tua luz brilhar!

Ignea faisca, que minh'alma inflamma
Com esta chamma magnetisadora;
No azul celeste quando te namoro
De prazer choro, minha seductora.

Tu és a imagem do objecto amado,
Que captivado tem minh'alma afflicta...
Parece, ao vêr-te, que a meu seio aperto
Seu corpo esbelto, de belleza infinita.

Seu lindo rosto, sua tez mimosa,
Bocca graciosa de um gentil sorrir;
Negros cabellos, elegante porte,
Que n'um transporte faz amor sentir.

Terno carinho que de amor captiva,
Que ao ente priva ao coração da calma;
Quem póde vêl-a sem sentir d'amores
Suaves dôres que nos pungem n'alma?

Groseb.

RECORDAÇÃO

Triste lembrança de um passado ameno,
Que tão sereno me sorria outr'ora;
A vida era para mim delicias...
Essas caricias — almejava agora...

Mas hoje, dura me tem sido a sorte,
Porém seu norte seguirei ao fim;
Suspiros tristes, magoados prantos,
São os encantos de um viver assim.

Se da vida os gozos desfrutar podéra,
Então quizera te offertar um canto;
Os tristes ais se tornariam beijos,
Loucos desejos que almejava tanto.

Não póde o tempo despertar n'est'alma
A dôce calma de um viver de flôres;
Não póde o tempo apagar da mente
Aquelle ente que me deu amores.

Se um dia a vida me offertar venturas,
Gozos, ternuras, sem cruentas dôres;
Serei feliz, despertará n'est'alma
A dôce calma de um viver de amores.

Porém se a sorte não quizer poupar-me,
E offertar-me em vez de gozos — dôres,
Co'a fronte baixa, entregarei meus braços
Aos dôces laços da prisão de amores.

CANÇÃO

O AMOR PERFEITO

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

És um discurso eloquente,
Mimosa flôr!
Tu promettes mudamente
Perfeito amor.

Por ti, sem que ella m'o diga,
Deve suppôr
Que a ter-me sempre se obriga
Perfeito amor.

Teu nome, que tanto exprime,
Augmenta o ardor
Do meu eterno e sublime
Perfeito amor.

Eu grato e amante te aceito
Como um penhor
De que ha por mim em seu peito
Perfeito amor.

ROMANCES

A FLÔR «SAUDADE»

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Saudade, terna saudade,
Flôr tão triste e tão mimosa;
Tu és a imagem dest'alma,
Dest'alma de amor anciosa.

Tua fórma e côr retratam
Meu coração magoado;
Teu nome o affecto exprime
Em que aqui vivo engolfado.

Linda mão roubou-te o vaso
Do qual eras ornamento;
Mas vens morar em meu peito,
Vens acalmar meu tormento.

O que me dizes tão terna
É um dôce lenitivo
Para as ancias de minh'alma,
Na solidão em que vivo.

EU VI O ANJO DA MORTE

Poesia do snr. dr. A. J. de Araujo, e musica do snr. Elias Alvares Lobo

Eu vi o anjo da morte
Ferir minha mãi querida;
Eu tambem morri com ella,
Vivia com sua vida.

Vi morrer depois meu filho,
Metade de meu viver;
A esposa, uma filha mais,
Senti-me inteiro morrer.

Não é vida a vida morta,
Nem a sombra é realidade;
Busco em vão a minha vida
Na minha morta metade.

LUNDÚ

EU POSSO COM MAIS ALGUEM

É falso, meu bem, quem diz
Que uma só me quer bem;
Eu tenho quatro amantes
E posso com mais alguem.

Tenho uma que me é dôce,
Tenho outra que me quer bem;
Eu amo a uma e a outra
E posso com mais alguem.

Ao templo de amor jurei
Não amar a mais ninguem;
Mas o amor a amar me obriga
E posso com mais alguem.

Se por falso ou inconstante
Alguma d'ellas me tem,
Eu as convenço o contrario,
E posso com mais alguem.

Ellas amam como eu amo
A mil amantes tambem;
Ellas dizem como eu digo
E posso com mais alguem.

MODINHAS

UMA CHAGA ME ABRISTE NO PEITO

Musica de J. S. Arvellos

Uma chaga me abriste no peito
Que jámais não se póde curar;
E coitado de mim, sem ventura,
Sinto a vida querer-se findar.

Foste louca em me dar juramento
Que jámais tu podias cumprir;
Foi tormento que tu me engendraste
Para agora eu viver a carpir.

Eu tão credulo, pensando commigo
Que era amado por ti, bella ingrata,
Só achei p'ra meu mal um tormento
Que enlouquece, que fere, que mata.

O DESCRIDO

Que m'importam prazeres da terra,
D'esses raios o louco furor;
Que m'importa o rugir da tormenta,
D'essas vagas faiscas de horror?

Que m'importa que o mundo se acabe,
Que na terra só eu fique rei;
Que m'importa, se o mundo eu detesto,
Se desprezo e rancor lhe votei?

Venha embora coriscos e raios
Roubar dôce esperança de amor,
Que este peito de marmore e gelo
Só tem fé no tormento e na dôr.

Tive fé, muita fé, n'esta vida,
Crenças mil n'este meu coração;
Mas qu'importa se seccas, mirrhadas,
Eil-as todas perdidas no chão?

Já não tenho uma esp'rança n'est'alma
Que o cynismo varou-me de fel;
Além sim, que só podem caveiras,
N'esta fronte cingir um laurel.

Eia, ávante, meu peito, eia, ávante,
Solta um brado de terno estampido;
Que soando, soando nos ares,
Lá repita bradando — DESCRIDO.

NOSSA MÃI

Nossa mãi, dom celeste, precioso,
É um anjo piedoso
Dos céos á terra mandado
Para ter de nós cuidado:
Quando a primeira luz
Sobre nossos olhos desce,
Quem comnosco ri e folga,
Quem comnosco se entristece?
Nossa mãi!

Nossa mãi boa ou má, sempre nos ama,
Traz-nos no seu coração;
Não ha amor nem amizade
Que iguale á sua affeição:
Quando no termo da vida
A morte já nos espera
Com a sua feuce erguida,
Quem por nós morrer quizera?
Nossa mãi!

Francisco Antonio de Carvalho.

RECITATIVO

FLÔRES D'ALMA

As flôres d'alma que se alteiam bellas,
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
Teem mais aromas, e são mais formosas
Que as pobres rosas, n'um jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,
Lucida chamma, sem ardor que mata;
Banham-lhe as hastes, retratando as frontes,
Limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amenidade! nos vergeis suaves,
Cantam as aves, sem cessar, amores;
Se ha céo na terra, se ventura ha n'ella,
D'alma singela se achará nas flôres.

Filhas das crenças, como as crenças puras,
De mil venturas mensageiras bellas,
Se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus! — dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sósinho,
Corra o mesquinho, por amor trahido,
Quando o remorso lhe não turbe a calma,
Nas flôres d'alma encontrará olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,
Sem vêr as plagas em que almeja um porto,
Embora o matem cruciantas dôres,
D'alma nas flôres achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,
D'um mundo falso os areaes percorre,
Quando lhe entregam do martyrio a palma,
Ás flôres d'alma se encommenda, e morre.

BARCAROLA

A BORDA DO MAR

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

De noite, o véo cinzento
Envolve a natureza,
E cobre de tristeza
O céo, a terra, e o mar.

. . . . . .

Ligeira barca ao longe
Apenas se annuncia
No trilho de ardentia
Que deixa em seu passar.

Ouço bater o remo
Monótono e pausado,
É o canto do coitado
Que alli vai a remar.

Da briza nas refregas
Que vem aos meus ouvidos
Em echos repetidos
Amor! — ouço exclamar.

. . . . . .

E como solitario
É triste este lamento
Ao susurrar do vento
Nas ondas, e ao luar!

E eu, que aqui sósinho
Escuto o mesmo canto,
Reter não posso o pranto
Que sinto borbulhar.

É que essa voz chorosa
Que sôa sobre as aguas
As minhas proprias maguas
Parece relatar.

Como este peito anciado
O mesmo affecto exprimo;
E gemo, e me lastimo
No meu vago scismar.

.....

ROMANCE

A TRISTEZA

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Porque o céo de repente
Perdeu a sua belleza?
D'onde vem esta tristeza
Que me envolve o coração?

Como o pano mortuario
Que sobre o tumulo s'estende
Ou como a nuvem que pende
Pejada de atro bulcão;

Eu não sei, oh minha amada,
Eu não sei porque suspiro;
Não sei mesmo se deliro
No meu excessivo amor.

Mas agora estou tão triste
Como o misero proscripto,
Duvidoso, incerto e afflicto,
Do seu destino no horror.

Temendo assim me definho
Como o arbusto sequioso,
Exposto ao sol rigoroso
Que morre sem florescer.

Falla, minha amada, falla!
De tua voz á magia
Renasce minha alegria,
Extingue-se o meu soffrer.

LUNDÚ

ESTES MOCINHOS D'AGORA

Estes mocinhos d'agora
Já não sabem mais amar;
Fazem tudo quanto podem
Para as moças enganar.

Bandoleiros, inconstantes,
Só querem pagodear;
Namoram a todas ellas
Para o seu tempo passar.

Estes mocinhos d'agora
Só desejam 'specular;
Procuram só moças ricas
Para má vida lhes dar.

Estes mocinhos d'agora
Sentimentos já não tem;
Fazem mil promessas falsas,
Dizendo que querem bem.

Estes mocinhos d'agora
Só nos querem enganar;
Façamos nós outro tanto,
Para taboa a todos dar.

Estes mocinhos d'agora
O seu prazer é mentir;
Fingem tudo quanto podem
Para melhor conseguir.

Estes mocinhos d'agora
A vergonha já perderam;
Da ronha e da maldade
Muito succo já beberam.

Estes mocinhos d'agora
Não merecem compaixão;
Entes são mui abjectos,
Devem ir p'ra a correcção.

MODINHAS

SE DISFARÇO QUANTO SINTO

Se disfarço quanto sinto
O teu cruel proceder,
É justo que tu conheças
Quanto me custa soffrer.

N'alma se accende
Odio e vinganças;
Tornam-se amargas
As esperanças.

N'esta afflicção,
Nem mesmo amor
Dá lenitivo
Á minha dôr.

Mas se conheces
O que é paixão,
Não mais afflijas
Meu coração.

Foste perjura,
Foste cruel;
Quebraste a jura,
Foste infiel.

PÒRQUE SOU TRISTE

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Quando eu morrer ninguem chore a minha morte*

Oh! queres tu saber porque sou triste,
Porque vivo em constante soluçar!?
É porque na minh'alma um sentimento
Na desgraça cruel faz-me pensar.

É porque n'esta vida o desengano
De tudo quanto existe, em mim pousou;
E a descrença gelada e positiva
Negro leito em minh'alma já ormou.

Dirás tu que sou moço e que é fingido
O tetrico suspiro que assim dou?
É que onde um coração bate com vida,
A descrença nem sequer jámais passou.

Ah! como és illudida... o meu peito
Ao do velho se assemelha, está rugoso;
E de moço as minhas faces desbotadas
Não sentem da mocidade o dôce gozo.

O que póde esperar um pobre orphão
Que as delicias de uma mãi cedo perdeu?
E que os prazeres do mundo, n'um só dia
Para sempre em seu peito elle escondeu?!

Escuta... que me importa de quem goza
Do mundo mil prazeres com riqueza?
Não invejo essa sorte ficticia,
Pois encontro mais prazeres na tristeza.

Adeodato Socrates de Mello.

ACABOU-SE A MINHA CRENÇA

Acabou-se a minha crença,
Sem crença devo morrer;
Quando deixei de crêr n'ella,
Em quem mais poderei crêr?

Onde a verdade
Póde fulgir,
Se até um anjo
Sabe mentir?

Como um anjo me fallou,
Como um anjo me sorriu;
Como um anjo me jurou,
Quebrou a jura, mentiu.

Onde a verdade
Póde fulgir? — etc.

No olhar e nas palavras,
Onde a innocencia respira,
Em tudo — que diz verdade,
Só eu encontrei mentira.

Onde a verdade
Póde fulgir? — etc.

RECITATIVO

ESCUTA, VIRGEM!

Anjo d'encantos, porqu'és muda e triste?
Acaso existe em teu peito—dôr?
Porque teu rosto, tão risonho outr'ora,
Se mostra agora de marmorea côr?

Dize, meu anjo, porqu'és triste assim?
Porque ao jasmim subtrahiste a côr?
Dize, meu anjo—o teu peito inflamma
Celeste chamma appellidada—amor?

És qual criança que nascida ha pouco,
Do mundo louco desconhece as fallas...
Ai não te deixes enlevar por cantos,
Nem por encantos de apparentes galas.

Lembra-te sempre que a pureza é flôr,
De tanto odôr e perfeição dotada,
Que mão impura se a tocar de leve,
Eil-a mui breve para o chão tombada.

Ama, donzella, com amor immenso,
Ardente, intenso,—a tua mãi querida;
Entre teus braços com amor a aperta,
—Sublime offerta p'ra quem deu-te a vida.

Irmã dos anjos, tu o és, donzella,
Nivea capella te engrinalda a frente;
Ainda ha pouco eu te vi no templo
Dando um exemplo de uma fé fervente.

Deixa que o bardo, em cujo peito triste,
Sómente existem cruciantes dôres;
Fraco conselho te offereça, virgem,
—Louca vertigem de um scismar de amores.

Esquece tudo, p'ra adorar sómente
Áquelle ente que te deu a vida;
Quando o mau fado te offertar seus laços,
Lança-te aos braços de tua mãi querida!

Gualberto Peçanha.

CANÇÃO

O ESCRAVO

N'uma alta e frondosa
Brazilea floresta,
Que o sol açoutava
Em calida sésta;

Ao som compassado
Da fouce pesada
Que os troncos derruba,
Prepara a *queimada;*

Com voz rude e triste
Que ao longe echoava,
Um pobre captivo
Taes queixas soltava:

« Em simples palhoça
Eu livre nasci,
Mas preso e *vendido*
Captivo me vi.

O filho, à mulher,
Forçado deixei,
A pobre familia
Não mais avistei.

São livres os *brancos*,
Não soffrem rigor;
Mas, eu por ser negro,
Eu tenho — um *senhor*.

Com elles nem devo
Co'as dôres chorar;
Mas devo, soffrendo,
Chorando cantar.

A dôr, o prazer
Em mim crimes são;
Castigos por isso
No corpo me dão.

Á chuva e ao sol
Sempre a trabalhar,
De pouco descanço
Eu posso gozar.

Os fructos da terra
Que cavo a suar,
Não são p'ra meus filhos
Que vejo penar.

O ouro que ganho
Me não faz ser rico,
Por muito que dê,
Eu forro não fico.

O mesmo sustento
Que dão-me, grosseiro,
Me dão porque temem
Perder *seu dinheiro*.

De um tal captiveiro
Soffrendo os rigores,
Minha mocidade
Gastou-se entre dôres.

Ao peso dos annos
Já hoje curvado,
P'ra todo o serviço
Sou inda chamado.

Ao *branco*, se é velho,
Teem todos respeito;
Eu inda ao *chicote*
Vivo hoje sujeito!

De que serve a vida
A quem, como eu,
Sem ter liberdade
Já tudo perdeu?

Só uma esperança
Eu sempre hei-de ter:
Morrendo, outra vez
Eu livre hei-de ser.

Meu bom Pai do céo,
Ah! tende clemencia!
Ouvi minhas vozes,
Findai-me a existencia!»

Aqui o captivo
Cançado parou,
E co'a mão callosa
O pranto enxugou.

E o echo passado,
Que a voz repetia,
—*Findai-me a existencia!*
Ao longe dizia.

Pires Ferrão.

LUNDÚS

A CLARA

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú — *Mulatinha do caroço*

Todos fallam com paixão,
E teem razão,
Da morena e linda côr;
Mas tambem a côr que é clara
Não é rara,
Tem encantos, tem amor.

A que é clara e bem rosada,
Idolatrada,
Tem denguices... tem carinhos;
Seus encantos sempre exaltam,
Arrebatam
Seus feitiços mimosinhos.

Eu por ella dou a vida
Tão querida,
Meu amor, meu coração;
A que é clara e tão mimosa,
Melindrosa,
Faz-me perder a razão!

Linda côr de casta alvura,
Que tão pura,
Tem dos anjos semelhança;
Se as faces lhe cobre o pejo,
Que desejo
Alimenta minha esp'rança!

A que é clara e bonitinha,
Jovenzinha,
Tem de archanjo a perfeição;
A morena não é tanto,
No encanto,
Cá na minha opinião.

Mas se acaso eu m'enganei
Ou errei
No que digo com razão,
Moças claras e morenas,
Sempre amenas...
A vós eu peço perdão.

S. J. S.

YÁYÁZINHA VOSSÊ MESMO

Yáyázinha vossê mesmo
Foi a causa de meu mal,
Nunca pensei que vossê
Me fizesse cousa tal.
(*Arranjou bem o seu papel*).

Sempre é moça!
Renego eu d'ella!
Com taes sujeitas
Muita cautela.

Todo o tempo m'enganou,
Fez de mim seu bôbosinho;
Quando me via chorar
Me dizia: Coitadinho!
(*Que cabecinha tão leve!*)

Sempre é moça!
Renego eu d'ella!
Com taes sujeitas
Muita cautela.

Que me amava com ternura,
Trinta vezes me jurou;
Quando me quiz ser ingrata,
De uma só tudo negou.
(*D'onde não s'espera, d'ahi é que vem*).

Sempre é moça!
Renego eu d'ella!
Com taes sujeitas
Muita cautela.

MODINHAS

ADEUS, LYRA MALFADADA

N'estes troncos pendurada
Ficará a minha lyra,
Té que o vento as cordas fira,
Te faça lembrar — amor.

Adeus, lyra
Malfadada,
Consagrada
A meu — amor.

Leões, tigres e rochedos
Tens movido com ternura;
Mas de Lilia sempre dura
Tu não moves o rigor.

Adeus, lyra
Malfadada,
Consagrada
A meu — amor.

Vai, ó Lilia, d'este mundo,
Vai viver na solidão;
Lá mesmo receberás
A minha triste canção.

Adeus, lyra
Malfadada,
Consummai
Esta paixão.

O TEU AMOR, PURA VIRGEM

O teu amor, pura virgem,
Muito me faz padecer;
Mas eu deixar de te amar,
Isso não, não póde ser.

O nobre porque é rico,
Me comprar não tem poder;
Mas separar-me de ti,
Isso sim, sim póde ser.

Póde o céo baixar á terra,
E a terra em fogo arder;
Mas eu deixar de te amar,
Isso não, não póde ser.

Chovam raios e coriscos,
A terra fique a tremer;
Para te vêr em meus braços,
Isso sim, sim póde ser.

Eu quero estar a teu lado
Para contente viver;
Mas vêr-te nos braços d'outro,
Isso não, não póde ser.

Fiel ao meu juramento,
Nunca me hei-de esquecer;
Mas tu quebrares o teu,
Isso sim, sim póde ser.

N'ESTAS PRAIAS DE LIMPIDAS ARÊAS

N'estas praias de limpidas arêas
Prateadas á noite pela lua,
Passo as horas, scismando nos amores
Que perdido bebi na imagem tua.

Quando o sol pelos montes declinando
Vai ao mar sepultar os seus ardores,
Uma lagrima me rola pelas faces,
Recordando sósinho esses amores.

Ó campinas! ó praias seductoras!
Ó montanhas! ó valles de saudade!
Meus segredos guardai em vossos peitos
D'esses tempos de tanta f'licidade!

Do recinto não passe d'esses mares
Os votos que a ella dediquei;
Guardem praias, campinas e montanhas
Quantos ais e suspiros lhe enviei.

PRAZERES QUE EU NÃO SONHAVA

Prazeres que eu não sonhava
Teu amor me fez gozar;
Bella Armia, tu não queiras
A minha vida acabar.

Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como uma gota de orvalho
Carece do prado a flôr.

EU SOFFRO ANGUSTIAS ME SUFFOCAR

Eu soffro angustias
Me suffocar,
Meu lenitivo
É só chorar.

Eia, choremos,
Comece o canto;
Tambem cantando
Se verte o pranto.

O pranto ás vezes
É briza d'alma
Que a dôr mitiga
E o pranto acalma.

Então o canto
Nos céos se isola;
Penetra os ares
E Deus consola.

O canto é prece
Que vôa a Deus,
Se o triste canta
Os males seus.

Em cada nota
Que o canto diz,
A dôr traduz-se
Do infeliz.

Depois que a ingrata
Feriu-me tanto,
Que de mim fôra
Sem este canto;

Talvez as dôres
Fossem mortaes,
Se as não curasse
Com estes ais.

RECITATIVO

ELISA

Poesia do snr. Bulhão Pato, e musica do snr. Furtado Coelho

Era no outono, quando a imagem tua
Á luz da lua, seductora, vi;
Lembras-te ainda d'essa noite, Elisa?
Que dôce briza suspirava alli!...

Toda de branco, em tua fronte bella
Rosa singela se enlaçava então;
Vi-te, e perdido de te vêr, buscava
Se me apartava da gentil visão.

Oh! que era embalde! quanto mais te via,
Mais me perdia delirante amor!
Magicas fallas proferiste incerta,
Toda coberta d'infantil rubôr.

Tremulo, ancioso, quiz pedir-te um beijo,
Louco desejo, que fugir-te vi...
Viste-me triste, para mim voltaste,
Não me fallaste, mas eu bem ouvi.

Tibia, arroubada de perfume, a brisa,
Lembras-te, Elisa, suspirava então...
Tu nos meus braços reclinaste a fronte,
E meigamente me disseste — não!...

ROMANCE

OS OLHOS DE URANIA

Poesia do snr. dr. D. J. G. de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Gosto de vêr os teus olhos
Quando pareces pensar;
Meio-abertos, assombrados,
Sem muita luz derramar.

Gosto de vêl-os radiantes,
Espargindo almo fulgor;
E nos peitos embebendo
Alegria, vida e amor.

Tambem gosto quando exprimem
A ternura, a compaixão;
E qualquer ligeiro affecto
De innocente coração.

Mas quando os volves furtivos
Para mim, e após aos céos;
Então é que nada iguala
graças dos olhos teus.

*

Então é que mesmo os anjos
Não teem uns olhos iguaes;
Quando assim de amor se inundam,
Então é que gosto mais.

LUNDÚ

DO BRAZIL A MULATINHA

Do Brazil a mulatinha
É do céo dôce maná;
Adocicada frutinha,
Saboroso cambucá.

É quitute appetitoso,
É melhor que vatapá;
É nectar delicioso,
E boa como não ha.

É manjar bem delicado,
É melado com cará;
Agradavel bom bocado,
Gostoso maracujá.

É cajú assucarado,
E tem de manga o sabôr;
É quibêbe apimentado
Pelas mãosinhas de amor.

É dôce licôr de rosa,
É melhor do que melado;
Delicada e melindrosa,
Vinho velho engarrafado.

É manguinha da Bahia,
E dôce favo de mel;
Não é clára como o dia,
Nem alva como o papel.

A mulatinha mimosa,
(Fios d'ovos com cannella)
É morena côr de rosa,
Tem uma côr muito bella.

É faceira, tem candura,
Tem do côco o paladar;
Tem meiguice, tem ternura,
Tem quindins de enfeitiçar.

Quando, leitor, vejo ella
Tão terna, tão moreninha,
Logo exclamo: Como é bella
Do Brazil a mulatinha!

Os olhos sabe volver,
Tambem sabe namorar;
Oh! quem me dera poder
Junto d'ella sempre estar!

MODINHAS

FOI CRUEL O MEU DESTINO.

Foi cruel o meu destino,
Foi sonho minha ventura;
Nada penhora á uma ingrata,
Só me resta a sepultura.

Já fui amante mui terno,
E querido como doçura;
Hoje só tenho tormentos,
Só me resta a sepultura.

Por vêr negra ingratidão,
Não ha igual desventura;
De tão crú e faro golpe,
Só me resta a sepultura.

A FLÔR DO MEU CULTO

A flôr do meu culto,
A rosa que ha pouco
Tão cheia de encantos
Se via ostentar;
De chofre o tufão
Levou-a nas azas,
As pet'las voaram,
Dispersas no ar.

Que flôr é aquella?
Que triste coitada!
O crepe de luto
Parece vestir;
É flôr de saudade,
Que ausente da rosa
Commigo chorosa,
Parece sentir.

Vem, flôr de minh'alma,
Unir-te ao meu seio,
Pois quero comtigo
Meu pranto verter;

O meu coração
Partido ficou,
As harpas não podem,
Não podem gemer.

ANJO DO CÉO, TU ME MATAS

N'esse teu rosto onde acatas
O pundonor e o riso,
Onde mil graças diviso,
Anjo do céo, tu me matas;
Meu peito tudo dilata
No mais completo prazer;
Quizera, meu anjo, ser
O teu bem idolatrado;
Com ternuras e agrados,
Tu me matas sem querer.

Se volves um riso a mim,
Oh! que dita, oh! que ventura!
Se me adoras, virgem pura,
De teus labios quero um *sim:*
Mais leve, côr de carmim
Faz teu rosto enrubecer;
Nada tenhas a temer
Em me fallar a verdade,
P'ra minha felicidade
Quero um—sim—depois morrer.

NOVOS ARES, NOVOS CLIMAS IREI LONGE RESPIRAR

Novos ares, novos climas
Irei longe respirar,
Lá mesmo serei ditoso
Se meu bem nunca mudar.

Esses mares solitarios
Vou chorando transitar,
Mas depois vêr-me-hão alegre
Se meu bem nunca mudar.

RECITATIVOS

SEGREDO

Quando eu ás vezes teu olhar surpr'endo
Languido e terno sobre mim pairar,
Em cada golpe d'este olhar compr'endo
O que me queres talvez perguntar.

E sempre finjo que ignoro tudo!
Que nem sei mesmo quem tu és, quem sou;
E me conservo indifferente e mudo
Como criança que a visão pasmou.

Talvez tu penses que evitar pretendo
Essas promessas de um amor por vir,
Perdôa á folha que arrebata-a o vento,
Ella não sabe aonde vai cahir.

TROVADOR

Queres ouvir-me que a razão me ensina
A que me faça indifferente assim;
E que não quero me curvar á sina
Má, que do berço se engraçou de mim.

Não devo rir-me quando sinto dôres
Nem illudir-me de esperanças mais;
Minha alma esvai-se, como murcham flôres,
Gemendo agora seus doridos ais.

Perdôa, virgem, esse modo ousado,
Por que eu evito teu ingenuo amor,
Eu cumpro apenas um dever sagrado,
Fugindo aos gozos p'ra viver na dôr.

Tu és estrella, no fulgor princeza,
Que a terra inundas de tão meiga luz;
Eu sou o cyrio que só diz tristeza
Quando alumia mortuaria cruz.

Tu és rainha, e de teu throno as galas
Eu não poderia contemplar sem medo,
De longe escuto tuas meigas fallas,
E se tal faço é por ser meu segredo.

Oh! se te amo! com amor tão santo,
Que não pudera-te dizer jámais!
Porém se fujo de tamanho encanto
E que receio que o contar queiraes.

E sabe agora que esse amor de louco
Que por ti nutro a'um fatal segredo,
Eu acho ainda para ti mui pouco,
Mas não o revales porque tenho medo.

Dr. Climaco A. B. Oliveira.

A CAPELLA DA VIRGEM

Que é feito das flôres da branca capella
Que ornava-te, oh bella, da fronte a pureza?
Que é feito do riso com que descuidosa,
Fruias gostosa—tão meiga belleza?

Que é feito das côres que o lyrio invejava,
Que a rosa almejava—tambem possuir?
Que é feito da paz que morava em teu peito,
Jámais contrafeito—a pensar no porvir?

Que é feito dos brincos com qu'inda innocente
Gozavas contente—dos annos a flôr?
Que é feito do fogo dos olhos galantes,
Tão negros, brilhantes, tão cheios de amor?

Que é feito da graça com que tão faceira,
Qual corça ligeira—no prado saltavas?
Que é feito dos cantos de dôce magia,
De tanta harmonia—que alegre soltavas?

Ai triste!—que é feito de todo o passado,
Tão bello, dourado—tão cheio de flôres?
Ai! triste! trocaste-o, com tua imprudencia,
Por triste existencia, tão cheia de dôres!...

A branca capella jaz murcha—esfolhada,
Por terra lançada—p'ra mais não s'erguer;
Ai, triste! sem ella que vale o ser bella?
Sem branca capella—que vale o viver?

S. G. Simões.

ROMANCE

OS OLHOS CHOROSOS

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Porque choraes, tristes olhos,
Tão cançados de chorar?
Quem vosso pranto motiva,
Ah! não os ha-de enxugar.

Em vão lagrimas de sangue,
Nascidas do coração,
Mostrassem sobre o meu rosto
A minha interna afflicção.

Suspendei amargo pranto,
Suspendei, que a vossa dôr
Não póde n'um peito frio
Inspirar paixão e amor.

Mas se um destino de ferro
Vos obriga que choreis,
Então chorai, tristes olhos,
Até que em fim estaleis.

LUNDÚ

QUANDO EU ERA CRIANCINHA

Quando eu era criancinha
Engraçadinha,
Moças bellas me adoravam;
Me beijavam dôcemente,
E tão contente,
Só de amor a mim fallavam.

Hoje eu vivo desprezado,
Isolado;
Sem beijinhos, sem doçura,
Já não tenho mais prazer,
Que viver!...
Mudou tudo de figura.

Se no berço em que eu chorava
Me embalava
D'amor a sorte clemente,
Hoje tudo mudo e triste,
Só resiste
Ao negro fado imponente.

Já não sou mais criancinha
Innocentinha,
Já não tenho mais candura;
Já não tenho mais carinhos,
Nem beijinhos,
Mudou tudo a desventura!

Adeodato Socrates de Mello.

MODINHAS

AMOR DE MÃI

Quão ephemeros que são
Os gozos da nossa vida!...
Quão trabalhosos e tristes
Os dias de tanta lida!

Custa muito a supportar
Tantos vaivens d'este mundo,
Tanta esperança perdida,
Tanto dissabor profundo!

A saudade é sobre tudo
Martyrio do coração,
Quando soffremos d'um filho
Eterna separação!...

D. A. Rosinha de S. (Portuense).

LAGRIMAS DA DÔR

Para ser cantada com o tom da modinha — *Quando o céo dá em teus labios*

Quando em torno aos olhos meus
Virem nodoas azuladas,
— São as lagrimas da dôr
Ao infeliz offertadas.

Perdi o viço dos annos
N'aurora da mocidade;
Hoje só trago no peito
Grata lembrança e saudade.

Quando virem eu verter
Um pranto que não tem fim,
Não zombem, por piedade,
Tenham compaixão de mim.

Perdi o viço dos annos — etc.

Perdi meu guia da vida,
Vivo no mundo isolado,
Qual baixel singrando á tôa,
Á mercê do vento irado.

Perdi o viço dos annos — etc.

Só terá fim minha dôr,
Só findará a saudade
Quando eu, junto ao meu guia,
Habitar na eternidade.

Lá então serei ditoso...
Findará minha agonia,
Junto áquella, que no mundo,
Me serviu de firme guia.

Gualberto Peçanha.

EU AMEI UMA INCONSTANTE

Eu amei uma inconstante
Que foi ingrata e perjura;
Trocou os dias ditosos
Só por dias de amargura;
Eis pois como ella pagou
Minha tão grande ternura!

Mas inda um dia virá
Que o inferno, devorando
Monstro tal de ingratidão,
Seus crimes irá pagando.

Seu prazer é só lograr,
Ser ingrata, ser perjura;
Maltratar com seus ciumes,
Cavar fundo a sepultura;
Abusar da sympathia,
Dôces mimos de ternura!

Mas inda um dia virá—etc.

Quando, em fim, de ti gostei,
Que eras assim não sabia;
Monstro tal de ingratidão,
Symbolo da tyrannia;
Eis pois como ella pagou
Tão sincera sympathia!

Mas inda um dia virá—etc.

RECITATIVO

UM NAMORADO DA ÉPOCA

Passeia á tarde, quando o sol é posto,
P'ra vêr seu rosto, mendigar-lhe um riso;
Porém, se avista a seu lado, o *velho*,
Fica vermelho — quasi perde o siso!

Volta a esquina, fuma seu charuto,
Qual o matuto que á cidade vem!
Ahi espera por algum escripto,
E fica afflicto se não vem ninguem.

Mira-se todo — limpa seu calçado —
Que já rasgado, tinha posto ao lado;
Mesmo os tacões elle não dispensa...
Sómente pensa em fazer-se amado!

Expõe-se á chuva, se expõe á lama,
P'ra ter a fama de a conquistar!
Mas se reflecte, marcha direitinho,
— Mui caladinho — para o Alcazar.

Ahi disfarça da paixão as mágoas,
Com certas *aguas* de diversas côres;
Bebe cognac — capilé composto —
Tudo por gosto d'esquecer amores!

E quando acaba de uma tal fólia,
De *poesia* se lh'escalda a mente...
Caminha, acceso qual ardente braza,
E chega a casa por demais contente!

R. F. d'Almeida.

LUNDÚ

A VIDA DO FRADE

Triste vida é a do frade,
Inda peor que a da freira,
Andar de noite á carreira,
Na penitencia.

É preciso paciencia
Com nosso noviciado;
Andar um anno encerrado,
Eu não sabia.

Eu bem disse — não queria
Ser frade n'este convento —
Porque tão grande tormento
Exp'rimentei.

Á força eu professei,
Por meu pai assim querer,
Sou defunto sem morrer,
Amortalhado.

Vivo n'um fogo abrazado
Com este burel vestido,
Quando me vejo despido
Estou contente.

Quando me vejo doente,
Deitado na enfermaria,
É quando tenho alegria
Pelo descanço.

Se alguma licença alcanço
De meus paes ir visitar,
Se vão outros passear,
Eu tambem vou.

Assim que o canto voltou...
O meu leal companheiro
Procura a rua—primeiro
De seus amores.

Se é doente, não tem dôres
Porque solto assim se vê;
Inda que a gota lhe dê,
Não é tão forte.

Cuido ir buscar a morte
Quando subo esta ladeira;
Eu desço-a toda á carreira,
A toda a pressa.

De missas uma remessa
O guardião sempre tem;
Ganhar um frade um vintem,
Ora... essa é boa!...

Se morre alguma pessoa
Que officio vamos rezar,
Todos juntos a cantar
Eu quero vêl-a.

De noite á porta da cella
Certas matracas tocando,
Vamo-nos já levantando
Orar p'ra o côro.

Eu com isso quasi morro,
Ás vezes *somnambolindo;*
Se estou sonhando ou dormindo,
Tambem não sei.

Acordado dormirei...
Toca o officio d'agonia,
Vamos para a enfermaria
Versos cantar.

O frade, perto, a expirar,
Sem acabar de morrer;
Quando o dia amanhecer
'Stá estendido.

Já morreu arrependido
O nosso frade doente,
Ponha-se isso bem patente
Que officio temos.

Graças a Deus já rezemos,
Toca o sino — a refeitorio,
P'ra tomar um vomitorio
De arroz cozido.

Se algum meu conhecido
Frade quizer-se metter,
Antes se exponha a morrer
Do que ser frade.

Do mesmo se queixa a madre
Por não acompanhar o frade...
Por não ter mais liberdade...
E nada mais.

AO PARAGUAY

Brilha a estrella tão formosa,
Luminosa,
Do Brazil grande poder;
Eia! bravos, com valor,
Sem terror,
Mas ás armas sem temer!

De Lopez e a sua gente,
Que valente
Quer a custo a nós vencer,
Não temaes, oh brazileiros
Verdadeiros;
A gloria nossa ha-de ser!

O Brazil jámais da guerra
Não se aterra,
Tem valor e tem nobreza;
É muralha rija e forte,
Quem á morte
Se arroja com gran firmeza!

De Santo Borja expulsai-os,
Mergulhai-os
Em sangue, tão vis tyrannos,
Que só sabem affrontar
E desgraçar,
Dar a morte, causar damnos!

Nosso pai tão carinhoso
E amoroso,
Nossos mares já sulcou,
Sua coragem e amor,
Com ardor
Nossos brios avivou!

Augusto Eugenio da Silva Santiago.

MODINHAS

DÁ-ME UM BEIJO

Poesia do dr. Laurindo, e musica de A. Cunha

Se me adoras, e me queres,
Como dizes com ardor,
Dá-me um beijo tão sómente
Em prova do teu amor...

A paixão em que me abrazo,
Dilacera o peito meu;
Dá-me prazer, dá-me vida,
Dá-me, dá-me um beijo teu.

Amor anima e accende
Em chammas, do céo nascidas,
Dous corações n'um abraço,
Em um beijo duas vidas.

Uma vida que me falta...
A metade do meu sêr,
Quero um beijo amoroso
Dos teus labios receber.

ESCUTA, DONZELLA

Poesia de H. Machado, musica de Virgilio

Escuta, donzella, escuta
O meu continuo penar;
Ausente de ti... distante,
Passo a vida a suspirar.

Ao vêr-te logo jurei
Ser sómente teu amante;
Dar-te-hei a propria vida
Se tu me fôres constante.

Porém a sorte infiel
Quiz de ti me separar,
Mas não póde de meu peito
Tua lembrança riscar!

Trago gravado na mente
O teu mimoso semblante,
E jámais te esquecerei
Se tu me fôres constante.

Escuta, donzella, escuta
Do bardo triste cantar,
Até que a morte dê fim
Ao meu continuo penar!

N'este retiro em que vivo,
Bem longe de ti distante,
Juro amar-te até morrer
Se tu me fôres constante.

DORME, DORME, Ó MORENA

Dorme, dorme, ó morena,
O somno da eternidade,
Que só deixaste ao esposo
A triste flôr da saudade.

Roubou-me a parca tyranna
O meu mais caro penhor;
Com elle a flôr dos meus dias,
Minha vida, meu amor.

Que sorte desventurada
Traz meu pranto em amargura!
Dorme, dorme ó morena,
Lá na fria sepultura.

Se tu meu pranto escutares,
Envolto com o meu soffrer
Passarei contente a vida,
Até findar meu viver.

Se os meus lamentos ouvires,
Repassados de ternura...
Dorme, dorme, ó morena,
Lá na fria sepultura.

Adeus, ó bella morena,
Descançada d'este mundo;
Fico só em cruel lucta,
Com este ardor tão profundo.

O CEGO

Pensam que vejo e não vejo,
Não vejo, que cego estou;
De que me servem os olhos
Se a minha luz se apagou?

Ah! não deixes que eu me perca
N'esta immensa escuridão;
Oh anjo que me cegaste,
Vem ao menos dar-me a mão!

Deixe passar o mendigo
Quem a vista não perdeu;
Só me póde dar esmolas
Quem fôr cego como eu.

Ah! não deixes — etc.

Ao avistar-te, meu anjo,
A luz divina senti;
Mas ao perder-te de vista,
A minha vista perdi.

Ah! não deixes — etc.

Se eu cahir, dá-me teus braços,
Dá-m'os, pelo amor de Deus;
Talvez que receba a vista
Cahido nos braços teus!

Ah! não deixes — etc.

LILIA BELLA, O TRISTE PRANTO

Lilia bella, o triste pranto
Que me fizeste verter,
É cruel sómente a causa
Do teu falso proceder.

Vinde, ó furias do Averno,
Depressa me ajudar;
Hoje sómente procuro
D'essa ingrata me vingar.

Não é bem que um peito fira
Quem desconhece o amor,
Zombando da cruel sorte
Do meu peito abrazador.

Morra essa ingrata,
Essa tyranna
Que entre nós vive,
Em fórma humana.

Morra a perjura,
Já que assim quer;
Como não ama,
Não é mulher.

RECITATIVOS

QUERO FUGIR-TE

Quero fugir-te, mas não posso, virgem,
Pois sou captivo de um poder sublime;
Quero fugir-te, mas fatal vertigem
Me dobra o corpo, como a brisa o vime.

Do Eden de amor és meu vedado pomo,
Ninguem no mundo minha dôr compr'ende!
Quero fugir-te, quero, sim, mas como,
Se um teu sorriso me seduz, me prende?

Para enganar-me digo muitas vezes
Que és má, que és feia, que é loucura amar-te;
Então deliro, bebo até ás fezes
A taça amarga que o soffrer reparte.

Quero fugir-te, na floresta vago,
Colho uma rosa, teu retrato é ella;
Contemplo o céo, e lá teu rosto mago
Inda admiro em cada nivea estrella.

Se mais te fujo, mais a ti me prendo,
Não acho ausencia que de ti me ausente;
Se os olhos gozam quando te estou vendo,
Em te não vendo gozo-te na mente!

Tu és o iman que me attrahes a vida,
Qual mariposa em teu olhar me abraso;
Quero fugir-te, que imponente lida!
Da minha sombra fugir posso acaso!?

Fugir não posso; não se foge á sina,
Não foge o corpo quando é presa a idéa;
Sou teu escravo; sobre mim domina,
Eis os meus pulsos, lança-me a cadêa!

ROMANCE

A DESPEDIDA

Poesia de Bettencourt Sampaio, e musica de E. A. Lobo

Adeus, terra dos amores,
Paulicea, adeus, adeus;
Da saudade acerbas dôres
Não findarão dias meus.

E tu, virgem peregrina,
Anjo do céo que adorei;
Quem sabe, terna Angelina,
Se algum dia te verei!

N'este estado de incerteza,
Que magoa sinto de amor!
Até mesmo a natureza
Parece chorar de dôr!

Ah! que saudade
Na solidão!
N'este meu canto
Deixo alma e pranto
E coração.

Felicidade, felicidade,
A ti, aos teus;
Anjo dos céos,
Adeus, adeus.

LUNDÚ

MENINA, PORQUE RAZÃO

Menina, porque razão
Passo, e foge da janella?
—É porque vou á cozinha
Botar fogo na panella.

Castiga, castiga,
Seu bem aqui está;
Quem d'elle não gosta,
De quem gostará?

Menina, porque motivo
Quando eu passo não diz—entre?
—Ora senhor, vá andando,
De compostas 'stou sciente.

Castiga—etc.

Não fujas, que eu não sou bicho,
Eu sou creatura humana;
—Ora senhor, vá andando,
Com compostas não me engana.

Castiga—etc.

Menina, esses seus dentinhos
É que me faz repellir;
—Ora senhor, vá andando,
Por Deus, não me faça rir.

Castiga—etc.

MODINHAS

DEIXEI CABANAS

Deixei cabanas,
Deixei meus gados
P'ra vêr Analia
Dos meus cuidados.

Eis a fortuna
Que eu tenho achado:
Amar constante,
Sem ser amado,

Amar constante
Sem ser amado,
Por outro amante
Ser desprezado.

Um infeliz
Deve morrer
Para uma ingrata
Nunca mais vêr.

Eu vi Analia
Não sei aonde,
Chamo por ella,
Não me responde.

Ah! vem, Analia,
Entra em meu peito,
Vem vêr o estrago
Que me tens feito.

OS CIUMES

Por outros labios passados
Não posso seu nome ouvir;
De todos tenho ciumes
Quando te vejo sorrir.

Tenho ciumes das flôres
Que a teus pés vejo abrir,

Aborreço os olhos todos
Que ousam teus olhos mirar;
Aborreço a aragem mansa
Que vem teus labios beijar.

E' loucura ter ciumes,
Mas são esses de matar.

Não me lances esses olhos,
Que eu já não posso soffrer;
Tenho medo de mim mesmo,
De um amor como eu sei ter.

Ha na vida mil tormentos
P'ra uma hora de prazer.

ROLA

Des qu'o amor me deu qu'eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando como a peregrina
Rola que o esposo perdeu;
Seja noite ou seja dia
Eu te procuro constante;
Vem, oh! vem, querido amante,
Tua sou e tu és meu.

Vem, oh! vem, que por ti clamo,
Vem contentar meus desejos,
Vem fartar-me com teus beijos,
—Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abrazo-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, extenso
Anceio louco de ardôr!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teus braços,
Estreitar-me em dôces laços,
Vem pousar no peito meu;
Que se o amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando como a peregrina
Rola que o esposo perdeu.

MENINA DOS OLHOS NEGROS

Menina dos olhos negros
Morro por ti de paixão;
Menina dos olhos negros,
Queres tu meu coração?

Como tu não ha na terra
Tão linda, tão bella flôr;
Menina dos olhos negros,
Queres tu o meu amor?

Da capella de um archanjo
És luzinha desprendida;
Menina dos olhos negros,
Queres tu a minha vida?

Pódes vêr que são já tuas
Estrellas do firmamento;
Menina dos olhos negros,
Queres tu meu pensamento?

Quero ser teu e tu minha
Por uma dôce união,
Dou-te todo o pensamento,
Alma, vida e coração.

RECITATIVO

SONHO DE VIRGEM

Eil-a tão bella — sobre o leito — immersa
No somno ameno da estação gentil!...
Branca açucena que entreabre o calix,
Amor lhe alenta o melindroso hastil!...

Amor de rola, que inda ha pouco o ninho
Guardava implume a pipilar medrosa;
Mede o espaço, e ensaiando o vôo,
As tenras azas exp'rimenta airosa.

Eil-a tão bella!... mal cerrados cilios,
Labios purpureos—um sorrir d'anjinho,
Madeixas d'ouro sobre o leito esparsas,
Seio de neve a se agitar mansinho.

Sonha e sorri-se; que horisonte azul
N'alma lhe esparge de esperança as flôres!
Sonha e sorri-se; que dourada nuvem
Lhe occulta aos olhos da descrença as dôres!

Dorme, donzella, teu dormir sereno...
Oh! não despertes da illusão dourada!...
Que são fallazes d'esta vida os gozos,
O sonho—um mundo—o despertar—um nada.

Teu leito é templo que a innocencia guarda;
Tecem os anjos as grinaldas tuas;
Baste-te o gozo das virgineas flôres,
Outros perfumes... ah! por Deus... não fruas!

LUNDU

SINHÔ JUCA

Sinhô Juca, vá-se embora,
Não me conte historias, não;
Já se esqueceu do que fez...
Na noite de S. João?

Ai, meu Deus, sinhô Juquinha,
Vossê é os meus peccados!
Vá-se embora, já lhe disse,
Não me queira dar cuidados.
As artes do sinhô moço
São mesmo artes do demonio,
Para vêr-me livre d'elle
Vou rezar a Santo Antonio.
Santo Antonio, meu santinho,
Valei-me n'esta afflicção,
Fazei com que sinhôzinho
Não me faça tentação.
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demonio!

Sinhô Juca, é forte teima!
Não bula commigo, não:
Não brinque como brincou
Na noite de S. João.

Ai, meu Deus — etc.

Sinhô Juca, arre de lá,
Senão leva um bofetão;
Eu não quero mais gracinhas
Da noite de S. João.

Ai, meu Deus — etc.

Sinhô Juca, você chora?
Já se viu tal tentação?
Não se vá, que já não ralho
Da noite de S. João.

Ai, meu Deus, sinhô Juquinha,
Vossê é os meus peccados;

Eis aqui mais outra vez
Os meus protestos quebrados;
As artes do sinhô Juca
São mesmo artes do demonio,
Não me posso livrar d'elle
Nem rezando a Santo Antonio.
Santo Antonio, meu santinho,
Já não vales nada, não,
O chorar de sinhôsinho
Derreteu-me o coração.
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demonio!

MODINHAS

RETEM NOS LABIOS INGRATOS

Poesia do snr. Pereira Sousa, e musica do snr. Raphael Coelho.

Retem nos labios ingratos,
Retem tanta crueldade;
Em ti perdôo a mentira,
Em ti detesto a verdade.

Essa verdade
Póde matar,
Esta mentira
Póde animar.

Se desprezas meu amor,
Não n'o digas, por piedade,
Cala no peito o que sentes,
Em ti detesto a verdade.

Esse silencio
Póde animar,
Essa verdade
Me vai matar.

QUE NOITES QU'EU PASSO AQUI NO ROCHEDO [1]

Poesia do snr. dr. Villela Tavares, musica do snr. A. J. S. Monteiro.

Que noites qu'eu passo aqui no rochedo
Á borda do mar,
Inquieto e afflicto, com susto e com medo,
E sempre a cuidar!

Se chove ligeiro, as aguas correndo
A choça humedece;
Viuva não bebas, na gruta gemendo,
Minh'alma entristece.

Se o cume do pico a lua prateia,
Ao seu clarear
Meu peito infeliz suspira e anceia,
Começo a chorar.

[1] A musica d'esta modipha acha-se á venda na rua de Gonçalves Dias n.º 61, estabelecimento musical do snr. Nicasso Garcia.

Passadas venturas me vem á lembrança,
Que dôce painel!...
Contemplo depois da sorte a mudança
P'ra mim tão cruel.

Sem forças, em vão, deitado no leito
Eu quero dormir;
Saudade que fere, que rala-me o peito
Eu entro a sentir.

Saudade da terra que longe deixei,
E onde nasci;
Saudade do povo, da gente que amei,
Mas que eu já perdi.

Saudade da matta do meu sabiá,
Dos plumeos cantores;
Dos fructos tão bellos, tão bons que alli ha,
Saudade das flôres.

Saudades das ruas, e rios e fontes
Que ha na cidade;
Saudade do prado, dos valles e montes,
De tudo, saudade!

Que noites eu passo aqui no rochedo
Á borda do mar,
Inquieto e afflicto, com susto e com medo
E sempre a cuidar!

Se durmo cançado de tanto lidar,
De tanto soffrer,
Vampiros dispersos pairando no ar
Em sonhos vou vêr.

Idéas, imagens, crueis pensamentos
Se avivam então;
Desperto, meus males, martyrios, tormentos
Mais graves me são.

Taes são minhas noites, que noites de horror,
Tal é minha sorte;
São noites eternas de mágoas e dôr,
São noites de morte.

POR ENTRE AS TREVAS DA NOITE

Por entre as trevas da noite
Que cercam minha existencia,
Brilha um astro de innocencia
Que é minha estrella polar.
Nos abysmos de minh'alma
Só ella póde brilhar.

O clarão frouxo da lua
Já desmaia no horisonte,
E o d'ella na minha fronte
Inda não veio pousar.
Ide, ó sons de minha lyra
Em torno d'ella adejar.

Apenas n'este silencio
Ouço o cahir de uma fonte
Que vem descendo do monte
Com sonoro crepitar,
Eu ajunto ás vozes d'ella
Os echos do meu cantar.

Vem, flôr dos jardins celestes,
Vem, meu anjo, sem receio,
Entornar dentro em meu seio
Teu perfume e teu olhar;
Por tu'alma innocentinha
Minh'alma quero trocar.

Mas talvez que adormecida,
Recostada a seu postigo,
Sonhando, ó virgem, commigo
Vão meus cantos te acordar:
Adeus, ó virgem, que o bardo
Não quer teu somno turbar.

Olha que a noite é bem negra,
Faz frio de inverno e gelo,
Já sinto no meu cabello
O sereno a gotejar;
Não erra estrella no céo,
Nem ouço o mocho piar.

RECITATIVOS

FADA DE ENCANTOS

Fada de encantos que eu adoro e amo,
Por quem me inflammo sem venturas ter,
Deixas que o pobre, suspirando amores,
Sinta os rigores d'um cruel soffrer?

Deixas, ó virgem, que o meu negro fado,
Que me ha ligado á desventura assim,
Longe dos gozos, como a flôr pendida,
É minha vida um suspirar sem fim?

E tu, flôr bella no tapiz dos prados,
Dôces, bordados de mimosas côres,
Não vês o pobre que por ti clamando
Vive chorando n'um viver de dôres?

Oh! se eu nunca disse, te direi agora,
Minh'alma chora por teu dôce amôr;
Vem dar ao triste, que não tem abrigo,
Um peito amigo a mitigar-lhe a dôr.

Vem tu, ó virgem, dôce irmã dos risos,
Dar-me os sorrisos de uma vida pura;
Ai! dôce anjo, minha vida abrazas,
Roça-me as azas de feliz ventura.

Não temas nunca que eu te olvide, não!
Meu coração e meu amor são teus;
Se me desprezas vagarei perdido
Como o descrido nos desertos seus!

Adeodato Socrates de Mello.

DESPREZA O MUNDO

Despreza o mundo que caminha errante,
Que, ignorante, jámais crê — virtude!...
Despreza o mundo que a acção mais pura
Se lhe figura — sentimento rude!...

Despreza quem no lodaçal do mundo
Vegeta immundo, sem virtudes ter;
Despreza aquelle que o crime abraça,
Sorvendo a taça do agro soffrer!

Os que te accusam de leviandades,
São nullidades — só inspiram dó!...
Sem se lembrarem que serão um dia
P'la morte impía, reduzidos a pó.

Altiva e nobre tua fronte ergue,
E firme segue da virtude o trilho;
Ri-te d'aquelles que com falso agrado
Tem procurado te offuscar o brilho...

Coração de anjo, fórmas de mulher,
E' bem cruel quem te impõe soffrer!
Que desprezando todo teu encanto
Vertendo o pranto te fará morrer!...

Eu te admiro, e comprehendo tanto
Quanto teu pranto me traduz — delirio!...
Que com puro affecto — serena calma
Te offerto a palma do cruel martyrio!...

Despreza o mundo que caminha errante,
Que, ignorante, jámais crê — virtude!...
Despreza o mundo que a acção mais pura
Se lhe figura — sentimento rude!...

S. J. S.

LUNDÚ

NÃO ME AMOFINE

Arre lá, não me amofine
Com tamanha impertinencia;
Não goza mais meu amor,
Tenha santa paciencia.

Eu gosto de quem não tem
Coração p'ra muita gente;
Gosto de quem quando falla
Não é fingida — não mente.

Não avive esses olhinhos
Para vêr se me captiva;
Uma vez já me enganou,
Pois sem mim, agora viva.

Eu gosto de quem não tem — etc.

Se vossê não me queria,
Dissesse logo á primeira;
Agora não tem café,
Não cáio na ratoeira.

Eu gosto de quem não tem — etc.

MODINHAS

PERDEU A FLÔR DE MEUS DIAS

Perdeu a flôr de meus dias
Todo o perfume de amor;
Ramos seccos pendem d'haste,
Já não vive a minha flôr.

O tempo que tudo muda
Não minora a minha dôr;
Já não tenho primavera,
Já não vive a minha flôr.

Só encontro no deserto
Bafejo consolador;
Fechai-vos, jardins do mundo,
Já não vive a minha flôr.

NO SEMBLANTE TENS IMPRESSO

No semblante tens impresso
A constancia, a lealdade;
Tu és um anjo de amor,
Tens belleza e tens bondade.

Tens uns olhos scintillantes,
Que bem exprimem — amor;
Quem os vê, deixar não póde
De adoral-os com fervor.

Os teus dotes divinaes
Deixa-me só contemplar,
Já que a sorte acerba, injusta,
Não nos deixa amor gozar.

JUSTOS CÉOS, COMO É POSSIVEL

Justos céos, como é possivel
Que seja a ternura um crime,
Se tudo quanto é vivente
Da lei de amor não se exime?

Se é delicto ser amante,
Suspirar — morrer de dôr,
Crime é da natureza
Que ensina a ter amor.

Té o proprio deus do Averno
Que os condemnados opprime,
Se chegar a vêr teus olhos
Da lei de amor não se exime.

OS MANDAMENTOS

Eu confesso minhas culpas
Todas pelos mandamentos;
Depois que eu vi a Marilia
Trago varios pensamentos.

O primeiro amar a Deus:
Eu amo o meu bem querer;
Se Marilia fôr constante
Hei-de amal-a até morrer.

Segundo é não jurar
Pelo santo nome em vão;
Eu jurei amar Marilia
De todo o meu coração.

O terceiro ouvir missa
Nos dias de santa guarda;
Eu cem missas ouvirei
'Stando a par de minha amada.

O quarto honrar pai e mãi,
Pai e mãi respeitarei;
Só por ti, Marilia amada,
Pai e mãi eu deixarei.

O quinto não furtarás
Mesmo tendo precisão;
Eu só fiz ainda um furto:
De Marilia o coração.

Sexto guardar castidade
Que é virtude apreciada;
Eu serei sempre mui casto
'Stando a par da minha amada.

O setimo é não matar,
Eu nunca matei ninguem;
Eu só mato as saudades
Que sinto por ti, meu bem.

Oitavo é não levantar
Nunca, falsos a ninguem;
Eu só disse que Marilia
Era só minha e meu bem.

O nono é não desejar
Do proximo a mulher;
Eu só desejo a Marilia
Porque eu quero e ella quer.

Decimo é não cubiçar
Nunca as cousas de ninguem;
Eu só cubiço a Marilia
Porque ella é o meu bem.

Estes dez mandamentos
Só em dous é que s'encerra:
Amar a Deus no céo,
E a Marilia cá na terra.

RECITATIVO

EU VI-TE, VIRGEM

Eu vi-te, virgem, sobre o collo a fronte
Curvada á fonte a segredar queixumes!
Eu vi-te triste, qual pendida rosa
Hontem mimosa a exhalar perfumes!

Cabellos negros, no cahir esparsos,
Formosos traços estapavam n'agua!
Assim eu vi-te a extrahir da harpa
Acerba farpa de pungente mágoa!

Busquei-te! Achei-te! Em macia relva
Além da selva, recostei-te a mim!
«Por mim definhas?» — perguntei corando
E tu, chorando me disseste — Sim!

. . . . . .
. . . . . .

Depois, a sorte resequiu-me as flôres!...
Espinhos, dôres, entornou-me n'alma!
Mas inda espero n'um recente espaço
Prender-te ao laço de amorosa palma.

Virginio Martins de Carvalho.

LUNDÚ

O TODO DE SINHÁZINHA

Quem quizer venha escutar
Como é bella esta letrinha,
Como eu vou retratar
O todo de sinházinha.

Seus cabellos pretos, finos,
A cabeça redondinha,
Sua testa bem formada,
Como é bella a sinházinha!

Seus olhos pardos e vivos,
Sua bocca bem feitinha,
Seu nariz bem afilado
Como é bella a sinházinha!

Seus bracinhos torneados,
Sua mão bem talhadinha,
De cintura muito airosa
Como é bella a sinházinha!

Brilha um sorriso em seus labios
Como brilha uma estrellinha;
É joven, é bello e meigo
O todo de sinházinha.

É um anjinho de amor,
É formosa e galantinha,
A natureza esmerou-se
No todo de sinházinha.

Não póde deixar de amar
Quem ouvir esta letrinha;
Que a natureza esmerou-se
No todo de sinházinha.

MODINHAS

COMO SE AMA A DEUS NO CÉO

Como se ama a Deus no céo
Te adorou minh'alma pura,
Mas tu desprezaste, ingrata,
Meus extremos de ternura.

Se desprezar tu podeste
Quem soube tanto adorar-te,
Não devo amar quem me odeia,
Devo tambem desprezar-te.

Porque se é crime o desprezo
Em paga d'uma affeição,
Tambem é loucura amar-se
Quem pratíca ingratidão.

Se desprezar tu podeste—etc.

QUEM SABE!?...

Tão longe de mim, distante,
Onde irá teu pensamento?
Quizera saber agora
Se esqueceste o juramento.

Quem sabe se tu és constante,
Se inda é meu teu pensamento?
Minh'alma toda devora
Da saudade agro tormento.

Vivendo de ti distante,
Ai, meu Deus, que amargo pranto!
Suspiros, angustias, dôres
São as vozes do meu canto.

Quem sabe — etc.

Quem sabe, pomba innocente,
Se tambem te corre o pranto!
Minha alma cheia de amores
Te entreguei já n'este canto.

Quem sabe — etc.

MARILIA, TEUS OLHOS TÃO TRISTES

Poesia de J. Verissimo da Silva, e musica de José Martins de Santa Rosa

Marilia, teus olhos tão tristes
Se volvem magoados p'ra mim;
Diviso o pezar derramado
Na face de neve e carmim.

Desejo saber o que opprime
Tua alma tão virgem, tão pura;
Marilia, tu soffres, mas eu
Tambem soffro horrivel tortura.

Afflige minh'alma sensivel,
Marilia, teu longo scismar;
O pranto rebenta em teus olhos,
Eu quero comtigo chorar.

Desejo saber—etc.

EU SONHEI QUE NOS MEUS BRAÇOS

Eu sonhei que nos meus braços
Dôcemente te apertava;
Nos teus labios, minha bella,
Toda inteira a vida achava.

Oh! que prazer tão celeste
Tivera n'esse sonhar!
Se tal sonho fôra eterno,
Quizera nunca acordar.

Antes fosse o sonho a vida
Que então teria prazer,
Pois acordado, só tenho
Um continuo padecer.

Oh! que prazer tão celeste—etc.

RECITATIVOS

PERFUMES D'ALMA

Mancebo, escuta o que eu vi no mundo,
Sentir profundo, soffrimento, dôres;
Risos de gelo, bem amargo pranto,
Lugubre canto em mausoléo de amores.

Amor não vi no fallar da virgem,
Nem na vertigem de voraz paixão;
Só vi enganos, mentirosos sonhos,
Echos medonhos de cruel traição!...

Pulsar não vi um coração sómente,
Nem ternamente murmurar amor!...
Só vi desprezo, a mentira impura,
A desventura no gemer da dôr.

Não vi um riso, nem um casto beijo,
Terno desejo de um coração amante;
Só os sorrisos de infernal traição,
A ingratidão a se ostentar constante.

O vicio eu vi — bem veloz correr,
E se perder no turbilhão das salas;
Eu vi corôas lá no chão tombadas,
E já manchadas da donzella as galas.

Pasmei ao vêr, no alcouce, ellas,
Mulheres bellas, a vender amor;
Vi suas faces com a côr da morte,
Pungente sorte que lhe deu a dôr.

Chorei ao vêr uma virgem linda,
De dôr infinda, praguejar, descrida!...
Vendo que era por seu pai mandada,
Era arrastada ao altar, vendida!

Amor não queiras, porque amor é morte,
Comêço forte de um gemer profundo;
Amor não queiras porque amor não ha,
Nem ella o dá a ninguem, no mundo!...

Verissimo José do Bomsuccesso Junior.

O ESTUDANTE

Hoje são quinze do meu mez de aulista,
Ando com a crista para o chão cahida;
Em os meus bolsos de estudante pobre
Dez reis em cobre já não tem guarida.

Aonde pára a infeliz mezada
A mim mandada pela mãi querida?
Talvez na bolsa de qualquer jurista
N'esta hora exista, bem e bem cosida.

Ai! ai! meu Deus, que existencia agra!
Parece praga sobre mim rogada!
Ando nas ruas qual Judeu-Errante,
Sujo, pingante, sem vintem—*sem nada.*

Escabriado qual um cão damnado,
É meu estado quando vou p'las ruas;
Porque s'encontro com credor audaz,
Elle é capaz de me fazer das *suas.*

Eu devo a casa onde moro ha um mez,
Ao meu freguez do *restaurante* devo,
Ao armarinho do José Manoel
Devo o papel que a sabbatina escrevo.

Do importuno alfaiate a conta
Creio já monta a bem puxados cobres;
Que quer que faça? oh que impertinentes!
Os meus parentes tambem são mui pobres...

Credito, foi-se! minha lavadeira,
A engommadeira, té meu sapateiro,
Por seus cobrinhos mui zangados clamam
E já me chamam de vil caloteiro.

Que amarga vida passa o estudante
Sempre oscillante nos desejos seus!
Passa tormentos que só elle sabe,
Pois só lhe cabe o furor de Deus!

Pois não! se adora a uma moça bella,
Votando a ella um amor eterno,
Ella depois de o mirar mui bem
Diz com desdem: É escolar! que inferno!

Inda não é tudo, o estudante estuda,
De côres muda, de cançado tomba;
Os seus exames vai fazer na escóla,
Por uma bola chupa ás vezes bomba.

Fica sem credito, perde o anno, a amante,
Dá em vagante — o que quer que faça?
Começa então a frequentar orgias,
E vai seus dias terminar na praça.

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

O CARANGUEJO

Caranguejo anda ao atá
Procurando a sua entrada,
Veio seu mestre titio
Fez dos c'ranguejos cambada.

Depois das cambadas feitas
Sahiu p'ra a rua a gritar:
—Chega, chega a freguezia!
Vai caranguejo, sinhá?

Moças pobres que vê chamam,
E vão logo a perguntar:
—Quanto custa os caranguejos?
—Meia pataca, sinhá!

—Mestre titio me diga
O seu nome como é?
—Sinhá, p'ra que quer saber?
Eu me chamo pai Manoé.

—Pois pai Manoel, vossê
Vai dar passeio ligeiro,
E quando vier de volta
Venha buscar seu dinheiro.

—Moça, leva os caranguejos
E deita-os a cozinhar,
Que mestre titio não tarda
O seu dinheiro buscar.

Basta, para castigar-te,
O tocar no que toquei;
O lembrar que estes carinhos
São restos que eu já deixei.

Pelo que gozas agora
Imagina o que gozei!
O que bebes tão sedento
São restos que eu já deixei.

A flôr, o fructo de amor,
Intactos n'elle encontrei;
Tudo o mais que dêr aos outros
São restos que eu já deixei.

RECITATIVOS

SONHA

Sonha, donzella, a mocidade é bella,
P'ra quem só teve desde o berço flôres;
A vida é triste para mim, coitado,
Que vivo cheio de cruentas dôres!

Sonha, não penses no cantor perdido,
Amante e crente do candôr dos lyrios;
Sonha, não queiras partilhar commigo,
Do mundo falso seus crueis martyrios.

Sonha, não olhes a impureza d'alma
De um poeta que te amou com ancia;

Atira ao fogo esses loucos cantos
De quem na orgia mareou a infancia.

Sonha, que os anjos sonharão comtigo,
A virgem pura guardará teus cantos;
Mas não maldigas n'esse sonho puro
A quem da lyra arrancou só prantos.

Sonha, não chores por me vêr perdido,
Louco, descrendo da cruenta sorte;
Não queiras vêr-me navegando afouto
Por sobre as vagas da tremenda morte.

Sonha, que o pobre chorará sósinho,
Sorvendo a taça d'amargosa lida;
E quando a morte me riscar do mundo,
Mesmo cadaver — te amarei, querida.

Sonha, não penses, é loucura a vida,
É falso e negro teu viver dourado;
Só não é falso o poema immenso
Que sobre a campa deixarei gravado!

J. M. Mancebo.

JOVITA

A bella, valente, guerreira *Jovita*
O pasmo hoje excita com seu proceder;
Quem é que diria que um peito tão fragil
Teria a coragem d'aquella mulher?!

Deixando a familia, deixando seus lares,
Da guerra os azares vai ella arrostar!
Não quer (que coragem!) servir d'enfermeira,
Quer, sim, ser guerreira p'ra *muitos* matar!

Jovita não teme pisar os espinhos
De horriveis caminhos co'a planta mimosa;
Não teme trocar esse clima do Norte
P'lo frio tão forte da plaga arenosa.

Que exemplo sublime! Que facto gigante
Se dá n'este instante no nosso Brazil!
O mundo hoje pasma, todo elle s'inclina,
Porque a mão divina nos guia o fuzil.

Permitte, heroina, que o bardo obscuro
Te augure um futuro risonho, feliz;
Que voltes da guerra coberta de gloria,
Que illustres a historia do nosso paiz.

Gregorio Christino da Silva.

LUNDÚ

A CASA MAL ASSOMBRADA

Vê-se a cidade abalada,
Todas as velhas rezando,
As criancinhas chorando,
E a policia agitada:
—A casa mal assombrada!—
Grita em côro a multidão;
É tão grande a confusão
Que a folhinha postergou-se,
E a Quaresma mostrou-se
Depois da Resurreição!

Mas vamos do caso ao fundo;
Diz, Quaresma, o que é isto?
É um caso nunca visto,
É um'alma do outro mundo,
Reina um mysterio profundo
N'esta misera casinha?
Porque mal chega a noitinha,
Logo um defunto brejeiro
Bate como um leiloeiro
Lá na porta da cozinha.

Um gato preto já vi
Que era tudo, menos gato;
Vi arrastar um sapato
Que eu não calcei nem buli;
Andando d'aqui p'ra alli
Encontrei uma tripeça,
Vi um caixão e uma eça,
Um gallo cacarejando,
E lá no quintal rinchando
Um cavallo sem cabeça.

Safa! o caso faz terror!
Estou com medo, não nego!
Uma alma que bate o prego
Contra ás ordens do inspector!?
Diz o tal martellador:
Como bate? e com que som?
Faz assim: tem, tam, tom, tom;
Esta agora é diabolica!
Com tal pancada symbolica,
Só se é alma de maçon.

Acode a policia ousada,
Dous pedestres com archote

Invadem arrostando a morte
A casa mal assombrada:
A tropa disciplinada
Divide-se em pelotões,
Ouve-se proclamações
D'esses modernos zuavos,
Firmes, intrepidos, bravos,
Molham comtudo os calções.

Porta, janella e telhado,
Sala, cozinha e quintal,
Tudo em bloqueio infernal
Ficou dous dias cercado.
O povo aterrorisado
De noite uma sombra viu,
As tres pancadas se ouviu,
Era a hora tão sinistra
Que o pedestre de mais crista
De cambalhotas cahiu.

Mas a visão 'stá filada,
A tal alma do outro mundo;
De immenso gosto profundo
Fica a cidade banhada...
A alma achou-se trepada
Em um velho paredão:
Era um bello, um maganão...
Por zombar dos assombrados
Foi pagar os seus peccados
Na casa da CORRECÇÃO...

FIM DO VOLUME I

INDICE

	Pag.
A ausencia	25
A borda do mar	128
A bruma	66
Acabou-se a minha crença	134
A capella da virgem	154
A casa mal assombrada	204
A clara	139
A corda sensivel	20
A côr morena	13
A côr morena	102
A descrente	107
A despedida	35
A despedida	88
A despedida	171
Adeus, lyra malfadada	142
Adeus, meu anjo	90
A flôr do meu culto	150
A flôr «Saudade»	122
Além de meus males	89
Á lua	81
Á lua	98
A marrequinha	23
Amor de mãi	101
Amor de mãj	157
Amor perfeito	33
A nebulosa	91
Anjo	54
Anjo do céo, tu me matas	151
Ao Paraguay	164
Ao sol	83
A pensativa	45
A saudade me flagella	64
As clarinhas e as moreninhas	59
A tristeza	129
A vida	56
A vida do frade	161
A vida e a morte	118
A virgem do meu amor	104
A virgem dos meus sonhos	54
Barca Bella	112
Bem te vi	111
Borboleta	14
Brazil, acorda!	17
Como se ama a Deus no céo	193
Comtigo só posso eu	113
Confissão e desengano	47
Dá-me um beijo	165
Dá-me um sorriso	26
Dá-me um sorriso	43
Deixei cabanas	173
Desalento	34
Despreza o mundo	184
Do Brazil a mulatinha	148
Dorme, dorme, ó morena	167
Elisa	146
Elvira	19
Enlevo	110
É peneira nos olhos que tem	86
Escuta, donzella	166
Escuta, virgem!	135
Espanta o grande progresso	67
Esperança morta	73
Estamos no seculo das luzes	75
Estes mocinhos d'agora	130
Eu amei uma inconstante	159
Eu já tive uma menina	48
Eu posso com mais alguem	123
Eu soffro angustias me suffocar	145
Eu sonhei que nos meus braços	195
Eu vi o anjo da morte	123
Eu vi-te, virgem	190
Fada de encantos	183
Feitiços da mulata	30
Flôres d'alma	126
Foi cruel o meu destino	149
Gemo na dura prisão	81
Imbernizate, engraxate, a la mode de Paris	40
Já não vive Délia	29
Já passei dias felizes	44
Jovita	203
Justos céos, como é possivel	188

	Pag.
Lagrimas da dôr	157
Lá no largo da Sé	114
Lembranças do nosso amor	62
Lembranças do nosso amor	70
Lilia bella, o triste pranto	169
Magoa e saudade	84
Marilia, escuta	97
Marilia, teus olhos tristes	194
Menina dos olhos negros	175
Menina vossê me diga	59
Menina, porque razão	172
Minh'alma é triste	79
Mulatinha do caroço	50
Não me amofine	186
Não posso com mais ninguem	32
Não sei que sinto	63
Nasce risonha a aurora	117
Nas horas que passo tão triste	95
N'estas praias de limpidas arêas	144
No semblante tens impresso	187
Nossa mãi	126
Novos ares, novos climas irei longe respirar	152
O amor perfeito	121
O artista	11
O banqueiro	93
O canto do cysne	7
O canto da virgem	37
O caranguejo	199
O cego	168
O descrido	125
O escravo	136
O estudante	197
O gondoleiro	39
Oh! que bom se eu morresse	200
Oh sorte minha cruel!	15
Olhar de virgem	46
O marujo	92
Os ciumes	174
Os olhos chorosos	155
Os olhos de Urania	147
Os mandamentos	188
O sonho	90
O teu amor, pura virgem	143
O todo de sinhásinha	191
O vago	99
Pensa e procede	73
Perdeu a flôr de meus dias	187

	Pag.
Perdôa	81
Perfumes d'alma	192
Ponto final	23
Por entre as trevas da noite	185
Porque me fitas?	28
Porque sou triste	133
Prazeres que eu não sonhava	144
Quando eu era criancinha	156
Quando no tumulo	106
Quanto és bella!	70
Quem sabe!?	193
Que noites qu'eu passo aqui no rochedo	180
Que queres mais?	105
Quero fugir-te	170
Recordação	127
Remorsos	3
Retem nos labios ingratos	17
Riso e morte	[illegible]
Rola	17
Roseas flôres d'alvorada	96
Rosto d'anjo	16
Saudade	108
São ciumes de uma ingrata	25
São restos que eu já deixei	201
Se a esperança já não tenho	117
Se disfarço quanto sinto	132
Se és anjo no gesto e belleza	95
Se eu fôra da noite o astro formoso	53
Segredo	152
Siciliana	116
Sinhô Juca	177
Sonha	202
Sonho de virgem	116
Supplica	71
Teu dôce amor	10
Trovador	41
Trovador	51
Trovador	61
Um namorado da época	160
Uma chaga me abriste no peito	124
Vem, donzella, na hora extrema	87
Venus	119
Virgem santa	115
Vivendo de ti distante	80
Yáyázinha vossê mesmo	141

A douda do Candal. — Doze casamentos felizes. — Duas horas de leitura. — Engeitada. — O esqueleto. — Estrellas funestas. — Estrellas propicias. — Fanny. — A filha do arcediago. — A filha do doutor negro. — A filha do regicida. — O demonio do ouro. 2 v. — A freira no subterraneo. — Judeu. 2 v — Lagrimas abençoadas. — O livro negro do padre Diniz. — Livro de consolação. — Lucta de gigantes. — Memorias do carcere. 2 v. — Memorias de Guilherme do Amaral. — Memorias de fr. João de S. J. Queiroz. — Mysterios de Lisboa. 2 v. — O mosaico. — A neta do arcediago. — No Bom Jesus do Monte. — Noites de insomnia, publicação mensal. 12 vol. — Noites de Lamego. — Aonde está a felicidade? — O olho de vidro. — O que fazem mulheres. — Quatro horas innocentes. — A queda de um anjo. — O Regicida. 1 v. — Romance de um homem rico. — Romance de um rapaz pobre. — O retrato de Ricardina. — O sangue. — — Scenas contemporaneas. — — Scenas da Foz. — Scenas innocentes da comedia humana. — O senhor do paço de Ninães. — A serêa. — O santo da montanha. — As tres irmãs. — A mulher fatal. — Um homem de brios. — Vingança. — Vinte horas de liteira. — Virtudes antigas.

Obras diversas do mesmo author — Divindade de Jesus. — Horas de paz. — Os martyres. 2 v. tr. — O genio do christianismo. 2 v. trad. — A immortalidade, a morte e a vida, trad. — Jesus Christo perante o seculo, trad. — Apreciações litterarias. — O mundo elegante, collecção de romances, poesias, musicas e estampas. — Vaidades irritadas e irritantes. — D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, biographia. — A espada de Alexandre.

Dramas do mesmo — Abençoadas lagrimas. — Como os anjos se vingam. — O condemnado. — Espinhos e flôres. — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres Novas. — Justiça. — O morgado de Fafe em Lisboa. — O morgado de Fafe amoroso. — Poesia ou dinheiro? — Purgatorio e paraiso. — O ultimo acto.

Mendes Leal — Os primeiros amores de Bocage, comedia. — Canticos, poesias. — Os mosqueteiros d'Africa. 1 v. — Infaustas aventuras de mestre Marçal Estouro, victima de uma paixão. 1 vol. — O pavilhão negro, poemeto. — Os bandeirantes (chronica do ultramar). 3 v. — O calabar, historia brazileira. 4. v. — Guerra do Nizam, trad. — A afilhada do barão, comedia. — Pedro, drama. — Pobreza envergonhada, drama. — Egas Moniz, drama. — A pobre das ruinas ou o corsario vermelho, drama e outros.

Julio Diniz — A morgadinha dos cannaviaes, chronica da aldêa. 2 v.

Almeida Garret — Viagens na minha terra. 2 v. — Arco de Sant'Anna. 2 v. — Flôres sem fructo; Lyrica, poesias. — Fabulas, folhas cahidas. — D. Branca, poema. — Romanceiro. 3 v. — Camões, poema. — Catão, tragedia. — Merope e Gil Vicente. — Frei Luiz de Sousa. — D. Philippa de Vilhena. — Sobrinha do marquez. — O Alfageme de Santarem. — Tratado de educação. — Portugal na balança da Europa. — O retrato de Venus. — Discursos parlamentares. 1 v. — Helena, romance. 1 v.

Conselheiro Bastos — Collecção de pensamentos, maximas e proverbios. 2 v. — O medico do deserto. — A virgem da Polonia. — Dous artistas, ou Albano e Virginia. — Meditações ou discursos religiosos. 1 v.

Castilho — Noites do castello, os

ciaes do bardo. — Quadros historicos de Portugal. 1 v. com estampas. — Tratado de metrifica ao portugueza. — O outono, collecção de poesias. — Cartas de Echo e Narciso. — Tratado de mnemonica. — A primavera. — Escavações poeticas. — As Georgicas de Virgilio, trad. — O avarento, trad. — O medico á força. — Tartufo. — As metamorphoses de Ovidio. 1 v. — Amor e melancolia. — Canções 3 v. — As sabichonas, trad. — Methodo portuguez-castelho. — Os amores de Ovidio, trad. — A lyra de Anacheronte, trad. — O Fausto, trad. — O Misantropo. — Oratorio — Em Paris. — Historias côr de rosa. — Mysterios de estrada de Cintra. — As Parcas, collecção completa. — Hygiene da alma, trad.

Padre Theodoro d'Almeida — O feliz infortunado do mundo e da fortuna. 2 v. com estampas. — Recreação philosophica. 10 v. — Cartas physico-mathematicas. 3 v.

Padre Antonio Vieira — Obras. 27 v. sendo: Sermões. — Cartas. — Historia do futuro. — Arte de furtar. — Obras varias. — Obras inditas e a vida do padre Antonio Vieira.

Padre José A. de Macedo — Motim literario. 1 v. — A besta esfolada. 1 v. — Cartas. 4 v. — O desengano, periodico politico, e moral. — O observador portuguez. 4 v. — Os barros, poema. — Oriente, poema. — A meditação, poema. — A natureza, poema. — A viagem extatica ao templo da Sabedoria, poema. — Newton, poema. — A verdade, ou pensamentos philosophicos sobre os objectos mais importantes á religião, e ao estado. 1 v. — Censura dos Lusiadas. 2 v. — O segredo revelado ou manifestação do systema dos pedreiros livres e illuminados, e sua influencia na fatal revolução franceza. 5 v. — O homem ou os limites da razão. — Cartas philosophicas a Attico. 1 v. — Refutação dos principios metaphysicos, e moraes dos pedreiros livres illuminados. 1 v. — Cartas a frei Pedro A. Cavroé, e outros folhetos. 1 v. — Os sebastianistas, refutação á mesma obra pelos redactores do Correio da Peninsula. 2 v. — O novo argonauta, poema.

A. Pimentel — Esboços e episodios. 1 v. — Contos ao correr da pena. — Idyllios á beira d'agua. 1 v. — O testamento de sangue. — O anel mysterioso. — A porta do paraiso. — Do portal á claraboia. — Peregrinações na aldea. — O livro das lagrimas. — O livro das flôres. — Mysterios da minha rua. — Nervosos, lymphaticos e sanguineos. — Entre o café e o cognac. — A virtude de Rosina, trad. — O degredado, trad. — Memorial de familia, trad. — O descobrimento do Brazil, romance.

Os burlanzos de Paris, por Paulo de Bocage. 3 v.

Frei Luiz de Sousa — Historia de S. Domingos. 6 v. — Vida de D. frei Bartholomeu dos Martyres. 2 v. — Annaes de el-rei D. João III. 1 v. — Vida de Henrique de Sousa. 1 v.

Leoni — O genio da lingua portugueza. 2 v. — Estudo sobre os Lusiadas. 1 v. — Lições elementares de poetica. 1 v. — Lições elementares de rhetorica. 1 v.

Urcullu — Tratado elementar de geographia astronomica, physica, historica e politica, antiga e moderna. 3 v. — O catecismo da doutrina christã explicado ou explicações do *Catecismo de Astete*.

Porto 1876 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME II

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

A Arrependida, romance por J. A. d'Ornellas.

S. Pereira — Horas do campo. 1 vol.

Estacio da Veiga — Romanceiro do Algarve. 1 v.

Dr. T ro F. d'Almeida — O Brazil e a Inglaterra, ou o trafico dos africanos. 1 v.

A. Bast — M ravilhas do genio do homem. 2 v. — A corteza de Paris.

Janet — A familia.

Freire de Carvalho — Ensaios sobre a historia litteraria de Portuga . 1 v. — Reflexões sobre a lingua portugueza. 1 v.

Motta — Quadros da historia portugueza. 1 v.

B. Pinheiro — Arzilla. — Sombras e Luz. — Amores d'um visionario, romance historico. 2 v.

Isbella por Fernandes da Rocha.

Andrade Ferreira — Tradições e phantasias. 1 v. — A familia do jesuita. 1 v. — Ultimos momentos de D. Pedro v. — Litteratura, musica e bellas-artes. 2 v.

Mosqueira — A marqueza de Camba. 2 v.

O. F cillet — Historia da Sibylla, 1 v. — A condessinha de flôres. — Flôr de liz. 5 v. — Romance de um rapaz pobre. — O conde de Camour. 2 v. — Julia de Trecœur. 1 v.

Augusto e Olympia, por F. da Rocha. 2.ª edição.

W. d'Izco — Maria, ou a filha de um jornaleiro. 7 v. — A marqueza de Bella-flôr. 8 v. — Pobres e ricos, ou a bruxa de Madrid. 9 v.

Teresserra — Os hypocritas. 9 v. — A J dia Ecrante. 10 v.

Fernandez y Gonzalez — D. João Tenorio. 2 v. com est. — O rei maldito. 5 v. com est. — Casada e virgem. 2 v. — Lucrecia Borgia. — Memorias de Satanaz. 2 v.

Luiz Parréne — A inquisição e o rei. 2 v. com est. — A inquisição do rei e o Novo Mundo. 3 v. com est.

Dias Mora — Florinda, ou o palacio encantado. 2 v. com est. — Pelayo, ou o restaurador de Hespanha. 2 v. com est.

Tarrago y Mateos — Odio de Bourbons, memorias escriptas com sangue. 3 v. com est. — Tempestades da vida. 2 v. com est. — Os ciumes de uma rainha. 9 vol.

Iliada de Homero, trad. de M. Odorico Mendes.

Paulo Feval — Os companheiros do silencio. 4 v. — A loba. 3 v. — As duas mulheres do rei. 1 v. — As filhas dos reis. 1 v. — Saldo de contas. 1 v. — João Diabo. 4 v. — O lobo branco. 1 v. — Os valentões d'el-rei. 1 v. O filho do diabo. 1 v. — Um drama da regencia. 1 v. — O rei dos mendigos. 4 v. — A duqueza de Namour. 2 v. — A cruz da espada, ou o emigrado. 1 v. — A creoula. 1 v. — O jogo da morte. 6 v. — O matador de tigres. 2 v. — A peccadora. 1 v. — Floresta de Rennes ou o lobo branco. 1 v. — O voluntario. 1 v. — A torre do diabo. 1 v. — A fada dos Arcaes. 1 v. — A fonte das Perolas. 1 v. — Os casacas pretas. 1 v. — O paraiso das mulheres. 2 v. — O corcunda. 6 v.

Luiz d'Araujo — Contos e historias. 1 v. — Cousas portuguezas. 1 v. — Novo almocreve das petas, livro alegre e folgazão, no gosto do antigo *Almocreve das petas*. 2 v.

TROVADOR

5

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

Camillo C. Branco — Doze casamentos felizes. — Duas horas de leitura. — A Engeitada. — O esqueleto. — Estrellas funestas. — Estrellas propicias. — Fanny. — A filha do arcediago. — A filha do doutor negro. — A filha do regicida. — O demonio do ouro. 2 v. — A freira no subterraneo. — Judeu. 2 v. — Lagrimas abençoadas. — O livro negro do padre Diniz. — Livro de consolação. — Lucta de gigantes. — Memorias do carcere. 2 v. — Memorias de Guilherme do Amaral. — Memorias de fr. João de S. J. Queiroz. — Mysterios de Lisboa. 2 v. — O mosaico. — A neta do arcediago. — No Bom Jesus do Monte. — Noites de insomnia, publicação mensal. 12 vol. — Noites de Lamego. — Aonde está a felicidade? — O olho de vidro. — O que fazem mulheres. — Quatro horas innocentes. — A queda de um anjo. — O Regicida. 1 v. — Romance de um homem rico. — Romance de um rapaz pobre. — O retrato de Ricardina. — O sangue. — — Scenas contemporaneas. — — Scenas da Foz. — Scenas innocentes da comedia humana. — O senhor do paço de Ninães. — A serêa. — O santo da montanha. — As tres irmãs. — A mulher fatal. — Um homem de brios. — Vingança. — Vinte horas de liteira. — Virtudes antigas. — A douda do Candal.

Obras diversas do mesmo author — Divindade de Jesus. — Horas de paz. — Os martyres. 2 v. tr. — O genio do christianismo. 2 v. trad. — A immortalidade, a morte e a vida, trad. — Jesus Christo perante o seculo, trad. — Apreciações litterarias. — O mundo elegante, collecção de romances, poesias, musicas e estampas. — Vaidades irritadas e irritantes. — D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, biographia. — A espada de Alexandre.

Dramas do mesmo — Abençoadas lagrimas. — Como os anjos se vingam. — O condemnado. — Espinhos e flôres. — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres Novas. — Justiça. — O morgado de Fafe em Lisboa. — O morgado de Fafe amoroso. — Poesia ou dinheiro? — Purgatorio e paraiso. — O ultimo acto.

Mendes Leal — Os primeiros amores de Bocage, comedia. — Canticos, poesias. — Os mosqueteiros d'Africa. 1 v. — Infaustas aventuras de mestre Marçal Estouro, victima de uma paixão. 1 vol. — O pavilhão negro, poemeto. — Os bandeirantes (chronica do ultramar). 3 v. — O calabar, historia brazileira. 4. v. — Guerra do Nizam, trad. — A afilhada do barão, comedia. — Pedro, drama. — Pobreza envergonhada, drama. — Egas Moniz, drama. — A pobre das ruinas ou o corsario vermelho, drama e outros.

Julio Diniz — A morgadinha dos cannaviaes, chronica da aldêa. 2 v.

Almeida Garret — Viagens na minha terra. 2 v. — Arco de Sant'Anna. 2 v. — Flôres sem fructo; Lyrica, poesias. — Fabulas, folhas cahidas. — D. Branca, poema. — Romanceiro. 3 v. — Camões, poema. — Catão, tragedia. — Merope e Gil Vicente. — Frei Luiz de Sousa. — D. Philippa de Vilhena. — Sobrinha do marquez. — O Alfageme de Santarem. — Tratado de educação.

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME II

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1876

TROVADOR

MODINHAS

QUANDO TUDO ME ABANDONA

Quando tudo me abandona,
Quando vou deixar a vida,
Ouve ao menos, por piedade,
Minha triste despedida.

Adeus, Felina,
Tão negra sorte
O anjo da morte
Vem terminar.

E vai sumir-se
Na campa fria,
Quem só vivia
P'ra te adorar.

DE TI BEM LONGE

Poesia de J. A. Barros, e musica do mesmo

De ti bem longe,
Meu dôce encanto,
Sinto minh'alma
Envolta em pranto.

Meu Deus, que dôres,
Que febre ardente
Me abraza o peito,
Me faz demente!

Adeus, meu anjo,
Morro te amando,
No pensamento
Só te abraçando.

Teima constante
N'um pobre louco,
Que os teus amores
Gozou tão pouco.

ESTRIBILHO

Ai, que não posso
Nos braços teus
N'esta hora extrema
Dizer-te—adeus!

O DESTINO

Quer o fado que te adore,
Que por ti viva a soffrer!
Cumprirei o meu destino,
Hei-de amar-te até morrer.

Tu és um anjo
Sempre lembrado,
Em qualquer tempo
Sempre adorado.

És meu bem, és minha vida,
Meu thesouro, meu prazer;
Eu jurei-te ser constante,
Hei-de amar-te até morrer.

Tu és um anjo — etc.

Desdenhosa — se tu folgas
Com meu triste padecer,
Não importa, bella Marcia,
Hei-de amar-te até morrer.

Tu és um anjo — etc.

COM AS LAGRIMAS NOS OLHOS

Com as lagrimas nos olhos,
Com a dôr no coração,
Vou soltar da pobre lyra
A minha triste canção;
É singela e tão sentida
Como os ais na solidão,
Mas ardente e abrazada
Como a dôr no coração.

Dentro d'alma foi nascida,
Foi a dôr que m'a inspirou,
Foi a férvida saudade
Que no meu peito a gerou;
Foi a benção derradeira
Que minha mãi me lançou,
Foi a dôr, a dôr immensa
Que este meu peito inspirou.

Minha mãi! primeiro nome
Que a sorrir balbuciei;
Minha mãi — dôce harmonia
Que jámais olvidarei;
Espero na santa crença
Que no peito alimentei,
Tal nome levar a Deus
Que a sorrir balbuciei.

Minha mãi e dôce amiga,
Meu primeiro e santo amor,
Para mim foste na vida
Qual um anjo do Senhor;

Quantas vezes em teu peito
Escondias tua dôr!
Mãi! oh! mãi! Tu foste sempre
Meu primeiro e santo amor.

Sempre meiga e carinhosa
Vi o teu pranto correr,
— Dôce pranto que soltavas
Á voz do meu padecer;
Como mãi só tu podias
Minhas magoas comprehender,
E mil vezes com meu pranto
Vi o teu pranto correr.

Amor de mãi, puro e santo,
Ai de mim, já o perdi,
Tão ardente, tão sagrado,
Nunca, nunca conheci;
Ha muito amor n'esta vida,
Mas tão puro, nunca vi;
O amor de mãi conheço
Depois que o d'ella perdi.

Eu a perdi, — só no mundo,
Ao desamparo fiquei;
Foram lagrimas de sangue
Lagrimas que então chorei;
De joelhos, junto á campa,
Minha mãi por ti chamei,
Mas debalde... não me ouvias,
Ao desamparo fiquei.

RECITATIVO

PERDÃO

Perdôa, virgem, se inflammei-te o pejo
Dando-te um beijo na virginea face,
Foi um instante de loucura ardente
Que pela mente me passou fugace...

Perdôa, virgem, se n'um dôce enleio
Beijei-te o seio a palpitar de amor,
Eu não sabia que esse beijo santo
Podesse tanto enrubecer-te a côr...

Perdôa, virgem, se no meu delirio,
Mimoso lyrio, te beijei então;
Vi que fugiste vergonhosa, esquiva,
Qual sensitiva no tocar-se a mão.

Perdôa, virgem, se no teu regaço,
N'um terno abraço desmaei por fim;
Pois bem me viste nos teus pés cahido,
Louco, perdido, sem saber de mim...

Perdôa, ó virgem, se de amor captivo,
Fui-te expressivo o coração mostrar...
Sou criminoso por te haver beijado,
Eis-me prostrado... vem perdão me dar...

Perdão te peço, pois n'aquelle instante
Febre inflammante me abrazar senti!...
Enlouquecido por te vêr corando,
Fui desmaiando, e nos teus pés cahi...

Perdôa, ó virgem, que de dó careço...
Pequei, conheço; não me culpes, não...
Já estou punido, já conheço o crime...
Arrependi-me... por quem és, perdão.

C. Sarafim Alves.

LUNDÚ

AGRADOS DE NHÂ-CHIQUINHA

Ha-de haver grande parada
Com toda a tropa de linha,
Sómente p'ra todos verem
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Tem mais valor, são mais dôces
Que a mais dôce bolachinha,
São feitos de arroz de leite
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Valem mais que um bom presunto,
Mais do que um queijo de pinha;

São bons pasteis, são de nata,
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Servem elles muitas vezes
De tempero na cozinha;
Bebidos, tambem refrescam
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Cruel fado enganador
Poz-me no peito uma espinha,
Fazendo que eu não desfrute
Agrados de nhâ-Chiquinha.

'Stou pateta, 'stou perdido;
Vou chorar na camarinha:
No peito me fazem cócegas
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Não quero saber de primas,
Nem de outra camaradinha;
Quero gozar tão sómente
Agrados de nhâ-Chiquinha.

F. Paula Braga.

MODINHAS

RÔXA SAUDADE

Rôxa saudade,
Mimosa flôr,
És o emblema
Do meu amor.

Tu não conheces
O que é paixão,
Nem os martyrios
Da ingratidão.

Teu viver triste
É apparente;
O meu é copia
Do que alma sente.

Finges viver
Tal como eu vivo,
Tu és isenta,
Eu sou captivo.

Cada folhinha
Que em ti se encerra,
Move em meu peito
Cruenta guerra.

Eu trago sempre
Alegre o rosto,
Mas tenho n'alma
Cruel desgosto.

Adeus, saudade,
Mimosa flôr,
Deus te conserve
Livre de amor.

Eu já não peço
Aos céos — ventura,
Peço o descanço
Da sepultura.

ACEITA, Ó LUCINDA

Aceita, ó Lucinda,
Rosinha tão linda,
Que orvalha-se ainda
De meigo frescor.
Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida, mimosa,
No valle de amor.

Tem terna lindeza,
Tem dôce belleza,
Do valle a princeza,
Rainha das flôres:

Toda ella é perfume,
Não nutre ciume,
Pois tudo presume
Ser deusa de amores.

No valle, vistoso,
Mui lindo e formoso,
Surgiu gracioso
Da rosa o botão;
Depois foi abrindo,
Perfume espargindo,
Mas sempre sorrindo
Com dôce affeição.

Não vês, ó donzella,
Sorrindo-se — ella,
Tão pura e tão bella
No seu desabrír?
Tu és mais formosa,
Teus labios, mimosa,
Só sabem á rosa
De affecto — sorrir.

Tu és muito linda,
Formosa Lucinda,
Qual rosa que ainda
Desabre o botão;
És casta e formosa,
Qual flôr amorosa
Que vive saudosa
Na casta isenção.

Aceita, ó lindinha,
A linda rosinha,

Gentil, galantinha,
Do seio das flôres;
Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida, mimosa,
No valle de amores.

O ESPECTRO

Espectro horrivel que surges
Junto á minha cabeceira!
Tua voz brada meu crime,
Tenho horror d'esta caveira.

Com este punhal
Que apertas, convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge meu pulso.

Foge, espectro! — este tormento
Que os do inferno inda é mais forte...
Sobre meu rosto diviso
Este teu bafo de morte.

Com este punhal
Que apertas, convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge meu pulso.

Ergue o pulso, e teu punhal
Buido enterra n'este peito!
Ai! mais forte, espectro, calca,
Tinge de sangue meu leito.

Com este punhal
Que apertas, tão forte,
Se a morte te dei
De ti quero a morte.

Eil-o... alli... com o mesmo ferro;
Que terror! oh! que tortura!
Cavando junto a meu leito,
Vai-me abrindo a sepultura.

Oh! sombra, piedade,
Não calques assim,
Eu dei-te um só golpe,
Tu mil sobre mim.

Sumiu-se... mas inda escuto
Seus gemidos — que afflicção!
E esta mancha de sangue
Não se apaga — oh! maldição!...

Espectro, descança,
Que ao triste homicida
As dôres do inferno
Começam na vida.

RECITATIVOS

A VIRGEM MORENA

Quizera, virgem, n'esta terna hora
Que a dôr minora os tormentos meus,

Pulsando a lyra, descantar contente,
Mui dôcemente, os encantos teus.

Morena, amo-te com fervor tão forte,
Que perco o norte só pensando em ti;
Teus attractivos me enfeitiçam tanto,
Que verto pranto que jámais verti.

Amo-te muito, occultar não devo,
Mas não me atrevo meu soffrer dizer;
Sinto no peito tão ardente chamma
Que me inflamma — sem allivio ter.

Quizera mesmo, sem pensar na vida,
Tão fementida, elevar-te um dia;
Porém debalde, desafina a lyra,
E nem me inspira a dôce poesia!...

DONZELLA

Donzella bella que a terra encerra,
Qual anjo archanjo, eu sonhei, amei;
Só cria e via no profundo mundo,
Amores, flôres que eu não gozei.

A esperança mansa que me viu, fugiu,
Deixando, dando por amores, dôres;
O vento lento que acalma a alma,
Quebrou, pisou as tenrinhas flôres.

Risonhos sonhos de innocente, crente,
Profundo o mundo não o cria e via,
Da desgraça a taça nos amargos tragos,
Consiste, existe o que não previa.

Foi tanto o pranto, que enlutou, matou,
Immensas crenças do meu eito peito,
Descrida vida, que inflamma a chamma
No peito a eito de soffrer desfeito.

A immensa crença do passado amado
Findou, deixou só por sim, um ai...
Da campa a tampa se desprende, fende,
Da morte o córte já ferindo vai.

LUNDÚ

O TESTAMENTO

Nada de graças, nada de dicterios,
Que eu vou tratar de negocios muito serios:

As mocinhas do tom quando eu morrer,
Passarão cinco dias sem comer.

Pois um morto que causa tanta magua
Requer um jejum de pão e agua.

Não quero meu corpo puxado por cavallos,
E nem se ouçam dos sinos os badalos.

Cincoenta velhas bem feias e carecas
Atraz irão a tocar suas rabecas.

Outras tantas sem geito — desdentadas
Irão dançando as suas galopadas.

Muitas outras, formadas em piquetes,
Irão tambem atacando seus foguetes.

Trinta moças bonitas e gorduchas
Irão dançando suas valsas e cachuchas.

Outras tantas vestidas de touquim
Tocarão do outro lado seu flautim.

Quatro donzellas que façam bem *crochet*
Irão cantando o meu *Libera-mé*.

Um velho calvo — que seja bem pansudo
Irá na frente soprando em um canudo.

O meu caixão irá escancarado
Para ser visto pelo sexo amado.

Levarei lindas palmas e capellas
Offerecidas por velhas e donzellas.

Irei de botas — em fralda de camisa,
Pois um defunto de luxo não precisa.

Quando á porta eu chegar do cemiterio
Tudo se cale e fique muito serio.

Hão-de todos pegar no meu caixão
P'ra meu corpo lançar no frio chão.

Quarenta velhas que sejam bem velhinhas
Cantarão na minha cova as ladainhas.

E quando o padre me estiver encommendando
As moças todas devem 'star sempre chorando.

Quando acabar e disser — *Amen Jesus*,
Hão-de todos fazer — *signal da cruz*.

E quando se pozer a capa rôxa,
Cada moça pegará na sua tocha.

Em torno á cova dançarão a galoppada
Até que a terra fique bem socada.

Pois eu não sei para que se dizer deve
A um morto — *A terra lhe seja leve.*

MODINHAS

ARVOREDO, TU JÁ VISTE

Arvovedo, tu já viste
A minha Jonia mimosa,
Vir-se mostrar saudosa
Com seu rosto encantador.

Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr.

Jonia ás vezes me dizia
Com amante singeleza:
—Aonio, tem a certeza
Que eu te amo com ardor.

Mudam-se os tempos
D'esta ventura,
Jonia, perjura,
Não tem-me amor.

QUANDO EU MORRER...

Quando eu morrer ninguem chore minha morte,
Esqueçam meu cadaver em seu leito;
Mas levem-na bem triste, as tranças soltas,
E deixem-na chorar sobre o meu peito.

Nada mais quero do que um cyrio acceso;
Ninguem junto a meu leito de finado;
Só ella a soluçar, pallida e louca,
Reclinada em meu peito enregelado.

Consolem minha mãi—que talvez morra,
Afastem-na de tudo quanto amei;
Pela rua onde passar o meu enterro
Não lhe mostrem o retrato que lhe dei.

A meu pai nunca fallem em meu nome,
Deixem-no mudo, combater a sua dôr;
Mas se o virem chorar, oh! não lhe fallem,
Respeitem—que me tinha muito amor.

E tranquillo, meu Deus, a vós entrego
A fragil vida de minha casta irmã;
Candida flôr—que o pranto da saudade
Será orvalho que não tem manhã.

Nada mais quero;—e que ninguem chore.
Esqueçam meu cadaver em seu leito;
Mas levem-na bem triste, as tranças soltas,
E deixem-na chorar sobre meu peito.

ACABA DE ASSASSINAR-ME

Acaba de assassinar-me,
Satisfaz tua maldade:
Dei-te metade da vida,
Tira, pois, outra metade.

Quando cadaver
Já fôr mudo e frio,
Atira-o ao rio
Que geme a teus pés;
Dá-lhe um sorriso
D'amor, expressiva,
Finge-te compassiva
De mim — uma vez.

Dava-te o meu coração
Se o podesse arrancar;
Arrancando-o sei que morro,
Morto não posso te amar.

Quando cadaver
Já fôr mudo e frio,
Atira-o ao rio
Que geme a teus pés;
Dá-lhe um sorriso
D'amor, expressiva,
Finge-te compassiva
De mim — uma vez.

MEIA NOITE, HORA TERRIVEL

Meia noite, hora terrivel,
Silencio reina profundo,
Só eu vivo n'este mundo
Meditando no amor,
Que por ser tão desditoso
Me fará morrer de dôr.

A lua lá vem surgindo,
Tão bella como uma rosa;
Bella lua, tão mimosa,
Mais augmentas meu amor,
Que por ser tão desditoso
Me fará morrer de dôr.

Mas, ingrata, me não ama,
Porque sou mui desgraçado,
Porque sinto apaixonado
Por ella — sómente amor,
Que por ser tão desditoso
Me fará morrer de dôr.

RECITATIVOS

A MINHA IRMÃ

Se eu fôsse do céo archanjo mimoso,
Que lyra divina fizesse vibrar,
Em sons maviosos, irmã, eu quizera
Hoje, contente, teus annos cantar.

Se eu fosse do prado mui bella florinha,
De aroma suave e galante côr;
Quizera vaidosa ornar teus cabellos,
E n'elles murchar—perder meu odor.

Se thesouros immensos no mundo eu tivesse
Que mil ricas prendas podesse offertar,
Quizera vêr-te hoje de joias cercada,
Riquezas sem conta far-te-hia gozar.

Mas archanjo não sou, nem bella florinha,
Thesouros não tenho que possa offertar-te,
Só posso mostrar-te em meu pobre canto
A amizade mais pura que sei consagrar-te.

Rio, 28 de agosto.

Candida Isabel de Pinho Cotrim.

NÃO SEI, MAS SEI

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Não sei fallar-te n'um fallar de amores,
Nem sei expôr-te o anhelar do peito;
Mas sei mostrar-te meus laureis de gloria,
Sei que aos teus rogos viverei sujeito.

Não sei se a sorte mudará meu fado,
Nem sei se a vida me será risonha;

Mas sei que embora do porvir descreia
Minh'alma é linda se comtigo sonha.

Não sei se a briza me trará perfumes,
Nem sei se a lua do meu céo não dista;
Mas sei que aurora para mim desponta
Quando minh'alma teu semblante avista.

Não sei se ha flôres no existir de infante,
Nem sei se ha fructos na estação de amores;
Mas sei que existem sobre um chão d'espinhos
Meus cinco lustros de continuas dôres.

Não sei se ha risos quando um peito soffre,
Nem sei se ha prantos quando amor se goza;
Mas sei que ás vezes, de prazer vestido,
Meu peito o luto sem querer desposa.

Não sei dizer-te o que tenho n'alma,
Nem sei contar-te, quanto soffro e sinto;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

F. Leitão.

LUNDÚ

PAI JOÃO

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,

Chega na tera dim baranco,
Iô mi chama — Pai João.

Quando iô tava na minha tera
Comia minha garinha,
Chega na tera dim baranco,
Cáne sêca co farinha.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava generá,
Chega na tera dim baranco
Pega o cêto vai ganhá.

Dizofôro dim baranco
Nô si póri aturá,
Tá comendo, tá... drumindo,
Manda negro trabaiá.

Baranco — dize quando mêre
Jezuchrisso que levou,
E o pretinho quando móre
Foi cachaxa que matou.

Quando baranco vai na venda
Logo dizi tá 'squentáro,
Nosso preto vai na venda,
Acha copo, tá viráro.

Baranco dizi — preto fruta,
Preto fruta co rezão,
Sinhô baranco tambem fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha,
Fruta saceo de fuijão,

Sinhô baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na correcção,
Sinhô baranco quando fruta
Logo sai sinhô barão.

MODINHAS

GRATO MYSTERIO

Grato mysterio
Que est'alma sente,
Vida de amores
Que a ti me prende.

Se os meus prazeres
Não desfallecem,
Os meus gemidos
Não emmudecem.

Se dos jardins
Vejo o primor,
Tu és das flôres
A melhor flôr.

Se os astros veja
No teu semblante,

Lançam teus olhos
Luz mais brilhante.

Esgota o mundo
Os dotes seus,
Todos — no dia
Dos annos teus.

Não queima o frio,
O sol não arde,
É pomo de ouro
Nas mãos da tarde.

Oh! nympha bella,
Em toda a era
Sejam teus dias
De primavera.

Um anjo sejas
Pela ventura,
Como és um anjo
De formosura.

NO VERDOR DOS TEUS ANNOS

No verdor dos teus annos — amei-te,
Pequenina tu eras então;
Innocente, formosa, tão linda,
Como é lindo da rosa o botão.

Mas cresceste, e comtigo tambem
Da riqueza a vil ambição;
Esquecendo as juras tão santas,
Só me déste rigor e traição.

Mas permitta este Deus que nos ouve,
Testemunha do meu padecer,
Que feliz um só dia não sejas,
Que o hymeneu não te traga prazer.

Este homem por quem me abandonas,
E que o amor não te sabe entender,
Que te vote o mais fero desprezo,
Que de pena te faça morrer.

TENHO SORRISO NOS LABIOS

Tenho sorriso nos labios
E a dôr no coração,
Minh'alma hoje padece
A mais intensa paixão.

Soffrer eu já não posso
Esta mão tão homicida;
Se teu prazer é este,
Tira-me a triste vida.

Quando o céo em recompensa
Minha innocencia mostrar,
Saberás então morrer,
Sabendo tambem amar.

Soffrer eu já não posso — etc.

Percorrendo esses lares,
Entre sepulchros volvendo
Acharás o nome escripto
De quem por ti viveu soffrendo.

Soffrer eu já não posso — etc.

O pranto que eu hoje verto
É qual tributo de amor;
Só terão fim minhas lagrimas
Quando cessar minha dôr.

Soffrer eu já não posso — etc.

AVELINA

Para ser cantada pela musica da modinha — *Mal te vi eu te amei*

Teu semblante gentil, seductor,
De teus olhos o terno brilhar,
Nas cadêas me prende de amor,
Não mais posso senão te adorar.

Vem, ó bella, das bellas rainha,
Vem, ó flôr de celeste jardim;
Vem, formosa e gentil moreninha,
Dar-me vida ou matar-me, vem... sim.

Morrerei se desprezas a chamma
Que arde dentro de meu coração;
Morrerei se a paixão que me inflamma
Não merece de ti compaixão.

Vem, ó bella, das bellas rainha — etc.

Morrerei se com ar desdenhoso
Os teus olhos fitares em mim;
Morrerei se do peito amoroso
Desprezares meus cantos sem fim.

Vem, ó bella, das bellas rainha — etc.

Mas se aceitas o amor terno e puro
Que te vota o meu peito, Avelina!
Dá-me um — sim — de teus labios, e juro
Que adorar-te será minha sina...

Vem, ó bella, das bellas rainha — etc.

Ignacio.

RECITATIVOS

QUIQUITA

Quizera dizer-te que dura e pungente
Saudade inclemente meu peito trucida;

Porém que minha alma de ti mesmo ausente
Amor mais fervente te guarda, ó querida!

Quizera beijar-te com tal castidade,
Que só da saudade tirasse a tortura!
Quizera em teus braços depois, ó deidade,
Fallar-te á vontade de amor e ventura!

Quizera fallar-te dos nossos amores,
Dos quadros de flôres que juntos fizemos!
Lembrar-te esses tempos tão bellos, sem dôres
E os mil amargores que em troca tivemos.

Porém de que servem lembranças, desejos,
Que valem os beijos e gozos de outr'ora
Se o anjo das dôres, nos tristes adejos
Com feros motejos de nós zomba agora!?

Quiquita, esperemos; um Deus ha bondoso
Que ao triste, piedoso, concede caricias!
Talvez que elle mude este fado horroroso
N'um mar venturoso de eternas delicias!

Manoel de Macedo.

O MUNDO É VÃO

O mundo é vão, se o passado, ó virgem,
Imprime n'alma do soffrer a dôr;
O mundo é vão, se afagamos, loucos,
Lembranças loucas de mentido amor.

Ao avistar-te tão formosa e bella
Quiz meu futuro a teus pés depôr;
Tu desdenhaste da offerenda minha,
Pois era pobre, só te dava amor!

Amei-te, virgem, dediquei-te outr'ora
Trovas sinceras de sincero ardôr;
E tu, vaidosa, desprezaste, ingrata,
Os carmes tristes d'este teu cantor.

A primavera de ditosos gozos,
Brotou de flôres no meu peito amor;
Mas veio o inverno de descrença agreste,
Tombou as hastes e murchou a flor!

Nada me resta d'esse amor tão puro,
Nem do passado a lembrança agora;
Foi breve sonho, illusão nocturna,
Que s'esvaiu ao despontar d'aurora.

O mundo é vão, se o passado, ó virgem,
Imprime n'alma do soffrer a dôr;
O mundo é vão, se afagamos, loucos,
Lembranças loucas de mentido amor.

Henrique Machado.

LUNDÚ

CRÊ E AMA COMO EU

Para ser cantado na musica do lundú — *Mulatinha do caroço*

Ouve os meus votos, donzella,
Minha estrella,
Ouve attenta o canto meu;
E se queres ser amada,
Adorada,
Crê e ama como eu.

Não duvides, bella rosa,
Tão formosa,
D'um amor que é todo teu;
Não duvides, sê constante,
Minha amante,
Crê e ama como eu.

Tudo cede ao deus d'amor,
Minha flôr,
Tudo cede ao jugo seu;
Não serás exceptuada,
Minha amada,
Crê e ama como eu.

É teu sorriso d'um anjo,
É d'archanjo,
É divino o olhar teu;
Não deves ser inconstante,
Minha amante,
Crê e ama como eu. . .

*

Eu confesso que te adoro,
Que imploro,
E só quero o amor teu;
Diz-me tambem que te ufanas,
Que me amas,
Crê e ama como eu.

O teu olhar expressivo,
Tão lascivo,
Já d'amor me enlouqueceu;
Em paga d'isto, donzella,
Minha bella,
Crê e ama como eu.

Aceita, pois, bella rosa,
Tão formosa,
O sincero culto meu;
Que sempre te pedirei,
E direi,
Crê e ama como eu.

M. J. de Almeida.

MODINHAS

MEU DESTINO É IMMUDAVEL

Meu destino é immudavel,
Minha desgraça é constante;
Eu choro todos os dias,
Eu suspiro a cada instante.

Perdi de Lilia a belleza,
Murchou-lhe a morte o semblante;
Por Lilia, sempre chorando,
Eu suspiro a cada instante.

Vem, ó morte piedosa,
Vem findar de um triste amante
Um destino irresistivel,
Uma desgraça constante.

ADOREI UMA ALMA IMPURA

Adorei uma alma impura,
Não devo adorar assim;
Devo morrer por quem mostra
Que tambem morre por mim.

Desprezos pagam
Ingratidão;
Pagam ternuras
Firme paixão.

Firme adoro a Lilia bella,
E devo adorar assim;
Ternas provas me asseguram
Que tambem morre por mim.

Desprezos pagam — etc.

SÃO PEDAÇOS DE MINH'ALMA

São pedaços de minh'alma
Os suspiros que aqui dou;
Cahem aos pés d'uma ingrata
Que alma e vida me roubou.

Quão feliz eu não seria
Se ella estivesse aonde estou,
Essa ingrata e deshumana
Que alma e vida me roubou!

DESPEDIDA

Já pressurosa a manhã
As trevas vai dissipando;
Ligeiro batel de amor
A terra vai demandando,

Chega o momento fatal,
Bate a hora da partida;
Ah! quanto custa a minh'alma
Tão saudosa despedida!

Arminda, formosa Arminda,
Não chores, vem abraçar-me,
Não penses que a dura ausencia
Possa de ti separar-me.

Chega o momento fatal — etc.

PAIXÕES QUE EU EXTINGUI

Paixões que eu extingui,
Dias, noites que ostentei,
Vendo que tu não me amavas
Meus suspiros suffoquei.

Tu me fizeste esquecer,
Bella, outra bella que amei;
Vendo que tu não me amavas
Meus suspiros suffoquei.

OS TEUS OLHOS ANILADOS

Em teus olhos anilados
Amor feriu meu coração;
Quiz fugir, mas já sem forças
Succumbiu minha razão.

Por ti gemendo
Agrilhoado,
Mudar não posso
Meu triste fado.

Que remova o fado meu
Suspirando, rogo a Amor,
Mas, o perfido sorrindo,
Mais augmenta minha dôr.

Fogo voraz
Sinto no peito,
De ingratidão
Cruel effeito.

Foi meu amor excessivo
Que fez minha desventura;
Ó quanto melhor me fôra
Ter de amor menos ternura!

Vem a meus braços,
Morte ditosa,
Tirar-me a vida
Já tão penosa.

L....a.

RECITATIVOS

AOS HEROES DE RIACHUELO

Um feito assombroso das armas brazileas,
Bem mostra a bravura dos homens do mar;
Por entre a metralha da força inimiga,
Da gloria a corôa souberam ganhar!

No meio das bombas, ao golpe dos sabres,
Que scenas de sangue! Que immenso revez!
Os vultos homericos surgiam do fumo,
Batendo os escravos do infame Lopez!

Os bravos da armada, leões do oceano,
Destroçam as naves sem pena, nem dó:
O forte *Amazonas* se arroja sobre ellas,
Fazendo-as pedaços, tornando-as em pó!

A gloria brazilea sorri-se esplendente,
Mostrando aos caudilhos da escrava *Assumpção*
Que o povo que é livre não teme os pelouros
Lançados da bocca de imigo canhão!

Em breve a bandeira que óvante se espelha
Nas aguas do manso gentil Paraná,
Irá triumphante plantar-se á muralha,
Que fórma a defeza da imbelle Humaitá.

Então, brazileiros, valentes soldados,
Quaes outros romanos de cóta e de arnez,
Vereis o cacique do sul abatido,
Sem patria, sem gloria, sem vida, talvez!

Anthero Lopes.

AMOR E CRENÇA

Anjo celeste que entrevi n'um sonho,
Tu foste a esp'rança que dourou-me a vida,
Que deu alento, que avivou a crença,
Enfraquecida por continua lida!

E como o orvalho da manhã serena
Que gota a gota vai dar vida á flôr,
Tu foste, oh virgem, quem n'um peito frio
Lançaste a chamma do primeiro amor.

Sem fé, sem crença, vagueava incerto
Qual viajante sem pharol, sem norte;
Tu foste a estrella que vivace e bella
Mostrou-me o trilho da risonha sorte!

Entre meus risos, virginal te vejo
Em uma auréola de divino encanto:
Se eu me lamento, ciciando, a briza
Vem n'um suspiro diluir meu pranto.

Por isso amei a tua imagem bella
N'atro delirio d'uma febre ardente;
Agora peço teu amor tão casto,
Já que, donzella, me tornaste crente.

Março, 1864.

F. H. da Costa Junior.

LUNDÚ

QUANDO EU ERA PEQUENINO [1]

Quando eu era pequenino,
Que diabinho
Mais travesso havia então?
Quando as moças me beijavam,
Me abraçavam,
Já lhes dava beliscão...

E brincava co'a priminha
Mariquinhas,
Escondidos no quintal;
Era tão bom o brinquedo,
Em segredo,
Á sombra do laranjal...

[1] Este lundú tem musica propria.

Já beijava-lhe a boquinha,
Fechadinha,
Como da rosa o botão;
E se ao abril-a sorria,
Eu sentia
Palpitar-me o coração.

Mas hoje como sou grande,
E se expande
Em meu peito mais ardor,
Já não acho quem me beije,
Quem deseje,
Ou aceite meu amor.

Se a furto beijo a priminha,
Brejeirinha,
Vai dizer tudo a vóvó;
Ouço logo uma raspança...
Que mudança!
Até fallam-me em cipó!

Assim é, embora eu jure,
E rejure,
De não dar mais beliscão;
Se peço um beijo á priminha,
Velhaquinha,
Me responde:—Ora! pois não!

Quando penso no passado,
Mal gozado,
Lembra-me um canto que ouvi;
É pura moralidade,
É verdade,
Nunca mais o esqueci:

«O gallo, em quanto criança,
Tem pitança
Que lhe dá mimosa mão;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado,
Bate co'o bico no chão.»

MODINHAS

NÃO ME OUVES SUSPIRAR?

Até onde as nuvens giram
Vão meus suspiros parar;
E tu tão perto de mim
Não me ouves suspirar?

O motivo, ingrata Elisa,
Que isso me faz lembrar,
É porque, com crueldade
Não me ouves suspirar.

Dás ingratas que ha no mundo
Tu és ingrata sem par;
És tu só que entre os viventes
Não me ouves suspirar.

EU AMAVA TERNAMENTE

Eu amava ternamente
Um anjo que o céo creou,
Esse anjo era tão bello
Que minha vida alentou.

Mas a sorte que persegue
O meu triste coração,
Fez que ella desprezasse
Minha ternura e paixão.

Infeliz que só vivia,
Enlevada n'esse amor;
Illudida, incauta, cede,
Quanto lhe pede o traidor!

E depois que seu engano
Começou a conhecer,
Coitadinha, desgraçada,
Succumbiu a padecer.

MAL TE VI

Mal te vi, eu te amei, disse, é esta,
É só esta a quem devo adorar;
E nenhuma esperança me resta,
Que o teu puro affecto gozar.

Vem, ó fada gentil de meus sonhos,
Vem ao menos sorrir para mim;
Vem dourar os meus dias tristonhos,
Vem amar-me, alentar-me, vem, sim!

É por ti, só por ti que eu respiro,
É por ti que me apraz o viver;
Ah! mil vezes a morte prefiro,
Se te devo, meu anjo, perder.

Vem, ó fada gentil — etc.

Bem podias, ó sol, no horisonte
O teu orbe de fogo occultar;
Que outro sol mais que tu resplandece,
Que meus dias crueis vem dourar.

Vem, ó fada gentil — etc.

O MEU PASSADO E O MEU PRESENTE

Virgem casta, eu já fui como tu,
Já vivi como os anjos no céo;
Esta fronte que vês humilhada,
Foi coberta com candido véo.

Eu tambem como tu tive flôres,
Tive tanta grinalda singela!
Tive beijos de um pai carinhoso,
Eu tambem como tu já fui bella.

Como tu eu já tive esperança,
Já gozei d'essa vida sagrada:
Hoje vivo a luctar com as dôres,
Que fulmina a mulher desgraçada.

Tive mãi, como tu inda tens,
Que velava por minha ventura;
Que tornava meus dias ditosos,
De seus labios me dava a doçura.

Mas bem cedo, donzella, essa gloria,
Qual um sonho depressa passou,
Essas flôres sagradas que tive,
Foi um beijo infernal que as murchou.

Esse véo innocente que tive,
M'o tiraram sem pena nem dó;
Impia mão m'o rasgou com desprezo,
Nem as cinzas se encontram no pó.

Me desculpa, donzella, este canto,
Repassado de dôr e de fel:
Ouve as queixas da triste perdida,
Que são echos da sorte cruel.

RECITATIVOS

É CURTA A VIDA

E' curta a vida ao mortal ditoso
Que venturoso goza alegre o mundo;
É curta a vida se jámais sentiu,
Se nunca o feriu um pezar profúndo.

E' curta a vida se ha n'ella gozos,
Ternos, mimosos, d'um viver de amores;
E' curta a vida se corre serena,
Dôce e amena, qual viver de flôres.

E' curta a vida se um amor eterno
N'um peito terno bem voraz se accende;
E' curta a vida, se goza contente
O meigo ente que sedux e prende.

E' curta a vida quando ha n'ella encantos
Prazeres tantos que á mente assaltam;
E' curta a vida se n'ella gozamos,
Se desfrutamos delicias que matam.

P'ra mim que gózo a suprema dita
Grande, infinita, de viver comtigo;
E' curta a vida e mais curta ainda
A ventura infinda que gozas commigo.

E' curta a vida — e só peço a Deus
Carinhos teus para sempre gozar;
Longe o desgosto — que não venha a dôr
Tão puro amor jámais perturbar.

Candida Isabel de Pinho Cotrim [1].

COMO EU TE AMO

Amo-te, virgem, como ama o nauta
A plaga amiga que divisa além,
Quando depois de um viajar sem fim
Encontra aquelles que buscando vem.

Amo-te, virgem, como o louco ama
Em suas noites — a visão fugaz
Que á sua mente — perturbada — ás vezes
Um pensamento radiante traz.

Amo-te, virgem, como a noiva ama
A nivea c'rôa que lhe adorna a frente,
E que o riso virginal nos labios
Nas mãos do esposo vai depôr contente.

Amo-te, virgem, como ama a flôr
Ao rocio puro das manhãs de abril,
Quando enviado pela mão de Deus
Vem humectar-lhe seu mimoso hastil.

[1] As modinhas, recitaticos e lundús, que se publicaram em algumas paginas do 1.º volume do TROVADOR, assignados — *Por uma joven maranhense* — pertencem a esta mesma senhora.

Amo-te, virgem, como ama a rola
A matta virgem, ao romper do dia...
Quando o esposo, em suave arrulho
Canção sonora ao Eterno envia.

Amo-te, virgem, como o avaro ama
O seu thesouro que lhe offusca a vista,
Não comprehendendo que um outro amor
Mais do que aquelle que contempla — exista.

Amo-te tanto, que explicar — não sei,
Não tenho phrases p'ra exprimil-o, virgem...
Só sei dizer-te que te adoro muito...
Que teus encantos são d'amor a origem.

Sómente em troca d'este amor te pede,
Dos teus encantos o fiel cantor,
Que em vez de um riso de desprezo, ao menos
Lança sobre elle um olhar de amor!...

LUNDÚ

OS OLHOS DE YÁYÁZINHA

Nunca vi olhos tão bellos
Como os da minha visinha,
Dão a morte n'um instante
Os olhos de yáyázinha.

Não tem a côr da saphira,
Nem a côr da viuvinha,
Porém são da côr da noite
Os olhos de yáyázinha.

Elles são muito galantes
Como são os da vizinha,
Nos requebros fallam tanto
Os olhos de yáyázinha.

Tambem tem olhos formosos
A minha cara priminha,
Mas não fallam, como fallam
Os olhos de yáyázinha.

Eu encontrei no passeio
Uma gentil moreninha,
Era bella, mas não tinha
Os olhos de yáyázinha.

Fiquei tão apaixonado
Que disse a minha madrinha:
— 'Stou doente porque vi
Os olhos de yáyázinha.

Ando agora como anda
No verão bella andorinha,
Tudo por vêr um momento
Os olhos de yáyázinha.

Não sei se são olhos d'anjó,
De princeza, ou de rainha,
Só sei que matam de amor
Os olhos de yáyázinha.

ESTRIBILHO

São olhos lindos
De negra côr,
Os olhos d'ella
Cheios de amor!...

Gualberto Peçanha.

MODINHAS

NÃO TENHO TANTA VENTURA

O meu bem diz que ha-de amar-me
Inda além da sepultura;
Mas apesar de seus votos
Não tenho tanta ventura.

O seu rosto tem belleza,
A su'alma tem candura,
P'ra mim não são tantos bens,
Não tenho tanta ventura.

Se eu podesse noite e dia
Gozar sua formosura...
De que servem meus desejos?
Não tenho tanta ventura.

DE AMOR LIÇÕES PROVEITOSAS

De amor lições proveitosas
Em teus olhos aprendi;
Teu discipulo, teu amante,
Não posso viver sem ti.

Os meus e teus sentimentos
N'um instante os compr'endi;
Padeço se tu padeces,
Não posso viver sem ti.

Gentil Hermania, em teus olhos
Um segredo de amor li;
Depois d'aquelle momento
Não posso viver sem ti.

Se teus passos, minha bella,
Desde então logo segui;
E depois d'esse momento
Não posso viver sem ti.

Muito tempo sem proveito
Minha paixão combati;
Hoje estou desenganado,
Não posso viver sem ti.

FLORINHA BRANCA

Vi surgir florinha branca,
De fulgente e nivea côr,
Vi-a sorrir alva e franca,
Não lhe pude rir de amor.

Ceguei-me na sua alvura,
Respirei-a, estremeci!
Quiz colhêl-a... era tão pura!
Ao tocal-a endoudeci!

Vi-a depois, doudejando,
Nas azas da viração;
E junto ao tronco—scismando
Lá ficou meu coração!

Afagada em dôce enleio
Ao hastil não mais voltou,
Das galas deram-lhe o seio
Pelos lares que habitou.

Á saudade, á desventura,
Nem sei como resisti!
Adeus, florinha, alva e pura,
Vou morrer longe de ti.

Se a scismar—o teu captivo
Te lembrou alguma vez;
Pelos ais que te deu vivo,
Morto, é bem que um ai lhe dês.

E os sonhos que eu tinha
Senti-os morrer,
E a branca florinha
Não mais hei-de vêr.

JÁ PERDI TODA A ALEGRIA

Pensando no meu destino
Passo a noite, passo o dia;
Tudo que me cerca é triste,
Já perdi toda a alegria.

Ah! não me negues
Minha paixão;
Foge do crime
Da ingratidão.

De mim foge o prazer todo,
Vou baixar á campa fria;
Nenhuma esp'rança me anima,
Já perdi toda a alegria.

Ah! não me negues — etc.

RECITATIVOS

PRIMEIRA NOTA

Prefiro a vida, a contemplar a morte;
Antes a sorte de eternal soffrer,
Do que tão moço vêr finar-se as flôres,
Santos amores de infantil viver!

Da juventude a estação querida
Vejo descrida, mas não restam ais!
Que importa a lyra? jaz lançada a um canto,
Não pede pranto, nem suspira mais...

Não ama as fórmas de gentil donzella,
Meiga, singela, nem a iguala á flôr!
Não quero os beijos de seus labios bellos,
Que são os zelos de infeliz amor!

Não tive um anjo que me désse gozos,
Dias ditosos da estação florida;
Não penso triste no mentir dos sonhos
Que são medonhos no frescor da vida.

Agora quero, n'um descrêr profundo,
Olhar o mundo sem pudor, sem pejo;
Não curvo a fronte do destino á sorte,
Não quero a morte, mas viver desejo!

M. P. Leitão.

ULTIMA NOTA

Não quero a vida; eu prefiro a morte
Á dura sorte de eternal soffrer;
Tão moço ainda! mas infindas dôres
Mirraram as flôres de infantil viver.

Da juventude, a estação florida,
Tenho perdida, só me restam ais;
Compulso a lyra p'ra compôr um canto,
Quebrada, em pranto, já não geme mais.

Amei as fórmas de gentil donzella,
Meiga, singela, qual do campo a flôr;
Ardentes beijos em seus labios bellos
Ligaram os élos de infeliz amor.

Perdi o anjo que me dava gozos!
Dias saudosos da estação florida!
Morreu a lyra no esvair dos sonhos
Que tão risonhos me embalaram a vida.

Agora geme n'um scismar profundo,
Do tredo mundo nem prazer almejo;
Curvai a fronte ao negrejar da sorte,
Além—a morte a convidar-me vejo.

V. M. Carvalho.

LUNDÚ

UNS OLHOS QUE VI

Fiquei preso a certos olhos
De uma morena que vi;
Quiz desprender-me, era tarde,
Seu captivo me senti.

Pedi-lhe me désse amor,
Consentiu no que pedi.

Eram negros, côr da noite,
Os negros olhos que vi;
E tinham tal attracção
Que me prenderam a si.

Eram cadêas d'amor,
Pois captivo me senti.

Na terra não ha iguaes,
Digo eu... pois nunca os vi;
Eram olhos que fallavam,
Palavras que traduzi.

Que constante elles me fossem
Foi só isso que pedi.

Já não tenho outro Deus
Depois qu'esses olhos vi;
Rendi-lhes culto d'amores
E quasi que me perdi.

Eram olhos feiticeiros,
Os negros olhos que vi.

Desprendeu-me das cadêas
Que me ligavam a si,
Apesar de me vêr solto
Dos olhos não me esqueci.

Eram olhos feiticeiros
Os negros olhos que vi,
Quizeram por fim matar-me
E não sei como fugi!

Henriques Machado.

MODINHAS

SOLTA UM «AI» MEU CORAÇÃO

Quando de Jonia recebo
De amor a dôce expressão,
Exalta todo o meu peito,
Solta um—ai—meu coração.

Quando eu te vejo, ó bella,
Sinto uma viva emoção;
Minh'alma fica contente,
Solta um—ai—meu coração.

AMOR ME VIU, NÃO FEZ CASO

Amor me viu, não fez caso,
Zombou, cruel fementida;
Tendo um rival a seu lado,
Ingrata, roubou-me a vida.

Por Deus, que a vida é um sonho
Quando ellas nos sabe'amar;
Mulher que tanto adorei
Hoje me quer desprezar.

Mulher, por Deus eu te juro
Que ainda te tenho amor;
Se tu me fôres constante,
Eu serei teu trovador.

Por Deus, que a vida é um sonho—etc.

Mulher, por Deus eu te peço
Que não me dês um rival;
Tu és um anjo da terra,
És um anjo divinal.

Por Deus, que a vida é um sonho—etc.

SOLIDÃO

Para ser cantada com a musica da modinha — *Quando morrer, ninguem chore a minha morte*

É triste a solidão como nas mattas
Da casta pomba o solitario arrulho;
Como do céo as rotas cataractas
Ao som do mar em horrido marulho.

Sentado como em face de agonias
Tenho minh'alma a desfolhar lembranças;
Não sei que sorte vem coar meus dias
Por tantas dôres e por taes provanças.

Mãi da tristeza, socia das insomnias,
Noite e dia me segue a solidão;
E em suas difficeis acrimonias
Me cança o peito e azeda o coração.

Aqui de imagens bellas se povôa,
Alli de faxas negras se atavia;
E em vozes sepulchraes pavida echôa
Como assopros do vento em noite fria.

Se as portas matutinas vão-se abrindo
Á roxa aurora no horisonte em fogo,
Quem velou no silencio, a sós sorrindo,
Vai recebel-o ao nascimento logo.

Mas o silencio e a solidão que dura
Vem sempre o riso suspender-lhe em meio;
E o dia é triste como a noite escura,
Mesmo das rosas matinaes no seio.

O vôo altivo d'aguia, e icareas azas
Quizera eu ter para transpôr espaços;
Por que este peito que me arde em brazas
Fôra acalmado nos paternos braços.

A. C. Q. Peçanha.

BALLADA

A GENTIL CAROLINA

A gentil Carolina era bella
Como é bella nos campos a flôr;
Em seus olhos brilhava a innocência,
Em seu peito o fogo de amor.

Aos encantos de lindo mancebo
Coração, alma e vida entregou;
Era d'elle, e sómente por elle,
Que seu peito de amor se abrazou.

Meia noite no bronze da torre
Gravemente o silencio occultou;
Pelos ares a briza rolando
De echo em echo o zunido levou.

Carolina, que as horas contava,
Meia noite! e murmura, estremece;
Lança os olhos além da janella,
Branca lua no céo apparece.

De improviso se ergue, abre a porta,
Sahe de casa tremendo medrosa;
Entre os vastos arbustos sósinha,
Move os passos, subtil, cautelosa.

Eis que indo a passar os canteiros
De repente, assustada, parou;
Um presagio sinistro de morte
Á sua alma opprimida fallou.

No jardim entre o basto arvoredo
Branca sombra suppõe a vêr além;
Quer fugir, mas fallecem-lhe as forças,
Mão gelada seus passos detem.

Quer gritar, morre a voz em seu peito,
Nem sequer soltar póde um gemido;
A final, dando passos, tropeça
N'um cadaver no chão estendido!

Grito horrivel lhe escapa do peito,
N'esse rosto que a morte embranquece...
N'esse corpo de sangue banhado,
Carolina o amante conhece!

A aurora raiando mais tarde
D'esse quadro de horror teve medo;
Dous amantes jaziam sem vida
No quintal entre o basto arvoredo.

E a gentil Carolina era bella
Como é bella nos campos a flôr;
Em seus olhos brilhava a innocencia,
Em seu peito o fogo de amor.

RECITATIVO

O ANJO DA PATRIA

Monarcha excelso que no solio és pai,
Astro fulgente, de teu povo guia;
Ante teu brilho que deslumbra o dia
O barbarismo titubia — cái.

A teu exemplo — que admira o mundo,
Erguem-se altivos do Brazil os bravos;
Treme o bandido que domina escravos
Com leis de ferro no seu antro immundo.

P'ra compensar-te não bastára o povo
Correr intrepido — affrontar a morte,
Morrer mil vezes — resurgir mais forte,
Por ti mil vezes succumbir de novo?...

Sim, que o monarcha que os carinhos seus,
Rouba á familia — vem ao povo dál-os,
É mais que um rei a dominar vassallos,
É mais que Cesar — só iguala a Deus.

Tu és um anjo pelo céo mandado
A esta terra do Senhor bemdita;
És divindade que o Brazil habita
P'ra preserval-o de maligno fado.

Recolhe as bençãos que o Brazil inteiro
Dos seios d'alma sobre ti derrama,
Que este povo, que seu pai te chama,
Vai demonstrar-te quanto é guerreiro.

E quando houvermos recolhido o louro
Que nos aguarda no sorrir da gloria,
Em aureas letras fulgirá na historia
Teu nome augusto, do Brazil thesouro.

A. J. de Sousa.

LUNDÚ

CONSELHOS ÁS MOÇAS

Menina solteira
Que almeja casar
Não cáia em amar
A homem algum;
Não seja notavel
Por sua esquivança,
Não tenha esperança
De amante algum.

Quizera mostrar-te quanto
O meu peito sabe amar;
Em cima da mesma pedra
Eu te queria abraçar.

Abraçar-te, sim, queria
Sobre o meu peito — dizendo:
Querido anjo, hei-de amar-te
Em quanto estiver vivendo!

O amor que te jurei
E' constante, é fé mui pura;
Este amor ha-de ir commigo
Descançar na sepultura.

Para mim, querido anjo,
Um só momento gozar-te,
Thronos, corôas daria,
Se um throno podesse dar-te.

Porém daria a minh'alma
Que mais do que um throno val',
Dar-te-hia minha lyra
Que tem um som perennal.

SONHOS FAGUEIROS

Quando dormires, sonha commigo
Sonhos fagueiros, sonhos d'amor;
Se assim sonhares commigo, ó virgem,
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo sonhos de amor,
Que eu sonharei comtigo, ó flôr.

Lembra-te, ó virgem, de quem te adora
Na dura ausencia do teu amor;
Sonha commigo, pois se sonhares,
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo — etc.

Quando sósinha tu meditares
Nas dôces provas do nosso amor,
Sonha commigo, pois se sonhares
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo — etc.

Um olhar terno, um riso meigo,
Em paga dá-me de tanto amor;
Que eu, já rendido p'los teus carinhos,
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo — etc.

CANÇÃO

O BARDO

Frio manto d'estrellas bordado
Vai a noite trajando no céo;
Cahe o orvalho nas azas da briza,
Que gelado entre as folhas morreu.

Na mansão dos finados divaga
Triste bardo com a lyra na mão;
Acha a campa que busca, sentado,
E disfere esta triste canção:

Tantos raios de luz lá no céo
E nenhum de esperança eu achei!
O cypreste e o goivo da campa
Foram restos de um bem que adorei!

Entretanto, aqui venho, debalde,
Alta noite teu nome invocar;
Chamam isto loucura na terra,
Mas eu chamo constante adorar.

Uns tem pranto chorado dos olhos,
Dentro d'alma chorado é o meu;
Pois não ha quem o venha enxugar,
Pois quem sabe é só Deus e sou eu.

Era cinza gelada por fóra,
E no centro vulcão a escaldar;
O oceano tranquillo na face
E no fundo revolto a bramar.

Em roupagem de neve abafado
Desce um anjo da etherea mansão;
Se é ella, foi Deus que a mandou
Me valer n'esta negra afflicção.

Lá se vai a visão com a nuvem,
Só não vai este meu padecer!
Justos céos! se meu mal não abranda,
Vezes mil eu prefiro morrer!...

E os echos saudosos ao longe
Repetiam por vezes—morrer;
Era o verbo final de seus labios
N'esta noite de horrivel soffrer.

E o sol da manhã descortina
Triste scena que faz compungir:
Um cadaver com a lyra no peito...
Era o bardo p'ra sempre a dormir!...

RECITATIVO

QUE VALE A VIDA?

Que vale a vida n'um viver d'enganos,
Crenças perdidas de porvir fallaz;
Que vale o mundo, se desdita amarga,
Saudades, prantos, o prazer nos traz?

Que valem risos, animadas fallas,
Que valem festas e prazeres ruidosos;
Se os tristes echos, amargor só dizem,
Se a alma esvai-se n'esses sons dolosos?

Que vale a vida se a existencia é peso,
Se as chagas d'alma só nos pungem dôres;
Se a esp'rança ás vezes nos afaga ainda,
Que vale amar-se sem gozar amores?

Que vale ao orphão que abandonado estava,
Uma opulenta habitação aberta;
Se o pobre albergue de seus paes, perdendo,
Tudo o que goza a caridade offerta?

Nobre soldado que defende a patria,
Porém na lucta vê a acção perdida;
E que forçado p'ra salvar-se... foge,
Perde a nobreza — de que vale a vida?

Ao criminoso que jazendo em ferros,
Dormindo sonha liberdade infinda;
Que vale o sonho, se ao despertar conhece
Que captiveiro continúa ainda?!

Que vale a vida n'um viver d'enganos,
Crenças perdidas de porvir fallaz;
Que vale o mundo, se desdita amarga
Saudades, prantos, o prazer nos tras?

Henrique Machado.

LUNDÚS

TENHO UM BICHO CÁ POR DENTRO

Tenho um bicho cá por dentro
Que me róe e está roendo;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho vai comendo.

São cousinhas dôces
Que fazem chorar,
Não mates o bicho
Que me quer matar.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz artes do diabo;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho encrespa o rabo.

São cousinhas dôces — etc.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz um tá tá tá tá;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho pulos dá.

São cousinhas dôces — etc.

MÃI BENTA

Coitadinho, como é tolo
Em cuidar que eu o adoro!
Por me vêr andar chorando,
Sabe Deus por quem eu choro!

Mãi Benta me fia um bolo,
Minhas candongas,
Não posso, senhor tenente,
Minhas candongas,
Que os bolos são de yá-yá,
Minhas candongas,
Não se fiam a toda a gente,
Minhas candongas,

Porque tem muitos temperos,
Minhas candongas,
Assucar, manteiga e cravo,
Minhas candongas,
E outras cousinhas mais,
Minhas candongas,
Bolinhos de qui-lê-lê,
Minhas candongas,
Ponto de admiração,
Minhas candongas,
Ó gente Manoé,
Minhas candongas,
Está quente, sinhá, bem quente.

Vossê se anda gabando
Que foi o que me deixou;
Póde ficar na certeza
Que muita cinza levou.

Mãi Benta me fia um bolo — etc.

ADEUS, ARMIA

Adeus, Armia,
Prenda querida,
Deixo-te a alma,
Entrego-te a vida.

De ti me aparto
Triste, saudoso,
Sou infeliz,
Sou desditoso.

Antes quizera
Perder a vida,
Do que deixar-te,
Prenda querida.

De ti me aparto — etc.

VAI, SUSPIRO, CHEGA AOS LARES

Vai, suspiro, chega aos lares
Da habitação mais ditosa,
Onde existe minha bella,
Minha Germana mimosa.

Assim que a vires
Volta apressado,
Vem dar alento
A um desgraçado.

A HORA QUE TE NÃO VEJO

A hora que te não vejo
É p'ra mim hora perdida;
Se vivo só a teu lado,
Como é curta a minha vida!

Que vida, que instantes,
Que breve existencia,
Que vida d'angustias
Passada n'ausencia!

COMO ÉS BELLA

Tu és bella como é bello
O despontar da manhã;
És linda como a bonina
Do jardim a mais louçã.

Tu és bella como é bella
Uma criança a sorrir;
Tu és linda como a rosa
Chrysalina, quasi a abrir.

Tu és bella como é bello
O roxo lyrio do val';
Do jasmim tens a brancura,
Da cecem és a rival.

Tu és bella como é bello
O céo azul estrellado;
És linda qual a florinha,
Nascida em florido prado.

Tu és bella como é bello
O matutino arrebol;
És bella como são bellos
Os resplendores do sol.

Tu és bella como é bella
Uma noite de luar;
És linda qual bella amante
Em seu terno delirar.

Das fadas tens os encantos,
Dos anjos tens a candura;
Tu és o ente mais bello
Que tem creado a natura.

M. J. de Almeida.

ANJO DE AMOR

Quando teus labios desprendem
Terno riso encantador,
Sinto quão dôce é-me a vida,
N'um teu riso, anjo de amor.

Sem ti são tristes meus dias,
Duro e penoso viver;
Junto a ti, preso em teus braços,
Gozar quero até morrer.

E' meu destino adorar-te,
Embora sejas perjura;
O meu amor não esmaga
A pedra da sepultura.

Os laços com que me prendes
Ainda mais quero apertar,
Não é crime, antes virtude
Firme sempre te adorar.

Póde o gelo do sepulchro
Tirar da vida o calor;
Mas d'um peito, firme amante,
Apagar não póde amor.

Venha a morte embora um dia
Sobre mim com seu furor,
Morto, extincto, em um sepulchro
Este peito terá amor.

RECITATIVOS

AMOR E MEDO

Quando te fujo e me desvio cauto,
Da luz de fogo que te cerca, ó bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
Meu Deus! que gelo! que frieza aquella!

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo;
E se te fujo é que te adoro louco:
És bella, eu moço, tens amor, eu medo.

Tenho medo de min, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dôres,
A luz da aurora me entumece os seios;
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

É que este vento que na varzea ao longe
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso atêa.

Ah! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Tornára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra,
Chovesse embora paternal orvalho.

Ai! se te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amava todo o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas núas!..

Casimiro de Abreu.

A MORENINHA

Vem, moreninha, com teu bardo ao lado,
Vêr o dourado firmamento além;
Vem divagar por este mundo, cheio
De puro enleio e f'licidade—vem.

Vem, moreninha, não receies—não,
Que a solidão nos servirá de véo;
Quero em teu seio reclinado, virgem,
Contar-te a origem d'este amor do céo.

Caminha, virgem, porque tremes? calas?
Porque não fallas—gentil moreninha?
Dissipa o enleio que te faz medrosa,
E carinhosa vem dizer—que és minha.

Queres saber porque te amei, donzella,
Por entre aquella multidão que eu vi?
Foi porque ao vêr o teu semblante bello
Suave anhelo dentro em mim senti.

Trajavas galas, caminhando óvante,
Não mui distante do teu bardo, amei-te,
Gravei teu nome no meu pensamento,
E em tal momento meu amor sagrei-te.

Dize que és minha n'um sorriso puro,
Dá-me um futuro de prazer—d'encantos;
Que ás tuas plantas me verás curvado,
Enebriado por teus votos santos.

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

O NARIZ DE YÁYÁZINHA

Menina, faça o favor
De me dizer que lhe fiz?
Então porque quando eu passo
Vossê me torce o nariz?

Pois julga que sou
Algum *badaméco?*
Yáyá do meu peito
Eu sou seu boneco,
Gosto de vossê,
Por isso não pecco.

Eu sei que vossê namora
O seu priminho Luiz,
Mas isso não é razão
P'ra me torcer o nariz.

Pois julga — etc.

Desde o domingo que foi
Ouvir missa na matriz,
Eu lhe adorei, mas não vi
Vossê torcer o nariz.

Pois julga — etc.

Pois se acaso o meu rosto
É feio, tem côr de giz,
Tenha dó de mim, yáyá,
Não torça tanto o nariz.

Pois julga—etc.

Já tenho ataques de nervos,
E tambem um pleuriz,
Me cure—quebre o resguardo
No torcer do seu nariz.

Pois julga—etc.

Por tanto, minha yáyá,
Já que mal nenhum lhe fiz,
Me quebre os olhos com graça,
Mas sem torcer o nariz.

Pois julga—etc.

Gualberto Peçanha.

MODINHAS

ERA OUTR'ORA A MINHA VIDA

Era outr'ora a minha vida
Vida inteira que eu gozava;
Era o fresco alvor da aurora
Que no horisonte apontava.

Minha vida hoje se aparta
Da vereda da paixão;
Que nos mostra um só abysmo,
Que nos queima qual vulcão.

Que vida goza quem vive
Sem ser de amor dominado!
É feliz porque não traz
Alma e peito apaixonado.

Vive então como no céo
Os anjos, juntos de Deus,
Que não soffrem como eu soffro
Os tristes gemidos meus.

Como gemidos que sahem
De dentro do peito meu,
Como um triste, que não acha
Lenitivo ao pranto seu.

Perde a rosa o seu alento,
Tambem perde o seu candor;
Das flôres a mais querida
Que se dá ao terno amor.

Qual Veneza que se banha
No Adriatico gentil;
E' cidade da montanha,
E' princeza do Brazil.

Vinde, ó meu Deus, dar allivio
Ao meu triste coração;
O teu — sim — a minha vida,
A minha morte o teu — não.

COMO É PURO O DÔCE ORVALHO

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Ausencia*

Como é puro o dôce orvalho
Que dá vida ao terno galho
Da mimosa e pura flôr!
Como é puro o passarinho,
Que perdendo o caro ninho
Sente o peso do rigor!

Como é pura a viva estrella
Que no céo brilhando, bella,
Mostra graças e primor!

Como é pura a branca lua,
Desenhando a face núa,
Nos trazendo só amor!

Como é pura a virgemzinha
Que sorri, innocentinha,
Nos braços de sua irmã!
Como é puro os passarinhos
Despertarem nos seus ninhos,
Saudando a luz da manhã!

Como é puro esses anjinhos
Lá no céo, tão queridinhos,
Juntinhos do Creador!
Como é puro—da donzella,
Virginal linda capella,
O mais santo e dôce amor!

Adeodato Socrates de Mello.

EU QUIZERA SER ETERNO

Eu quizera ser eterno
Para teu amante ser;
Como eterno ser não posso,
Hei-de amar-te até morrer.

Menina, se eu não te amo,
Um passo não chege a dar;
A propria terra em que piso
Póde mesmo me faltar.

Ah! meu bem, se eu não te amo,
O Deus do céo não me escute,
Nem o sol me alumie,
Nem a terra me sepulte.

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

UM TERNO SORRISO

Um terno sorriso
De amor e saudade
Ainda te offerta
Quem tem-te amizade.

Que dôres, que angustias,
Que pranto exhaurido!
São lagrimas tristes
Que eu verto sentido.

Lá quando nos astros
O sol vem raiando,
Desperto no leito
Teu nome chamando.

Que dôres, que angustias—etc.

De todo o passado
Me vem a lembrança,
Contemplo esta sorte,
Me resta a esperança.

Que dôres, que angustias — etc.

Meu anjo do céo,
Attende a clemencia,
Ouvi minha voz,
Findai-me a existencia.

Que dôres, que angustias — etc.

RECITATIVOS

PENSO EM TI

Penso em ti com ardor intenso,
Tua lembrança minh'alma encerra;
Penso em ti, minha vida és tu,
Meu dôce bem, meu amor na terra.

Penso em ti como pensa afflicta
A pobre mãi que do filho ausente
Verte o pranto da saudade amarga,
Que su'alma opprime, que no peito sente.

Penso em ti como o rico avaro
Pensando véla nos thesouros seus;
Bem como elle receio perder-te,
Temo que roubem-me os carinhos teus.

Penso em ti como misero enfermo
Em triste leito pela dôr prostrado,
Pensa ancioso no suave allivio
Que gozar espera de soffrer cançado.

Penso em ti, como pensa em Deus
O desditoso que seus males chora;
Penso em ti com sublime affecto,
Com fervor constante de quem firme adora.

Penso em ti e esquecer não posso
Um só momento quem adoro tanto;
Penso em ti com paixão ardente,
Com extremos puros do amor mais santo.

Candida Isabel de Pinho Cotrim.

AGORA

Outr'ora da vida encantos gozei,
Vivi embalado em maga illusão,
Do escarneo ao amor diff'rença não via;
Gostoso perdia a luz da razão!

Momentos felizes passei venturosos,
Do céo divisei celeste visão,
Julguei-me ditoso, amei com ardor,
E em paga a perjura me dava traição.

Cedeu a meus rogos, fingiu mil promessas,
Esperanças fagueiras senti eu então:
Nas fallas mentidas que amor me jurava
Pensei impossivel que houvesse traição.

Julguei-a sincera, ludibrio enganoso!
Zombava de mim sem ter compaixão:
Se amor lhe jurava, traidora sorria,
Gostoso perdia a luz da razão.

Mas hoje descrente não penso mais n'ella,
D'amor dôce enleio perdi a illusão;
Conheço a differença d'amor ao escarneo,
Procuro socego p'ra meu coração.

Germano da Costa.

LUNDÚ

AS BEATAS

Yôyôzinho, vá-se embora
Que eu não gosto de brincar;
Não venha, com seus carinhos,
Minha reza atrapalhar.

Vossê quer perder minh'alma,
Vossê quer só m'enganar.

Vá-se embora, yôyôzinho,
Não me venha já tentar;
As boquinhas que me pede
Tenho medo de lhe dar.

Vossê quer perder minha'alma,
Vossê quer só m'enganar.

Não venha com seus abraços
Meus amores despertar;
Guarde tudo para logo,
Quando acabar de rezar.

Vossê quer perder minh'alma,
Vossê quer só m'enganar.

Tenho medo, yôyôzinho,
Basta já de me abraçar;
Não me dê tanta boquinha,
Que me póde atarantar.

Vossê quer perder minh'alma,
Vossê quer só m'enganar.

MODINHAS

PORQUE, Ó MORTE CRUEL

Porque, ó morte cruel,
Minha alegria roubaste?
Porque do filho que amava
Os tenros dias cortaste?

Sua innocencia
Não te moveu?
Ai! como é triste
O fado meu!

Gabriel Fernandes da Trindade.

TROVADOR

(TERCEIRA DEFEZA)

Trovador, o que tens? tu não soffres,
Bem fingida é a tua afflicção;
N'esse pranto que as faces te orvalha
Eu só vejo um signal de traição.

Se a mulher, a quem dizes que amavas,
Te tratou com acerbo rigor,
Foi por ter conhecido que amava
Um infame, um cruel seductor.

Se o amor da mulher é uma nuvem,
Qual o vento que a faz agitar?....
Não será o amor d'um ingrato
Que esta nuvem procura arrastar?

Se o amor da mulher é luzerna
Para o homem que a não sabe amar,
O amor da mulher é estrella
Porque firme ha-de sempre brilhar.

O amor da mulher não é fragil,
Pequenino, adoudado batel;
O amor da mulher é constante,
Mesmo achando um amante infiel.

O amor da mulher é qual rosa
Que insensatos procuram colher;
Vis insectos que trazem veneno
Para a pobre da flôr fenecer.

A mulher que promette, não falta;
Se ella jura, ha-de a jura cumprir;
A mulher é fiel, é sincera,
A mulher não precisa mentir.

Um exemplo só não, porém muitos,
Eu aqui poderia mostrar,
De que só a mulher sente amor,
De que só a mulher sabe amar.

Quando meiga se mostra a mulher
Com agrados, com ternos carinhos,
Um futuro lhe mostram de flôres
D'estas flôres que occultam espinhos.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras que sabem captar,
A mulher é um todo perfeito,
Se dinheiro ella tem a fartar.

A mulher tem feitiço nos olhos,
Diz o infame, cruel lisonjeiro!...
A mulher é um anjo no mundo,
Se elle vê que a mulher tem dinheiro!

O amor da mulher é tão firme
Quanto é firme o rochedo gigante;
O amor da mulher não se vende:
Ella, só, é quem ama constante.

UMA INGRATA, UMA INCONSTANTE

Uma ingrata, uma inconstante
Que eu amei mais do que a mim,
Uniu o ciume á saudade
Para aos meus dias dar fim.

Já que não posso
Nunca esquecel-a,
Mesmo trahido
Desejo vêl-a.

Cruel destino!
Céos, compaixão
P'ra um desgraçado,
Morte ou perdão!

Para amar sómente a ella
Infeliz ao mundo vim,
Ao mundo veio a tyranna
Para aos meus dias dar fim.

Já que não posso — etc.

Anjo na voz e apparencia
Tambem a julgava assim,
Mas ella tornou-se fera
Para aos meus dias dar fim.

E que não seja
Meu peito igual,
Ainda suspiro
Por monstro tal.

RECITATIVO

ESCUTA...

Se para amar-te fôr mister martyrio,
Com que delirio saberei soffrer!...
Se d'altas glorias fôr mister a palma,
Talvez minh'alma possa além colher.

Quebrar cadêas, conquistar um nome
Que não consome o perpassar das eras!
Arcar co'as furias de iracundos nortes,
Sóffrer mil mortes sem morrer devéras!...

Nas proprias carnes apertar cilicios,
Nos sacrificios, ter sereno rosto;
Pisar descalço sobre espinhos duros
Com pés seguros, com signaes de gosto!...

Longe da patria, no paiz mais feio,
Do tedio em meio por amar-te irei;
Viver, embora, sob a zona ardente,
E alli contente por te amar serei!

E a ser amado, se fôr mister o incenso
Que sobe denso dos salões aos tectos,
Serei altivo!... Não irei de rastos,
Com labios castos, mendigar affectos.

E se me odeias por não ir ás salas
Dizer-te as fallas de immortal paixão;
E aos olhos de outrem, profanando extremos,
Dizer-te—amemos—, apertar-te a mão;

Dá-me teu odio, que eu não quero, escuta,
Beber cicuta procurando mel!...
Dá-me teu odio, mas em grau subido,
Embora ungido de amargoso fel!...

Dá-me teu odio, por fatal sentença,
A indifferença me será peor;
Que um sentimento por mim sintas n'alma,
Dá-me essa palma de soffrer melhor!...

Dr. Pedro de Calazans.

LUNDÚ

A QUEBRA DOS BANCOS

Para ser cantado pela musica do lundú—*Espanta o grande progresso*

Tudo anda em reboliço
Cá pela nossa cidade,
Ha cousinhas que amedrontam,
Temos grande novidade:

Corre ahi de bocca em bocca
Que o nosso grande banqueiro
Fez sciente a seus credores
Que não tinha mais dinheiro.

Todos lastimam
Em cada canto,
Vertendo pranto
Amargurado:
Por ter guardado
O seu dinheiro
Com o banqueiro
Tão conhecido,
Vivem agora
Em agonias,
Chorando suas
Economias.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Apenas se divulgou
Tal noticia na cidade,
Ficou quasi que maluca
Da população — metade:
Viu-se grandes e pequenos
Andar em passo de cão,
Tudo fallava e gritava,
Houve grande confusão.

Todos lastimam — etc.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Viu-se na rua Direita,
Em frente á casa bancaria,
Gente bem e mal vestida,
Podendo chamar-se vária;
Os soldados da policia
D'espadas desembainhadas,
Iam dispersando o povo
A poder de cutiladas.

Todos lastimam — etc.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Chorava o pobre carreiro,
Chorava o negociante,
Grande alarido fazia
Das ruas o mendicante;
Pois até mesmo os mendigos
Sem que comer — exhauridos,
Diziam, para se ouvir,
Que tinham vales perdidos.

Todos lastimam — etc.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Já se deixa vêr então
Que no mundo não ha pobres,
Pois os mais necessitados
Tinham junto bem bons cobres;
Mudaram-se então as scenas,
Os ricos ficaram pobres,
Os pobres são ricos hoje,
Pois trazem comsigo os cobres.

Todos lastimam—etc.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Gualberto Peçanha.

MODINHAS

NÃO TE ESQUEÇAS, MARILIA, DE MIM

Chega a hora da minha partida,
Adeus, anjo, adeus, cherubim;
Em minh'alma tu vaes retratada,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando a lua
Clarear no celeste jardim;
Quando as trevas da noite offuscarem,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando a rosa
Des'brochada, murchar no jardim;
Quando a rôla no bosque cantar,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando vires
A açucena e o bello jasmim;
Quando o triste cypreste encontrares,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando a aurora
Vem tingir-se de-branco e carmim;
Quando o sol expirar no occaso,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando, ao longe,
Escutares lamentos sem fim;
Quando á lyra algum triste chorar,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, que te adoro,
Que padeço tormentos sem fim;
Já que a sorte nos quer separar,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

MEUS GEMIDOS SOLTO EM VÃO

Modinha tirada da opera *Lestocq*, arranjada por J. M. S. R.

Meus gemidos solto em vão,
Meus olhos são duas fontes,
Os meus ais rompem os ares,
Mas respondem só os montes.

Minha Analia já não vive,
Ai! que dôr, ai! que tormento!
Vem, ó morte, finalisa
Minha vida n'um momento.

Desde que os ternos afagos
De Analia roubou-me a impía,
Meus dias foram votados
Á cruel melancolia.

Minha Analia já não vive—etc.

De seu trato os sãos prazeres
Em vão minh'alma procura,
Só um tumulo me responde:
«Aqui jaz tua ventura.»

Minha Analia já não vive — etc.

DESEJO A VIDA ACABAR

Muitas vezes eu procuro
A saudade disfarçar,
Mas como allivio não tenho
Desejo a vida acabar.

Eu procuro a solidão
P'ra allivio do meu penar;
Mas como allivio não tenho
Desejo a vida acabar.

QUANDO AS GLORIAS QUE GOZEI

Quando as glorias que gozei
Vou na idéa revolver,
Sinto á força da saudade
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Dôces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Encantos que já não gózo,
Mas que não posso esquecer,
Fazem dos meus olhos tristes
Meu triste pranto correr.

Os que já tive — etc.

Eu bem sei para que amor
Me quiz ditoso fazer:
Foi para vêr de continuo
Meu triste pranto correr.

Os que já tive — etc.

DEPOIS QUE TE DEI MINH'ALMA

Depois que te dei minh'alma
Só vivo um'hora no dia;
Mas hoje nem gozar pude
De um momento de alegria.

Só, ó Lilia, nos teus braços,
Do mundo todo esquecido,
Poderei gozar, um'hora,
D'ausencia o tempo perdido.

RECITATIVOS

NÃO TE LAMENTO

Lamentem outros muito embora, virgem,
Na fria campa que teu corpo encerra,
Eu não, não choro tou perdido amor,
Porque minh'alma não se prende á terra!

D'immensos gozos que na terra existem,
Soffri immensas, cruciantes dôres;
Da primavera em juventude amena
Brotaram murchas na minh'alma as flôres.

Vi uma a uma desfolhar-se todas,
Sem que da vida as bafejasse o sol!
Foi manhã triste, despontou sem aura,
Tornando escuro o vívido arrebol!

Vi-te na senda de minha vida escura,
Senti o iman que me attrahia a ti;
Quiz de teus olhos receber a luz,
Tornei-me alegre de prazer—sorri.

Déste-me luz, ainda mais, amores,
Dias fagueiros de porvir ditosos;
Porém a morte te roubou, tyranna!
Quando da vida começava os gozos.

Era forçoso, era a sorte minha,
Não gozar nunca da existencia as flôres;
Na senda immensa de minha vida escura
Trilhar espinhos, e perder amores!

E desde então a minha alma triste,
Longe da terra, na região immensa,
Vaga sósinha, solitaria e louca,
Esquece a vida de soffrer intensa.

Lamentem outros muito embora, virgem,
Na fria campa que teu corpo encerra,
Eu não, não choro teu perdido amor,
Porque minh'alma não se prende á terra!

Henrique Machado.

ATTENDE, Ó VIRGEM!

Attende, ó virgem, de minh'alma as fallas,
Meus rudes cantos, sem expressão, sem côr;
Elles exprimem um sentir immenso,
Soffrer intenso d'extremoso amor!

Se amor é chamma que devora e queima,
Loucos nos torna nos matando em fim,
E' pura chamma o que sinto n'alma,
Attende, ó virgem, eu te amo assim.

Se crês mentidas as palavras minhas,
S'inda tão joven tu já és descrente;
Sou desgraçado, pois frustradas vejo
Crenças fagueiras que minh'alma sente.

Attende, virgem, meu amor é puro,
Terno, sincero, como nunca amei;
Digas embora n'um sorrir descrente
Que amando tanto inda não jurei.

Não juro, virgem, perjurar não quero,
A santa crença que minh'alma inflamma;
Temo que um dia ao teu rigor vencido
Venha a descrença extinguir-me a chamma.

Escuta, pois, de minha alma as fallas,
Meus rudes cantos de tristeza e dôr;
Torna meus dias de porvir ditosos,
Vem dar-me a palma de teu puro amor.

Germano da Costa.

LUNDÚ

O TELLES CARAPINTEIRO

Sabes o que aconteceu
Ao Telles Carapinteiro?
Para Santa Philomena
Dispôz-se a pedir dinheiro!

E sem tirar a licença
Da camara municipal,
Se viu bem apertadinho
Pelos guardas do fiscal.

O Telles tanto envolvido,
Com ópa e bolsa na mão,
O fiscal disse a seus guardas:
«Tragam cá esse ermitão.»

O Telles assim que ouviu,
No coração sente dôr;
Apressando mais os passos
Metteu-se n'um corredor.

A ópa logo tirou
E com a Santa envolveu,
Embrulhou tudo n'um lenço;
Quem vai-se embora sou eu.

Nada, nada, senhor Sousa,
N'outra não torno a cahir,
Que sem tirar a licença
P'ra Santa não vou pedir.

Puxando pela boceta
O Telles toma tabaco;
Olhando para dous guardas,
Oh! que caras de macaco!

Milagre que a Santa fez
Pela minha devoção,
Livrou-me de eu ser preso,
De pagar condemnação.

Triste cousa é ser-se pobre,
Viver sujeito, enganando;
Quando mal se não precata
'Stá na cadêa brincando.

Esta Santa Philomena
É uma Santa mui bella;
Mas sem tirar a licença
Não torno a pedir p'ra ella.

MODINHAS

JÁ NÃO POSSO VIVER MAIS NO MUNDO!

Musica da modinha — *Lá n'aquelle gigante de pedra*

Já não possso viver mais no mundo!
São meus dias de pranto e de dôr;
Vem, ó parca, cortar-me a existencia,
Vem pôr termo da sorte — ao rigor!

Tive infancia feliz e ditosa,
Foi-me leda, bem n'ella gozei;
Depois, entes que muito prezava,
Deus chamou-os! Oh! muito chorei!

Ai de mim, tão sósinho que sou!
Já não posso viver mais no mundo;
Vem, ó parca, ceifar os meus dias,
Deixarei de viver gemebundo!

Quero eu vêr se terei lenitivo
P'ra meus males — da tumba no fundo;
Que me serve viver afflictivo?
Já não posso viver mais no mundo!

F. P. Lisboa.

FOSTE FALSA HONTEM A NOITE

Bem sabia eu que vivia
N'este mundo só por ti;
Era tua a minha vida
Desde o dia em que te vi.

Foste falsa hontem a noite,
Meu rival eu conheci,
Que conversavas com elle
Não me negues, eu bem vi!

Bem sabias que eu vivia
Dia e noite a suspirar,
Esperando aquella hora
De te vêr e te fallar.

Foste falsa hontem a noite—etc.

Eu bem sei que tu tens outro
A quem tu tens mais amor,
Mas eu sempre vou bebendo
Negro calix de amargor.

Foste falsa hontem a noite—etc.

Arrastando estas correntes
Pelas ruas da cidade
Nunca achei tamanho peso
Como a tua falsidade.

Foste falsa hontem a noite—etc.

F. P. Cysne.

RECITATIVO

ESCUTA!

Escuta, donzella, a voz do cantor
Que louco de amores só chama por ti;
Escuta, donzella, escuta, eu te peço,
Não fujas, não negues, coraste, bem vi...

Eu vi, eu bem vi, não negues, donzella,
Eu vi tuas faces cobertas de pejo;
Ficaste tão bella qual rosa no prado
Recebe das brizas o candido beijo.

Não fujas, donzella, do pobre cantor
Que ebrio de amores só geme e suspira;
Não fujas, meu anjo, ao menos escuta
As pobres estrophes que solta esta lyra.

As negras madeixas de finos cabellos
Nas costas cahiam da virgem esquiva,
E ella corria sem mesmo lembrar-se
Que aqui a minh'alma ficava captiva.

Então já cançada de tanto correr
Parou e sentou-se bem junto da fonte,
Depois, feiticeira, sorrindo eu bem vi
Nas niveas mãosinhas pousares a fronte.

Nas niveas mãosinhas a fronte pousaste,
Nos labios um riso te veio brincar,
Arqueja-te o collo, e eu, em delirio,
Teus labios não cesso sequer de beijar.

Escuta, donzella, a voz do cantor,
Que louco de amores só chama por ti;
Não fujas, te peço, ó virgem esquiva,
Ao furto de um beijo coraste — eu bem vi.

Garcia Mascarenhas.

CANÇÃO

MINHA MÃI!

Minha mãi, hontem no baile
Um poeta me tirou,
Me chamou seu branco lyrio,
Açucena me chamou;
Disse cousas tão bonitas
N'essas fallas que fallou...

Diga, diga, mamãsinha,
Quando ao baile voltará?
Mude em pasta minhas tranças,
Minha mãi, consentirá?
Eu já tenho treze annos,
Já não posso ser yáyá.

Eu já bordo, marco, canto,
E eu já danço tambem,
Os folgedos infantis
P'ra mim nenhum prazer tem;
Já não quero vestir calças,
Leio versos muito bem.

Estes meus vestidos curtos
Póde dál-os á sinhá,
Qu'eu já 'stou muito crescida,
Já entendo o sabiá;
Eu já tenho treze annos,
Já não posso ser yáyá.

Quando ouço o primo Juca
A gemer no violão,
Como a folha do coqueiro
No cahir na viração;
Eu não sei que sinto n'alma,
Dóe-me tanto o coração!...

RECITATIVO

NÃO TE POSSO AMAR

Perdão, donzella, se te amei com ancia,
Se ousei na infancia meu amor te dar:
Nasci na plebe, tu nasceste nobre,
Tu — rica, eu — pobre: não te posso amar!

Vi-te tão bella no sophá cahida,
Cheia de vida, palpitante o seio:
Louco, adorei-te por te vêr, querida,
Co'a mão pendida do regaço ao meio.

Vi-te dormindo; teu vestido solto,
Branco, revolto, descobria a meia:
De amor ardendo, quiz beijar-te, ledo:
Mas... tive medo da gentil sereia!

Quero adorar-te, te sagrar um culto
Inda que occulto no febril desejo:
Quero estreitar-me nos teus niveos braços,
Por entre abraços te imprimir um beijo.

Pequei, donzella, por te amar, perdido:
A meu gemido teu desprezo déste:
Não te envergonhes de alentar o pobre;
Que o pobre é nobre na mansão celeste.

Plebeu ousado, me esqueci, archanjo,
Que para o anjo não devêra olhar:
Não me condemnes; meu arrojo encobre;
És rica, eu pobre: não te posso amar!

Genuino Mancebo.

MODINHA

SOBRE AS AGUAS DO MAR

Musica da modinha — *Mal te vi eu te amei*

Eu já vi sobre as aguas do mar
Balançar-se uma rosa em botão,
Vi-lhe abrir o mimoso embryão,
Poucas horas depois desfolhar.

Uma a uma as folhinhas cahindo
Lá se foram nas aguas boiando;
Orphãsinha a roseira viçando,
Pouco a pouco se foi consumindo.

E ao cabo d'um anno voltei,
Já estava a roseira viçosa,
Já pendia outra vez uma rosa,
Que tambem no botão enxerguei.

Eis que morre, ella vem renascer
Cada flôr sem que mude d'essencia;
Só a rosa de humana existencia
Duas vidas não póde viver.

Cada fôlha, que ao pégo cahir,
Cáia ao menos sem mancha e viçosa,
E nadando na vaga espumosa
Não se possa jámais submergir.

E o perfume que assim se exhalar
D'essas puras folhinhas da vida,
Vá, deixando a terrestre guarida,
Nossas almas no céo aguardar.

LUNDÚ

O CAFUNÉ

Musica de J. L. de Almeida Cunha

Eu adoro a uma yáyá,
Que quando está de maré,
Me chama muito em socego
P'ra me dar seu cafuné.

Que geitinho que ella tem
No revivar dos dedinhos!
Fecho os olhos e suspiro
Quando sinto os estalinhos.

Mas quando zangada está,
Raivosa me bate o pé,
Me *chinga,* ralha commigo
E não me dá cafuné.

Não sei então o que faça,
Mesmo fazendo carinhos
Ella entre meus cabellos
Não passa mais seus dedinhos.

Um dia zangou-se toda
Por vir cheirando a rapé;
Me chamou de velho e velho,
E não me deu cafuné.

Brigou commigo devéras;
Mas passada a raivasinha,
Me offertou cheia de encantos
Uma linha bocetinha.

Que boceta tão mimosa!
Dos pares emblema é;
Quando sorvi a pitada
Deu-me ella um cafuné.

Ah! que gosto que eu senti
Na boceta do rapé!
Encontrei o melhor meio
De ganhar meu cafuné.

E. Villas-Boas.

MODINHA

PELO CIMO D'AQUELLA ALTA SERRA

Musica da modinha — *Gigante de pedra*

Pelo cima d'aquella alta serra
Que se diz da Tijuca chamar,
Para allivio da dôr que me aterra
Vivo só por alli a vagar!

Testemunha, alto monte, tu és,
Dos meus ais e sentidas endeixas,
Quando ahi d'essas arvores aos pés,
Sento-me e faço ouvir minhas queixas!

Pela ingrata, que ousou desprezar
Os meus brios d'amante fiel,
E da taça me faz esgotar
Té a última particula de fel.

Oh! não posso soffrer jámais, não;
Soffrer tanto no mundo agras dôres!
Jaz oppresso este meu coração,
São meus dias de magoa e de horrores!

Quero aqui, ó Tijuca, findar,
N'este chão para sempre cahir;
Aqui só é que a devo acabar,
Só aqui, deixarei de existir!

Jámais deves contar minha morte
Á ingrata, por quem padeci,
Que, no mundo, por ella sem norte,
Já vaguei, e acabar vim aqui!

Só a aurora, quando no Oriente
N'altas nuvens, risonha mostrar-se,
Testemunha será d'este ente
Que de amores, quiz cedo finar-se.

Pelo cimo d'aquella alta serra
Que se diz da Tijuca chamar,

Para allivio da dôr que me aterra,
Vivo só por alli a vagar.

F. P. Lisboa.

RECITATIVO

PERDÃO!

Tu foste a rosa purpurina e bella,
Eu fui procella que do inferno vim;
Rojei-te as folhas pelo chão cahidas,
Que hoje, erguidas, vem sorrir de mim!

Era n'um baile,—inda bem criança,
Cheia d'esp'rança lá te vi folgar;
E logo um riso de teu labio puro,
Eu quiz perjuro, para mim roubar..

Eras tão linda! teu olhar de virgem,
Louca vertigem me causou d'amor;
Mas eu, cobarde, te feri com calma,
Roubei-te d'alma a candorosa flôr!...

Pobre criança! teu amor primeiro,
Vieste inteiro me offertar novel;
E nem prevías que na taça pura
Minh'alma impura te lançava o fel!

Cynico, infame, a victimar afeito,
Da flôr do peito te roubei o olôr!....
E nem pensava que mais tarde, um dia,
Chorar viria de remorso e dôr!

Meu vil cynismo no teu riso insonte,
Viu o horisonte da mais bella tarde;
Hoje minh'alma de chorar s'inflamma
Na dura chamma que em meu peito arde!

Quantos phantasmas! que visão errante
A todo instante me persegue, oh! sim!...
O' Deus! livrai-me da tyranna lida,
Tirai-me a vida que jámais tem fim!

Perdão, meu anjo, se roubei-te a calma,
Se as flôres d'alma te rojei ao chão;
Perdão, meu anjo, se fui louco um dia,
Perdão, Elmira, para mim, perdão!

Tu foste a rosa purpurina e bella,
Eu fui procella que do inferno vim;
Rojei-te as folhas pelo chão cahidas,
Que hoje erguidas vem sorrir de mim!

O. S. Mello.

MODINHAS

UNS OLHOS TÃO MATADORES!

Uns olhos tão matadores
Inda não vi em ninguem,
Como aquelles que volviam
No rosto de um terno bem.

Eram tão bellos, tão vivos
Nos eixos sempre a mover,
Que por elles n'este mundo
Eu só quizera viver!

No rosto terno, risonho
Tão buliçosos, tão bellos!
Que já captivo eu sentia
Me vendo preso em seus élos.

Minh'alma presa e captiva
Sómente os queria amar,
Eram tão vivos, tão bellos
Sempre a mover sem cessar.

Sorria, que riso santo
D'esses seus labios fugia!
Olhava, que olhares ternos
Me lançar, sorrindo eu vi-a.

Eram tão bellos, tão vivos
Nos eixos sempre a mover,
Que por elles n'este mundo
Eu só quizera viver!

Oliveira Fernandes.

DE TEU ROSTO UM GESTO BELLO

De teu rosto um gesto bello,
N'um teu olhar, dôce riso,
E' p'ra mim a flôr mimosa,
Tem no céo o paraiso!

As roseiras vão seccando,
Suas folhas vão cahindo,
Assim faz o triste amante
Quando ausente está dormindo!

Eu te peço, ó minha bella,
Que não deixes de me amar,
Tendo dó d'este cadaver
Que não póde te deixar.

A dôr que meu peito sente
Só tu pódes acabar,
Teus lindos olhos defendam
Se algum me quizer matar!

RECITATIVO

PEREGRINA IMAGEM

Porque me foges, peregrina imagem?
Porque torturas a minh'alma afflicta?
Não vês que choro de soffrer teu odio
Que mais ardente meu amor incita?!

Porque desvias esses olhos languidos
Dos meus que anceiam se revêr nos teus?
Porque emmudeces quando fallo e peço
Perdão, desculpa dos delirios meus?!

Porque constante teu olhar furtivo,
Surprehendo, ás vezes, a fixar-se além?
Porque reclinas pensadora a fronte?
Porque suspiras, sem amar ninguem?

Porque recusas ao piano, oh Diva,
Que volte as folhas do Nocturno ou Canto,
Dizendo altiva: — « Não lhe dê cuidado,
« Não se incommode; não mereço tanto?»

Ou se eu insisto no almejado intento,
Mordendo os labios, a corar-te o rosto,
Porque murmuras ao voltar-me as costas;
—« Sinto viesse a me massar disposto?!»

Depois... deitando-me um olhar d'aquelles
Que enleiam, matam um feliz mortal,
Sorrindo dizes m'estendendo a mão:
—« Não se amofine, que não fiz por mal? »

Se persistires n'esta fórma excentrica
De torturares a minh'alma ardente,
Hei-de humilhar-te, revelando a todos
Que o teu orgulho meu amor consente!

Octaviano Hudson.

CANÇÃO

EULINA

Eulina, pedes que eu conte
O segredo de minh'alma?
Queres tu que eu te aponte
Minha dôr?
E pódes tu, meiga flôr,
Dar-me de ti—dôce calma?!

Pois ouve, Eulina, querida:
E' bem triste o meu viver:
Em contínua e crua lida
N'este mundo,
Sempre vivo gemebundo,
Sem alegre jámais ser.

Dir-me-has: «Qual é a causa?»
Dir-te-hei: «Tu saberás»,
Não faço minima pausa,
Responderei;
Mui fiel eu te serei,
Lealdade em mim verás.

Póde vir, Eulina, um anjo
Os meus males terminar;
Póde, sim, vir um archanjo
Dar conforto
A quem se julga já morto,
Prestes na campa a tombar!

Serás, pois, o anjo, Eulina,
Meu coração é quem diz;
Quem déra vêr-te, menina,
A meu lado,
Ficaria eu consolado,
Meu viver era feliz!

F. P. Lisboa.

LUNDÚ

PERDEU-SE A CHAVE!

Perdeu-se a chave!
Quem havia tal dizer!
Uma chave como aquella
Nunca mais eu hei-de ter.

Perdeu-se a chave!
Como hei-de contas dar
A meu bem, quando de noite
Me pedir para lh'a dar?

Perdeu-se a chave!
Ah! meu Deus, que confusão!
Annunciei no *Jornal,*
Mas noticias não me dão.

Perdeu-se a chave!
Não me fazem outra igual;
Era chave de segredo
Com certa mola real.

Perdeu-se a chave
Que trazia na cintura;
Seu Mané quando vier
Pintará a — saracura.

Perdeu-se a chave
Já gastei um dia inteiro
A procurar pela sala,
P'lo quintal, p'lo gallinheiro!

Perdeu-se a chave
Que fechava o gavetão!
Tenho o *puff* lá trancado,
Oh que grande entalação!

Perdeu-se a chave
Quando vim de Cascadura;
Para entrar dentro de casa
Arrombei a fechadura.

Perdeu-se a chave
Lá na rua do Aterro;
Quero outra semelhante,
Não fazem do mesmo ferro.

Perdeu-se a chave,
Chavinha como não ha!
Dava duas e tres voltas,
Ao sahir fazia: — tá!

Perdeu-se a chave!
Outra igual não ha quem faça:
Em Milão, na Noruega
No Japão, mesmo em Mombaça.

Perdeu-se a chave!
Chorarei por ella um anno;
Foi forjada pelos Cyclopes,
Por mando do deus Vulcano.

F. P. Lisboa.

MODINHAS

A MOÇA SOLTEIRA

Toda a moça solteira que cora
Quando os moços lhe querem fallar,
E' signal evidente que a cuja,
Acreditem, leitor—quer casar.

Quando virem qualquer uma moça
De manhã o cabello enfeitar
Com trancinhas, pôr flôres no *coque*,
Acreditem, leitor—quer casar.

Quando virem á tarde uma bella
A' janella se ir reclinar,
Dando risos a todos que passam,
Acreditem, leitor—quer casar.

Quando virem a mesma n'um canto
Sem motivos haver a chorar,
Não procurem saber qual a causa,
Pois a mesma o quer é casar.

Quando virem qualquer uma d'ellas
De qualquer um rapaz desdenhar,
E' signal que ella gosta do cujo
E desdenha porque quer casar.

Quando virem na rua uma moça
Procurando affectar o andar,
D'este modo mostrando-se airosa,
Digam logo:—«an... an... quer casar.»

Quando virem qualquer uma moça
Pós de arroz no semblante lançar,
Occultando com elles mil sardas,
A razão pela qual... é casar.

Quando virem n'um baile uma moça
Com um moço sómente dançar,
Podem crêr que é namoro ferrado,
Cujo fim, realmente, é casar.

Qualquer um movimento da moça
Isto é (no meu fraco pensar),
Eu traduzo, queridos leitores,
Por desejo tão só de casar.

Quando virem com olhos quebrados
Mil suspiros deixando escapar,
E dizer:—«Eu estou mui doente»,
Tudo é falso, leitor, quer casar.

João Gualberto de Queiroz Peçanha.

RECORDAÇÕES DO PASSADO

Musica da modinha—*Por entre as trevas da noite*

Vai além, meu pensamento,
Divagando sempre incerto,
Qual divaga sem ter rumo
O viajor no deserto.

Assim meu peito em delirio
Soffre cruel desventura:
Por penhor tem a tormenta,
Por descanço a sepultura!

Hoje, eis-me sempre soffrendo
Da avára sorte as torturas;
Por fanal tenho o martyrio,
Por penhor as amarguras!

Assim, meu peito em desdita
Tem desde o berço só dôres;
Soffrendo sempre na vida
Os mais crueis dissabores.

Sempre a lidar n'este mundo
Curtindo tantos rigores,
Ao luctar co'a dura sorte
Vê-se o mortal entre dôres.

Acabou-se o tempo amigo
D'essa idade florescente,
Em que brincando sorria
Sem ter pezares na mente.

A. C. d'Oliveira Fernandes.

CANÇÃO

O SOMNO

O' somno! ó noivo pallido
Das noites perfumosas,
Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pampanos,
Na branca fronte enrolas
As languidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitarias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta nua
Na onda azul do mar,
C'um dedo sobre os labios
No vôo silencioso,
Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do misero!
Consolação do afflicto!
Descanço do precito,
Que sonho a vida em ti!
Quando a cidade tetrica
De angustia e dôr não geme...
E' tua mão que espreme
A dormideira alli.

Em tua branca tunica
Envolves meio mundo...
E' teu seio fecundo
De sonhos e visões,
Dos templos aos prostibulos,
Desde o tugurio ao paço,
Tu lanças lá do espaço
Punhados de illusões!...

Da vida o somno ráhido,
Do *hatcchiz* a essencia,
O opio, que a indolencia
Derrama em nosso sêr,
Não valem, genio magico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo do viver...

O' somno! Unge-me as palpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abraza o craneo meu:
Como o pastor da Arcadia,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as petalas
Do lyrio, que pendia,
Chorando á luz do dia
C'os raios do arrebol,
Tambem fecha-me as palpebras...
Sem *ella* o que é a vida?...
Eu sou a flôr pendida
Que espera a luz do sol.

O leito das euphorbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno!
O' Deus consolador
Com teu divino balsamo
Cala-me a anciedade!
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dôr.

Mas quando, ao brilho rutilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me subito...
E' minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
E' minha amante emfim!

O' somno! O' deus noctivago!
Dôce influencia amiga!
Genio que a Grecia antiga
Chamava de Morpheu.
Ouve!... e se minhas supplicas
Em breve realisares...
Voto nos teus altares
Minha lyra de Orpheu!

Castro Alves.

RECITATIVOS

LÁ NOS PALMARES

Junto aos palmares no correr da tarde
Eu te vi bella e seductora ahi!
Já não te lembras d'esse tempo findo,
Quando teu rosto me sorria alli?

Quanta belleza não te ornava a fronte
Que ao contemplal-a me causou paixão!
Louco em mirar-te me perdi um dia,
Eu quiz fallar-te e me disseste — não!

— Não é possivel, minha mãi nos vê:
Se eu aqui fosse vos fallar acaso!
Deixai-me só e por favor nest'hora,
Antes que venha pôr-se tudo em raso...

Meu Deus! que é isto que acabei de ouvir
N'este momento que o prazer dilata?
Tive em resposta que me fosse embora...
Talvez que a visse a pertinaz *barata!*

Quem sabe, acaso, se não houve arrufos
Por minha causa co'a menina, hein?...
Louco, ancioso por saber que é isto,
Quasi que estalo de paixão tambem!

Talvez que o velho de rabugem cheio
Tivesse alguem que lhe contasse o caso!...
E minha amada temerosa agora
Teme que o cujo ponha tudo em raso!...

A noite é bella, mas a arage' é forte,
Eu já tirito, mas d'aqui não fujo!...
Hei-de apanhal-a no meu geito, e então
Ella dirá o que souber do cujo!...

Lá nos palmares no correr da tarde
Eu a vi bella e seductora ahi!
Sempre a esperava impaciente á sombra
D'esses olmeiros que florescem alli!

A. C. d'Oliveira Fernandes.

VISÃO

Era de noite, despontava a lua,
De face nua, a derramar fulgôres;
Vi-a scismando lá na varzea, a medo,
O seu segredo confiando ás flôres.

Timida onda a se quebrar desmaia,
Na branca praia a soluçar defronte;
E a dôce briza a respirar saudosa,
Vinha medrosa bafejar-lhe a fronte!

Era tristonho como a flôr sem vida,
Murcha, perdida do hastil mimoso;
Nas brancas vestes, o seu niveo seio,
Em dôce enleio palpitava ancioso...

Louco, em delirio, quiz beijar-lhe as plantas,
E phrases santas lhe fallar a medo;
Mas ella esquiva, para os céos voando
Foi, me deixando seu fatal segredo!

Tudo apagou-se!... foi um meigo sonho,
Dôce, risonho, que eu sonhei, d'amor;
Era a neblina que pairava airosa,
Sobre uma rosa que se abria em flôr.

O. S. Mello.

INDA DUVÍDAS?

Tu, hontem, virgem, perguntaste, tremula,
Muito baixinho: — se te tinha amor;
Depois coraste... abaixaste os olhos...
Inda mais bella tu ficaste, ó flôr!...

Ao vêr-te linda, enrubecida e tremula,
Eu senti logo uma febril vertigem...
E exclamei com divinal transporte:
— «Tu me perguntas se te amo, virgem?!...»

Pois tu não sentes, minha flôr mimosa,
Não vês meu peito palpitar constante?
Não ouves fallas de um amor ardente?
Não ouves votos a cada um instante?

Não comprehendes meus olhares ternos?
As minhas phrases a teus pés cahidas?
Tu bem conheces que o que eu trago n'alma
E' este amor; e... inda tu duvidas?!...

Inda duvidas d'este amor tão puro
Que eu te dedico, minha joven bella?...
Pois não te disse eu, que o meu desejo
Era levar-te á divinal capella?

QUAL SEMPREVIVA

Qual sempreviva que se ostenta bella,
Tu és, donzella, d'essa flôr — retrato;
Como é tão bello o teu porte altivo
E como é vivo teu olhar tão grato!...

Tu és tão linda como a fresca rosa
Toda cheirosa por manhã d'abril;
Ou, qual o lyrio, que se pende airoso,
Mui perfumoso, lá do seu hastil!

Eu sou agora o lyrio sossobrado!
Tufão ousado fez-me ao chão volver;
Quero ter vida, e de ti careço,
Oh! desfalleço! Vem-me soccorrer!...

Dá-me o perfume d'essa linda rosa,
O rescender do mais mimoso lyrio;
Garboso porte da sempreviva airosa,
E, vem, piedosa, tirar-me o delirio.

Se isso fizeres, se me acalentares,
Se me fallares, eu direi: — que vivo;
Mas, se cruel, tu me desprezares,
Eu, de pezares, para a tumba sigo!

Qual sempreviva, que se ostenta bella,
Tu és, donzella, d'essa flôr — retrato;
Como é tão bello o teu porte altivo,
E como é vivo teu olhar tão grato!...

F. P. Lisboa.

MODINHAS

O INFELIZ

Musica da modinha — *Um terno sorriso*

Avára sorte,
Cruel tormento,
Sempre devora
Meu pensamento.

E o peito oppresso
P'la dôr pungente,
Soffre os rigores
Que o fado tente.

Da taça amarga
Sorvendo o fel,
Meu peito sente
Não ter quartel.

Assim, soffrendo,
Sempre constante,
Tenho martyrios
A cada instante.

O vicilino,
Terno, mimoso,
Da rosa o nectar
Frue, ditoso.

O infeliz
A' sorte exposto,
Tem por divisa
Agro desgosto!

A borboleta
De vivas côres,
Sobre a campina
Goza de amores.

Mas o meu peito,
Sempre tristonho,
Soffre da sorte
Golpe medonho!

A. C. d'Oliveira Fernandes.

RECITATIVOS

ESQUECER-TE?!

Quero esquecer-te, mas debalde tento,
Mão de ferro me prendeu a alma;
Quero esquecer-te, mas prefere o peito
Soffrer e amar-te, sem a dôce calma!

Oh! eu te amo, com fervor insano,
E gemo e choro, porque não és minha;
Oh! eu te amo, elevei-te um throno
N'este meu peito, aonde és rainha.

Ouve, ó Diva:—meu gemer é triste,
E' melodia do sagrado templo;
Longe, eu lamento; perto, eu m'estremeço;
E não és minha, e eu não te contemplo!

Quero esquecer-me de teu rosto amado,
D'esses teus olhos divinaes, fulgentes...
Mas ai! minh'alma a teus pés curvada,
Chora, coitada, lagrimas ardentes!

Porque assim o teu amor pesou-me,
Branca pombinha que suspira á tarde?
Tu qu'és tão pura, ateaste o incendio
No qual minh'alma innocente arde!

Eu sou qual lyrio do hastil tombado
Que morto embora,—vê soprar o sul;
Perdido nauta que navega a esmo,
Cravando os olhos lá no céo azul!

Tu és a briza que fagueira, á tarde,
Sopra de manso, agitando as flôres;
Serena estrella sob um céo d'anil,
Cheia d'encantos, de gentis fulgores.

Ouve, ó Diva:—meu gemer é triste,
E' melodia do sagrado templo;
Longe, eu lamento; perto, eu m'estremeço;
E não és minha, e eu não te contemplo!

J. L. da Costa Sobrinho.

MULHER, AMEI-TE!

Mulher, amei-te! no delirio insano,
Nunca um engano nos teus olhos vi!...
Amei teus risos virginaes, pensando,
Sempre sonhando muito amor em ti.

Amei teus risos, teu olhar ardente:
Por ti, contente, minha vida eu déra!
Amei as vozes de teu canto impuro,
Amei-te, e juro, por te vêr sincera.

Amei as crenças que ao romper da aurora
Tinha, e que agora são p'ra mim — desgostos!
Amei das auras a canção serena,
A côr morena de teu bello rosto.

Amei a relva que o pésinho breve
Pisava leve, sem dóbrar ao menos!
Amei teus labios, palpitar do seio,
Pensando, cheio de amorosos threnos!

Amei-te, e louco, te adorára um dia,
Alma que eu cria, dos affectos santos!
Amei-te, e louco te cedêra est'alma,
A crença, a calma, mesmo até... meus prantos!

Mas tu, que apenas no calor das salas
Amas as fallas de mentida crença;
Oh! não podeste comprehender meu peito,
Sublime leito de paixão immensa!

Mas, diz: se á sombra de dourados tectos
Crês nos affectos que a teus pés rastejam?
Se meigas vozes só te pedem risos,
Se meigos risos teu amor desejam?

P'ra que quizeste do mancebo honesto,
Riso modesto merecer impura?!
Para que os risos de teus labios bellos
Tentam, singelos, inspirar ternura?!

Que eu seja hoje teu ludibrio — é justo;
Já que sem custo inclinei-me a ti!
E, se te amando maculei minh'alma,
Do gozo a palma, aonde está? — perdi. —

* * *

O QUE EU SOU

Eu sou qual lyrio que os sepulchros ornam
E ás vezes tornam somnolenta a lua;
Qual caminhante que cançado pára
Quando depára co'a choupana sua...

Eu sou qual rosa que vaga á tôa
Lá na lagôa crystallina e pura,
E quando esquecida da tyranna lida
Perde a vida, a salvação futura.

Qual açucena que em desertos prados
Jaz sem cuidados, soffredora e só...
Assim supporto do martyrio as dôres
Soffrendo amores... mas ninguem tem dó.

Por isso triste, de viver cançado,
Sou desprezado como o proprio pó!
Ai! quem diria, que minh'alma triste,
Já não resiste... reservada é só...

O mundo é um sonho d'illusões douradas
Por nós creadas... na imaginação,
Nós, pobres loucos, de correr cançados,
Somos atirados para a perdição!

D. Camargo.

A PUPILLA

(Parodia á *Judia*)

A noite estava em meio; a lua... repousava
Em torno da fazenda; — escuro, como breu!
Lá dentro, no poleiro, o gallo... nem cantava!
Silencio sepulchral e triste — como eu!

Mas n'isto, de repente, um cão da Terra Nova
Latindo com furor, põe tudo em confusão!
Os grillos a tremer, encolhem-se na cova!
Reune-se o pavor á «negra» escuridão!

Oh! tardes da Pampulha! oh dias venturosos!
Noites em que sonhei! manhãs em que vivi!
Cartas do meu amor! suspiros dolorosos!
Arvore a cuja sombra... a amar eu aprendi!

Se acaso meu tutor não fosse tão perverso,
E eu podesse um dia unir-me ao meu Luiz,
Levando quanto ha de grande no universo,
Vivera na Pampulha alegre e bem feliz!...

A noite estava fria: envolta no meu chale,
Fui vêr se resonava o preto Serafim,
Porém voltei atraz: na cerca, junto ao valle
Um vulto lobriguei: cantava, — e era assim:

Ouves meu canto, minha voz plangente,
Pomba innocente, divinal mulher?
Olha, não posso caminhar ávante,
Esse tratante d'esse cão... não quer!...

Dormes? pois dorme: ficarei velando
E em ti pensando... como penso em mim!
Dorme! repousa! recupera alento
Que eu conto ao vento quanto sinto emfim!

Anjo dos anjos! resplendente norte!
Em quanto a morte me deixar viver...
Hei-de seguir-te como um cão de fila,
Rica pupilla.—Não tem mais que vêr!

D'onde vieste, em que paiz andaste?
Onde deixaste teu querido pai?
No Porto? em Braga? em Macacu? na China?
Pobre menina! que tormento! ai! ai!

Harpa sem corda que no mundo vagas
Longe das plagas onde viste a luz,
Ave sem ninho, suspirosa pomba
Sobre quem tomba tão pesada cruz!...

Herdeira rica de um peculio immenso,
No qual eu penso—quando penso em ti,
Foge commigo; vamos vêr o mundo!
Deixa o profundo lodaçal d'aqui!

Porque motivo has-de ficar solteira,
Tu, que és herdeira de peculio tal?
Casa commigo, divinal donzella,
Deixa a tutella, que parece mal!

Meu cavaquinho! porque choras tanto?
Canto! meu canto!—vou perdendo a voz!...
E' praga, é praga, companheiro, vamos,
Prestes fujamos d'esse cão feroz.

Ladra, maldito ladrador do inferno!
Trifauce eterno acorrentado ahi!
Ladra, barreira que me impede um gozo!
Ladra, tinhoso! que eu não fico aqui.

CANÇÃO

O PESCADOR

Barco ao mar, ó pescador,
Solta as velas ao frescor
Da briza que geme e chora:
Lança teu barco ligeiro
Sobre este mar tão fagueiro,
Eia á pesca, sem demora!

Bonançoso está o mar
Para os segredos guardar
De tuas canções de amor!
A lua no céo mimosa,
Reflecte silenciosa
Sobre ti, ó pescador!

Já vai o gentil barquinho
Por sobre as ondas sósinho,
Garboso, alegre a correr;
Mais de um peito jaz sentido
De saudade entristecido,
Levanta o véo do soffrer.

Linda, uma virgem chorando
Na praia, está murmurando
Pia e fervente oração!
E o amante pescador,
Lembra-se n'este amor
Mysterio do coração!

O tão lindo pescador
Vê na praia seu amor
Por elle triste a chorar!
Empunha sua viola,
E pungente barcarola
Começa triste a cantar:

Adeus anjo,
Adeus amor.
Lembra-te sempre
Do pescador;

Que vai tristonho
Em ti pensando
E seus gemidos
Vai-te offertando.

Eu te prometto
Quando voltar,
Oh! minha virgem
Mais te adorar!

Se ouço a vaga
Triste gemer,
Teu lindo nome
Vem me dizer!

Se a briza passa
Dando o frescor,
Por ella envio
Meu triste amor.

Lembra-te sempre
Do pescador,
Adeus, meu anjo,
Meu pobre amor!

LUNDÚ

MEU CORAÇÃO ESTÁ VAZIO

Meu coração está vazio,
Vou pôr escriptos agora;
Se m'o quizer alugar
Dou preferencia á senhora.

Tem salas, quartos, saletas,
Gabinete e corredor;
O aluguer é barato
Mas exige fiador.

N'elle já tem habitado
Moças todas bonitinhas,
Altas, baixas, gordas, magras,
Claras, louras, moreninhas.

De algumas levei calotes
Por n'ellas me haver fiado;
Agora o ajuste é outro:
Um beijinho adiantado.

Tem um formoso jardim
Todo enfeitado de grades,
Com suspiros, não-me-deixes,
Amor-perfeito e saudades.

Em cada compartimento
Estão retratos diversos
E no papel das paredes
Uma enfiada de versos.

Quem n'elle morar agora
Não precisa de folhinha,
Que o nome alli ha-de achar
De toda e qualquer santinha.

Entre, pois, minha senhora,
Tome posse da morada,
Que depois de estar lá dentro
Não se lembra de mais nada.

RECITATIVOS

FLÔR DE MINH'ALMA

Flôr de minh'alma perfumosa e linda,
Busca n'alvura d'esse seio abrigo;
Conta-lhe as fallas que eu te digo a sós,
Vai, flôr querida, que eu serei comtigo.

Ah! não consintas que esse amor de anjo
Seja levado p'lo soprar de Deus..:
Ah! não consintas, minha flôr, te peço;
Sim, velai sempre p'los amores meus.

Quando tristonho declinar o dia,
Em mim lhe falla, minha pobre flôr;
Lembra-lhe os prantos que verti por ella,
Lembra-lhe as horas do saudoso amor!...

Pinta-lhe o manto de minh'alma triste,
De côr tão negra, pela dôr manchado;
Pinta-lhe as chammas d'esse amor ardente,
Que no meu peito já se tem creado.

Beija-lhe a fronte divinal e santa,
Como se eu fôra, dá-lhe amor tambem;
Dá-lhe teus cantos, bafeja-lhe a vida,
Dá-lhe o perfume que o teu seio tem.

Porém se um dia, minha flôr, tu vires
Que a lyra esquece do seu bom cantor,
Vôa aos braços de minh'alma triste,
Entoando um hymno ao infeliz amor!...

O. S. Mello.

HONTEM NO BAILE

Poesia do dr. J. Tito Nabuco d'Araujo, e musica de R. E. Graça Bastos

Hontem no baile, do teu seio lindo,
Meiga e sorrindo, me offertaste a flôr;
Beijei-a tremulo, e meu sêr captivo,
Do porte altivo, suspirou de amor.

Terna me olhaste, e nos teus olhos bellos,
Quantos anhelos, quantos sonhos li!
Lagrima triste deslisou no rosto,
Fundo desgosto por te amar senti.

A flôr querida, concheguei ao peito,
E o amor-perfeito emmurcheceu de dôr;
Lá, no teu collo, era lindo, amado,
Aqui nevado, desfolhou no alvôr.

Então aos olhos, de soffrer batidos
Sempre abatidos, a verdade veio,
Quadro de sombras, infernal, horrivel,
O impossivel, a se erguer permeio.

A luz da vida me roubaram rindo,
Vivo carpindo, meu amor proscripto,
Foge, não venhas, eu só tenho dôres,
E' só de horrores, o meu fado escripto.

Ergue teus olhos para a luz da aurora,
Ella desflora do oriente o véo,
Da primavera não desfolha as flôres,
Os teus amores devem ser p'ra o céo.

CANÇÃO

INDA DIZES?

Resposta á canção — *Minha mãi*

Inda dizes, ó lambida,
Que um poeta te tirou,
E, inda mui derretida,
Que açucena te chamou?!
Que te disse certa cousa?!...
Ah! não sei como já estou...

E pedes p'ra ao baile eu ir,
Hein, senhora descarada?!
As pastas que vossê quer
E' a cabeça rapada.

Tu já contas treze annos?!
Jesus! que cara estanhada!...

Que tal acham a minha cuja?
Não quer ser mais yáyásinha!...
Pois, d'ora avante mui suja,
Andará lá na cozinha,
Socará milho p'ra pintos,
Verá o ovo da gallinha.

Se bordas, marcas, espantas
A gente, e sabes pular,
Inda faltam cousas tantas
Que convém eu te ensinar:
Ires lavar tua roupa,
Pegar no ferro, engomar.

A tal folha do coqueiro
Ao cahir da viração,
T'a darei c'um marmeleiro
Té te vêr fazer vergão!
E teu primo não mais entra
Em casa, não quero, não!

F. P. Lisboa.

LUNDÚ

A MORENINHA D'AQUI

(RESPOSTA Á MULATINHA DE CÁ)

Musica do lundú — *Do Brazil a mulatinha*

Tem no rosto — *inexprimivel*
Belleza, como não vi;
Tem um gesto mui — *sensivel*
A moreninha d'aqui!

Mais clara que o *chocolate,*
Menos bella do que houri;
Mas tem valor de *quilate*
A moreninha d'aqui!

Nem vatapá da Bahia,
Nem o dôce abacachy
Vencerão em *primazia*
A moreninha d'aqui!

E' qual melado em *doçura...*
Outra igual inda não vi;
Tem no seu todo a *primura*
A moreninha d'aqui!

Requebra e fica *engraçada*
Quando avista o seu dandy;
Torna a gente *eclipsada*
A moreninha d'aqui!

Se os olhos revira *ella*
Praguejando, nos diz — ih!...
Córando após, se faz *bella*
A moreninha d'aqui!

Curvando-se com tal *derriço,*
No requebro ella sorri;
E c'um olhar faz *feitiço*
A moreninha d'aqui!

Se fallardes em *folia*
Vel-a-heis pulando ahi...
Sempre com dôce *alegria*
A moreninha d'aqui!

Não ha outra como *ella,*
Nem aqui, nem acolá...
Que cause prazer ao *vel-a*
Sorrindo-se: — *ah! ah! ah! ah!*

A. C. de Oliveira Fernandes.

MODINHA

PASSEANDO NA FLORESTA

Passeando na floresta
Pela sésta,
Deparei com lindo anjo!
Tem nos olhos formosura,
Tem candura
No seu rosto, que é d'Archanjo!

A contemplar o tal rosto,
Eu com gosto
Mil vezes me extasiei!...
E' do céo anjo cahido,
E erguido
Cá na terra, a nos dar lei!

Oh! quem me dera viver,
Sempre ser
A tal anjo obediente!
Minha vida era de rosas
Perfumosas,
Meu viver bem florescente!...

Eia, pois — ouve-me, ó anjo,
O Archanjo,
Minha humilde narração:
Se és anjo do Empyreo,
Casto lyrio,
De ti — quero protecção...

F. P. Lisboa.

FIM DO VOLUME II

INDICE

	Pag.
Acaba de assassinar-me	23
Aceita, ó Lucinda	14
Adeus, Armia	75
Adorei uma alma impura	37
A gentil Carolina	62
Agora	89
Agrados de nhâ-Chiquinha	11
A hora que te não vejo	76
A minha irmã	24
A moça solteira	130
Amor e crença	41
Amor e medo	79
A moreninha	81
A moreninha d'aqui	156
Amor me viu, não fez caso	59
Anjo de amor	78
Aos heroes de Riachuelo	40
A pupilla	146
A quebra dos bancos	97
Arvoredo, tu já viste	21
As beatas	91
Attende, ó virgem	106
Avelina	31
A virgem morena	17
Com as lagrimas nos olhos	8
Como é puro o dôce orvalho	85
Como és bella	77
Como eu te amo	49
Conselhos ás moças	65
Crê e ama como eu	35
De amor lições proveitosas	53
Depois que te dei minh'alma	104
Desejo a vida acabar	103
Despedida	38
De teu rosto um gesto bello	124
De ti bem longe	6
Donzella	18
É curta a vida	48
Era outr'ora a minha vida	84
Escuta	96
Escuta!	112
Esquecer-te?!	142
Eu amava ternamente	45
Eulina	126
Eu quizera ser eterno	86
Flôr de minh'alma	152
Florinha branca	54
Foste falsa hontem á noite	111
Grato mysterio	28
Hontem no baile	153
Inda dizes?	154
Inda duvídas?	138
Já não posso viver mais no mundo	110
Já perdi toda a alegria	55
Lá nos palmares	136
Mãi Benta	74
Mal te vi	45
Meia noite, hora terrivel	24
Meu coração está vazio	150
Meu destino é immudavel	36
Meus gemidos solto em vão	102
Minha mãi!	113
Mulher, amei-te!	143

	Pag.
Não me ouves suspirar?....	44
Não sei, mas sei.....	25
Não te esqueças, Marilia, de mim.....	101
Não te lamento.....	105
Não tenho tanta ventura...	52
Não te posso amar.....	115
No verdor dos teus annos...	29
O anjo da patria.....	64
O bardo.....	70
O cafuné.....	118
O destino.....	7
O espectro.....	16
O infeliz.....	140
O meu passado e o meu presente.....	46
O mundo é vão.....	33
O nariz de yáyázinha.....	98
O pescador.....	148
O que eu sou.....	145
Os olhos de yáyázinha.....	20
O somno.....	133
Os teus olhos anilados.....	39
O Telles carapinteiro.....	108
O testamento.....	19
Pai João.....	26
Paixões que eu extingui....	39
Passeando na floresta.....	157
Pelo cimo d'aquella alta serra.....	119
Penso em ti.....	88
Perdão.....	10
Perdão!.....	121
Perdeu-se a chave!.....	128
Peregrina imagem.....	125
Porque, ó morte cruel.....	92
Primeira nota.....	55
Qual sempreviva.....	139
Quando as glorias que gozei.....	103
Quando eu era pequenino...	42
Quando eu morrer.....	22
Quando tudo me abandona.	5
Que vale a vida?.....	72
Quiquita.....	32
Recordações do passado....	132
Rôxa saudade.....	13
São pedaços de minh'alma..	38
Sentado sobre uma pedra...	67
Sobre as aguas do mar.....	116
Solidão.....	60
Solta um «ai» meu coração.	59
Sonhos fagueiros.....	68
Tenho um bicho cá por dentro.....	73
Tenho sorriso nos labios....	30
Trovador (3.ª defeza).....	93
Ultima nota.....	56
Uma ingrata, uma inconstante.....	95
Um terno sorriso.....	87
Uns olhos que vi.....	57
Uns olhos tão matadores!..	123
Vai, suspiro, chega aos lares.....	76
Visão.....	137

Duas mulheres, romance de A. Belot.

Julio Diniz — Os fidalgos da casa mourisca. 2 v. — A morgadinha dos Cannaviaes, chronica da aldêa. 2 v. — As pupillas do snr. Reitor. — Uma familia ingleza. — Os novêllos da tia Philomela e o espolio do snr. Cypriano, com o retrato do author. — As apprehensões de uma mãi e uma flôr d'entre o gelo. — Poesias.

Mysterios do Alcazar, por Santos Leal.

Teixeira e Sousa — Tardes de um pintor, ou as intrigas de um jesuita. 3 v. — Maria, ou a menina roubada. — A Providencia. 5 v. — As fatalidades de dous jovens. 4 v. — O filho do pescador. 1 v.

A independencia do Brazil, poema em 12 cantos. 3 v. — Os tres dias de um noivado, poema.

F. X. de Novaes — Manta de retalhos. 1 v. em prosa e verso. — Cartas de um roceiro. — Poesias. — Novas poesias. — Poesias posthumas, com retrato. — O futuro um grande e grosso v. com romances, poesias, musicas e estampas. — Scenas da Foz, comedia.

O annel preto, historia de uma infeliz. 2 v.

Dr. Barbosa Rodrigues — Contos nocturnos. — O livro de Orlina, paginas intimas.

Fernandes da Rocha — Augusto e Olympia, 2.ª edição augmentada. — Isabella, romance. — Confissões de uma freira. — O espectro de Helena em sonhos ao homicida. — Maria da Conceição, a victima do desembargador Pontes Vesgueiro.

Vieira de Castro — Discursos parlamentares. — Uma pagina da universidade. — A republica. — Biographia de Camillo C. Branco. — Processo de Vieira de Castro, com 2 retratos.

Tinandro — O libello do povo, 3.ª edição.

Casimiro de Abreu — Primaveras, nova edição augmentada com poesias, biographia e retrato do author.

Carlos, romance do dr. Adolpho R. da Silva.

José de Alencar — A expiação, comedia. — As azas de um anjo, comedia. — Uma these constitucional. — Discursos. 1 v. — Ao correr da penna.

Zalcar — Contos da roça. 2 v. — Revelações, poesias. — Peregrinação pela provincia de S. Paulo. — Dores e flôres, poesias. — Sabios illustres: Biographia de Christovão Colombo.

O livro do democrata, por Arcesilão.

Eugenio Sue — Mathilde, memorias de uma joven. 8 v. — Os filhos do amor. 2 v. — O aventureiro. 3 v. — Martin, o enjeitado. 6 v. — O Pachá de Janina. 1 v. — Bertha de Plouernel. 2 v. — A predicção. 4 v. — Hercules Valente. 2 v. — O marquez de Sorville. 2 v. — A familia Jouffroy. 6 v. — A vicia de Kostven. 1 v. — Atar-Gul. 1 v. — Miss Mary. 3 v. — O João cavalleiro. 4 v. — Thereza Dunoier. 2 v. — A salamandra. 3 v. — A Buena-Dicha. — Os sete peccados mortaes. 12 v. — Theatro da vida humana. 5 v. — Os filhos-familia. 3 v. — O commendador de Malta. 2 v. — O Judeu Errante. 16 v. — Os mysterios de Paris. 16 v. — O segredo do travesseiro. 4 v. — O vaticinio. 2 v. — O almirante Levacher. 1 v. — Os mysterios do povo. 9 v. com est.

Esquirós — Processo do primeiro martyr da liberdade brazileira J. J. da Silva Xavier, por antonomasia o *Tira-dentes*. 1 v.

Leo Junior — As mulheres perdidas, typos contemporaneos. 3 v. — Os libertinos e tartufos. — As preciosas celebres e as mercadorias do amor. — A cruz de fogo. — O lyrio do sepulchro. — Luiza, a resuscitada.

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

ALEXANDRE DUMAS — A guerra das mulheres. — A familia dos Borgias. 2 v. — Os dramas do mar. 2 v. — O cofre de prata. — De Paris a Cadiz. 6 v. — De Cadiz a Tanger. 6 v. — A dama das perolas. 3 v. — A mão do morto. — O conde de Monte-Christo. 4 v. — As duas Dianas. 9 v. — A consciencia. 3 v. — Os companheiros de Jaiza. 2 v. — O cavalleiro de Harmental. 2 v. — A casa de gelo. 3 v. — Ascanio ou a corte de Francisco I. 4 v. — Uma familia corsa. — A rainha Margarida. 5 v. — Os quarenta e cinco. 5 v. — A dama de Monsoreau. 6 v. — Pauline. 2 v. — Fernanda. 2 v. — Edmardo III. 2 v. — A filha do regente. 4. v. — Historia dos Stuarts. 2 v. — Condessa de Salisbury. 2 v. — Cecilia ou o vestido de noivado. 2 v. — O capitão Paulo. 2 v. — Amaury. 3 v. — Catharina Blum. 2 v. — As gemeas de Machecoul. 4 v. — A tulipa negra. 3 v. — Sylvandira. 2 v. — Os crimes celebres. 3 v. — Deus disse. 2 v. — A firma do inferno. — O cavalleiro da casa vermelha. — Albine. 1 v. — Apontamentos de Antony. 1 v. — O bastardo Mauleon. 4 v. — Gabriel Lambert. 1 v. — Um morto a contar sua historia. 1 v. — Isabel de Baviera. 3 v. — Joanna de Napoles. 1 v. — A marqueza de Brinvilliers. — Pascal Bruno. 1 v. — A pomba. 1 v. — Os tres mosqueteiros. 4 v. — Vinte annos depois. 5 v. — Visconde de Bragelonne. 10 v. — O filho de Marat. 5 v.

VICTOR ou o menino da selva.

OLIVEIRA — José Estevão, esboço biographico, com o retrato.

ARAUJO — Diccionario dos jogos. 1 grosso v. contendo mais de 200 jogos, entre elles: voltereta, whisth, dominó, gamão, damas, xadrez, etc.

F. COOPER — O corsario vermelho. 3 v. — O espirito do campo raso. 4 v. — O carrasco. 2 v. — Os leões do mar. 2 v. — O negociador de terrenos. 4 v. — O piloto. 4 v. — O derradeiro mohicano. 1 v. — Os partizanos da America. 1 v.

BRAMAT — A feiticeira moça. 1 v.

ALFRED BLANQUIER — Os amores de Artigan. 5 v. — O rei de Italia. 2 v. com estampas.

SAINTINE — Picciola. 1 v.

D. BRANCA DE CARVALHO — O preço da felicidade. 1 v.

LYCOVLAYE — O partido liberal, seu programma e futuro. — Paris na America. — O principe Cao de Agua.

PRADIER DE AZEVEDO — Angelina ou dous casos felizes. — Coincidencias fataes, romance.

A CONDESSA DE MONTE-CHRISTO, por Du Boys.

J. OSORIO — Vida e feitos de el-rei D. Manoel. 3 v.

VICENTE F. DE CASTRO — Os homens de sangue ou os soarimentos da escravidão. 2 v. — Mysterios da roça. 4 v. — Misérias da actualidade. 4 v.

THEOPHILO BRAGA — Visão dos tempos. — Tempestades sonoras. — Ondina do lago. — Torrentes, poesias. — Folhas verdes, poesias. — Floresta de romances. — Cantos populares do archipelago açoriano. — Cancioneiro e romanceiro geral portuguez. 1 v. — Introducção á historia da litteratura portugueza. 1 v. — Historia dos quinhentistas. 1 v. — Historia do theatro portuguez no seculo XVI. 1 v. — Historia

TROVADOR

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

ALEXANDRE DUMAS — A guerra das mulheres. — A familia dos Borgias. 2 v. — Os dramas do mar. 2 v. — O cofre de prata. — De Paris a Cadiz. 6 v. — De Cadiz a Tanger. 6 v. — A dama das perolas. 3 v. — A mão do finado. — O conde de Monte-Christo. 1 v. — As duas Dianas. 9 v. — A consciencia. 3 v. — Os companheiros de Jehu. 2 v. — O cavalheiro de Harmental. 2 v. — A casa de Lagoto. 3 v. — Ascanio ou a corte de Francisco I. 4 v. — Uma familia corsa. — A rainha Margarida. 5 v. — Os parentes e criados. 5 v. — A dama de Monsoreau. 6 v. — Pauline. 2 v. — Fernanda. 2 v. — Eduardo III. 2 v. — A filha do regente. 4. v. — Historia dos Stuarts. 2 v. — Condessa de Salisbury. 2 v. — Cecilia ou o vestido de noivado. 2 v. — O capitão Paulo. 2 v. — Amaury. 3 v. — Catharina Blum. 2 v. — As gemeas de Maulecoul. 1 v. — A tulipa negra. 5 v. — Sylvandira. 2 v. — Os criados celebres. 3 v. — Duas disposições. 2 v. — A furia do inferno. — O cavalheiro da casa vermelha. — Albina. 1 v. — Apontamentos de Antony. 1 v. — O bastardo Mauleon. 4 v. — Gabriel Lambert. 1 v. — Um morto a contar sua historia. 1 v. — Isabel de Baviera. 3 v. — Joanna de Nauples. 1 v. — A marqueza de Brinvilliers. — Pascal Bruno. 1 v. — A pomba. 1 v. — Os tres mosqueteiros. 4 v. — Vinte annos depois. 5 v. — Visconde de Bragelonne. 10 v. — O filho de Marat. 5 v.

VICTOR ou o menino da selva.

OLIVEIRA — José Estevão, esboço biographico, com o retrato.

ARABIRI — Diccionario dos jogos. 1 grosso v. contendo mais de 2 jogos, entre elles: voltarete, whisth, dominó, gamão, damas, xadrez, etc.

F. COOPER — O corsario vermelho. 3 v. — O espião do campo inimigo. 1 v. — O carrasco. 2 v. — Os leões do mar. 2 v. — O precedidor de terrenos. 4 v. — O piloto. 4 v. — O derradeiro mohicano. 1 v. — Os puritanos da America. 4 v.

BALZAC — A feiticeira negra. 1 v.

ALVERNE BLANCHER — Os carrasco de Avignon. 5 v. — O rei da Italia. 2 v. com estampas.

SARDINE — Picciola. 1 v.

D. BRANCA DE CARVALHO — O preço da felicidade. 1 v.

LABOULAYE — O partido liberal, seu programma e futuro. — Paris na America. — O principe Cão de Agua.

PEREIRA DE AZURARA — Angelina ou dous amorosos felizes. — Coincidencias fataes, romance.

A CONDESSA DE MONTE-CHRISTO, por Du Boys.

J. OSORIO — Vida e feitos de el-rei D. Manoel. 3 v.

VICENTE F. DE CASTRO — Os homens de sangue ou os soffrimentos da escravidão. 2 v. — Mysterios da roça. 4 v. — Miserias da actualidade. 4 v.

THEOPHILO BRAGA — Visão dos tempos. — Tempestades sonoras. — Ondina do lago. — Torrentes, poesias. — Folhas verdes, poesias. — Floresta de romances. — Cantos populares do archipelago açoriano. — Cancioneiro e romanceiro geral portuguez. 1 v. — Introducção á historia da litteratura portugueza. 1 v. — Historia dos quinhentistas. 1 v. — Historia do theatro portuguez no seculo XVI. 1 v. — Historia

TROVADOR

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

Almeida Garrett — Portugal na balança da Europa. — O retrato de Venus. — Discursos parlamentares. 1 v. — Helena. 1 v.

Conselheiro Bastos — Collecção de pensamentos, maximas e proverbios. 2 v. — O medico do deserto. — A virgem da Polonia. — Dous artistas, ou Albano e Virginia. — Meditações ou discursos religiosos. 1 v.

Castilho — Noites do castello, os ciumes do bardo. — Quadros historicos de Portugal. 1 v. com estampas. — Tratado de metrificação portugueza. — O outono, collecção de poesias. — Cartas de Echo e Narciso. — Tratado de mnemonica. — A primavera. — Escavações poeticas. — As Georgicas de Virgilio, trad. — O avarento, trad. — O medico á força. — Tartufo. — As metamorphoses de Ovidio. 1 v. — Amor e melancolia. — Camões. 3 v. — As sabichonas, trad. — Methodo portuguez Castilho. — Os amores de Ovidio, trad. — A lyra de Anachreonte, trad. — O Fausto, trad. — O Misanthropo.

R. Ortigão — Em Paris. — Historias côr de rosa. — Mysterios da estrada de Cintra. — As Farpas, collecção completa. — Hygiene da alma, trad.

Padre Theodoro d'Almeida — O feliz independente do mundo e da fortuna. 2 v. com estampas. — Recreação philosophica. 10 v. — Cartas physico-mathematicas. 3 v.

Padre Antonio Vieira — Obras. 27 v. sendo: Sermões. — Cartas. — Historia do futuro. — Arte de furtar. — Obras varias. — Obras ineditas e a vida do padre Antonio Vieira.

Padre José A. de Macedo — Motim litterario. 1 v. — A besta esfolada. 1 v. — Cartas. 4 v. — O desengano, periodico politico, e moral. — O espectador portuguez. 4 v. — Os burros, poema. — Oriente, poema. — A meditação, poema. — A natureza, poema. — A viagem extatica ao templo da Sabedoria, poema. — Newton, poema. — A verdade, ou pensamentos philosophicos sobre os objectos mais importantes á religião, e ao estado. 1 v. — Censura dos Lusiadas. 2 v. — O segredo revelado ou manifestação do systema dos pedreiros livres e illuminados, e sua influencia na fatal revolução franceza. 5 v. — O homem ou os limites da razão. — Cartas philosophicas a Attico. 1 v. — Refutação dos principios metaphysicos, e moraes dos pedreiros livres illuminados. 1 v. — Cartas a frei Pedro A. Cavroé, e outros folhetos. 1 v. — Os sebastianistas, refutação á mesma obra pelos redactores do Correio da Peninsula. 2 v. — O novo argonauta, poema.

A. Pimentel — Esboços e episodios. 1 v. — Contos ao correr da penna. — Idyllios á beira d'agua. 1 v. — O testamento de sangue. — O annel mysterioso. — A porta do paraiso. — Do portal á claraboia. — Peregrinações na aldêa. — O livro das lagrimas. — O livro das flôres. — Mysterios da minha rua. — Nervosos, lymphaticos e sanguineos. — Entre o café e o cognac. — A virtude de Rosina, trad. — O degredado, trad. — Memorial de familia, trad. — O descobrimento do Brazil, romance.

Os puritanos de Paris, por Paulo de Bocage. 3 v.

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME III

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1876

TROVADOR

MODINHAS

NO MEU ROSTO NINGUEM VÊ

No meu rosto ninguem vê
Nenhum signal d'afflicção;
Meu desgosto, minha dôr
Eu guardei no coração.

Eu occulto o quanto posso
O que soffre o coração,
Soffre muito, mas não mostra
Nenhum signal d'afflicção.

Nas festas tambem m'encontram
Fingindo satisfação,
Porque a magoa bem cruel
Eu guardo no coração.

QUANDO EU MORRER, NÃO QUERO EM MINHA CAMPA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Quando eu morrer, ninguem chore a minha morte*

Quando eu morrer, não quero em minha campa
Lindas, perfumadas, brancas flôres;
Deixem dormir tranquillo em fôfa terra
Quem apenas só na vida colheu dôres.

Dispensa funeraes, pompas á morte,
Como eu, desditosa creatura;
Que deve apenas ter humildemente
Uma cruz que lhe marque a sepultura.

Lagrimas fingidas não as quero;
Quero o pranto sentido da amizade;
E que lancem no meu jazigo pobre
Como emblema da dôr, uma saudade!

Eu sinto que esta vida, em flôr ainda,
Parece de improviso emmurchecer;
Um sentimento tenho que me diz
Que joven, muito joven hei morrer!

E tu mesmo a quem amo e por quem choro,
Se eu morressse ámanhã, abandonado,
Talvez que chorosa assim dissesses:
—Eil-o morto, findou-se o desgraçado!

Adeodato Socrates de Mello.

VIVO SÓ PARA TE AMAR

Em qualquer parte que esteja
Eu sem ti não posso estar;
Nada no mundo me interessa,
Vivo só para te amar.

Os dias de minha vida
Só tu pódes prolongar,
Teu amor me faz ditoso,
Vivo só para te amar.

Eu só desejo a teu lado
Noites e dias passar,
Minha vida não é minha,
Vivo só para te amar.

Para onde quer que fôres
Eu te quero acompanhar;
Não vivo senão porque
Vivo só para te amar.

Não vivo para os prazeres
Que tu não pódes gozar;
Vivo para vêr-te alegre,
Vivo só para te amar.

Distante de tua vista
Nada me póde agradar;
Eu não vivo para o mundo,
Vivo só para te amar.

O mesmo ar que respiras
Quero, meu bem, respirar;
Só teu alento me alenta,
Vivo só para te amar.

Quando o somno me acommette
Entro comtigo a sonhar;
Ou acordado ou dormindo,
Vivo só para te amar.

Os amorosos excessos
Te devem capacitar
Que não minto, quando digo:
Vivo só para te amar.

Minhas firmes expressões
Tu deves acompanhar;
Ah! dize, dize commigo:
Vivo só para te amar.

A SYMPATHIA

Muito embora ausente viva
De quem jurei adorar,
Minha fé, minha constancia
Não póde o tempo mudar.

De uma simples amizade,
Quantas vezes, sem querer,
Vai crescendo a sympathia
Que d'amor nos faz morrer!

RECITATIVOS

A TRANSVIADA

Trajando galas, nos encantos bella,
Caminha ella sem saudar-lhe alguem;
Passeia em carros, no theatro ostenta
Tudo que inventa, que lhe fique bem!

Porém qual flôr que no calor da festa
As pet'las cresta, p'ra depois murchar,
Ou mariposa que a voar s'inflamma,
Em torno á chamma que a vai queimar;

Assim foi ella, essa vil mundana,
Na orgia insana, se atirou, perdeu!...
Foi mariposa que queimando as azas
Do ardor das brazas nunca mais se ergueu.

E essa infame, desprezando o esposo,
Que eterno gozo lhe fazia ter,
Prestes se atira—que fatal loucura!
Na vida impura, que lhe dá prazer.

Amou-a elle, como amar no mundo
Jámais profundo, póde amar alguem!
D'amor tão puro, deslembrou-se a ingrata
Que o affecto o mata, no alcouce—além!

Tudo mais nobre que sentiu no peito
Lá jaz desfeito pelo atroz afão,
Matou-lhe as crenças infernaes orgias,
Noites sombrias que não tem manhã!

Hoje apontada pelo audaz cynismo,
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão!
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame
E em face brame—já não ha perdão!

Marcou-a o mundo com fatal sinete!
Este ferrete que tão negro é!...
E em represalias, a mulher perdida
Vive uma vida sem moral, sem fé!!

Maldiz o mundo, que a supporta ainda!
Se é bella ou linda, tem vassallos seus!
Mas não se lembra, desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus.

Qual aguia altiva de voar cançada
Mais apressada na descida vai!
Assim aquella que perdeu a calma
Corpo sem alma—na miseria cái!

Mulher perdida, de que servem galas,
Ou meigas fallas, que fingidas são?
Se n'esses olhos, em que affectas calma,
Lê-se a tu'alma, que só diz—traição?

Que valem sêdas, deslumbrantes modas,
Mercadas todas com tão vil moeda?
Vendes o corpo p'ra comprar enfeites,
Gozar deleites que a moral te véda!

Desenfreadas nas paixões insanas,
As vis mundanas atirar-se vão;
Todo o seu ouro gastam em *coquettice*
E na velhice, nem sequer p'ra pão!...

Altivos paços habitar pretendem,
Ellas que vendem seu fingido amor,
Rubras se mostram, virginaes, fugaces,
Mas n'essas faces já não ha pudor!

Cynicas vivem, na miseria morrem!
Nem as soccorre bemfazeja mão!...
Bem penitentes ao sepulchro baixam
E lá nem acham uma cruz no chão!

FESTAS DE DÔR

Tu queres que eu te dê magos encantos,
Cantos santos d'uma harpa que morreu?
Negro crepe envolvêra minha vida,
Ida, lida das dôres no escarceu?

Do templo de meu sêr na branca nave,
Ave grave, funerea se aninhou!
Eu senti da esperança, então fugindo,
Indo, findo, o sonhar que acalentou.

De meus seios morrendo a dôce calma,
Alma á palma correu da solidão;
De meus brincos da infancia só me resta
Esta festa de dôr, que os prantos dão.

Arrancado bem cêdo de meus lares,
Ares, mares diff'rentes avistei;
E pisando do mundo o trilho incerto,
Certo, perto da campa me prostrei.

D'azas negras, funereo, vaticina
Sina f'rina, o archanjo, aos dias meus;
De saudades assim, no extremo alento,
Lento vento erguerá minh'alma a Deus!

V. de Carvalho.

LUNDÚ

CHÁ PRETO, SINHÁ

Sinhásinha, hontem de tarde
Perdeu as côres mimosas;
Ai! quanto mais o sol arde,
Mais se desbotam as rosas.

Sinhásinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flôr.

Ahi tem rosca fina,
Chá preto aqui está;
Receia a mofina?
Não tome, sinhá!

As flôres da madrugada
Serão estrellas do dia;
Da noite, flôr será fada
De dôce malancolia.

Sinhásinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flôr.

Ahi tem rosca fina — etc.

Já a noite solta o seu manto
E coram as faces bellas...
Sinhá, meu timido encanto,
Oh! rosa, gemea de estrellas!

Sinhásinha, dê-me a flôr,
Dou-lhe em paga meu amor!

E dou roscas finas,
E dou-lhe bom chá!
Não creia em mofinas,
Ai! tome... sinhá...

MODINHAS

SONHEI QUE MIL FLÔRES

Sonhei que mil flôres
N'um prado colhia,
E sobre o teu collo,
Armania, espargia.

Que fina grinalda
Então te offertava!
Que beijos sem conta
A furto te dava!...

Sonhei que constante
Juravas de ser-me,
Em quanto da vida
O sopro aquecer-me.

Então, minha Armania,
Feliz me julgava,
Em vêr a meu lado
Aquella que amava.

Mas tanta ventura
Tornou-se illusoria,
E d'ella conservo
Apenas memoria.

Capellas e flôres,
Os prados e jura,
Foi sonho enganoso,
Foi tudo amargura!

Assim, minha Armania,
Vou triste passando,
Em sonhos sómente
Venturas gozando...

Até que eu um dia,
Feliz e ditoso,
Me torne comtigo
Assás venturóso!...

J. M. Mourão.

A ESTRELLA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Acorda, minha querida*

Vem vêr, ó virgem formosa,
Lá no céo brilhante estrella;
Como se mostra garbosa,
Rutilante, pura e bella!

Contempla, virgem, o astro
Pousado no firmamento,
Esquece do mundo as dôres,
Põe n'elle o teu pensamento.

És donzella, e no teu peito
Tens sensivel coração,
Nem sequer pensas que o mundo
E' morada da illusão!

Te conserva sempre pura,
Faceira, galante e bella,
Segue o exemplo, menina,
D'aquella brilhante estrella.

Gualberto Peçanha.

LEMBRANÇAS DA PATRIA

Lá quando a noite já se aproxima
No monte envolto de negra côr,
Por entre nuvens surgindo a lua
Ao pensamento nos traz amor.

Então quizera, sulcando os mares,
Ir vêr a patria, meu dôce encanto,
Sentir minh'alma gozar venturas,
Ir vêr esse anjo que adoro tanto.

Lá quando á noite d'almo luar
Ouço na rocha o mar bater,
E quando a lua já vai bem longe
Harpas sonoras ouço tanger;

Crueis saudades então eu sinto
D'esse meu anjo que adoro tanto,
Sentir minh'alma gozar venturas,
Ir vêr a patria, meu dôce encanto.

Aqui eu vejo tambem bellezas,
Virgens amaveis de meigo olhar;
Vejo florestas sempre virentes,
Que aos céos parece que vão chegar.

Mas ah! que tudo vem recordar
Esse meu anjo que adoro tanto;
Sentir minh' alma gozar venturas,
Ir vêr a patria, meu dôce encanto.

AS MULHERES DE MARMORE

Amas tu, Marco formosa,
Em os salões deslumbrantes,
A symphonia ruidosa
Que saltar faz os dançantes?
Amas tu em noite escura
O ligeiro murmurar
Da ramagem na espessura
Como o vento a sibilar?...

Não! não! não! não!
Marco, que amas então?!

Nem da vaga o murmurar,
Nem da tutinegra o canto,
Nem da calhandra o gritar,
Nem do bardo o triste pranto.

Amas o alegre cantar,
Da orgia o vivo signal,
Quando a razão se afogar
Vai em copos de crystal?
Amas o divino accento
Que parte do orgão sagrado,
E que parece um lamento
Pelo incenso ao céo levado?...

Não! não! não! não!
Marco, que amas então?!

Nem da vaga o murmurar— etc.

E gostas tu, quando errante
Em negro bosque cerrado,
Dos sons da trompa vibrante
A perseguir o veado?
E gostas ao anoitecer
D'ouvir os sinos tocar,
Chamando a se recolher
O gado que foi pastar?...

Não! não! não! não!
Marco, que amas então?!

Nem da vaga o murmurar,
Nem da tutinegra o canto,
Nem da calhandra o gritar,
Nem do bardo o triste pranto.

De Marco vêde o encanto!

RECITATIVOS

MULHERES E FLÔRES

Aos hymnos da briza, que vem susurrante
Da noite o sudario n'aurora apartar,
Dissipam-se as brumas, e a luz cambiante
Na face da terra se vem retratar.

Dourada cortina n'um chão de turquezas
Além resplandece nos cimos dos montes,
E a relva mimosa nas lindas devezas
Se cobre de per'las que saltam das fontes.

Grinaldas de raios s'escapam dos ares,
De gratos aromas transborda a floresta;
E um dôce concerto nos verdes palmares
Ao mundo desperta nos hymnos de festa.

E tudo floresce no mar de folhagem,
Que brilha, que avulta nas vivas campinas;
E o astro dos astros em sua passagem
De louros esmaltes adorna as collinas.

Nas faxas olentes palpitam as flôres,
E as folhas nevadas desprendem a luz,
Mostrando nas fórmas, nas graças, nas côres
Um quadro pomposo que os olhos seduz.

E aos echos sonoros assim despertados
Os campos enchendo de terna alegria,
São virgens dormidas nas longas noitadas
Que aos beijos acordam dos raios do dia.

São nymphas aereas, formosas donzellas,
Que á noite se velam nos ricos sendaes,
Azues borboletas que giram singelas
Aos cantos das aves, aos sons matinaes.

D'orvalho e perfume formaram-se as flôres,
Fez Deus as mulheres de luz e poesia;
Em umas realçam fragrantes vapores,
Resumem as outras — belleza e harmonia.

Na terra as mulheres são astros brilhantes,
Dos sonhos a crença mais pura e sagrada;
São lindos poemas, são anjos errantes
Que a vida perfumam com dedos de fada.

E tudo que brilha, que falla de amores,
Que graças revela do sol a pureza,
Repete sorrindo: — Mulheres e flôres!
Excelsa homenagem prestando á belleza.

Cicero Pontes.

UM SÓ SORRISO

Amo-te, virgem, com amor profundo,
Sem ti o mundo é soffrer sem fim,
Amando eu louco e com amor tão crente,
Teu peito sente tanto amor assim?...

Ao soffrer continuo de continua dôr,
Ao infrene amor que me cega assim,
Pagar me pódes com um sorrir fugace
Que na tua face se deslize emfim!...

Noites d'insomnia, e de pensar infindo,
Sempre sentindo só angustia e dôr,
A dôr tão nobre, pódes dar um fim,
Responde emfim que já me tens amor...

Um só sorriso que constante almejo
E em casto ensejo me fugisse a vida,
Findar a crença que me afaga a alma,
Sentir com calma terminar-se a lida!

Pois n'esse riso um divinal sentir
Póde exprimir ao transmigrar a alma,
Ao que tão crente só deseja amor,
Tendo da dôr a cruciante palma!...

Um só sorriso que matar me venha,
Que perdão tenha, pois que já diviso
Ser louco e ousado o meu audaz transporte,
Ou mereço a morte... ou um só sorriso.

Germano da Costa.

LUNDÚ

PURA VIRGEM MORENINHA

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado na musica do lundú — *Eu gosto da côr morena*

Pura virgem moreninha,
Bonitinha,
Vem correndo ante meus braços;
Vem, não tardes, minha flôr,
Meu amor,
Quero unir-me em dôces laços.

O teu rosto tão mimoso,
Bem formoso,
N'elle impera só pudor;
Eu quizera sempre assim,
Seraphim,
Vêr-te linda, meu amor.

Teu olhar tão seductor,
Diz amor,
Gentil, faceira donzella;
Enlouqueço em contemplar-te,
Adorar-te,
Moreninha, minha estrella.

Eu quando passo e te vejo,
Que desejo
Em te vêr assim tão bella,
Na mais pura singeleza
E firmeza,
Tão tristonha na janella!

Poucas vezes me appareces,
E t'esqueces,
Moreninha, meus cuidados;
Não me queiras illudir,
Me fugir,
Que tu és os meus peccados.

Tento ás vezes em chegar
A declarar
Este fogo abrazador;
E dizer-te bem baixinho,
Meu anjinho,
Eu só quero teu amor.

Mas não posso, tenho medo,
E' segredo
Que occulto no coração!
Se eu o contar, sou traidor,
Fallador,
Que não guardo uma paixão.

N'uma noite em que te vi,
Junto ahi
Vestidinha de branquinho,
Tão risonha só dançando
E brincando,
Moreninha, meu anjinho.

ALTA NOITE

Alta noite, tudo dorme,
Tudo é silencio na terra;
Nem sequer nos ares erra
Negro mocho gemedor;
Oh! que horas tão propicias
Para quem morre de amor!

Já se abre a gelosia
De seu bem, caro, adorado,
Ancioso — o prazo dado,
Espera o seu amador;
Vem, saudosa e grata amante,
Que por ti suspira amor!

Leonor, meu dôce anjo,
Vem, que bate hora primeira,
Vem pela vez derradeira

Abraçar o teu cantor!
Nos teus braços ache vida
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a sorte,
Que a vida, de ti amada,
A cruel golpe de espada
Vou por ti contente expôr;
Oh! por mim seja o triumpho,
Que por ti é meu amor.

A gelosia se abre,
E' hora da despedida,
Podesse aqui minha vida
Findar da saudade a dôr;
Vem, saudosa e grata amante,
Tua porta abrir a amor.

EU AMO AS FLÔRES

Musica de M. A. de Sousa Queiroz, e poesia de Magalhães

Eu amo as flôres que mudamente
Paixões explicam que o peito sente;
Amo a saudade, o amor-perfeito,
Mas o suspiro trago no peito.

A fórma esbelta termina em ponta
Como uma lança que ao céo remonta;
Assim, minh'alma, suspiros geras
Que ferir podem as mesmas feras.

UM MYSTERIO

Poesia do snr. Albano Cordeiro, e musica do snr. Raphael

Em noite medonha,
Que os raios cruzavam,
Que os ventos luctavam
Co'as ondas do mar;
Meu peito saudoso
C'um rosto formoso
Buscava sonhar.

A lua tranquilla,
Das ondas se erguendo,
E os raios detendo
C'um meigo volver;
Calmòu da tormenta
A furia cruenta,
Mas fez-me gemer!

Senti na bonança
Cruel desventura,
Provei a amargura,
Que amor recordei;
Mas foi por aquella
Que outr'ora tão bella
Gostoso adorei.

A lua piedosa,
A face cobrindo,
Ao céo foi subindo
Com dôce langôr;

E o céo puro e santo
Juntou-se a meu pranto,
Calmou minha dôr.

DUETO

O MEIRINHO E A POBRE

MEIRINHO

Olá, vamos sem demora
P'ra a casa da correcção;
Tantos pobres na cidade...
Não está má vadiação!

POBRE

Veja bem, senhor meirinho,
D'este lado estou 'squecida,
Esta mão p'ra nada serve,
D'este olho estou perdida.

MEIRINHO

Minha pobre, não m'embaças,
Pódes muito bem servir,
Inda és moça, reforçada,
Deixa a vida de pedir.

POBRE

Como poderei viver
Sem esmolas dos fieis?
Senhor meirinho, vá-se embora,
E me dê alguns dez reis.

MEIRINHO

Marche já, minha devota,
Tenho ordens apertadas,
Velhas, tontas, mancas, tortas,
Irão todas amarradas.

POBRE

Se me leva, senhorzinho,
Muita gente sentirá;
Dos meninos que eu educo,
Coitadinhos, que será?

MEIRINHO

Oh mulher, não sei que diz!
Vamos já para a prisão...

POBRE

Ah! me deixe, senhorzinho,
Qu'eu lhe dou meu coração.

Eu sou pobre, isso é verdade,
Mas sou pobre mui fagueira,
Sei dançar o miudinho,
Sei puxar minha fieira.

MEIRINHO

Tambem tem esta cidade
Pobresinhas com dendê;
Ellas fazem traquinadas
Com artes não sei de quê.

POBRE

O Brazil tem seus meirinhos
Que nos prendem com ternura,
Porque os moços brazileiros
Tem feitiços, tem doçura!

MEIRINHO

Da justiça official
Nem por isso sou marreco,
Quando estendo a minha gambia
Sou mais leve que um boneco.

AMBOS

Já que amor assim nos prende,
Da policia nos livremos,
Pois se d'esta nós zombamos,
Com amor nós não podemos.

Vamos viver sempre juntos
Mendigando com pobreza;
Pois amor quando nos prende
Não se importa com riqueza.

RECITATIVOS

NO MAR

Lembras-te quando te beijei o seio
N'aquelle enleio que de amor provém?
Aquellas fallas que trocamos rindo,
Gozos sentindo—quem ouviu?—ninguem.

Lembras-te, virgem, quando além—no mar,
Triste, a scismar—adormeci aos cantos
Que desprendias, contemplando a lua,
Que a fórma tua desnudava encantos?

Lembras-te quando ao despertar fitei-te,
Depois beijei-te a nacarada face?
Que tu coraste? mas porque coraste?
Virgem, julgaste meu enlevo audace?

Lembras-te quando meu batel singrando
O pego brando, tu p'ra mim sorrias?
N'aquelle riso que é de amor a origem,
Me dize, virgem, o que então dirias?

Lembras-te quando se mostrou no céo
Alva sem véo—a matutina estrella,
Que tu disseste com fallar de fada:
«Oh! luz sagrada—como tu és bella!»

Se por acaso te recordas — flôr,
Do nosso amor, d'aquella noite emfim;
Fita os teus olhos nos meus olhos — rindo,
Um gozo infindo me faz ter n'um — sim.

Gualberto Peçanha.

PERDÃO

Ousei amar-te muito, quando placido
Sonhava possuir-te inda algum dia,
Manchei nos versos meus teu nome candido,
A illusão já passou: perdão, Maria.

Pequei! Fugir não pude ao fogo vivido
De teus olhos formosos, sem rivaes;
Perdôa-me, por Deus! meu rosto pallido
Bem te diz que soffrer não posso mais.

Fui um louco! Olvidei a negra tunica
Da pobreza em que a sorte me envolveu;
Esqueci que do mundo as galas fulgidas
Não eram para os pobres como eu.

Tu eras meu fanal! na vida insipida
Era minha ambição o teu amor;
Os dias de ventura foram rapidos,
A esperança morreu, morreu em flôr.

Fui um louco em sonhar gozos purissimos,
Fui um louco porque não te evitei;
Mas quem podéra vêr teu rosto angelico
Sem deixar-se prender, qual me deixei?

Agora é tudo findo, é tudo marmore
N'este peito em que tinhas um altar:
Se a natura não fosse minha cumplice,
Eu, de certo fugira de te amar.

Sendo pobre devêra ser mais timido,
Que amar o pobre ao rico é ousadia;
Mas agora meu peito é todo gelido,
A illusão já se foi;—perdão, Maria.

F. N.

LUNDÚ.

MARILIA, MEU DÔCE BEM

Marilia, meu dôce bem,
Apenas teus olhos vi,
Cessou a minha existencia,
Já não vivo, já morri.

Ai lê lê lê, certamente
Olhos taes queimam a gente.

Despedem raios divinos
Que ateiam n'alma a paixão;
N'este fogo é que abrazou-se
De todo meu coração.

Ai lê lê lê, certamente
Olhos taes queimam a gente.

Porém se os teus olhos matam,
Sabem dar vida tambem
Por um certo requebrado
Que tudo póde, meu bem.

Ai lê lê lê, certamente
Olhos taes queimam a gente.

MODINHAS

EU VI TEU ROSTO

Eu vi teu rosto,
Que me indicava
Seres sensivel
A quem te amava.

Logo em te amar
Então pensei,
E fido amor
Te consagrei.

Quando minh'alma
Em ti pensava,
Em mil delicias
Se mergulhava.

Agora vejo
Que a natureza
Não te deu mais
Do que belleza.

N'esses teus labios
D'alma ternura,
Vi no teu riso
Rir-se a ventura.

Quanto enganei-me!
Que o riso, então,
Da falsidade
Era expressão.

A mão tomei-te,
Corou-te o pejo,
Voltaste a face,
Furtei-te um beijo.

O dôce nectar
Que então bebi,
Que era veneno
Depois senti.

Magica rosa,
Nos teus carinhos
Só vi as côres,
Nunca os espinhos.

Fórma e perfume
Foi illusão,
Trago os espinhos
No coração.

Mesmo na terra
Julguei eu vêl-a,
Astro divino,
A minha estrella.

Fallar no brilho,
Na claridade,
Marcava um ponto
De tempestade.

N'um olhar puro
Relampejante,
O céo mostrou-me
Por um instante.

A visão teve
Cruel desmaio;
Foi-se o relampago,
Feriu-me o raio.

DE UMA PASTORA OS OLHOS BELLOS

De uma pastora
Os olhos bellos
Me tem causado
Amor, desvelos.

Morro por ella
À todo o instante,
Mas ella ignora
Meu peito amante.

Agro receio
Me embaraça,
Fico indeciso,
Não sei que faça.

Emfim, amor,
Rege meus passos,
A vêr se encontro
Fagueiros laços.

Chego-me á bella
Mas com pudor,
Apenas fallo
No meu amor.

Confusa fica,
Os olhos volve,
Levanta a voz
E assim resolve:

Vivamos sempre
Em dôces laços,
Depois me aperta
Entre seus braços.

Pensem amantes
A sensação
Que sentiria
Meu coração!

Candido Ignacio da Silva.

SE EU FÔRA A CRIANÇA MAIS LINDA E FORMOSA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha—*Se eu fôra da noite o astro formoso*

Se eu fôra a criança mais linda e formosa,
Quizera, ó belleza! constante te olhar;
Se eu fôra dos cantos a nota suave,
Quizera contente a teu lado soar!

Se eu fôra uma rosa de vivo perfume,
Quizera em teu peito ditosa morar;
Se eu fôra das tardes a mais linda e pura,
Quizera, sorrindo, fazer-te primar.

Se eu fôra das aves a ave mais linda,
Quizera em teu collo constante pousar;
Se eu fôra dos entes o mais verdadeiro,
Quizera, ó meu anjo, sósinho te àmar.

Mas eu sou um triste que vivo penando,
Sem ter os prazeres da dôce ventura;
Por isso não posso, nem mesmo que queira,
Amar-te, donzella, gentil creatura.

Adeodato Socrates de Mello.

CANÇÃO

O CANTO DO SABIÁ

Poesia do dr. D. J. G. de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Urania, não ouves
Um terno reclamo
Que sôa no ramo
Do teu manacá?
Se queres ouvil-o
O passo apressemos,
De perto escutemos,
Que é um sabiá.

Sentemo-nos juntos
Aqui no bosquete,
Sobre este tapete
De verde capim:
Não vás para longe,
Que fico enfadado;
Aqui, a meu lado,
Bem perto de mim.

Fallemos de manso
Em quanto elle canta;
Se a voz o espanta,
D'aqui fugirá:
Ah! diz-me ao ouvido
Se aquelle gorgeio
De amar, em teu seio,
Desejos não dá?

Eu creio que entendo
Aquella cantiga;
Se queres que o diga
Responde que sim:
No seu estribilho
Diz elle: — mortaes,
De amor não temaes,
Amai-vos sem fim.

RECITATIVOS

O POBRE

Ao som das vozes dos tristonhos filhos
Que á mingoa pedem p'ra comer um pão,
Sahe da choupana mui tristonho o pobre
Co'o sacco á cinta, co'o bordão na mão.

Então tremendo de vergonha e fome,
Estende ao povo a mirrada mão,
P'ra todos olha, se encaminha á porta
Do rico aváro que lhe brada: — Não!

Coitado, humilde vai seguindo sempre
Com fé no peito que gemendo chora,
E vendo as turbas com desdem passando,
Ao céo e á terra uma esmola implora.

Ninguem o attende; elle já cançado
De tantas vezes suas mãos erguer,
Soluça e geme, qual no galho a rola
Afflicta e triste sem o esposo vêr.

Com passos lentos vai depois sentar-se
Do templo santo nas escadas frias,
Ahi descança por um pouco e dorme
Ao som dos gritos de venaes orgias.

Desponta negra como crepe a noite,
A lua nasce matizando o espaço;
E o pobre tremulo, todo entregue á mágoa,
Por entre as trevas busca o lar escaço.

Contempla, entrando, sobre rota esteira,
Seus filhos, tristes, lamentando em vão,
Parece dizem: De soccorro á mingoa
E' já cadaver nosso pobre irmão!

Meus filhos, diz-lhes, mergulhado em pranto,
D'aqui a pouco morrereis tambem,
Pedi chorando, e vosso pai, coitado,
Sustento agora p'ra vos dar não tem.

Na dôr arranca suas cãs com ancia,
Nos olhos baços já vê fusco o brilho,
E louco andando para tudo exclama:
Esmola ao menos p'ra enterrar meu filho!

Na porta pára, vê sahir de um carro
Trajando galas ricamente o nobre,
Esmola pede! E qual a um cão leproso
Repelle o rico bruscamente ao pobre!

Debalde grita, e estalando á fome,
Sobre a calçada tiritando cái:
E ao vento fresco da risonha aurora
Coitado, morre, desprendendo um ai!

Depois envolto n'um andrajo immundo
Inerte o corpo se conduz sem gala,
E em quanto o rico tem vaidosa tumba,
Se lança o pobre com desdem na valla!

Candido José Ferreira Leal.

UM PEDIDO

Mulher, és bella qual não sei pintar-te,
Só sei amar-te e como eu sei ninguem;
Typo sublime de apurado gosto,
N'alma e no rosto, e no sorrir tambem.

D'essa cadêa em que se ligá o bello,
Tu foste o élo mais perfeito, sim;
Como que em prova do requinte d'arte
Quiz Deus formar-te tão formosa assim.

Humidos labios de accender desejos
Provocam beijos de paixão infinda;
Que amenidade de expressão tem ella!
Oh! como é bella, seductora e linda!

Na sala ostenta em caprichosas ondas
Fórmas redondas do corpinho leve,
Quanta nobreza! que pisar sereno!
Que pé pequeno! que cintura breve!

E as mãos macias, setinosas, puras,
Tranças escuras, fronte veneranda,
Collo de cysne, voz sonora e dôce
Como se fosse uma harmonia branda.

E aquelle agrado que por si resume
Todo o perfume da mulher moral,
E' como o iman que seduz a gente,
Philtro innocente que não tem igual.

Eu que a idolátro com fervor sincero,
Nada mais quero que em silencio a amar;
No tabernaculo de meu peito occulto
Votei-lhe um culto, um verdadeiro altar.

E por ventura se a ambição cegar-me
Não vou prestar-me a importunal-a, não;
Já peço muito se disser: — desejo
Depôr-te um beijo na mimosa mão.

C.

LUNDÚ

ESTA NOITE, OH CÉOS! QUE DITA!

Esta noite, oh céos! que dita!
Com meu bemzinho fallei,
Das cousinhas que me disse
Nunca mais m'esquecerei.

Deu-me um certo guisadinho
Que comi, muito gostei!
Do ardor das pimentinhas
Nunca mais m'esquecerei.

Ao olhar para a janella
Na calçada tropecei,
Da tremenda cabeçada
Nunca mais m'esquecerei.

MODINHAS

ACORDA, MINHA QUERIDA

Acorda, minha querida,
Acorda, foge do leito,
Vem ouvir a voz do peito
Do teu triste trovador.

Oh céos! que silencio,
Que dôr, que penar,
Que grato luar,
Que noite de amor!

Vem vêr, Diana formosa,
Dos amantes protectora,
Vem abraçar como outr'ora
Teu constante trovador.

Oh céos! que silencio—etc.

Troca os sonhos que te illudem
Pela verdade ditosa,
Vem consolar amorosa
Teu saudoso trovador.

Oh céos! que silencio—etc.

N'este sitio onde ditoso
Já gozei o teu carinho,
Não deixes gemer sósinho
Teu amante trovador.

Oh céos! que silencio—etc.

Mas ah! debalde te chamo...
Só me escuta a natureza,
Já do somno és feliz presa,
Não ouves teu trovador.

Oh céos! que silencio — etc.

Bella lua além fulgura
Em mimoso céo de anil,
Mas aqui nem um ceitil
Alumia o trovador.

Oh céos! que silencio—etc.

Acorda, virgem formosa,
D'esse teu meigo dormir,
Vem escutar o carpir
Do teu triste trovador.

Oh céos! que silencio—etc.

MINHA SORTE, CARA ELVIRA

Minha sorte, cara Elvira,
E' tristonha, aborrecida;
A mais cruel e pungente
De todas as que ha na vida.

Mas se me deres
Um riso teu,
Será mudavel
O fado meu.

Ah! não, não negues,
Presta um sorriso;
Dá-me as delicias
Do paraiso.

Minhas faces já perderam
Sympathias, brilho e côr;
Meus labios não tem doçura,
Nem mais exprimem amor.

Mas se me deres — etc.

Ah! não, não negues — etc.

Minha Elvira, os teus encantos
Levam gente á sepultura;
És cruel, porque me negas
Um instante de ventura.

Mas se me deres — etc.

Ah! não, não negues — etc.

ROMANCE

QUEIXAS

Poesia do snr. dr. D. J. G. de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Sem dôce esperança,
Oh minha querida,
Amor não é vida,
E' morte sem fim:
De amor outros gozam
Suaves momentos;
Porém os tormentos
São só para mim.

Qu'importa qu'eu veja
Teu rosto engraçado,
De um riso animado,
Ao longe brilhar;
Se a magoa que sinto,
Amor, não adoço,
E posso, e não posso
Teus olhos beijar?

Qu'importa que eu pense
Que tu serás minha?
Quem é que adivinha
O teu coração?

CAMÉLIA

Nas veigas meigas de encantado prado,
Vi-te, enlevado, n'um sonhar de amores;
Infinda e linda, qual mimosa rosa
Eras formosa sobre as outras flôres.

Celéstes vestes da mais pura alvura,
Tua estatura divinal cobriam;
Immensos, densos, teus cabellos bellos,
Em negros élos a teus pés cahiam.

Da infancia n'ancia, com enredo e medo,
O meu segredo revelei-te então;
Em susto, a custo, com receio, enleie...
Disseste — creio — não te lembras? — Não?

Insano engano, minha mente crente,
Fusca, demente... tresvairou-se emfim;
Insano engano, que fingida, infida,
A alma rendida — me disseste: — Sim.

Mentias!... rias... que teu peito afeito
A ser o leito de volupia — ardôr;
Sobre a cratera de fogosos gozos,
Que venenosos vão beber amor.

Mentias... rias... n'esse gesto honesto,
N'esse protesto, que fizeste ahi,
Malvina, indina, tu mirraste, erraste,
A flôr que achaste vicejar por ti.

Sonhei-te... amei-te... delirante, errante,
Louco um instante — devorou-me amor,
Mas hoje... foge... flôr incasta, gasta...
— Camélia... basta — que te voto horror!

LUNDÚ

O PADECENTE

Poesia do snr. A. J. de Sousa, e musica do snr. A. L. de Moura

Mulata, tu és a causa
De eu andar aos trambolhões,
Levo chulipa — sopapo,
Cacholeta — pescoções.

Ando cego — atoleimado,
Dou nas portas narigadas,
Babo-me todo, me esfolo,
Me arranho — dou canelladas.

Tenho os olhos inflammados,
A cara toda papuda,
Bebo agua choca com bichos,
Cômo batata cascuda.

Mulata, tu és a causa
De eu tornar-me um lambazão,
Lambo o ranho do nariz,
Dou cambalhotas no chão.

Tusso, espirro, escarro, cuspo,
Mas me falta não sei quê;
Bebo cana, masco, fumo,
Só de amores por vossê.

Mulata, minha mulata,
De teu bem tem piedade,
Fazer bem a quem padece
E' virtude—é caridade.

Mulata, morrer por ti
E' agora o meu officio;
Ou dá allivio a meus males,
Ou me manda p'ra o hospicio.

MODINHAS

É TÃO FORMOSA MARILIA BELLA

E' tão formosa
Marilia bella,
Qu'eu de continuo
Morro por ella.

Apenas vi
O seu semblante
Tornei-me em outro
No mesmo instante.

No seu semblante
De fina côr,
Diviso, abertas,
Rosas d'amor.

Se me concedes
Um terno beijo,
Do céo da terra
Nada desejo.

Morena bella
Por piedade,
Guarda bem firme
Nossa amizade.

Confusa fica,
Os olhos volve,
Levanta a voz
E assim resolve:

Vivamos juntos
Em dôces laços,
Depois me aperta
Entre seus braços.

Então lhe digo:
Bella pastora,
Tu és mais linda
Que a propria Aurora.

Suspira a bella
E emmudece,
Volve seus olhos
E desfallece.

Vejam, amantes,
Que sensação
Não sentiria
Meu coração!

UM TEU SUSPIRAR

Poesia do snr. J. M. Mourão, e musica do snr. dr. Clarimundo

Amor querendo
De mim zombar,
Teus olhos, Lisia,
Me quiz mostrar.

Suave effeito
Então senti...
D'elles escravo
Logo me vi!

Agora, Lisia,
Sinto paixão,
Por ti só geme
Meu coração.

S'estes affectos
Intentas pagar,
Lisia, me basta
Um teu suspirar!...

AINDA ELLA?...

(NOVA MODINHA)

Poesia e musica do snr. J. C. Pinto Pereira

No peito sinto uma dôr,
Que me leva á sepultura;
Por me terem desprezado,
Atirado á desventura.

Para que nasci então?...
Para ser sujeito á sorte?
Eu amei, não fui amado?
Ah! meu Senhor, dai-me a morte!

Houve um dia que eu ouvi
Linda morena dizer:
« Eu te adoro, amo-te muito,
« Serei tua até morrer. »

Porém hoje, Deus d'amor,
Que malqu'renças tens de mim?
Porque negas esse amor,
Porque me foges assim?

Ah!... já sei... eu fui ingrato,
Diz-lhe assim o coração;
Não importa, que eu espero
Algum dia o teu perdão.

ARIA

O CAPITÃO MATA MOUROS

Aqui venho, meus senhores,
Certo de vossas bondades,
Contar-vos mil novidades,
De meu posto altos penhores.
Ficai sendo sabedores
Do que é este capitão,
Amoroso e valentão
Como ninguem póde ser;
Emfim, p'ra tudo dizer,
Ronque lá o rabecão.

No jôguinho do bilhar
Sou fallado em todo o mundo,
Porque o sei tanto ao fundo
Que a dormir o vou jogar;
Eu posso carambolar
Em cem bolas de uma vez,
Posso formar um xadrez
Na volta da carambola,
Fórmo emfim uma gaiola
Como ninguem jámais fez.

Sou sublime na caçada,
Pois mato aráras a croque,
Mato lobos a badoque,
Gafanhotos á estocada,
E camêlos á pedrada;
Quando me dá cá na veia,
Com um punhado de areia
Mato méros e robalos,
E até com estes estalos
Já pesquei uma baleia.

Eu já tive por bastão
O tronco d'uma mangeira,
Já tive por cabelleira
Um enchimento de colchão;
Por ter firme o coração
E ser no amor afeito,
A uma dama de geito,
Com paixão como não vi,
Dez annos eu trouxe aqui...
Como alfinete de peito.

Tudo quanto tenho exposto
Passará por caçoada,
Assim não direi mais nada
Para não vos dar desgosto:
Vou cumprir d'este meu posto
O que n'elle muito abunda,
Com figura tão jocunda
Não me posso demorar,
Pois vou patrulhas rondar
Da Armação ao Quebrabunda.

RECITATIVOS

O TEU SEMBLANTE

O teu semblante captivou-me a alma
Pois d'ella a palma só a ti eu dei,
Viver eu quero sempre escravo teu
Que é fado meu que só de ti serei.

Quando da vida aborrecer-me quero
E só espero a prematura morte,
Recebo animo ao pensar em ti
E me sorri a desejada sorte.

Sem ti não posso supportar a vida,
Pois tu, querida, és o meu encanto;
Teus negros olhos tão gentis, tão bellos,
São fortes élos que me prendem tanto.

Se por ti não posso ser um dia amado
E já cançado estiver com a sorte,
Nunca reveles a cruel verdade,
Por piedade não me dês a morte.

Mas tu és boa, formosa, és bella,
Gentil donzella, a quem tanto amo,
Volve esses olhos que seduzem tanto
E enxuga o pranto que por ti derramo.

Ah! falla! apaga a ardente chamma
Que o peito inflamma do teu trovador!
Diz-me ao ouvido se é receio teu,
— Que será meu o teu casto amor.

A JOVEN MORENA

Poesia do snr. Getulio de Mendonça, e musica do snr. J. S. Arvellos

Morena, eu amo-te com fatal loucura
Na vida impura, que me dá prazer;
Morena, eu amo-te, meigamente fallo,
Suspiro exhalo n'um cruel soffrer.

Amor é fogo que s'ateia n'alma
Na pura calma d'um ditoso sonho;
Amor é vida que se esvai ligeira,
Aura fagueira de um pervir risonho.

Vi-te n'um baile n'um salão dourado
E fui, curvado, te adorar, meu anjo!
Estavas bella, tão gentil, serena,
Eras, morena, meu celeste archanjo.

Depois que vi-te, n'um valsar ardente
Busquei demente protestar-te amores,
E quando um dia te pedi carinhos
Ai! tive espinhos de cruentas dôres!

Fitei meus olhos no teu rosto virgem,
Senti vertigem perpassar por mim;
Porém não pude desviar-me louco,
Ai! pouco a pouco, me fugiste emfim.

Amei-te muito com fatal delirio
Que o meu martyrio, abandonaste emfim,
Foste ingrata, desprezaste a sorte,
Buscaste a morte, e me entregaste alfim.

Que importa a vida no illusorio mundo,
Se é tão profundo meu soffrer e sorte,
Se desprezado viverei, carpindo,
Chorando ou rindo buscarei a morte?

LUNDÚ

EU QUERO-ME CASAR

Poesia do snr. dr. J. M. de Macedo, e musica do snr. Francisco Antonio de Carvalho

Eu já não sou criança,
Já tenho bem juizo,
Já sei que me é preciso
Para viver, amar:
Mamã, fiz treze annos,
Eu quero me casar.

Darei minhas bonecas
Á Dona Carolina,
É ainda pequenina,
Não sabe o que é amar;
Mamã, eu já sei tudo,
Eu quero me casar.

No coração das moças
Ha um certo bichinho,
Que róe devagarinho
Até fazer amar;
Mamã, isto é sabido,
Eu quero me casar.

Mamã ralhar não póde,
Papá tambem amou,
Do céo foi que baixou
A lei que ensina a amar;
Mamã, Deus é quem manda,
Eu quero me casar.

MODINHAS

DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo
Depois que teus olhos vi,
Que vivo só p'ra teus olhos,
Não posso viver sem ti.

Contemplando teu semblante
Sinto a vida m'escapar,
N'um teu olhar perco a vida,
Resuscito n'outro olhar.

Mas é tão dôce
Viver assim,
Lilia, não deixes
De olhar p'ra mim.

N'um raio de teus olhares
Minh'alma inteira prendi,
Se tens minh'alma em teus olhos,
Não posso viver sem ti,
A qualquer parte que os volvas
Minh'alma sinto voar,
Inda que livre nas azas,
Presa só em teu olhar.

Mas é tão dôce — etc.

Que era meu fado ser teu
Ao vêr-te reconheci,
Não se muda a lei do fado,
Não posso viver sem ti.
Por não ser inda completa
Minha dôce escravidão,
Se me ferem teus olhares,
Choro sobre o meu grilhão.

Mas é tão dôce — etc.

A PEROLA DE PAQUETA

Morena, eu tenho medo
Dos teus olhos tão formosos,
Dos teus olhos tão brilhantes,
Como os astros luminosos;
Tenho medo que me firam,
Que me possam ser p'rigosos.

Morena, eu tenho medo
Dos teus labios purpurinos,
D'esses labios tão ingenuos
Que despertam dôces hymnos;
Tenho medo que me matem
Com sorrisos tão divinos.

Morena, eu tenho medo
Do teu collo palpitante,
D'esse collo melindroso,
Tão gentil e deslumbrante;
Tenho medo de perder-me
N'um momento delirante.

Morena, eu tenho medo
Do teu terno coração,
D'essas fibras delicadas
Que me rojam na paixão;
Tenho medo, muito medo,
D'esse amor, d'essa affeição.

Morena, eu tenho medo
D'esses traços de belleza,
Que brilham n'esses teus labios,
Que te deu a natureza;

Tenho medo que não ames
Quem te ama com firmeza.

Morena, eu tenho medo
D'esse andar tão seductor;
D'esse porte magestoso
Para mim fascinador;
Tenho medo de perder-te,
Moreninha... meu amor!

M. Ignacio Mendes.

CANÇÃO

A VIVANDEIRA

Musica do snr. J. S. Arvellos

Ai! que vida que passa na terra
Quem não ouve o rufar do tambor,
Quem não canta na força da guerra:
Ai amor, ai amor, ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira
É fazer-se uma vez vivandeira.

Só na guerra se matam saudades,
Só na guerra se sente o viver;
Só na guerra se acabam vaidades,
Só na guerra não custa a morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida!

Ai que vida que passa na guerra
Quem pequena na guerra viveu,
Quem sósinha passando na terra
Nem o pai, nem a mãi conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida qu'eu passo
Com tão lindo e gentil mocetão!
Se eu depois da batalha o abraço;
Ai que gosto p'ra meu coração!

Que ternura cantando ao tambor
Ai amor, ai amor, ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim,
E depois, só depois da batalha
Vêl-o salvo, cantando-me assim:

Entre as marchas fazendo trincheira,
Mais te amo, gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida
Nem as balas me fazem chorar;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar!

Qu'eu lá sinto no campo o tambor
A fallar-me meiguices de amor.

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração,
E prestemos attentos ouvidos
Ao taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão, que o tambor
Vai cadente fallando de amor.

RECITATIVOS

OUTR'ORA, AGORA

Encantos santos que gozaste e amaste
O mundo outr'ora, com desdem mordaz,
Roubou, lançou no profundo, immundo
Abysmo infrene da paixão audaz.

Em quanto o encanto realçou, brilhou
Tu foste a fada dos salões da orgia,
Sorrias, vias a teu lado amado
A mão do rico te apertar tão fria.

Gozada, olhada pela gente ardente
Tremente ouvias murmurarem fallas,
Tem louro o ouro te affrontou, comprou;
Até nos templos ostentaste as galas.

Mundana, insana tua crença immensa
Mulher vendeste por um beijo impuro,
Sereia cheia de candor, de amor
Trocaste a vida por infernal futuro.

D'outr'ora agora teus formosos gozos
São dôres lentas te matando a alma,
Cercada olhada com horror a flôr
Seu viço perde deslumbrante calma.

Funérea a ethérea candidez da tez
Em vez da nympha um cadaver mostra,
E a lamentar, chorar o desgraçado fado
Já tarde a louca com horror se prostra.

De véo labéo que a affronta aponta
Nem mesmo as cinzas se avistou no pó,
Lasciva, altiva, a pudibunda, immunda
Mulher perdida não arranca um dó.

D'outr'ora, a aurora já não ri p'ra ti,
Teu corpo cobre nauseabunda chaga,
Atrozes vozes te proclamam, chamam
Perversa louca que a innocencia traga.

Perjura, impura, soluçando, andando
Mendiga triste, mas ninguem lhe acode,
Afflicta grita, pois que tarde arde
Sagrada chamma que a remir não póde.

Doente sente sua desdita afflicta
E vê angustia que sómente resta,
Lamentos lentos da perdida vida
A' rosa linda que murchou na festa.

Implora, chora no coração perdão
E n'uma enxerga seu suspiro exhala,
Só chora a aurora—no cemiterio o imperio
Acaba, morre sepultando a gala.

E o archanjo ou anjo que nasceu no céo
Roçando as azas nos paúes da terra
Fenece, desce já sombrio e frio
A' cova rasa que a miséria encerra.

Risonhos sonhos, tua capella bella,
Vaidade, gozos que tiveste outr'ora,
Amores, flôres, teus encantos santos
E' á saudade tudo entregue agora.

Candido José Ferreira Leal.

DESPEDIDA

Adeus, meu anjo, vou partir, deixar-te,
Soou a hora da fatal partida,
A longes terras vou carpir saudoso
A triste ausencia d'essa imagem qu'rida.

Não podem phrases revelar-te o quanto
Minh'alma sente n'este extremo adeus;
Só sei dizer-te que de dôr succumbe
Ao separar-se dos carinhos teus.

Que de saudades eu não vou soffrer
Ao vêr-me ausente d'este amor tão puro,
Os dôces gozos do feliz passado
Bem amargosos vão ser no futuro.

Oh! a saudade, essa dôr pungente
Em outras eras já por mim sentida,
Agudo espinho que se entranha n'alma,
Que a dilacera e nos rouba a vida!

Não chores, virgem, não te afflijas tanto,
Enxuga o pranto d'esses olhos teus;
Não vês, querida, que esse pranto amargo
Vem augmentar os soffrimentos meus?

Não chores, virgem, não succumbas triste,
Que grata esp'rança eu conservo ainda
De ser ditoso e de viver comtigo
Dias felizes d'alegria infinda.

Adeus, meu anjo, vou partir, deixar-te,
Soou a hora da fatal partida;
A longes terras vou carpir saudoso
A triste ausencia d'essa imagem qu'rida.

M. J. de Almeida.

LUNDÚ

QUALQUER MULHER QUE ENCONTRARES

Qualquer mulher que'encontrares,
Seja bella, seja feia,
Gritai logo á bocca cheia:
Jesus! nome de Jesus!

Fugi d'ella, filhos meus,
Como o diabo da cruz.

Se a encontrares de tarde
Passeando muito airosa,
Té que a lua vagarosa
Apresente a sua luz;

Fugi d'ella, filhos meus—etc.

Se olhares para traz
E ella olhar tambem,
Mostrando sem pejo a quem
Só quer vêr os hombros nús;

Fugi d'ella, filhos meus—etc.

MODINHAS

MINHA TERRA TEM LOUREIROS

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canto triste e solitario
Que se esconde ao pôr do sol.

Quem m'o dera ouvir de novo
N'essa terra que eu deixei!

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flôres,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir seu canto,
Se o seu sol eu sempre amei!

Oh! falsario prazer não me sigas,
Eu comtigo não quero alliança;
Que ao sepulchro me deve—promette
Essa idéa da prova—Esperança.

Oh! quem me dera gozar
O dôce ar que gozei!

QUANDO OS TEUS OLHOS

Quando os teus olhos
Quebram langor,
São todos graças,
És toda amor.
Os olhos d'outra,
Faça o que fôr,
São sim os olhos,
Mas não d'amor.

E' tua bocca
Mimosa flôr,
Vedam tocal-a
Graças d'amor.
Nos labios d'outra
Posso os meus pôr,
Sem que no peito
Palpite amor.

Quando do pejo
Brilha o rubor,

Nas faces tuas
Adeja amor.
Se as faces d'outra
Mudam de côr,
O pejo é outro,
Não vejo amor.

Se dás um gosto
Ou uma dôr,
Em uma, em outra
Conheço amor.
Dados por outra
O gosto é dôr,
E' dôr ou gosto,
Mas não d'amor.

Quem de Marilia
Teve um favor,
D'outra não queira,
Que insulta amor.
Amor comtigo
E' vivo ardôr,
Nos braços d'outra
E' gelo amor.

ARIA

O BOLEEIRO

Triste vida é bolear
Todos os dias e noites,
Montado n'um burro magro,
Com esporas e açoites.

Levar tafulas bonitas,
Na sege bem recostadas,
De passeio, aos trambolhões,
P'las ruas esburacadas.

Mas ellas sempre me pagam
Sem nunca fazer careta;
E no fim sempre me dão
Qualquer cousa de gorgeta.

Que triste sorte é a minha,
Que me fez ser boleeiro,
Para servir a vadios
E ganhar pouco dinheiro!

Mas ai! que agora me lembro...
Esta idéa ninguem vence...
Vou m'empenhar para ser
De uma *gondola fluminense*.

Mas assim não me succede,
Pois a sorte me depara
A servir a um pelintrinha
Que me prega *meia-cara.*

Passo já a governar
Um d'esses velhos caixões
Que leva a gente arrastada
E tambem aos trambolhões.

E' verdade que a gente
Do serviço já cançada,
Vai arrumando sem dó,
Uma forte chicotada.

E então com o diabo,
E a nossa tentação,
Em lugar de dar nas bestas
Quebramos um lampeão.

E até mesmo sem querer,
Começa o mundo inteiro:
« Pega, agarra esse tratante,
E' um patife, um bréjeiro.»

De sorte que por descuido
Não se ganha quasi nada;
Póde o pobre boleeiro
Chupar uma bengalada...

Um homen atrapalhado
Sem saber o que fazer
Vai vingando-se nas bestas,
Dá-lhe forte e a valer.

Eu nasci para ser tua,
Tu nasceste p'ra ser meu,
Com amor, amor se paga,
Meu amor é todo teu.

Constança... eu morro,
Não morre, não,
'Stá aqui seu bem,
Seu coração.

Quem me desata
Esta gravata,
Que me machuca,
O' senhor Juca!

Sinhá, quem foi que disse
Qu'eu não gostava de schotisse?

RECITATIVOS

O PERDÃO

Perdôa, oh virgem, se te amei sonhando,
Se, despertando, mendiguei-te um riso;
Perdôa, oh virgem, se nos meus amores,
Bem como as flôres desmaiei conciso...

Perdôa, oh deusa, se nos meus delirios,
Á luz dos cirios profanei-te o pejo;
Perdôa, oh deusa, se n'um louco anceio
Beijei-te o seio, suppliquei-te um beijo!

Perdôa, oh santa, se por ti convulsa,
No peito pulsa destemida veia;
Perdôa, oh santa, quanto mais s'inflamma
De amor a chamma mais voraz se ateia!

Perdôa, archanjo, se te fui ousado,
Em ter fallado n'esse amor tão cedo;
Perdôa, archanjo—por tuas virgens c'rôas,
Se me perdôas—guardarei segredo!

Perdão, senhora!—teus olhares serios
Só tem mysterios, que me causam damno;
Perdão, senhora! se me vires triste,
A dôr consiste n'um fatal engano.

Deixa, donzella, reparar meu erro,
N'este desterro derramar meu pranto;
Deixa que ao menos em queixosa endeixa,
Lamente a queixa, que me opprime tanto...

Consente, virgem, que na pyra ardente,
Eu vá demente me queimar em vida;
Então na tumba, já depois de morto,
Terei conforto da tyranna lida!

E lá sósinho, passarei contente,
E eternamente esquecerei o mundo:
Meu pobre peito de te amar cançado,
Lá sem cuidado dormirá profundo!...

Eu só te peço que me vás um dia,
Na lousa fria desfolhar-me um cravo,
E lá, meu anjo, murmurar curvado:
Morreu, coitado, de meu peito escravo!

SUPPLICA

Gentil morena, a quem adoro e amo
No fogo ardente do amor mais santo,
Conserva sempre em teus labios virgens
Leal sorriso a mitigar meu pranto.

Ah! nunca olvides este amor tão puro
Por outro affecto que não seja o meu;
Pois quero ainda te beijando um dia
Ligar ditoso meu destino ao teu.

Perdôa acaso se te offendo, ó virgem,
Pois eu jámais te julgarei perjura;
Bem sei que és firme, por demais constante
Para que esqueças tão sagrada jura.

Ah! como é bello, ao cahir das tardes,
Pensar em ti, e me julgar feliz!
Sentir no peito o coração fallar-me
Em dôces fallas que o porvir me diz!

Ah! como é bello ao chegar das noites
Vêr em minh'alma a dôce imagem tua,
Julgar-te um anjo de sublime encanto,
Aos frouxos raios que desprende a lua!

Bem póde a sorte caprichosa, um dia,
Á minha vida dar o final córte;
Ainda assim, eu te amarei constante
Além do tumulo, affrontando a morte.

Gentil morena, serei feliz te amando,
Vivo e alento-me dos sorrisos teus;
Conserva sempre em teu peito, virgem,
O fogo santo dos amores meus.

Pinto Pereira.

LUNDÚ

UMA PEQUENA BRÉJEIRA

Uma pequena bréjeira
Commigo vive em amores;
Quando passo á sua porta
M'embriaga com mil flôres.

Menina que offerta
Ao seu namorado
Boquinhas, abraços,
Não é desagrado.

Não me larga sem qu'eu dê
Na sua face mimosa
Um osculo de puro amor,
Tornando-se assim formosa.

Menina que offerta
Ao seu namorado — etc.

Sempre espera quando eu passo
Na janella a tal pequena;
E quando me avista ao longe
Com seu lencinho m'acena.

Menina que offerta
Ao seu namorado — etc.

Tem delgada cinturinha,
E' bem feita a minha qu'rida;
Quando vou beijar-lhe as tranças
Fica quasi sem ter vida.

Menina que offerta
Ao seu namorado — etc.

MODINHAS

BEIJO A MÃO QUE ME CONDEMNA

Poesia do dr. J. M. Nunes Garcia, e musica do snr. R. S. P. M.

Beijo a mão que me condemna
A ser sempre desgraçado,
Obedeço ao meu destino,
Respeito o poder do fado.

Que eu ame tanto
Sem ser amado,
Sou infeliz,
Sou desgraçado.

MEU SCISMAR

Não creias, Lilia, não creias
Que eu deixei de te adorar;
Não creias em votos d'outro,
Crê sómente em meu scismar.

Aperta de amor os laços,
Da sorte quebra o rigor,
Vem feliz ser em meus braços,
Vem, meu anjo e meu amor.

Se alguem com voz tremente
Junto a ti de amor fallar,
Não creias em suas juras,
Mas escuta o meu scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

Não consintas nos teus labios
Vá mil doçuras libar,
Foge d'esse que não vive
Como eu em dôce scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

Foge a todos, vem a mim,
Vem ouvir meu palpitar,
E deixa que no teu collo
Torne em véras meu scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

Delicias sem fim concede
A quem sabe tanto amar,
Vem a meus braços depressa
Ouvir meu terno scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

Braulio Claudio.

QUANDO A AVE DA NOITE

Quando a ave da noite
Pavoroso esvoaçar
Na pedra de minha lousa
O meu somno despertar;
Não cuides que o isolamento
Tudo pôde consummar.

Quando ouvires de noite
Gemidos tristes de dôr,
Lembra-te do teu poeta
Que dorme em campa de horror;
O tempo tudo destróe
Mas não destróe meu amor.

Quando os aridos sons
Te embriagar no dormir,
Não cuides que a fria ausencia
Tudo póde consumir;
Meu amor foi verdadeiro,
Jámais póde se extinguir.

Quando o funereo cantor
A noite negra apontar
Nos desertos pavorosos
Com medonho suspirar;
Não cuides que a dura ausencia
Póde de ti me apartar.

CANÇÃO

O FILHO PRODIGO

Poesia do snr. Mello Moraes Filho, e musica do snr. J. S. Arvellos

Delinqui, manchei na vida
A flôr de minha ventura,
E com a fronte abatida
Busco a fria sepultura;
Ai! meu Deus, que negros dias
Passei ao sol das orgias,
Ao lado dos lupanares!
Agora minh'alma afflicta
Como a lua tão contrita
Vive só de seus pezares.

Ah! Senhor, porque tiraste
O homem do fragil pó,
E depois o desprezaste
Deixando-o no mundo só?
Sem mesmo ter um abrigo
Senão a morte, o jazigo,
N'essa viagem de um dia...
E depois, ó Deus eterno,
Talvez, quem sabe? o inferno
Quando a fronte se resfria.

Ai, meu pai! se tu souberas
Os meus tormentos d'agora,

Lenitivo, oh sim, me deras
Á magoa que me devora!
Se já não tenho innocencia
Sinto, sinto, muita ardencia
Me queimar o sangue, o peito:
Ah! eu devo no revés
Banhar de pranto os teus pés
Sem phrases ao muito affecto.

Sim, perdão, perdão te peço.
Meu bom pai... Me arrependi;
Se d'elle eu hoje careço
De todo me não perdi.
Fui apesar um momento
Desbotado ao desalento
D'essas paixões de matar...
Mas... não quero, pai, benigno
Conheço, já não sou digno
D'em tua morada entrar.

RECITATIVOS

DEVANEIO

Amar-te é a sina d'este peito ardente
Que almeja crente teu amor tambem;
Amar-te é a vida que me infiltra n'alma
A dôce calma que venturas tem.

Embora a sorte me comprima o peito,
Em duro leito de bem agras dôres,
Quero adorar-te assim mesmo, virgem,
N'esta vertigem de um soffrer de amores.

Mas ai, eu sei que em vão procuro
No meu futuro descobrir esp'ranças,
Hoje meu peito de soffrer cançado,
Somno passado, vai colher lembranças.

D'essas lembranças do viver d'outr'ora,
Bem triste chora quem por ti suspira,
Hoje offuscadas, só me restam dôres,
Mirrhadas flôres no vibrar a lyra.

Quem sabe? ainda voltarão risonhos
Os lindos sonhos da estação florida?
Oh! quão ditosa me seria a sorte
N'este transporte? respirando a vida!

Oh! quanto é dôce a esperança linda
Que vive ainda entre o meu soffrer;
N'ella sorri-me tua imagem querida
E dá-me a vida para amar-te e crêr.

R. da Silva.

O ARTISTA

Eram as artes, n'outro tempo, a base
Que a sociedade sustentava em pé;
Ellas traziam o socego aos povos,
Eram dos reis a redempção — a fé.

As artes eram necessarias — uteis,
A bem do uso e protecção do mundo;
Sem ella nunca a sociedade imbelle
Se ergueria do dormir profundo.

N'aquelle tempo era o artista grande,
Amavam-o muito — por amor das artes;
Da fama a tuba se fazendo ouvir
Soava — artista — por diversas partes.

Nos regios paços onde ha só pompas,
Onde etiquetas por demais se avista,
Entrava altivo, com seguros passos,
Era p'los nobres rodeado o artista.

Hoje o artista é no mundo o ente
A quem se vota indifferença só;
E' semelhante ao ignoto insecto
Que vive e morre envolvido em pó.

Que vale o artista n'este mundo — onde
As artes morrem por não ter cultor?
Que vale o artista — talentoso mesmo,
Se a sociedade não lhe dá valor?...

Ella o repelle indifferente e calma,
Despreza o genio se o artista é pobre;
E com sorriso derisor — satanico
Abre seus braços ao potente — ao nobre.

Não entendendo que o artista é grande,
Que sem as artes findaria o mundo;
Que a sociedade viveria immersa
N'um labyrintho por demais profundo.

Caminha, artista, e o perdão offerta
A quem teu genio de ludibrio cobre;
Esta que hoje te repelle — um dia
Conhecerá que o artista é nobre.

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

QUEM É POBRE NÃO TEM VICIOS

Quem é pobre não tem vicios,
Deixe-se de namorar,
Se as moças cantam assim
Como póde o pobre amar?

Fóra—lhe dizem
As moças todas,
Ninguem comtigo
Quer fazer bôdas.

Mas, seja o que fôr,
Já não m'embaraça,
Agora jurei
Amar por pirraça.

MODINHAS

VAI-TE, RECEIO

Vai-te, receio,
Por um momento;
Vai-te, tormento
Consumidor!

Brilha a verdade
Entre os arcanos,
Fujam enganos,
Falle o amor.

Armia, escuta
O desgraçado,
Apaixonado
Meu coração.

Tudo quanto
Emprehende,
Hoje depende
D'um *sim* ou *não*.

Oh! bella Armia,
Ama constante
Ao terno amante,
Que falla assim.

Anjo do céo,
Muda-me a sorte,
Ou dá-me a morte,
Ou diz-me *sim*.

ASTRO DO CÉO

Astro do céo,
Rara belleza,
Acaso és dom
Da natureza?

Da natureza
E's perfeição,
Aceita, oh bella,
Meu coração.

Meu coração
A ti pertence,
Tua candura
A mim só vence.

A mim só vence
Teu mago olhar,
Tão penetrante
Faz-me expirar.

Faz-me expirar
Sómente ao vêr-te,
Mas quero a vida
A pertencer-te.

P'ra pertencer-te,
P'ra ser ditoso,
Quizera um *sim*
Esperançoso.

Esperançoso,
De ti almejo
Dos labios teus
Um dôce beijo.

Um dôce beijo
Seria a paga,
Seria a cura
P'ra a minha chaga.

P'ra a minha chaga
Inda sangrenta,
Mas! que é isto?...
Ella se ausenta!

Ella se ausenta...
Porque, cruel?
Queres ainda
Que eu sorva fel?

Que eu sorva fel?
Eu te enganei...
E's illudida,
Muito te amei.

Muito te amei
E adivinha,
Inda te amo,
Oh bella minha!

G. P.

RONDINO

O SONHO

Poesia do dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Que bello sonho
Eu hoje tive!
Tambem sonhando
O homem vive.

Era meu leito
O teu regaço;
Meu travesseiro
Teu lindo braço.

Contra o teu peito
Tu me apertavas,
E com teus dedos
Me penteavas.

Teu lindos olhos
Que rutilavam,
Celestes chammas
Aos meus vibravam.

As nossas almas
N'esse momento
Só se nutriam
De um pensamento.

Eu n'esse arroubo
Não reflectia;
No céo pairava,
No céo vivia.

Porém acordo...
Oh! que amargura!
Foi mero sonho
Minha ventura.

Antes, sim, antes
Nunca acordasse,
Antes, ou sempre
Assim sonhasse.

RECITATIVOS

O ROXO LYRIO

O roxo lyrio que s'inclina á beira
Lá da ribeira, solitario e triste;
Ai! não recebe, coitadinho, alento,
Nem já do vento seu furor resiste.

A philomela que no bosque undoso,
De seu esposo lhe pranteia a morte,
De galho em galho, loucamente o chora,
Debalde implora compaixão da sorte.

Sou como o lyrio que lhe falta a aragem
N'esta romagem que se chama vida!
Bem como o lyrio me balouça o vento,
Do soffrimento, na mundana lida!

E qual nos bosques rouxinol plumoso
Que desditoso, seu amor perdeu:
Assim-no mundo vagueando, errante,
Busco o semblante paternal do céo.

Assim minh'alma n'este alvôr da vida
Jaz envolvida n'um pezar secreto:
Assim meu peito de descrença infinda
Esvái-se e finda por fatal decreto.

O mundo! o mundo! de baldões me cobre,
Despreza o pobre qué mendiga um riso!
Triste, coitado, sem gozar venturas,
Sente amarguras de um viver conciso!

DEVANEIOS

Eu quero vêr-te de esplendor cercada,
A fronte ornada de mimosas flôres,
No ardor de um baile me fallar mansinho
Murmurar baixinho segredando amores.

Nos salões da moda não desejo vêr-te
Toda embeber-te em pensamentos vãos,
Nem vêr um outro receber sorrindo
O ramo lindo de tuas niveas mãos.

Na valsa, oh bella, quero vêr-te exangue
Curvada e langue sobre o peito meu,
Arqueando tremula de febril cansaço,
Comprimir-me o braço sobre o peito teu.

No ardor da valsa perpassar ligeira
Voar faceira eu não te veja, ai, não!
Sobre outro peito descançando a fronte
Qual flôr do monte que pendeu p'ra o chão.

Quando o baile em meio mais prazer encerra
Vêr-te quizera abandonar as salas,
E a sós commigo te isolar contente
Prendendo a mente em amorosas fallas.

Eu quero vêr-te de esplendor cercada,
A fronte ornada de mimosas flôres,
No ardor de um baile me fallar mansinho,
Murmurar baixinho segredando amores.

C. da Rocha.

LUNDÚ

O SECULO DO PROGRESSO

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú — *Estamos no seculo das luzes*

Hoje tudo n'este mundo,
Faz a gente admirar,
Cousas novas que apparecem
Que nem sei vos explicar!

A, E, I, O, U,
Queiram todos conhecer,
Essas cousas que apparecem,
Para o povo se entreter.

Temos bailes sem cessar,
Para o povo galopar,
E ruas novas se abrem
Para o povo passear.

Ba, be, bi, bo, bu—etc.

Cada dia só se vê
Novas ruas se calçar;
E baixado o ministerio
Eis as ruas a chorar.

Ça, ce, ci, ço, çu—etc.

A pedirem, coitadinhas,
Que não estejam só paradas,
Que assim entre o ministerio
Para serem bem calçadas.

Da, de, di, do, du—etc.

Tantos entes pelas ruas,
Com caixões a carregar,
A gritarem que atormenta:
Oh! Freguez, quer engraxar?

Fa, fe, fi, fo, fu—etc.

Uma rua tão antiga,
Bem gravada na memoria;
Matacavallos já chamada
Riachuelo é hoje a gloria!

Ga, gue, gui, go, gu—etc.

Hoje tudo é caso novo,
Faz a gente admirar,
Ha tambem suas cousinhas
Que nos faz bem espantar.

Ja, je, ji, jo, ju — etc.

Como seja a dura ordem,
Que se deu sem olvidar,
A nosso povo, coitadinho,
Para a guerra já marchar.

La, le, li, lo, lu — etc.

Tudo isto só por causa
Do tyranno do Lopez;
Que anda o povo tristemente
A chorar o seu revez.

Ma, me, mi, mo, mu — etc.

Deixa estar que este brinquedo,
Bem depressa ha-de acabar;
Hei-de ter meu gostosinho
De vêr o Lopez a chorar!

Na, ne, ni, no, nu — etc.

Já não póde a humanidade,
Seu passeio desfrutar!
Pois encontra quem lhes diga
Tenha a bondade de escutar:

Pa, pe, pi, po, pu — etc.

O senhor traz seu documento,
Que elle livre assim da praça?
Se não traz responda já,
Pois nos serve bem a caça.

Ra, re ri, ro, ru — etc.

Diz o pobre, coitadinho,
Eu só vim a passear,
Não sabia se os senhores
Tinham ordem de caçar!

Sa, se, si, so, su — etc.

Pois então, meu amiguinho,
Me desculpe o proceder;
Acompanhe-o, oh camarada,
Queira já o recolher.

Ta, te, ti, to, tu — etc.

O governo assim me manda,
Vá cumprir o seu dever,
Recrutando os probresinhos
Que não tem de quem valer.

Va, ve, vi, vo, vu — etc.

Cá os ricos eu não mexo,
Tenho medo de soffrer
De seus paes atrevimentos
Que me podem offender!

Xa, xe, xi, xo, xu — etc.

Tudo isto a quem devemos?
Eu pergunto—me diz não sei,
Os ricos não soffrem penas,
Os pobres tem dura lei!

Za, ze, zi, zo, zu,
Corram todos a vencer,
Em geral corram ás armas
Quero o Lopez a tremer!

Adeodato Socrates de Mello.

MODINHAS

DE TÃO LONGE OUVIR NÃO PÓDES

De tão longe ouvir não pódes
O meu triste suspirar!
Quanto eu soffro n'esta ausencia
Não sabes avaliar.

Sim, tu não pódes
Avaliar,
O quanto é triste
O meu penar.

Por um bahiano.

QUANDO EM MEU PEITO REBENTAR-SE A FIBRA

Poesia do snr. Alvares de Azevedo, e musica do snr. J. Rufino de O. Costa.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espirito enlaça á dôr vehemente,
Não derramem por mim em tristes palpebras
Uma só lagrima de paixão demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do valle, em que adormece o vento;
Não quero que uma só nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto o poente caminheiro,
Como as horas de um longo pesadelo,
Que se desfaz com o dobre de um sineiro.

Como um deserto de minh'alma errante,
Onde um fogo insensato a consumia;
Só levo uma saudade d'esses tempos
Que amorosa illusão me embellecia.

Só tenho uma saudade d'essa sombra,
Que eu sentia velar nas noites minhas,
É de ti, minha mãi, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas.

De meu pai, e de meus unicos amigos,
Poucos, bem poucos, e que não zombavam,
Quando em noites de febre doudecido
Minhas pallidas crenças duvidavam.

Só tu, oh mocidade sonhadora,
Ao pallido poeta d'estas flôres,
Se viveu foi por ti, e d'esperanças,
De na vida gozar de teus amores.

Se uma lagrima as palpebras me inundam,
Se um suspiro no seio treme ainda,
É pela virgem que sonhei, que nunca,
Nos labios me encostou a face linda.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei crystallisar-se sonho amigo!
O' minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céo, eu vou amar comtigo!

Mas desvanece o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida;
E á sombra de uma cruz escrevam n'ella:
Foi poeta, sonhou, e amou na vida.

Sombra do valle, noites das montanhas
Que minha alma cantára e amára tanto,
Protegei o meu corpo, abandonado,
E no silencio derramai-lhe um canto.

Mas quando preludia a ave da aurora
E quando á meia noite o céo repousa,
Arvoredo do bosque, abri os ramos,
Deixai-me a lua pratear-me a lousa.

CANÇÃO

O EXILIO

Poesia do snr. A. Gonçalves Dias, e musica de ***

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flôres;
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida tem amores.

Em scismar — sósinho — á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem palmeiras
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar — sósinho — á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá,

Sem que eu desfrute os primores
Que eu não encontro cá,
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

RECITATIVOS

AO VÊL-A

Ao vêl-a — gelou-se-me o sangue nas veias!
Prenderam-me os passos, immovel fiquei!
Não era mais eu — não era — quem via...
Sem luz, sem sentidos, sem alma me achei!

Tal era a pureza das faces mimosas!
Tal era dos olhos o dôce fulgor!
Tal era o sorriso dos labios de rosa!
Tal era a candura da virgem de amor.

Quizera dizer-lhe, baixinho, em segredo:
Tu, fada d'encantos, vieste dos céos?
Mas tremulo, a susto, meu sêr emmudece,
Nem animo tive de olhal-a, meu Deus!

Tão candida, e linda, de tantos encantos,
Excede as estrellas no intenso brilhar!
Não é creatura nascida na terra,
E' Venus sahindo da espuma do mar.

Um ai de surpreza do labio escapou-lhe
Ao vêr-me, ao olhar-me tão perto de si!
Que—ai—que harmonia, que nota divina!
Meu Deus, n'este instante, porque não morri?

Depois... como aquelle que sahe d'um delirio,
Meus tremulos olhos desvio do chão,
Embalde a procuro no espaço infinito...
Já tinha de todo fugido a visão!...

José Luiz Caetano da Silva.

E...

Meu peito soffre, suffocando dôres,
Candidas flôres que definham n'alma!...
Meu peito soffre em cruel martyrio
Atroz delirio que jámais tem calma!...

Do amor extremo eu frui delicias,
Dôces caricias de celeste Archanjo...
Transportes d'alma se ateavam bellos,
Puros, singelos, qual sorrisos de anjo!

Illusões perdidas do perdido amor!...
Murchou a flôr que me prendia á vida!
Sonhos dourados de um porvir immenso,
Em soffrer intenso reverteu a infida...

Hoje descrido — sem vigor meus braços,
Desfaz os laços que amor prendeu!...
Do sentir puro a intensa dôr
Desfólha a flôr que tambem — morreu!...

Mas ah!... não fujas, que por ti a vida
Vejo perdida sossobrando á dôr!...
Não fujas, — não — que sem ti minh'alma
Jámais é calma de tão santo amor!...

Este amor puro foi por Deus dictado
Ao ente amado que me faz soffrer!...
Mas ah!... por ella tudo são encantos,
Amargos prantos que me faz morrer!...

Meu peito soffre, suffocando dôres,
Candidas flôres que definham n'alma!...
Meu peito soffre em cruel martyrio
Atro delirio que jámais tem calma!...

S. J. S.

LUNDÚ

A LAVADEIRA

Poesia do snr. M. M., e musica do snr. Arvellos

N'este mundo a lavadeira
Não póde ter coração,
Seus amores devem ser
A gamela e o sabão.

Yôyô me desculpe,
Não seja teimoso,
Quem é que recusa
Namoro rendoso?

O meu lindo estudantinho
Se não tem roupa lavada,
Diz que fui vêr freguezia
Por entre a rapaziada.

Yôyô me desculpe — etc.

Mas se ás vezes eu encontro
Mocinhos apacatados,

Não lhes hei-de dar com gosto
Os botões mais bem pregados?

Yôyô me desculpe — etc.

Então sim, lá mesmo a casa
A roupa lhe vou buscar;
Elles dão-me, em troca d'isso,
O dobro, se a fôr levar.

Yôyô me desculpe — etc.

Assim vou passando a vida
Suave como ninguem,
Pois d'esses moços assim
A roupa nem suja tem.

Yôyô me desculpe — etc.

E affirmo que apesar
De não ser má lavadeira,
Vale mais o meu sabão
Que a gomma da engommadeira.

Yôyô me desculpe — etc.

MODINHAS

EU VIVO, MAS OH! NÃO VIVO!

Eu vivo, mas oh! não vivo
Com quem quizera viver,
Vivo só, vivo penando,
Vivo sempre a padecer.

A padecer
E a penar,
Ai! ai! não posso
Tal supportar!

Meu Deus, se viver não hei-de
Com quem quizera viver,
Matai-me por piedade,
Que assim vivo a morrer!

A morrer vivo,
Por não poder
Com quem desejo
Junto viver!

Póde o frio da mortalha
Os meus affectos em dôr;
Mas ha-de ser sempre firme
Na minh'alma o teu amor.

Sem ti eu vivo chorando — etc.

Adeus, oh! anjo formoso,
Meu amor, minha illusão;
Do bardo pleno de amores
Aceita-lhe o coração.

Sem ti eu vivo chorando — etc.

Adeodato Socrates de Mello.

ROMANCE

CANTEMOS UM SIM

(SCHERZO)

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Oh anjo que inspiras
Palavras de amor,

E abrazas o peito
De amante cantor,
Da esphera celeste
Ah vem, vem a mim,
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

Um sim em seus labios
Ouvi murmurar,
Tão dôce, tão meigo,
Qual brando vibrar
De uma harpa tocada
Por um seraphim,
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

Desde esse momento
O meu coração
Tranquillo palpita
Sem mais oppressão.
De Urania a palavra
Aos Santos poz fim,
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

Oh anjo, teu canto
Não póde exprimir
O enlevo divino
Que um sim faz sentir!
Debalde te invoco;
Mas ah! mesmo assim
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

RECITATIVOS

SUPPLICA

(RECITATIVO SACRO)

Jesus, attende ás ardentes preces
Que ao céo t'envio n'este santo dia,
Perdão, Senhor, para mim, culpada,
Que á teus pés supplico por tua agonia.

Perdão Jesus, para a triste afflicta
Que hoje chora com pezar profundo,
Perdão p'ra ella que em ti confia
Porque és, Senhor, o Salvador do mundo.

Sei que mereço tua santa ira,
Que sou indigna de tua bondade,
Porém contrita de te haver magoado
Eis os meus rogos — tem de mim piedade.

Perdôa, Senhor, os duros aggravos
Com que na vida te tenho offendido,
Perdôa, Senhor, se meu peito ingrato
Teu santo amor tenha até esquecido.

Jesus, perdôa, pela Santa Virgem,
Pelos martyrios da tua Paixão,
Perdôa, á misera que de angustia cheia
Com fervôr supplíca — Jesus, compaixão.

Perdão espero e perdão terei,
Benigno Pai, que por nós morrendo,
Assás provaste que a tua missão
No mundo era — perdoar soffrendo!

Candida Isabel de Pinho Cotrim.

DEUS!...

P'ra qualquer parte qu'eu revolva os olhos
Vejo mysterios e preceitos seus;
Na flôr, no prado, no perfume — em tudo
Eu reconheço teu poder — meu Deus!

Pela manhã, no alvorecer do dia,
Se do sol vejo radiante luz,
Minh'alma se enche de prazer e jubilo
Reconhecendo teu poder — Jesus!

Se á noite vejo no Empyreo a lua
Campeando envolta em mortal palôr,
Minh'alma é triste ao contemplal-a assim
Mas reconheço teu poder — Senhor!

Ao vêr o brilho da scentelha horrivel
Esclarecer o nebuloso céo,
Eu julgo vêr a tua imagem — Deus
Áquem de um negro, condensado véo.

Eu reconheço teu poder no embate
Das espumantes e continuas vagas,
Que luctam rijas n'um cruel gemer
Em nossas bellas, arenosas plagas.

Eu reconheço teu poder em tudo
Que chegar póde aos sentidos meus,
E de joelhos a teus pés, eu juro
Que reconheço teu poder—meu Deus!

Quem ha que possa duvidar que exista
Um Deus potente, caridoso e grande?
Que lá no templo em orações ferventes
O seu poder e magestade expande?

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

NÃO TE RIAS, OH MENINA

Lundú brazileiro pelo snr. dr. J. M. N. Garcia

Não te rias, oh menina,
Que teu riso é venenoso,
O amor dos teus agrados
Me foi sempre suspeitoso.

Vai-te, oh menina,
Não te lamentes,
Que bem conheço
Como tu mentes.

Em quanto por ti chorei
Cruel fôste p'ra commigo,
Cançado d'amor sem fructo
No silencio achei abrigo.

Vai-te, oh menina — etc.

E' amor tão transitorio
Que achei loucura amar,
Pois se hoje amor dá risos,
Ámanhã nos faz chorar.

Vai-te, oh menina — etc.

Não procurei a ventura
Mas emfim sou venturoso,
Rejeitando teus agrados
Eu me vejo mui ditoso.

Vai-te, oh menina — etc.

E' das bellas rejeitado
Quem lhes não captiva a alma,
Mas eu qu'as bellas rejeito
De amante não quero a palma.

Vai-te, oh menina — etc.

MODINHA

MORENA

Eu adoro uns olhos pretos,
Os olhos de uma morena;
Mas esta mulher ingrata
De meu viver não tem pena.

Tem pena, meu anjo,
De um triste amante
Que por ti suspira
A todo o instante.

Vem, Emilia, não tardes,
Abrandar esta paixão;
Vem vêr quanto é triste
As mágoas de um coração!

Só tu, meu anjo,
Com teu amor
Dás allivio
Á minha dôr.

Se me não amas, ingrata,
Dá-me já a sepultura,
Pois já basta de soffrer
Esta pobre creatura.

Attende, Emilia,
Á minha dôr,
Escuta o pranto
De teu amor.

Esquece, mulher ingrata,
De quem tanto te amou,
Não possò mais esquecer-me
De quem a vida me roubou.

Tem pena, meu anjo,
De um coração,
Morena tem dó,
Tem compaixão.

B. Julio Tavares.

RECITATIVO

OH! QUE VIDA!

Que triste vida! sem gozar ventura
Quanta tortura, amolação, privança!
Que dôr d'estomago meu viver consome,
Ah quanta fome me devora a pansa!

E nem sequer—ao remexer no bolso
Encontrar posso um desgarrado bago!
Não ter um nickel p'ra comprar... empada
E um camarada não dizer-me... pago!

Ser estudante! que desejo informe,
Sonho disforme que nos faz tremer!
Ter ao seu lado um «Lacroix» famoso,
Livro horroroso... e obrigado a lêr!

Vêr um «Ganot» a nos fazer carêtas
E não ter pêtas p'ra contar ao lente!
Vêr um Guilmin a nos massar insano
E o fim do anno a apavorar a gente!

Vêr a mezada evaporar-se inteira
Logo á primeira esbodegada èmpresa;
Passar com fome d'um hotel á frente
E «olhar» sómente p'ra tão lauta mesa...

Seguir «tinindo», caminhar calado
Sem ter jantado, nem café tomar...
Ouvir bem perto uma «sanfona» ingrata
Que nos maltrata, que nos vem massar.

Não comprar velas por não ter dinheiro
E o mez inteiro vêr—em frente ainda;
Passar as noites a formar castellos
Nos sonhos bellos d'uma esp'rança infinda.

E de repente ouvir bater á porta,
Oh! quem se importa co'este pobre invalido?
Mandar entrar a quem nos quer tão cedo
E olhar com medo, o que é «cadaver» pallido!

«Cadaver» livido d'um «sepulchro» á beira
Sabem «que cheira?» o aluguer do mez.
Inda se atreve a nos pedir dinheiro!
Pobre sendeiro!... lá perdeu o freguez.

Sentir desejo de beber cerveja
E sem que veja quem nos pague a dita!
Ter saca-rôlhas e não dar-lhe emprego!
Vou pôl-a ao «prego» — inspiração bemdita!

Passar revista a quanto em bolso existe,
Cigarros... viste! nem sequer um só!
Oh! digam todos que o cigarro adoram
Se então não choram que até mette dó.

Ter por mobilia — uma cadeira velha,
Por tecto — a telha d'uma casa suja;
Sentir — na cama — de gozar desejos...
Ter persevejos em lugar da «cuja...»

Lêr ao luar e ao lampeão da esquina!
Que triste sina! que viver ingrato!
E a fome!... a fome a nos trazer tristeza,
Não ter na mesa nem sequer um prato!...

Que triste vida o estudante passa!
Não é «chalaça», é peor que a morte!
Oh me respondam que poder resiste
Ao imperio triste de tão triste sorte!?

Não ter mais livros p'ra levar ao «sebo!»
(Que os que recebo — a este amigo entrego;)
Não ter ao menos um relogio usado
Para apressado pendurar no prego...

Dormir pensando n'uma virgem bella,
Sonhar com ella... conseguir... desejos...
Depois desperto... o que o amigo julga?
Era uma pulga que me dava beijos.

Emfim... eu amo este viver errante...
Ser estudante para ser—doutor!
Depois dar couces na sciencia, em tudo!
E' grande estudo, se me faz favor!

Lograr aos lentes, ao bedel comprar,
Sempre « coar » a sabbatina inteira,
Crê, meu amigo, a approvação é certa:
Ninguem se aperta quando tem « parteira. »

E viva, viva o pandegar constante!
Viva o estudante que não leva ponto!
E quando eu—velho me chamar um dia
Esta alegria com pezar desconto!

A noite chega—e eu não tenho vela!
Forte mazella! que fazer? « rezar? »
Valha-me isto, que a não ser assim
Não sei que fim, a estes versos dar.

LUNDÚ

É TARDE

Musica de J. N. Monteiro

É tarde, pois sim, bem sei
Que vossês são mui falsarias,
Mil protestos todas juram
E por fim tornam-se varias.

Todas vossês são assim,
Estão sempre a não querer,
E depois do laço armado
N'elle logo se vão metter.

A mulher é bicho fragil
E facil de convencer;
Só não é facil fazel-as
O seu orgulho abater.

Todas vossês são assim—etc.

Eu renego de tal bicho
Por trazer sal na moleira,
Fujo d'ellas por ter medo
De cahir na ratoeira.

Todas vossês são assim—etc.

Tudo no mundo se esvai,
Até a propria razão,
Só não se esvai a lembrança
Que eu trago no coração.

Todas vossês são assim — etc.

A. C. de Oliveira Fernandes.

MODINHA

LÁ N'AQUELLE DESERTO

Musica da modinha — *Gigante de pedra*

Lá n'aquelle deserto tristonho
Onde ouço o gemido do mar,
Occultando traições que me ferem,
Quero só minhas mágoas chorar.

Lá mesmo irei esquecer-me
Da perjura, da impia e da ingrata,
Da donzella que assim me despreza,
Da mulher que o sorriso me mata.

Minhas queixas, meus ais e suspiros
Subirão á etherea mansão;
Pois na terra não acho um vivente
Que console esse meu coração.

Se desejas, oh Marcia, saber
Este sitio de tanta doçura,
Na sombria morada dos mortos
Acharás a minha sepultura.

Se acaso tu por mim chorares
Lá da campa te responderão,
Ai não chores, que existo mesmo
Sepultado lá na escuridão.

Perdoai-me, meu Deus, se blasphemo,
Já não posso esta vida conter,
Se pedindo a morte é peccado
Eu soffrendo não quero viver.

Adeus patria, adeus mundo, adeus tudo,
Vivam todos a quem amo na terra,
Recebei essas trovas sentidas
De um soldado que veio da guerra.

RECITATIVOS

AMEI!

Amei as flôres que me ornavam o berço,
Amei os cantos de uma mãi querida,
Amei a virgem que aqueceu-me o culto,
Amei o anjo que me deu a vida.

Amei do lirio a candidez tão pura,
Amei da harpa o sentido harpejo,
Amei as flôres que se inclinam tristes,
Amei da virgem o ardente beijo.

Amei da rôla a tristonha queixa,
Amei sorrindo o nascer da aurora,
Amei o lago todo crespo ao vento,
Amei a bocca que beijei outr'ora.

Amei das salas o trajar e galas,
Amei os risos, os festões, as flôres,
Amei a orchestra que morria em ais,
Amei da morte seus crueis horrores.

Amei a gloria com loucura e ancia,
Amei da taça o calor do vinho,
Amei o collo que aqueceu-me a fronte,
Amei das matas o gentil pombinho.

Amei do piano o correr dos dedos,
Amei da estrada o ancião curvado,
Amei da vida o sorrir fingido,
Amei do jogo o cahir do dado.

Amei do orphão a sentida prece,
Amei da noiva o corôa pura,
Amei dos bailes o rodar da valsa,
Amei as letras de uma sepultura.

Amei a tocha accendida ao morto,
Amei dos labios o palôr da morte,
Amei do morto o contrahir das faces,
Amei do preso o carpir da sorte.

Amei do pobre o esfarrapado manto,
Amei da lua a brilhante luz,
Amei a flauta que em trinados morre,
Amei o martyr que morreu na cruz.

Amei das vagas o chorar sentido,
Amei de Deus o poder tão forte,
Amei o lirio debruçado ao longe,
Amei a virgem que me deu a morte.

FLÔRES DO CORAÇÃO

A aurora assoma — e a terra doma
Co'a extensa coma de rubra côr,
N'esta hora maga suspira a vaga,
E a briza afaga no ramo a flôr.

Hora de encantos que só tem cantos,
Ternos quebrantos que amor produz,
Além serpeia argentea veia,
E a ave gorgeia saudando a luz.

Que primavera!... —ai! quem me dera
Qual dôce hera que se une á flôr,
Vêr-me em teus braços, preso em teus laços
E em teus regaços viver de —amor...

Foge a belleza, passa a nobreza,
Fica a pobreza se a parca vem!...
Mas terna chamma que amor inflamma
Vai com quem ama surgir além.

A aurora assoma e a terra doma
Co'a a extensa coma de rubra côr,
N'esta hora maga suspira a vaga,
E a briza afaga no ramo a flôr.

Vem pois, donzella, que amor nos vela
E a briza é bella e é manso o mar,
Nosso barquinho alli sósinho...
Parece um ninho que aguarda o par.

Lá n'essas aguas dir-te-hei as fragoas,
A dôr e as mágoas que sinto em mim,
E aos rumorejos dos meus harpejos
Quero em teus beijos da vida o fim.

Hora de encantos que só tem cantos,
Ternos quebrantos que amor produz,
Além serpeia argentea veia,
E a ave gorgeia saudando a luz.

Teus olhos bellos causam anhelos,
Sim!... quero vêl-os cheios de amor,
Vibrar um raio solto a soslaio,
Terno desmaio de luz de—amor!...

Na face pura, que formosura...
Quanta doçura tens no fallar,
Que morbideza, que singeleza,
Quanta nobreza no teu amar!

Que primavera!... ai!... quem me dera
Qual dôce hera que se une á flôr,
Vêr-me em teus braços, preso em teus laços,
Em teus regaços viver de—amor.

No dôce riso mais indeciso
Que paraiso se vê brilhar!
Que moreninha!... como ella vinha...
Era a rainha do meu pensar!

Como se agita tua alma afflicta,
Porque palpita teu seio em flôr?
Tiveste medo que o segredo
Rompesse tredo do nosso amor?...

C. Abreu.

CANÇÃO

A MULATA

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são;
Tenho requebros mais bellos;
Se a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Me treme o seio moreno;
E' como o jambo cheiroso
Que pende ao galho formoso
Coberto pelo sereno.

Nos bicos da chinelinha,
Quem vôa mais levezinha,
Mais levezinha do que eu?
Eu sou mulata tafula,
No samba rompendo a *chula*
Jámais ninguem me venceu.

Ao afinar da viola,
Quando estala a castanhola,
Ferve a dança e o *desafio*,
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus:
Mas, se murmuram: maldita!
Bravo, mulata bonita!
Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás de janella
Me atiram cada olhadella,
Ai dá-se! mortas assim...
E eu sigo mais orgulhosa,
Como se a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o *troço* de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados
Em contas d'ouro divinas;
Prendo o meu *pano* á cintura,
Que róla pela brancura
Das saias de rendas finas.

*

Se arde um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor;
Minh'alma é qual borboleta,
Que vôa e vôa inquieta
Pousando de flôr em flôr.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na *correntinha* de prata,
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão;
Um dito *repinicado,*
Um mimo, um riso, um agrado
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
Da sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo Santo,
P'ra o Santo não olha o povo!

Minha existencia é de flôres,
De sonhos, de luz, de amores,
De amores que não tem fim;
Escrava, na terra um dono,
Outro no céo sobre um throno,
Qu'é meu Senhor do Bomfim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o *troço* de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

Mello Moraes.

RECITATIVO

ELOAH DO AMOR

Linda, mais linda que o sorrir d'aurora,
Dôce, mais dôce que o fulgor dos céos,
Pura, mais pura que o scismar dos anjos,
Candida pomba do pomar de Deus!

Branca, mais branca que a nitente espuma,
Langue, mais langue que o langôr da lua;
Perola fina a resvalar no espaço,
Gotta de luz que n'amplidão fluctúa!

Visão das noites encantadas, ledas,
Risonha e santa, de sonhares magos;
Crença que alenta, fascinante estrella,
Que beija flôres, se reflecte em lagos!

Quem deu-te os risos das travessas fadas,
Fallas e cantos das gentis sereias?
Pejo de rosa tão medroso e casto,
Lagrima d'anjo que immacula idéas?

Quem deu-te encantos divinaes, sublimes,
Dons tão mimosos, tão tremido seio?
Voz dôce e meiga qual cahir d'orvalhos
Que excita o peito a palpitar d'enleio?

Dá-me essas flôres que teus labios brotam,
Quando se abrem á modular o canto!
Dá-me essas perolas que teus olhos vertem,
Quando rebenta crystallino pranto.

Quero guardal-as n'uma urna santa,
Quero guardal-as n'um secreto altar,
Formar diademas p'ra cingir a fronte,
Presa das febres de penoso amar!

Ah! rôla insonte das campinas verdes,
Dá-me essas flôres que atiraes ao chão;
Quero aquecel-as no calor dos labios,
Cobrir as chagas da voraz paixão!

Ah! lirio verde do regato á beira
Pendido á briza, á viração do norte,
Banha minh'alma de esperança e crenças,
Antes que tombe ao vendaval da sorte!

Linda sereia que tem mel na voz,
Archanjo loûro de ceruleos olhos,
Ampara o lenho do tufão medonho,
Antes que o lancem sobre o mar d'escolhos.

Dôce Eloah! dos meus amores falla
Á tarde amena, quando o sol s'envolve;
No manto escuro que desdobra a noite,
Á meiga estrella que no céo se move.

Tenho um abysmo no trevoso peito!
Se olhares, anjo, luz terás no fundo!
Ah! brilha, brilha, incarnação do bello,
Jorra scentelhas n'este cahos profundo!

Palpita a terra... a natureza anceia...
Astros palpitam sob os céos azues!...
Sorris — as harpas nas espheras tremem!
Sorris — o espaço mais derrama luz!

LUNDÚ

A MULATA CÔR DE JAMBO

Derreto-me, babo-me todo
Pela mulata côr de jambo;
Se a vejo, não me accommodo,
Té fico das pernas bambo!

E, se então ella me ousa
Um terno olhar despedir,

Fico eu qual mariposa,
Estou em chammas a cahir!

Tem tal feitiço a mulata,
E' tão grata a sua côr,
Qu'ao vêl-a, fica em cascata
Minha testa, com o suor!...

Se ella diz-me: — «yôyô,
«Gósto munto di vossê;» —
Enlevado ás nuvens vou,
Cáio na terra de pé!

Se arrasta o chinelinho
Da cidade, pelas ruas,
Não socégo um instantinho,
Lá anda nas *aguas* suas!

Inda, se vejo ella ir
Se *mexendo,* e a gingar;
Fico eu quasi a dormir,
Vou p'ra casa me deitar.

Um dia, como, não sei;
Ella cahiu-me nas unhas,
Gritou logo: — Aqui d'el-rei,
Tomou suas testemunhas!

Tive por fim de largal-a
P'ra não ir para o chilindró;
Mas vivo sempre a choral-a,
Pela mulata tenho dó!

Derreto-me, babo-me todo
Pela mulata côr de jambo;
Se a vejo, não me accommodo,
Té fico das pernas bambo!

F. P. Lisboa.

MODINHAS

HERVA MIMOSA DO CAMPO

Herva mimosa do campo
Tu és o retrato meu,
Se a vida perdes em breve
Eu sigo o destino teu.

ESTRIBILHO

Eu na serie dos humanos,
Tu no reino vegetal,
Ambos soffremos o golpe
Que extingue o triste mortal.

Mas na perda da existencia
Sua vida é fortunosa,
Tu não guardas, não conservas
Terna paixão amorosa.

Eu na serie dos humanos — etc.

COMO O ORVALHO DA NOITE

Como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr,
Assim minh'alma em delirio
Suspira por teu amor.

ESTRIBILHO

Mas tu qual uma insensata
Com teus desprezos me matas.

Mas se eu podesse encontrar
Nos teus labios um sorrir,
Seria minha ventura
E tambem o meu porvir.

Mas com tanta crueldade
Nem sequer téns-me amizade.

Permitta os céos que algum dia
Mais feliz eu possa ser,
Se continuar n'esta sorte
Antes prefiro morrer.

A morte é um sonho dourado
Para quem é desprezado.

RECITATIVOS

ADEUS!

Sobre esta terra, onde feliz outr'ora
Sequer uma hora deslisou sem calma,
A vida em sonhos, divagou a mente
Na fé fui crente, não chorou minh'alma.

Nunca em meu peito se ralaram dôres,
Pallidas flôres do jardim da vida;
Nunca em meus sonhos a mulher tão pura
Impia, perjura, foi na fé descrida.

Hoje perdido na avidez do mundo
Louco profundo meu amor existe;
Planta mimosa de vendaval batida,
Quasi sem vida a desfolhar resiste.

Louca esperança que sorriu-me um dia
Quando já cria n'um amor mentido,
Leve perdeu-se, estremeceu meu peito
Mudo despeito ás illusões perdido!

Soluça a briza que me secca o pranto
No debil canto que se eleva aos céos,
Ah! que era um sonho de visão dourada
Hoje murchado na mentira — Adeus!

AMAR-TE É CRIME

Amar-te é crime, bem o sinto n'alma,
A dôce calma que ventura dá,
Amar-te é honra que em meu peito brilha,
Em ardente pilha, carcomida já!

Querendo amar-te commetti um crime
N'esse amor firme que eu a ti votei,
E tu, ingrata, te mostraste esquiva,
Com a fronte altiva caminhaste além.

Caminha, ingrata, cançarás um dia,
Na campa fria acharás o gôzo,
Tu és criança! eu desculpo a falta,
A dôr não mata: tambem dá repouso.

Repouso eterno para mim desejo,
Pelo ensejo de um amor sagrado,
Eu só te lembro o passado tempo,
Que tão cruento foi abandonado.

Mulher sem alma, sem um sentimento;
N'esse momento eu te lembro tudo,
Talvez que digas, que o passado é pouco,
Que sendo louco para ti fui mudo.

Louco e bem louco por deixar na vida,
Triste abatida a mimosa flôr,
Mas é destino de uma sorte impura...
Na sepultura findará a dôr!!

Alfredo Chiappe da Cunha.

O TEU SORRISO

Donzella eu amo-te, com amor tão puro,
Amo-te, juro, com intenso amor,
Meu peito pulsa, e por ti palpita,
Minh'alma afflicta, te compara á flôr.

Ah! quem dera, de meu peito amante,
Sentir constante, outro junto ao meu:
Ah! quem dera, n'uma hora ao menos,
Eu vêr-te, Venus, um — sorriso — teu.

Feliz seria, se a sorrir te visse,
Sim, se sentisse, um — sorriso — teu,
Então poeta, me faria um dia,
E tu verias; o — sorriso — meu.

Se não mereço, o que tanto almejo,
Dá-me um lampejo, no sonhar comtigo;
Esse segredo que ha muito sinto,
Sim, eu não minto, morrerá commigo.

E' meu desejo, o ser feliz um dia,
Sentir alegria, despertar minh'alma;
Queixar na lyra, cantar a trova,
E dar-te em prova, do martyrio a palma.

Mas se não posso tal ventura ter,
Se meu querer é uma idéa vã;
Consente, oh! anjo, se algum dia vêr-te,
Possa querer-te como minha — irmã.

M. A. R. Cunha.

LUNDÚS

A MULATINHA

Para ser cantada com a musica da — *Mulatinha do carôço*

A mulatinha é garbosa
E dengosa
Nos requebros que ella tem,
No andar é tão ligeira
E faceira,
Oh! quanto lhe assenta bem!

A sua côr é tão bella,
Tão singela
E por isso mais amada;
Não fallecia a natureza.
P'ra belleza
Basta sua côr prezada.

Em seus olhos a ternura
Tem doçura
Que só descrevem amor,
Tem o alvor da innocencia
Que a decencia
No volver deu-lhe pudor.

Sua falla tem encantos
Que a tantos
Não póde a branca igualar;

Ella sabe ser constante
Ao amante,
Sem o saber enganar.

Seus pésinhos delicados
Bem formados
Dão pulinhos no pisar,
Vai calçando os corações,
(Tentações)
Quem póde vêr sem te amar!

A mulatinha é garbosa
E dengosa,
Tem affectos para mim!
Este dote de candura
E ventura
Foi Deus quem te fez assim...

Honorato Lopes.

A MORENINHA FLUMINENSE

Para ser cantada pela musica — *Quando eu era pequeno*

Quando a bella moreninha
Enfeitadinha,
Na janella se apresenta,
Torna o triste mui contente,
E de repente,
Os seus males afugenta.

Todos volvem para ella
Com cautela
Um olhar de seducção;
Mas travessa ella s'esquiva
Sempre viva,
Dando assim a decisão.

Moreninha encantadora
E seductora,
Minha sina é te adorar;
Dou-te, pois, meu coração
Em adoração;
Nada mais posso offertar.

Contemplando os olhos teus
Sinto nos meus
Uma celeste claridade:
Em uns olhos tão brilhantes,
Por instantes
Julguei vêr a Divindade!...

Vem, ó virgem de meus sonhos
Tão risonhos,
Vem dourar minha existencia;
Não me occultes um segredo,
E diz-me cedo
Se mereço a preferencia.

Sultana bella e fagueira
E companheira
Dos anjos e da ventura,
Deixa que meu pensamento
N'um momento
Te admire a formosura.

Como tu outra não vejo
(Nem desejo)
Que me possa captivar,
És um typo especial,
Que sem igual
Só o Brazil póde ostentar.

Não me negues teu amor,
Dôce favor,
Que te peço supplicante;
Quando mesmo me aborreças
Não esqueças
Que serei firme e constante.

Se te faço essa promessa,
E tenho pressa
Que me dês um desengano,
É porque tenho receio
Que em teu seio
Um rival me cause damno.

Meu destino a ti prendendo,
Irei rendendo
Muitas graças ao Senhor,
De tão bella assim formar-te,
Primor d'arte,
Dos jardins mais linda flôr.

João Pinto de Sousa Mascarenhas.

FADINHO

Chega-te cá para mim,
Cheiro de roupa lavada;
Chega-te bem chegadinho,
Que uma noite não é nada.

Fui ao mar por vêr as aguas,
Ao jardim por vêr as flôres;
Ao céo por vêr as estrellas,
Aqui por vêr meus amores.

Toda esta noite eu andei
Volta ao mar e volta á terra;
Para vêr se dava fundo
Ao pé da tua janella.

Se eu fôra o sol que subira,
Dava na tua janella;
Fôra-te fallar á cama,
Raios da manhã te dera.

Estrellinha do nordeste,
Que me andaes alumiando,
Alumiai-me de noite,
Que eu de dia vou andando.

Depois que os meus olhos viram
A graça que os teus tem,
Nunca mais foram senhores
De olhar para mais ninguem.

O mar é vivo, não falla,
O rio corre e não cança;
Desejava de saber
Se me tinhas na lembrança.

RECITATIVO

A PROSTITUTA

Trajando galas, nos encantos bella,
Caminhava ella, sem saudal-a alguem;
Passeia em carros, no theatro ostenta
Tudo o qu'inventa, que lhe fique bem!

Porém qual flôr, que no calor da festa
As pet'las cresta, p'ra depois murchar;
Ou mariposa, que a voar s'inflamma,
Em torno á chamma, que busca beijar;

Assim foi ella; como vil mundana,
Na orgia insana se atirou — perdeu!
Foi mariposa, que queimando as azas,
Do ardor das brazas nunca mais s'orgueu!

E essa infame desprezando o esposo,
Qu'eterno gozo lhe faria ter,
Prestes se atira — que fatal loucura!
Na vida impura, que lhe dá prazer!

Amou-a elle, como amar no mundo
Jámais profundo pôde amar alguem!
D'extremos tantos deslembrou-se a ingrata,
Que o affecto mata, no alcouce — além!

Tudo mais nobre, que sentiu seu peito
Lá jaz desfeito por atroz afão!
Matou-lhe as crenças infernal orgia,
Noite sombria, que não tem manhã!

Hoje apontada pelo audaz cynismo
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão!
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame
E em face brame — já não ha perdão!

Marcou-a o mundo com fatal sinete!
Esse ferrete, — que tão negro é!
E em represalia, — já mulher perdida
Vive uma vida — sem moral, sem fé!

Maldiz o mundo, que a supporta ainda:
Se é bella ou linda, tem vassallos seus!...
Mas não se lembra, — desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus!...

Qual aguia altiva de voar cançada,
Mais apressada na descida vai;
Assim aquella, que perdeu a calma,
Corpo sem alma na miseria cái!

Mulher perdida, de que servem galas,
Ou meigas fallas, que fingidas são,
Se d'esses olhos em que affectos calma,
Lê-se a tu'alma que só diz — traição?!

Que valem sêdas, deslumbrantes modas,
Mercadas todas com tão vil moeda?...
Vendes o corpo p'ra comprar enfeites,
Gozar deleites, que a moral te veda!

Desenfreada e nas paixões insana,
Ella, mundana, nada vale, não;
Gasta o seu ouro na fatal ledice,
P'ra na velhice — mendigar um pão!

Altivos paços habitar pretende
Ella, que vende seu fingido amor;
Rubra se mostra nos ardís fugaces,
Mas n'essas faces... já não ha pudor!

Cynica vive, na miseria morre;
Nem a soccorre bemfazeja mão!
E impenitente, á sepultura baixa
E lá nem acha — uma só cruz no chão!

E. Villas-Bôas.

MODINHA

QUANDO A VIDA

Quando a vida passava entre sonhos
N'esta idade de meiga illusão,
Foi então que amei uma virgem
Que era o idolo de meu coração.

ESTRIBILHO

Em um olhar eu lhe disse—eu te amo,
N'outro olhar respondeu-me: és amado!
Traiçoeiro espelho de meu peito,
Que mysterio eu não tenho revelado.

No bulicio importuno do baile
Onde a taça é o rigor da folia,
Tua imagem era linda e tão bella
Como um raio do céo parecia.

ESTRIBILHO

Quiz fugir, mas fugir p'ra bem longe
Para vêr se podia esquecel-a,
Era embalde, onde quer qu'estivesse
Nunca, nunca eu deixava de vêl-a.

Mas a custo se calaram nos labios
As palavras ardentes do amor;
Não fiz jura, nem quiz ser perjuro,
Nem quiz ser alcunhado traidor.

ESTRIBILHO

Quiz nos braços de uma nova amante
Esquecer este meu pensamento,
Deixar uma entregue ao desprezo,
Seguir outra, um amor de momento.

RECITATIVO

EU VI-TE, VIRGEM

Eu vi-te, virgem, sobre o collo a fronte
Curvada á fonte a segredar queixumes!
Eu vi-te triste, qual pendida rosa
Hontem mimosa a exhalar perfumes!

Cabellos negros no cahir esparsos,
Formosos traços estampavam n'agua!
Assim eu vi-te a extrahir da harpa
Acerba farpa de pungente magua.

Busquei-te! achei-te! Em macia relva
Além da selva, recostei-te a mim!
«Por mim definhas?»—perguntei corando,
E tu chorando, me disseste—sim!

Depois a sorte resequiu-me as flôres!...
Espinhos, dôres, entornou-me n'alma!
Mas inda espero n'um recente espaço
Prender-te ao laço de amorosa palma.

FADINHO

TENHO RAIVA Á GENTE GORDA

Tenho raiva á gente gorda,
O meu amor é magrinho;
Quando vai para a igreja
Parece um ramalhetinho.

Triste vida tem quem ama,
Se o amor é lisonjeiro:
Tanto mais bonita dama,
Tanto peor captiveiro.

Oh Maria, lava a louça,
Deixa-te de namorar,
Que o amor aperta a mão,
E fica a louça por lavar.

Oh Maria, tu não sabes,
Meus olhos morrem por ti;
Tu queres saber de quando?
Foi do dia em que te vi.

Oh Maria, oh Maria,
Para te amar ando louco;
Passo frio, passo fome,
Levo má vida, anda roto.

O amor nasce do dar,
Meu amor que te darei?
O amor que não despende,
E' certo que não tem lei.

Coitado quem tem amores
E se deita sem os vêr;
Toda a noite está sonhando
Quando ha-de amanhecer.

A ribeira quando corre,
No meio faz a zoada;
Quem tem amores não dorme
O somno da madrugada.

A pombinha chega o bico
Ao pombinho rolador;
São signaes que symbolisam
A dôce união d'amor.

Noite escura, noite escura,
Quem ama não arreceia,
Quem quer bem ao seu amor
Pela porta lhe passeia.

Rapariga, dá-me um beijo,
Um beijo pela tua alma;
Tu não sabes quanto gósto
De sombra quando faz calma.

Esta noite choveu ouro,
Diamantes orvalhou;
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se alagou.

Eu dei-te o meu coração,
Eu não t'o dei por libello;
Eu dei-te amor por amor,
Amor te dei, amor quero.

Tendes amorzinhos novos,
Que te faça bom proveito;
Deus vol-os deixe gozar
Que nem sereno no feto.

RECITATIVO

É ELLA!

Se ás vezes triste, meditando passo
Nas longas horas de uma noite bella,
Em vendo a lua lá no denso espaço,
Então exclamo com prazer—é ella!

Se lá nos bosques, me sorrinho as flôres,
Uma diviso, d'entre as mais singelas;
Nos attractivos em que leio amores
Ainda eu digo com prazer—é ella!

No terno canto que de além se escuta,
Da pobre freira na prisão da cella,
Duvido e creio, no final da lucta
A mesma idéa vem dizer-me—é ella!

Quando nos mares, a gentil barquinha
Toda garbosa vai correndo á vela,
N'essa fugida que alli faz sósinha
Ainda eu juro que por Deus—é ella!

Na mesma estrella que no céo diviso,
Brilhante, pura, reflectindo bella;
Em suas faces, traduzido um riso
Protesto, affirmo ainda mais—é ella!

Por mais que busque distracções na vida,
Atroz lembrança minha mente gela,
Quer nos prazeres, na cruenta lida
Que mais me inspira, bem conheço—é ella!

No mar, na terra, lá no céo, nas flôres,
Por toda a parte minha mente vela,
Se em tudo eu leio divinaes amores,
E' porque tudo vem dizer-me—é ella!

A. L. G. de Castro.

LUNDÚ

OS SETE SACRAMENTOS

Oh menina, eu te peço
Que sigas os meus intentos;
Olha que te proponho
Estes sete sacramentos:

O primeiro é o baptismo,
Não sei se sou baptisado;
Creio em tudo o que Deus disse,
Não sei se sou confirmado.

Segundo é confirmação,
Confirma amor na verdade;
Se te eu quero bem ou não,
Deus do céo é quem o sabe.

O terceiro é commungar,
Quem communga confessou;
Para uns começa o mundo,
Para outros se acabou.

O quarto é penitencia,
Penitencia tenho tido;
Quando me ausento de ti
Não sei se morro, se vivo.

O quinto é extrema-unção,
São palavras em latim:
Fostes uma linda rosa
Que creei no meu jardim.

O sexto é a ordem,
Que eu tenho de te prender;
Na cadêa dos teus braços,
É que eu me queria vêr.

O setimo é matrimonio,
Quando é o dar da mão;
Nunca se póde apartar
Uma rosa de um botão.

Estes sete sacramentos
São da santa madre igreja,
Anda o mundo ás avessas,
Ninguem logra o que deseja.

MODINHA

QUANDO OS CÉOS DÃO EM TEUS LABIOS

Quando os céos dão em teus labios
Terno riso encantadór,
Sinto quão dôce é-me a vida,
Em teu riso, anjo de amor.

Sem ti são tristes os meus dias,
Duro e penoso meu viver,
Junto a ti preso em teus braços
Viver quero até morrer.

Os laços com que me prendes
Ainda mais quero apertar,
Não é crime antes virtude
Sempre amando até acabar.

E' minha sina adorar-te
Embora sejas perjura,
Que meu amor não esmaga
A pedra da sepultura.

Venha a morte embora um dia
Sobre mim seu furor parte;
Morto, extincto, no sepulchro
Este peito inda ha-de amar-te.

Póde o gelo do sepulchro
Tirar da vida o calor,
Mas d'um peito firme amante
Apagar não póde amor.

FIM DO VOLUME III

INDICE

	Pag.
Acorda, minha querida....	94
Adeus!.....	134
Adeus, pura virgem de meus sonhos.....	111
A estrella.....	15
Ainda ella?.....	55
A joven morena.....	59
A lavadeira.....	107
Alta noite.....	23
Amar-te é crime.....	140
Amei!.....	126
A moreninha fluminense....	143
A mulata.....	130
A mulata côr de jambo....	135
A mulatinha.....	142
Ao vêl-a.....	104
A perola de Paqueta.....	63
A prostituta.....	147
As mulheres de marmore....	17
Astro do céo.....	90
A sympathia.....	8
A transviada.....	9
A vivandeira.....	64
Beijo a mão que me condemna.....	81
Camelia.....	50
Cantemos um sim.....	112
Chá preto, sinhá.....	12
Como o orvalho da noite...	138
Desde o dia em que te vi...	110
Despedida.....	69
De tão longe ouvir não pódes	100
De ti fiquei tão escravo....	61
Deus!.....	115
Devaneio.....	85
Devaneios.....	85
D'uma pastora os olhos bellos.....	35
E.....	105
É ella!.....	154
Eloah do amor.....	133
Esta noite, oh céos! que dita!.....	43
É tão formosa Marilia bella	52
É tarde.....	123
Eu amo as flôres.....	24
Eu quero-me casar.....	60
Eu vi-te, virgem.....	151
Eu vi teu rosto.....	32
Eu vivo, mas oh! não vivo!	109
Fadinho.....	146
Festas de dôr.....	11
Flôres do coração.....	127
Herva mimosa do campo...	137
Lá n'aquelle deserto.....	124
Lembranças da patria.....	16
Marilia, meu dôce bem.....	31
Meu scismar.....	81
Minh'alma é triste.....	48
Minha sorte, cara Elvira...	46
Minha terra tem loureiros..	71
Morena.....	118
Mulheres e flôres.....	18
Não te rias, oh menina.....	116
No mar.....	29
No meu rosto ninguem vê..	5

	Pag.
O artista	87
O boleeiro	74
O canto do sabiá	38
O capitão mata-mouros	56
O exilio	103
O filho prodigo	84
Oh! que vida!	119
O meirinho e a pobre	26
O padecente	51
O perdão	76
O pobre	39
O roxo lyrio	84
O seculo do progresso	96
Os sete sacramentos	156
O sonho	82
O teu semblante	58
O teu sorriso	141
Outr'ora, agora	66
Perdão	30
Pura virgem moreninha	21
Qualquer mulher que encontrares	70
Quando a ave da noite	83
Quando a vida	150
Quando em meu peito rebentar-se a fibra	101
Quando eu morrer, não quero em minha campa	6
Quando os céos dão em teus labios	157
Quando os teus olhos	72
Queixas	47
Quem é pobre não tem vicios	88
Se eu fôra a criança mais linda e formosa	36
Sonhei que mil flôres	13
Supplica	78
Supplica	114
Tenho raiva á gente gorda	152
Uma pequena bréjeira	79
Um mysterio	25
Um pedido	44
Um só sorriso	21
Um teu suspirar	50
Vai-te, receio	89
Vivo só para te amar	7

[illegible] 1 v. [illegible] 1 v. [illegible] 1 v. [

de Belleville. O homem dos tres edições — André. 1 v. A familia Gogh. 4 v. Um gelinho. 2 v. Georgeta. 4 v. — O diabo a quatro. 4 v. — Magdalena. 1 v. — Physiologia do homem casado. — Nem sempre nem nunca. 4 v. — João. 4 v. Mulher, marido e amante. 1 v. — O filho de minha mulher. 2 v. — A menina Lisa. O amigo Piffard. O rapaz mysterioso da estamina. — A familia Braillard. 2 v. — A sorte de Montianquin. 2 v. — Um namorado calouro. 2 v. O amor carcerada. — Nem casada, nem solteira, nem viuva. — Um marido perdido. — As caixeiras. — A leiteira de Montfermeil. 4 v. — Um joven encantador. 1 v. — O seu gravata. 1 v. — Robineau e Fifina. 4 v. A procura d'uma mulher. 4 v. — O homem da natureza. 1 v. — A noiva de Fontenay-das-rosas. 1 v. — Cerisota. 2 v. — O bigode. 4 v. — Este senhor. 4 v. etc.

O homem da raça, por Ernesto Rollet. 3 v.

Fabres. O adolescente educado na bondade, sciencia e industria. 1 v. As preciosas celebres e as mercadoras do amor, typos contemporaneos.

Reynolds. Os dramas de Londres. 10 v.

Cantú. Historia universal. 12 v. com estampas. — Margarida Pusterla, romance.

Pascual. — A morte moral. 4 v. — Esposa e mulher. — Ensaio critico sobre a viagem ao Brazil em 1852. 2 v.

Francisco Manoel da Silva. Compendio de musica.

G. Aimard. — As guerrilhas do Juarez. 1 v.

Joaquim M. de Macedo. — O forasteiro. 3 v. — Os quatro pontos cardeaes. 1 v. — Um noivo a duas noivas. 3 v. — A namoradeira. 3 v. — Nina. 2 v. — As mulheres de mantilha. 2 v. — A lunetta magica. 2 v. As vicissitudes algozes. 2 v. — A moreninha. 1 v. — A nebulosa. 1 v. — Culto do dever. 1 v. — Memorias do sobrinho de meu tio. 2 v. — Moço louro. 2 v. — Os dous amores. 2 v. — Romances da semana. Rosa. 2 v. Vicentina. 3 v. — O primo da California, comedia em um acto. — Remissão de peccados, comedia. — Romance d'uma velha, comedia. — Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. 2 v. com estampas. — Noções de chronographia do Brazil. 2 v.

Camillos, contos electricos.

Mme. Scali — Delfina. 5 v. — Corina ou a Italia. 4 v.

Magalhães Lima. — Miniaturas romanticas. 1 v. contendo: Martyrio d'um anjo; Um drama intimo; Um dia de noivado.

Pereira da Silva. — Historia da fundação do imperio brazileiro. 7 v. Manoel de Moraes, chronica do seculo XVI. 1 v. — Jeronymo Côrte Real. — Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes. 2 v. — Segundo periodo do reinado de D. Pedro I do Brazil, narrativa historica. 1 v. Obras litterarias e politicas. 2 v.

Bastos. — Contos de minha lavra.

H. Conscience. — O mulher torcida.

Costa. — Esboços biographicos dos principaes pintores italianos. 1 vol.

C. Roberti. A ponte nova. 3 v. — Os mendigos de Paris. 1 v. — O tribunal secreto. 1 v. — Povos e reis. 3 v. — Servos e boyardos ou a escravidão na Russia. 4 v. — O salteador do monte deserto. 2 v. O poeta da rainha.

Porto: 1876 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECT

VOLUME IV

RIO DE JANEIRO

1873

[illegible] POPULAR DE [illegible]

[illegible] S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

[illegible] — Dessa [illegible] do [illegible] 1 v.

[illegible] — Compendio [illegible] 1 v. [illegible]

[illegible] — Casos de [illegible] 1 v. [illegible]

[illegible] — [illegible] 6 v. [illegible] 3 v. [illegible] 3 v. [illegible] 2 v. [illegible] 1 v. [illegible] 1 v. [illegible] 1

TROVADOR

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

A Arrependida, romance por J. A. d'Ornellas.

S. Pereira — Horas do campo. 1 vol.

Estacio da Veiga — Romanceiro do Algarve. 1 v.

Dr. Tito F. d'Almeida — O Brazil e a Inglaterra, ou o trafico dos africanos. 1 v.

A. Bast — Maravilhas do genio do homem. 2 v. — A corteza de Paris.

Janet — A familia.

Freire de Carvalho — Ensaios sobre a historia litteraria de Portugal. 1 v. — Reflexões sobre a lingua portugueza. 1 v.

Motta — Quadros da historia portugueza. 1 v.

B. Pinheiro — Arzilla. — Sombras e Luz. — Amores d'um visionario, romance historico. 2 v.

Isbella, por Fernandes da Rocha.

Andrade Ferreira — Tradições e phantasias. 1 v. — A familia do jesuita. 1 v. — Ultimos momentos de D. Pedro v. — Litteratura, musica e bellas-artes. 2 v.

Mosqueira — A marqueza de Camba. 2 v.

O. Feuillet — Historia da Sibylla, 1 v. — A condessinha de flôres. — Flôr de liz. 5 v. — Romance de um rapaz pobre. — O conde de Camour. 2 v. — Julia de Trecœur. 1 v.

Augusto e Olympia, por F. da Rocha. 2.ª edição.

W. d'Izco — Maria, ou a filha de um jornaleiro. 7 v. — A marqueza de Bella-flôr. 8 v. — Pobres e ricos, ou a bruxa de Madrid. 9 v.

Teresserra — Os hypocritas. 9 v. — A Judia Errante. 10 v.

Fernandez y Gonzalez — D. João Tenorio. 2 v. com est. — O rei maldito. 5 v. com est. — Casada e virgem. 2 v. — Lucrecia Borgia. — Memorias de Satanaz. 2 v.

Luiz Parrêne — A inquisição e o rei. 2 v. com est. — A inquisição do rei e o Novo Mundo. 3 v. com est.

Dias Mora — Florinda, ou o palacio encantado. 2 v. com est. — Pelayo, ou o restaurador de Hespanha. 2 v. com est.

Tarrago y Mateos — Odio de Bourbons, memorias escriptas com sangue. 3 v. com est. — Tempestades da vida. 2 v. com est. — Os ciumes de uma rainha. 9 vol.

Iliada de Homero, trad. de M. Odorico Mendes.

Paulo Feval — Os companheiros do silencio. 4 v. — A loba. 3 v. — As duas mulheres do rei. 1 v. — As filhas dos reis. 1 v. — Saldo de contas. 1 v. — João Diabo. 4 v. — O lobo branco. 1 v. — Os valentões d'el-rei. 1 v. O filho do diabo. 1 v. — Um drama da regencia. 1 v. — O rei dos mendigos. 4 v. — A duqueza de Namour. 2 v. — A cruz da espada, ou o emigrado. 1 v. — A creoula. 1 v. — O jogo da morte. 6 v. — O matador de tigres. 2 v. — A peccadora. 1 v. — Floresta de Rennes ou o lobo branco. 1 v. — O voluntario. 1 v. — A torre do diabo. 1 v. — A fada dos Arcaes. 1 v. — A fonte das Perolas. 1 v. — Os casacas pretas. 1 v. — O paraiso das mulheres. 2 v. — O corcunda. 6 v.

Luiz d'Araujo — Cõntos e historias. 1 v. — Cousas portuguezas. 1 v. — Novo almocreve das petas, livro alegre e folgazão, no gosto do antigo *Almocreve das petas*. 2 v.

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME IV

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1876

TROVADOR

MODINHAS

QUEM NÃO AMA E NÃO ADORA

Os prazeres que nos domam
Da existencia dôce aurora,
Gozar não póde na vida
Quem não ama e não adora.

Quem não rende affectuoso
Terno culto á formosura,
Existe envolto em tristeza,
Vivo está na sepultura.

No universo não descubro
Quem d'amor á lei se esquive;
Pois que amor é mais que a vida,
Só amando é que se vive!

Pois se o amor é que adoça
Nossos dias de amargura,
Sem prazer a vida é morte,
Sem amor não ha ventura.

DEIXA, DAHLIA

Deixa, dahlia, flôr mimosa
Ostentar tua belleza,
Tua imagem respeitosa
E' o emblema da tristeza.

Nas roxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

Teu centro, duro, exaspera
Minh'alma, em zelos accesa,
Flôr que assim paixão exprime
E' o emblema da tristeza.

Nas roxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

DUETO

O MESTRE DE MUSICA

DAMA

Dá licença, senhor mestre?

MESTRE

Póde entrar, minha senhora.

DAMA

Como passa, senhor mestre?

MESTRE

Vou passando menos mal:
Ora vamos, meu amor,
Venha dar sua lição;
Cante bem afinadinho,
Faça o compasso co'a mão.

DAMA

Sim, senhor, já estou prompta,
Mas precisa desculpar...

MESTRE

Oh! pois não...

DAMA

Porque estou bastante rouca,
Não poderei bem cantar.

MESTRE

Ora vamos, meu amor — etc.
Não importa, eu lhe desculpo,
Vamos, dê-me attenção.
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si:
Entendeis, minha menina,
Esta minha afinação?

DAMA

Sim, senhor, entendo bem.

MESTRE

Ora agora principie
Com justiça e promptidão.

DAMA

Fá, mi, dó, ré, fá, dó.

MESTRE

Dó, dó, dó,
Na deixa, está perdida,
E não sei qual a razão
Ha tanto tempo que ensino...
Cada vez peor lição...
Olhe, a bocca bem aberta,
Compasso bem prolongado,
O nariz bem perfilado,
Veja a minha posição.

DAMA

Sim, senhor, eu principio,
Eu careço solfejar
Mi, ré, fá, dó, fá, dó, lá.

MESTRE

Qual, fá, dó nem fá, dó, mi!
Vá outra cousa estudar.
Para a musica não tem geito,
Outro officio vá buscar.

DAMA

Sim, senhor, querido mestre,
Eu lhe prometto estudar,
E se fôr do seu agrado
Um lundú eu vou dançar.

MESTRE

Oh diabo, ella ahi vem
Com aquella tentação,
Pois sabe que não resiste
Meu sensivel coração.

LUNDÚ

DAMA

Ora diga, senhor mestre,
Não lhe agrada mais dançar
Com geitinhos e requebros
Que até os céos faz chorar?

MESTRE

E' tão bom, é tão gostoso
Que se eu tivera pataca,
Toda a vida eu te daria
Corta, jaca, corta, jaca.

AMBOS

Bravo, meu bem, está de tremer.
Queijadas de côco,
Pasteis de melado,
Suspiros e ais
Do meu bem amado.

Sim, é engraçado,
Gostoso é morrer
Ligado a teus braços,
A vida perder.

Bravo, meu bem, está de tremer—etc.

Oh! sinhá Maria olé
Olhe os porcos na cancella,
Se os porcos forem teimosos
Dê com elles na panella.

DAMA

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si,
Até quando eu cá voltar.

MESTRE

Adeusinho, não s'esqueça
Da lição bem estudar.

AMBOS

Bravo, meu bem, está de tremer — etc.

Oh! sinhá Maria olé — etc.

RECITATIVOS

ESTATUA DA VIDA

Estatua inerte, insensivel, calma,
Mimoso corpo, não conhece a vida,
Pallida estrella que brilhar não sabes,
Perola santa, para os céos perdida.

Jardim sem flôres, sem perfume, secco,
Lodosa argilla, desprezivel pó,
Orgulho inutil, sentimento morto,
Gelado peito, não conserva dó.

Formosa e linda, alabastrina Venus
E' muda e fria, e nem um riso tem,
Alma de marmore, sem fé, sacrilega,
Aos céos prendel-a nem um sonho vem.

Altar sem cultos, sem amor, sem idolos,
Religião sem crentes, muda já está,
Sacrario augusto, esperança morta,
Nem um suspiro o coração lhe dá.

Vaso esculpido de valor sublime
Que dôce orvalho não colheu do céo,
Bello horisonte, mas sem luz, sem brilho
Sempre escondido por funereo véo.

Adormecido, sepulchral archanjo
Celeste aroma — nem a Deus orou,
Apenas folhas — desbotada rosa,
Sem ter amor seu coração ficou.

Bettencourt da Silva.

O QUE EU SENTI

Senti no corpo um tremor convulso,
Senti minh'alma desfazer-se em prantos,
Senti que breve me fugia o pulso,
Senti do peito já fugir-me os cantos.

Oh!... eu soffria!... sim, soffria immenso,
Amores loucos me abrazava o peito:
Hoje, cançado de um soffrer intenso
E' meu martyrio o já passado preito.

Senti saudades quando já distante
De ti, ó bella, tão tristonho vi-me;
Queria ao menos contemplar constante
O rosto puro pelo qual perdi-me.

Pois caminhava futurando amóres
Qu'em breve iriam junto a ti pairar;
Senti que via n'um jardim mil flôres,
E que as mais bellas te podia dar.

Oh! essas flôres que em delirio via,
Eram mil beijos que almejára dar-te;
Eram desejos que jámais eu cria
Que em vão fizesse o meu peito amar-te.

Mui feliz fui n'esse instante, virgem,
Julgára a vida mais alento ter!...
Mas hoje, longe, só tu és a origem,
Do pranto amargo que me faz descrêr.

Monte-Real.

LUNDÚ

UM JOGO

Musica do snr. Noronha

Com gentil, formosa dama
Ha muito tempo joguei,
Puro jogo em que perdendo
Com essa perda ganhei.

Comecei por um sorriso,
Ella um olhar me lançou,
Com esse olhar fiquei doudo,
Quasi com elle ganhou.

Insiste, dei-lhe um suspiro,
Ella um ai me desprendeu,
Ouvindo soltar segundo
Calou-se e quasi perdeu.

Deu-lhe um sentir de minh'alma,
Deu-me um sorrir de paixão,
Quiz vencer, fiquei vencido,
Lá perdi meu coração.

Perdi tudo, mas que importa
Se em breve me resarci,
Se ganhei a affeição d'ella
Em troca do que perdi?

Ha muito tempo, ha muito,
Comtigo, Isbella, joguei:
Perdesse embora no jogo,
N'essa perda alfim ganhei.

MODINHAS

MARILIA, SE ME NÃO AMAS

Poesia e musica do fallecido padre-mestre José Mauricio Nunes Garcia

Marilia, se me não amas,
Não me digas a verdade,
Finge amor, tem compaixão,
Mente, ingrata, por piedade.

Dize que longe de mim
Sentes penosa saudade,
Dá-me esta dôce illusão,
Mente, ingrata, por piedade.

A VIRGEM MELANCOLICA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Sonhei que mil flôres*

Eu amo essa virgem
Tão pura e tão bella,
Morena formosa,
Tão casta donzella.

Imagem tão linda,
Exemplo de amor,
Das flôres mais bellas
E' ella essa flôr.

E' mais que constante,
E' mui virtuosa;
Dos anjos é copia
E mui carinhosa.

Por ella sou rei,
Sou grande cantor;
Foi ella quem deu-me
Soberbo valor.

Outr'ora eu carpia
Vivendo a chorar,
Sem ter lenitivo
Meu duro penar!

Foi bastante vêl-a
D'amor a sorrir,
Meu fado cruel
Fez ella fugir.

Morena formosa
És meu pensamento;
Se hoje tu tens
Cruel soffrimento!

Virá esse dia
De tanta esperança,
Que em vez de ter dôres
Terás a bonança.

Adeodato Socrates de Mello.

O MEU PENAR

Busco campina serena
Para livre suspirar,
Cresce o mal que me atormenta,
Augmenta-se o meu penar.

Se ao brando rio procuro
As minhas penas contar,
O rio foge de ouvir-me,
Augmenta-se o meu penar.

Se ao terno canto de uma ave
Vou meus gemidos juntar,
Emmudece o passarinho,
Augmenta-se o meu penar.

CANÇÃO

O DIA NUPCIAL

(CANTICO DO ESPOSO)

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Eil-a de branco vestida
Qual bella estatua de neve,

Que á terra do céo descida
Ninguem, nem mesmo de leve,
A pôr-lhe os dedos se atreve
Por não vêl-a polluida!
.....

Nunca tão pura,
Nunca tão bella,
Brilhou estrella
No azul do céo.
Nunca roseira
A amor sorrindo,
Assim tão lindo
Botão ergueu.

Em lago argenteo
Cysne garboso,
Tão gracioso
Jámais pairou.
Sublime artista
De amor dilectô
Tão puro objecto
Nunca ideou.

Tão sublime e primorosa
Como o arroubo da poesia,
Como a imagem graciosa
Que a mente do vate cria,
Quando vaga a phantasia
Na enlevação primorosa.
.....

Em seu semblante
Tudo é ventura,

Tudo é candura,
Tudo é pudor.
Alma celeste
Lhe anima o rosto,
Que é um composto
Que inspira amor.

Ai de quem lhe ouve
A voz canora,
Que se evapora
Em brandos sons!
Livre escutando-a
Ninguem persiste,
Ninguem resiste
A tantos dons.

Oh lua, oh estrellas,
Oh céos, ah! sabei,
Que ella é minha esposa,
Que esta alma lhe dei!
Na vida e na morte
Só d'ella serei.

RECITATIVOS

FALLA

Falla, meu anjo! Que tuas vozes candidas
Aos meus ouvidos venham ter bem ternas!
Ah! falla, falla! De teus labios tremulos
Solta essas notas divinaes, eternas!

Deixa em meu peito vir cahir dulcissimas,
Oscillando uma a uma entre o receio,
As tuas phrases que em minh'alma gelida
Mudam-se em chammas me abrazando o seio!

Falta ao canario um harpejar tão magico,
E falta á lyra um proferir tão dino!
Nada te iguala no fallar angelico...
São tuas fallas sacrosanto hymno.

Quando tu dizes «Eu te amo» e púdica
O rosto escondes com ternura e medo,
Sem ti no céo não se desprende um cantico
Assim vibrado, tão sublime e ledo!

Se em alta noite entristecida, pavida,
Gemer a flauta na soidão é bello,
Mais bella ainda é proferida syllaba
Pelos teus labios c'o infantil desvelo!

Na mata umbrosa o sabiá extatico
Cala seu quebro que vencido fica!
Tudo emmudece á tua voz, e o misero
Na mágoa immerso seu soffrer deifica!

Falla, meu anjo! Tua voz é balsamo
Que suavisa do pezar a chaga!
Com tuas fallas d'esta vida lugubre,
Mata a descrença que meu peito esmaga!

M. P. Leitão.

AMOR E DELIRIO

Vem vêr, ó virgem, como esta alma sente,
E não te mente no jurar-te amor!
Vem vêr que adoro teu cabello louro
Que é meu thesouro de maior valor!...

Vem vêr que sinto n'este peito em ancia
Muita constancia que terei por ti!...
Vem vêr que chóro por te vêr chorar
Ao dedilhar d'esta minha harpa aqui.

Eu amo, ó virgem, teu olhar quebrado,
E o assombrado d'esses olhos bellos!
Eu amo a neve de teu collo virgem,
Amo a vertigem, meu sonhar, d'anhelos!

Amo teu peito, divinal sacrario,
Que é meu erario, meu altar d'amor!
Amo-te o riso que dá luz ao triste,
Que não resiste ao soffrimento, á dôr!...

Amo teus olhos que me accendem n'alma
Amor sem calma, divinal paixão!
Amo-te a face, tão rosada, bella,
Amo, donzella, teu fanal condão!...

E quando ás vezes um murmurio vago
Vem n'um só trago acórdar minh'alma,
Então eu sinto tua imagem qu'rida
Abrir-me a f'rida d'este amor sem calma!...

E sinto em sonhos tua imagem qu'rida
Chamar-me á vida, attenuar-me a dôr!
E dou-te em paga n'esta minha lyra,
Quando delira, um suspirar d'amor!...

V. M. S. M.

LUNDÚ

BERNABÉ CANGICA

Mulata, tu és a causa
D'eu andar sempre a tinir.
Todo o dinheiro que ganho
E' pouco p'ra me vestir.

Todo á moda, qual janota
Ando sempre a passear:
Todas as vezes que sáio
Vou as botas engraxar.

Alegre por tua porta
Passo o dia, a noite passo,
Miro todo este corpinho,
Eu mesmo não sei que faço.

Se te vejo debruçada
Contente só na janella,
Tudo em mim é confusão,
Sinto dôres na canella.

Quando eu tiver certeza
Que me adoras a mim só
Vêr-me-has atraz de ti
Humilde qual um totó.

Mulata, eu vou-me embora,
Mas meu nome aqui te fica,
Nunca te esqueças, meu bem,
Do teu —*Bernabé Cangica.*

MODINHAS

QUANDO SEU BEM VAI-SE EMBORA

Cresce amor de dia em dia,
Cresce amor de hora em hora,
Cresce tambem a saudade
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes
Causam saudade,
Nada mais firme
Que uma amizade.

Tudo no mundo fenece,
O mesmo amor se minora,
Só quem não ama não sente
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes — etc.

Grandes tormentos padece
Um peito que firme adora,
Só quem ama é que sente
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes — etc.

Sente a alma espedaçar-se,
Suspira, lamenta e chora,
Quem ama está presente
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes — etc.

Ainda que os labios não fallem
Da despedida na hora,
Os olhos pedem que fiquem
Quando seu bem vai-se embora

Ternos ciumes — etc.

PARA MIM É O MUNDO UM DESERTO

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada com a musica da modinha — *Mal te vi eu te amei*

Para mim é o mundo um deserto,
Passo a vida em continuo soffrer,
Nada vejo que possa alegrar-me
Nem cessar este meu padecer.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos,
Vem, não tardes feliz me tornar!
Ouve o — brado, — do triste que chora,
Vem, não tardes, meu pranto enxugar!

N'este mundo não tenho um amigo
Que me possa um suspiro colher,
N'este mundo encontrei só tormentos
Que me fazem mil vezes soffrer!

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

Todos gozam na vida prazeres
Só eu vivo no mundo a penar,
Se existindo, só tive pezares,
Devo morto delicias gozar.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

Eu amei no verdor de meus annos
A belleza que o mundo invejava!
Foram poucos os gozos que tive
D'esse amor que meu peito animava.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos—etc.

D'esse amor que meu peito nutria
Não existe sequer uma flôr,
Este mundo p'ra mim é cruel,
Dá-me prantos, tormentos e dôr!

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos—etc.

Não aspiro as riquezas do mundo
Nem tão pouco delicias gozar;
Só desejo o silencio dos tumulos,
Onde breve eu irei repousar.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos—etc.

Hoje triste no mundo, sósinho,
Tento embalde meu pranto occultar,
Que os gemidos que estalam-me o peito
Só a morte é que os póde acabar!

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos—etc.

Mello e Oliveira Junior.

POLACA

AMOR ETERNO

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Vi, minha Urania,
Teu lindo rosto!
Minh'alma absorta
Tremeu de gosto.

Dentro do peito
O coração
Sentiu o effeito
D'essa visão.

De um poder novo
Todo o attractivo
Soprou-me n'alma
Um fogo vivo.

Fiquei sabendo
Porque nasci,
Alegre vendo
Meu bem em ti.

O amor eterno
Que tudo cria,
Se amor não fosse,
Não nos faria.

Nossa existencia
E' toda amor,
Qual é a essencia
Do Creador.

Não, não, a morte
Não nos separa;
Além dos mundos
Ha luz mais clara.

A ella accesso
E' o morrer,
E' um processo
Do renascer.

Os que no mundo
São mais amantes
Serão unidos,
Mas radiantes.

Amor mais forte
Lá irá ter,
Sem já da morte
Nada temer.

Tal é, oh! bella,
Nosso destino!
O céo me inspira
Quanto imagino.

Do amor no estudo
Consiste o bem;
O mal é tudo
Que amor não tem.

O bem só amo,
O bem desejo,
O bem agora
Em ti só vejo.

Quero a teu lado
O bem gozar
E ser amado,
E sempre amar.

Se tu desejas
Ser venturosa,
Ama a quem te ama,
E est'alma espósa:

E terno unamos
Teu sêr e o meu,
Dos dous façamos
Como um só Eu.

RECITATIVOS

UM TEU DÔCE AGRADO

Eu amo as flôres em manhã serena,
Frescas, viçosas, perfumando o prado,
Porém adoro, amo mais ainda
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo os cantos maviosos, puros,
Gorgeios brandos de mimoso alado,
Mas... ah! que amo, muito mais eu amo
Um teu sorriso, um teu dôce agrado!

Eu amo vêr em deserta praia
O mar sereno qual leão domado,
Porém mais amo, mais prazer me dá
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo as meigas e ternas caricias
Da mãi querida ao filhinho amado.
Mas mais eu amo um carinho teu,
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo ouvir os accordes santos
D'orgão divino em templo sagrado,
Mas amo... adoro com fervor maior
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo os brincos d'infantil menino
Que folga isento do menor cuidado,
Porém eu amo muito mais que tudo
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Candida Isabel de Pinto Cotrim.

A VIRGEM DE LUTO

Trajava vestes que o soffrer exige,
Mesmo de luto se ostentava bella,
—Era qual anjo a vigiar sepulchros
Da noite em meio — em funeral capella.

N'aquellas faces onde outr'ora a rosa
Collocar vinha suas lindas côres,
Eu vi os traços salientes — vivos
Das mais atrozes, cruciantes dôres.

Quizera parte d'esta dôr tão forte
Soffrer sósinho — mui feliz seria;
P'ra contemplar-te mui risonha, sempre
Parte d'est'alma eu a ti daria.

Quizera vêr-te, como outr'ora — alegre,
Fixando a lua no seu céo de anil,
Quizera vêr-te, como outr'ora vi-te,
Cheia de encantos, de attractivos mil.

Quizera a face te oscular um dia,
Entre meus braços te estreitar uma hora,
Mesmo que a morte me roubasse a vida
Entre mil tratos — morreria — embora.

E's minha sombra a me guiar os passos,
Dos sonhos meus — celestial visão;
E's a mulher a quem venero e amo,
Se esta franqueza te offender — perdão!

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

O PROGRESSO DO PAIZ

Para ser cantado com a musica do lundú — *O Telles carapinteiro*

O progresso do paiz
Cada vez augmenta mais,
Temos por toda a cidade
Encanamento p'ra fecaes.

Já a Praça do Mercado
Está no seculo das *lanternas*,
Pois abriu nos quatro cantos
Um botequim e tres tabernas.

Tambem na Praia do Peixe
Tem o negocio augmentado;
Com dous vintens de refresco
O povo fica gelado.

Já a rua do Catette
Está-se pondo em grande gala,
Té mesmo a *Uruguayana*
Mudou-se p'ra a rua da Valla.

Tambem o grande Rocio
Tem-se posto em grande luxo;
Pois sustenta em cada canto
Um formidavel repuxo.

O Campo andou cercado
Por mais de um batalhão;
No centro tomando — *ares* —
Os presos da Correcção.

A guarda nacional
Anda toda aquartelada,
Fazendo rondas e guardas,
Tem-se visto atrapalhada.

Tambem se vê pelas ruas
Macacos a tocar pratos,
E o Boulevard-Carceler
Arrendado aos — *engraxátos*.

Temos em todos os cantos
Cambistas de *loterias*,
Temos tocadores de harpas,
Pandeiros e cantorias.

Tambem temos um invento
P'ra alliviar algibeiras,
E' descuidar-se nas festas,
Dos — *bifadores de carteiras.*

Temos guerra lá no sul
Qué nos veio arripiar;
Portanto faço aqui ponto
T'é á guerra terminar.

Augusto Rodrigues Duarte.

MODINHAS

O ADEUS DO VOLUNTARIO

Minha mãi, eu parto, adeus,
Vou imigos combater,
Pela patria, por meu rei
O meu sangue vou verter.

Não chores, querida mãi,
Por teu filho tão querido,
Eu parto, mas voltarei
Quando o tredo fôr vencido.

Ouço a voz de meus irmãos
Que me chamam ao combate,
Vou comprar com o meu sangue
Dos meus irmãos o resgate.

Occultarás, por piedade,
Minha mãi, o pranto teu,
Porque elle desfallece
O triste coração meu.

Voltarei cheio de gloria
A este querido solo,
—Minha fronte laureada
Reclinarei em teu collo.

Quando passares um dia
Por meio do tropel vario,
De prazer—elle dirá
Eis a mãi do voluntario.

Voltarei... porque as balas
A mim não alcançarão,
Porque teu retrato—mãi
Levo no meu coração.

Porém se Deus fôr servido
Levar-me p'ra o reino seu,
Paciencia, minha mãi,
Dá ao filho o pranto teu.

E quando te perguntarem
Pelo teu filho—soldado,
Responde—morreu na lucta
Com valor mui denodado.

Minha mãi, eu parto, adeus,
Vou imigos combater,
Pela patria, e por meu rei
O meu sangue vou verter.

TEUS LINDOS OLHOS

Teus lindos olhos
Pretos, formosos,
Mais luminosos
Que os astros são,
Quando se volvem
Ternos, brilhantes,
Dão aos amantes
Consolação.

Bocca pequena,
Virgem e grave,
Amor suave
Faz libação.
Ah! se eu podesse
Beijal-a um dia,
Então teria
Consolação.

Os alvos dentes
Da côr da neve,
Da bocca breve
Ornatos são,

Os torneados,
Braços bem feitos
Parecem feitos
Á proporção.

Cintura airosa
E das melhores,
Por onde amores,
Prender nos vão.
Por isso agora
Amor sagrado
Nos tem formado
Dôce prisão.

Pretos cabellos
Soltos nos hombros
Causam assombros
Ao coração:
Os pés descalços
Formam passadas:
Flôres sagradas
Nascem do chão.

Ah! Lilia bella,
Te retratei,
Se n'isto errei
Peço perdão.
Solta um sorriso,
Presta um soccorro,
Senão eu morro
D'esta afflicção.

O MEU FIEL JURAMENTO

Musica do snr. Noronha

Arv're que embalas teus ramos
Nas brandas azas do vento,
Deixa gravar em teu tronco
O meu fiel juramento.

Se aqui passar algum dia
O motor do meu tormento,
Leia ao menos uma vez
O meu fiel juramento.

E se sobre estas palavras
Meditar um só momento,
Saiba que fida ainda guarda
O meu fiel juramento.

RECITATIVOS

SONHEI-A

Sonhei-a! dormia co'as mãos sobre os seios
Talvez nos anceios d'um vago sonhar!
E vinham-lhe ao rosto quebrar-se em desmaios
Os pallidos raios de um tibio luar.

Que noite! que ar puro! que magico effeito
Nas fibras do peito senti palpitar,
Que sustos, que angustias! por vêl-a abatida
Por vêl-a dormida tão perto do mar!

E a noite ia alta! e a briza gemia
E o mar parecia querêl-a beijar:
Dormia tão perto que os alvos vestidos
Julguei confundidos co'a espuma do mar!

Assim que avistei-a de longe correndo
Cheguei-me tremendo já quasi a tocal-a...
Propicia era a hora, da noite o ensejo
E louco n'um beijo fui quasi acordal-a.

Mas antes do beijo depôr-lhe na fronte,
No largo horisonte eis surge-me o dia;
O engano desfez-se; a sombra fugiu-me,
Fugiu-me! e entre as nevoas da noite a perdia.

A MULHER PERDIDA

Nem sempre a misera se arroja ao lago,
Sem um afago, sensual, impuro,
Concebido sempre por nefando gozo
Do mentiroso, que não tem futuro.

A misera vendo offerecer-lhe galas,
Ou ternas fallas que mentidas são,
Té olvida o leito da infancia bella
E caminha ella para a laxidão!

Vai sorver o gozo do voraz mundano,
Que tão ufano, não lhe punge n'alma,
Arrostar um crime deshonrando aquella
Que a sorte d'ella, colheria a palma.

Decorrido tempo vê-se a pobre exhausta
Da vida fausta que já foi senhora;
Nem vendo aquelle que cortou-lhe os élos
Dos dias bellos que gozára outr'ora!

Se remonta então no painel do crime,
Porque a opprime da miseria o manto,
Trocando beijos pela vil moeda
Que o crime a veda de gozar encanto!

Nas orgias busca mitigar as mágoas,
Mas acha fraguas de acceso horror!!
Acha veneno que n'um hospital
Vai afinal succumbir de dôr!

Succumbe alfim! ao rigor da sorte
Quanda a morte lhe fenece a vida!
Sem ter quem diga apontando a lousa
Alli repousa — A mulher perdida! —

A VIRGEM DA NOITE

A virgem da noite no azul transparente
Do lago tremente reflecte o perfil:
E o manto de estrellas sorrindo desata
Em ondas de prata no ether subtil!

A terra abrazada palpita em desejos,
Nas selvas os beijos se escutam d'amor:
As auras travessas brincando nas ramas
Abrazam em chammas o collo da flôr!

Trepidam regatos por entre a verdura
De branca espessura em dôce gemer;
Em vago, amoroso, celeste abandono
Parece que ao somno convida, ao prazer!

A mystica sombra dos bosques frondosos
Nos campos saudosos, phantasmas produz!
Eterna, incessante, suave harmonia,
Nos diz — Poesia — nos raios da luz!...

Que noite, que immensa e profunda tristeza
Do céo na pureza, nos astros, no ar!...
Saudade infinita que as almas devora
Sentimos n'esta hora, pungir, abrazar!

Poeta, silencio! curvemos a fronte
Ao vivo horisonte d'ignoto arrebol!
No seio da noite fecundo estremece
E surge, apparece, em breve outro sol!

Extatico e mudo adoro e contemplo!
Nas aras do templo me prosto ante Deus!
Mas tu, cujos cantos o genio illumina,
Na harpa divina remonta-te aos céos!

E. Zaluar.

LUNDÚ

MESMO DA CAMA PÓDE ESCUTAR

Mesmo da cama
Póde escutar
Esta modinha
Que vou cantar.

Não se levante,
Não quero, não,
Póde apanhar
Constipação.

Amo a uma bella
Que é moreninha,
É engraçada,
É bonitinha.

Tem lindos olhos
De negra côr,
Elles exprimem
Amor... amor...

As suas faces
Vertem carmim,
Tem lindos dentes
Côr de marfim.

Ella é minh'alma,
É vida minha,
É o meu Deus
A moreninha.

Ella castiga
Com sua côr,
Todo o seu talhe
Exprime amor.

Quero comtigo
Mui dôcemente,
Dar em teus labios
Um beijo ardente.

Beijo de amor
E de amizade,
Com que suave
Faz a saudade.

MODINHAS

A TI!

Musica do snr. Noronha

Feliz a briza que teus labios roça,
Feliz a flôr que no teu collo expira,
E mais feliz quem n'um sorrir te sorve
Sofrego beijo.

Se te diviso, o ar e a luz me foge,
Mil pulsações meu coração constrangem,
Louco titubo e o rubro humor nas veias
Gelido pára.

Mas se te escuto as namoradas fallas,
Se em brando amor os olhos teus removes,
Se a dôce bocca de coraes entre-abre
Languido riso,

Oh! que delirio comparar-se póde
Ao que minh'alma a ignotos céos arrouba?
Sem côr, sem voz, sem esperança, sem alma
Tremulo morro.

LAGRIMAS DO VOLUNTARIO

Poesia do snr. V. J. Bom Successo Junior, e musica do snr. Arvellos

Rufa a caixa, á guerra, á guerra!...
Eis o brado da nação;
Sou brazileiro e com ancia
Vou defender meu pendão.

Adeus, esposa querida,
Anjo que sempre adorei;
Cala o pranto, a dôr mitiga,
Que breve te abraçarei.

Vou libar, sei, gota a gota
O calix do soffrimento,
Mas serei feliz vencendo,
Te tendo no pensamento.

Adeus, meus queridos filhos,
Abraçai o vosso pai,
Que para vos dar um nome
Defender a patria vai.

Meus filhos!... querida esposa,
Coragem!... tende valor:
O Brazil é nossa patria,
Pedro é nosso imperador.

Virgem Santa, eu vos entrego
Os unicos penhores meus,
Por minha mulher e filhos
Velai sempre, oh! Senhor Deus!

POR UM SÓ AI

Se me queres vêr rendido
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me lances,
Por um só ai que me dês;

Se queres vêr o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chammas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres vêr sujeito,
Curvado e preso a tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me lances
Por um só ai que me dês.

Veja eu sobre os teus labios
Esta só palavra—amor.
Estrella, cortando os ares,
Abelha, sobre uma flôr.

Então verás dos meus olhos
Que o pezar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos que a dôr estancou.

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia,
Era folha verde e fresca
Onde o sol se reflectia.

Murcha e triste pende agora,
Cahiu, jaz solta, está só;
Exposta ao fogo, arde em chamma,
Deixal-a, desfaz-se em pó!

Ha-de sentir outra vida
Outra vez meu coração,
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça
Tal fui, tal me vês agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora.

Venha um raio de alegria
Dar-lhe ás raizes calor;
Revive de novo e brota
Folhas, galhos e verdor.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nem um suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
Uma só prova — e verás,
Minh'alma presa em teus labios
Como de amor se desfaz!

Vêr-me-has rendido e sujeito,
Captivo e preso á tua lei;
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei!

DESEJO

Musica do snr. Noronha

Oh! quem nos teus braços
Podéra ditoso
No mundo viver,
Do mundo esquecido
No languido gozo
Do infindo prazer!

Senhora, teus olhos
Serenos em calma,
Fallando d'além,
D'além de uma vida
Que sonha minh'alma
Que a terra não tem.

Eu dera este mundo
Com tudo que encerra,
Por esse condão;
Thesouros e glorias,
Os thronos da terra
Que valem, que são!

A vida, essa mesma
Daria contente
Sem pena, sem dôr,
Se um dia embalasse,
Um dia sómente,
Meu sonho de amor.

RECITATIVOS

OUTR'ORA

Afagos magos e venturas puras,
Donzella, outr'ora já gozei por ti,
Immensas crenças na perdida vida
Dentro em meu peito com prazer senti.

De enleio o seio palpitante, amante,
Ai! muitas vezes palpitou de amor;
Minh'alma a palma da magia via
Dos teus amores na primeira flôr.

Immerso em berço de risonhos sonhos
Meu pensamento vagueou no céo;
Sereia cheia dos auguros puros,
Porque rasgaste o pudibundo véo?

Amei-te. Dei-te do meu peito a eito
Toda a esperança, todo o amor e fé;
Não via, cria que a donzella bella
Só ergueria meu amor de pé.

Vira da lyra nos divinos hymnos
Uma esperança a desabrochar em flôr;
Nas scismas — prismas, nos amores — flôres,
Nas crenças — vida, e n'essa vida — amor.

Da lyra ouvira nos amenos threnos
A tua dôce e embriagante voz:
Sonhando, amando, no meu seio veio
Lançar as garras um ciume atroz.

Trahiste; riste dos encantos — tantos,
Que promettiam divinal porvir;
Mataste, eivaste uma ventura pura
No venenoso d'esse teu sorrir.

Outr'ora — a aurora de ditosos gozos...
Hoje — amargura que p'ra mim sorri:
Outr'ora — a aurora de risonhos sonhos...
Hoje — a saudade d'esse amor por ti.

Almeida Cunha.

A TARDE

Não imaginas como é bella a tarde!
O peito arde com saudades mil,
Ao dôce aroma d'essas flôres bellas,
Lindas, singelas, sob um céo de anil.

Além murmura na folhage' a briza,
E após desliza do riacho ao leito,
E a meiga rola no laranjal florido
Solta um gemido ao soluçar do peito.

O orvalho desce em crystallinas gotas,
—Perolas soltas esmaltando as flôres—
Quando talvez... bem palpitam os seios
N'esses anceios de virginaes amores.

Triste suspira a jurity saudosa,
Bella e formosa da collina á margem,
E sobre a rosa o colibri mimoso
Balouça airoso ao perpassar da aragem.

Lá no occaso descambando ardente,
Morre fulgente o bello rei dos astros;
Como o navio que n'horisonte louco,
Vai pouco a pouco escondendo os mastros.

E'—uma idéa d'esses sonhos bellos,
D'esses anhelos que ao coração pulsou!
E' a imagem de um amor primeiro,
Sonho fageiro que morreu... passou...

Benjamin Labottière.

LUNDÚ

GENTIL ANALIA

Lundú brazileiro por J. M. N. Garcia

Gentil Analia, a belleza,
Graças, meiguices, candura,
Só na tua formosura
Esgotou a natureza;
Do céo toda a gentileza
Respira teu ar fagueiro,
Teu corpinho feiticeiro
Que accende, que inspira amor;
Inda para mais primor
Teu corpinho brazileiro.

E' tal tua perfeição,
São taes teus dotes divinos,
Que os mesmos brutos ferinos
Te rendem adoração;
Jove co'a fulminante mão
Com que abraza o mundo inteiro,
Suspende com ar sobranceiro
Quando vê em ti, meu bem,

Brilhar os dotes que tem
Teu corpinho brazileiro.

A par d'essa Divindade
Mãi das graças e dos amores,
A quem sublimes louvores
Tributa a humanidade;
Nos quindins, na gravidade,
Tu tens o lugar primeiro:
Tudo quanto ha lisonjeiro,
Que attrahe, captiva e rende,
Em ti, meu bem, comprehende
Teu corpinho brazileiro.

Mil bens que a fortuna cria,
Pesados cofres de ouro,
O mais sublime thesouro,
O mesmo throno, a monarchia,
Tudo, tudo eu deixaria,
Deixaria o mundo inteiro,
Se meu amor verdadeiro
Désse ouvido ao seu bem,
Désse tudo que em si tem
Teu corpinho brazileiro.

MODINHAS

CORAÇÃO DE BRONZE

Nem um ai, nem um suspiro
Já te causam sensação,
A tudo és insensivel,
Tens de bronze o coração.

Minhas lagrimas não te movem,
Nem minha terna paixão;
São baldados meus extremos,
Tens de bronze o coração!

ADEUS Á PATRIA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Dá-me um beijo*

Adeus, cidade do Porto,
Patria de minha paixão,
Saudades que n'alma sinto
Nunca mais me esquecerão.

Para longes terras vou
Já que a sorte assim o quiz,
Eu espero vêr-te ainda
Se um dia fôr feliz.

Da infancia aquelles tempos
Que em minha patria passei,
Tão alegres, tão felizes
Nunca mais os gozarei.

Vai-se acabar esse tempo
Outro pois começará,
Se o presente é tão tristonho
O porvir melhor será.

Esses dias venturosos
Que tão depressa voaram,
Já morreram para mim,
Já para mim se acabaram.

Esses tempos que folgava
Em frente do Rio Douro,
Para vir inda a gozal-os
Daria um grande thesouro.

Mas esse grande thesouro
Que te posso offerecer,
E' um coração verdadeiro
Que te ama até morrer.

Adeus, cidade do Porto,
Onde foi meu nascimento,
Deus me leve e aqui me traga
A vêr-te com salvamento.

Oh! minha mãi carinhosa
De minh'alma tão querida,
Nossos corações se partem
N'este adeus de despedida.

Adeus mãi, adeus amigos,
Adeus minha habitação,
De ti levo mil saudades,
Em ti deixo o coração.

Adeus tudo quanto adoro,
Adeus tudo quanto amei,
Tenho esperança q'inda um dia
Á minha patria voltarei.

Adeus, cidade do Porto,
Encantos da vida, adeus,
Que a vêr-te torne um dia
Oxalá permitta Deus.

Por uma senhora portuense ao deixar Portugal.

VEM, Ó BRIZA, FIEL COMPANHEIRA

Lá no topo erguido da serra
Quero ser pela briza afagado,
Já que outras caricias não gozo
Que compensem o meu triste fado.

Vem, ó briza, fiel companheira,
Não te queiras de mim afastar,
Acompanha o meu triste fado,
Harmonisa meu rude cantar.

Desprezado eu fui pela ingrata,
Sou dos entes o mais infeliz,
Para que merecesse tal sorte
Não me lembra nem sei o que fiz.

Vem, ó briza — etc.

Se algum dia contrita esta ingrata
Seu perdão me vier supplicar,
Hei-de então com doçura e bondade,
Porque amo... saber perdoar.

Vem, ó briza — etc.

RECITATIVOS

RECORDAÇÃO DA TRISTEZA

Sombria noite me recorda em dôres
Loucos amores que frui comtigo,
Anhelos, crenças, d'essa quadra ida
Pungem-me a vida no porvir imigo.

Choro esse tempo de illusorios sonhos
Que tão risonhos me douravam os dias,
Choro a esperança que brotou-me n'alma
Na dôce calma de gentis delicias.

Sim, que dos gozos perfumosas flôres
Restam-me as dôres que ligou uma sorte,
Hoje meus labios no soffrer crestados
Em ais magoados só murmuram a morte.

Fanou-se a estrella que fulgia pura,
A desventura d'um penar sem fim,
Perdi o anjo que inspirou-me as crenças,
Santas, immensas, a sorrir p'ra mim.

Que espero agora a soluçar descrente
No pranto ardente de cruel saudade?
Que espero agora no perder dos risos,
Falsos sorrisos do florir da idade?

Triste e sósinho n'um pungir de dôres
Lembra-me amores que gozei comtigo,
Embora a sorte nos rompesse os laços,
Sigo os teus passos, tua sombra sigo.

SONHOS, AMORES

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças, anhelos, já não sinto mais;
O peito exangue, na descrença immerso,
Lamenta as flôres que não vê jámais!

E quanto brilho lobrigava ao longe,
Quanta esperança n'um futuro lindo;
Hoje me vejo sobre um lar d'espinhos,
No qual outr'ora perpassei sorrindo.

Ah! se podesse me esquecer do mundo,
Viver tranquillo n'um lugar ameno,
Sentir a briza bafejar meu rosto,
Ouvir a lympha no passar sereno;

Ah! se podesse na mimosa relva,
Sentado á sombra de gentil mangueira,
Visar a lua no seguir das nuvens,
E vêr a estrella na veloz carreira;

Ah! se podesse n'um cantar de amores
Chamar a virgem que me faz descrente;
E recostado sobre o seio... amado,
Ouvir as vozes de seu peito crente;

Eu déra a vida juvenil que gozo,
Toda a existencia que meu sêr encerra...
E abraçando com transporte a lousa,
Cantando amores deixaria a terra.

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças, anhelos, já não sinto mais;
O peito exangue, na descrença immerso,
Lamenta as flôres que não vê jámais.

M. P. Leitão.

O SOLDADO

Ai guerra! só guerra eu ouço bradar,
Ao longe gritar a patria offendida,
Lá corro contente, vou bravo, valente,
Com fé bem ardente entregar minha vida.

Vingar os meus brios, tão nobres, tão puros,
Com passos seguros levar meu pendão;
Calcar com justiça os feros tyrannos
Bem vis, deshumanos, que deu-nos traição.

Ardente minh'alma com firme valor,
Pulando de amor qual bravo sem par,
Mostrando aos tyrannos brazilea coragem,
Não teme a romagem que viu-lhe acenar.

Só quero ter glorias, voltar venturoso,
Ao seio ditoso, meu dôce viver,
Gozar as caricas que outr'ora gozei,
De ti, que deixei, minha mãi! meu prazer!

Ha tempos já tive as doçuras da vida,
De vêr-se rendida Uruguayna afamada,
Sem sangue, nem lagrimas, a justiça vencer,
A fome, o poder; que gloria avivada!

Foi Pedro esse heroe valente guerreiro,
Fiel justiceiro que lhes deu a lição;
Fazendo só vêr esse ingrato, atrevido,
O quanto sentido se pune a traição!

Adeodato Socrates de Mello.

LUNDÚ

O GATINHO

Era um gatinho que eu tive
Um gatinho folgasão,
Quereis saber o seu nome?
Eu o chamava Turrão.
Quereis sabel-o porque?
Eu já vos digo a razão:

Era da côr de azeviche,
Tinha colleira amarella,
Quem m'o deu, não sei se o conte...
Eu o furtei d'uma bella!...
«É mentira, tenho zelos,
O gatinho deu-t'o ella!»

Se te arrufas já commigo
Então não quero contar;
Vai ouvindo a minha historia,
Escuta, que has-de gostar:
Eu o chamava Turrão
Porque era bravo no brincar.

Quando me via tristonho
Lamber vinha-me a mão,
Quando me via contente
Dava pulinhos no chão:

Assim tomava o gatinho
De prazer um bom fartão.

Mas um dia, oh! que ventura,
O gatinho era bréjeiro,
Viu uma moça dançando,
Foi-se a ella surrateiro;
Furtou-lhe a liga da meia
E fugiu com ella ligeiro!

«Que foi feito do gatinho?»
A moça logo que o via
Lembrando-se da graçola
De prazer gostosa ria;
Té que por descuido meu
M'o furtou n'um certo dia!

MODINHAS

A MINHA LILIA MORREU

N'aquellas altas montanhas
Aonde Lilia nasceu,
Veio o rigor do inverno,
A minha Lilia morreu.

Assim como as flôres nascem
A minha Lilia nasceu,
Assim como as flôres morrem
A minha Lilia morreu.

Do monte veio um pastor
Á minha porta bateu,
Sómente dar-me a noticia
Que a minha Lilia morreu.

O céo cobriu-se de nuvens,
A propria terra tremeu,
Ouvindo a triste noticia
Que a minha Lilia morreu.

Ó morte, que mataste Lilia,
Mata-me a mim, que sou teu,
Fere-me com o mesmo ferro
Com que minha Lilia morreu.

DA INNOCENCIA O DÔCE ESTADO

Na minha pobre cabana
Eu vivia descançado,
Mas, oh céos! tão pouco dura
Da innocencia o dôce estado!

A pastora mais gentil,
D'estes campos, d'este prado,
Roubou-me sem eu sentir
Da innocencia o dôce estado.

Na porta da minha gruta
Me puz então assentado,
Invejando a quem gozava
Da innocencia o dôce estado.

Suspiros mil arrancava
Do meu peito amargurado;
Felizes todos que gozam
Da innocencia o dôce estado.

N'estes campos eu vivia
A apascentar o meu gado,
Sem idéas de perder
Da innocencia o dôce estado.

Pastor de amor sou todo,
Já estou desenganado,
Por gosto tenho perdido
Da innocencia o dôce estado.

Dou-te tudo quanto tenho
Por gosto tudo te hei dado,
Até dei-te sem sentir
Da innocencia o dôce estado,

Francina, vivo a pensar,
D'esta aldêa separado,
Suspirando por achar
Da innocencia o dôce estado.

PEZARES

Tal como a nuvem
Rubra-dourada,
Que co'alvorada
Foge, se esvai;
E' a minh'alma!
A mão do pranto
Roubou-lhe o encanto,
Deixou-lhe um ai!

Por isso eu triste,
Desalentado,
Busco no canto
Ser consolado.

Amei qual louco,
Dôce vertigem
Por uma virgem
Senti!... que amor!...
E d'essa bella,
Gentil criança,
Só a lembrança
Me resta, e dôr.

Por isso eu triste — etc.

Sonhos de gloria
Se dissiparam;
D'elles ficaram
Feroz saudade:

Fugiu-me o estro!
Sim, eu não minto;
Moço, me sinto
Sem mocidade!

Por isso eu triste — etc.

Os meus penates...
Tudo o que amei,
Onde os deixei,
Onde é que estão?
Tudo fugiu-me!...
Até o berço!
Vejo-me immerso
Na solidão!

Por isso eu triste — etc.

RECITATIVOS

FUJO DE VÊR-TE

Fujo de vêr-te, e no encanto d'alma
Gozo as delicias se te vejo alfim,
Fujo de vêr-te, e no encanto a calma
Perco se deixo de te vêr, oh! sim!

Fujo de vêr-te, pois teus olhos bellos
Matar-me podem sem pezar sentir,
Embora eu sinta só por ti desvelos,
Não posso vêr-te, nem sequer te ouvir.

Fujo de vêr-te, mas cruel tormento
Não póde amante supportar a dôr,
E no entanto só te vêr intento,
Sem que me peças não te digo amor.

Fujo de vêr-te, e dos passados gozos
Vai a lembrança te pedir perdão,
Mas esse orgulho que nos fez ditosos
Rojar não quero a teus pés, oh! não!

Fujo de vêr-te, e se me vês tristonho
Vejo em teus olhos reflectir-se a dôr,
Fujo de vêr-te, e se me vês risonho,
Quanto me alegra teu sorrir d'amor!

Fujo de vêr-te, mas se alegre ou triste,
Lugar n'esta alma caprichosa tens,
Se a copia tua no meu peito existe,
Porque a meus braços te lançar não vens?

GEMIDOS D'ALMA

Donzella bella, que incensei e amei,
Qual ama a chamma a mariposa airosa:
Meu peito, afeito a delicioso gozo,
Foi... teu morreu como a mimosa rosa!

Dilecto affecto te votava e dava
Minh'alma em calma, meu amor em flôr:
Desprezo acceso bem audaz, mordaz,
Me déste! encheste o trovador de dôr!

Ingrata! mata pouco a pouco o louco
Que triste viste te jurar — amar!
E, má, me dá esses desdens que tens,
Severos, feros, a me dar penar!...

Embora agora tu me estalès, falles
Segredos tredos de cantor e amor:
Oh! diz, feliz: — És venturado e amado...
Engana! sana-me o travor de dôr!

Desejo um beijo de candura pura,
De um riso e viso, de delphim, p'ra mim...
Um lasso abraço a murmurar sem par
Paixão... que então és seraphim assim...

Porém, que tem meu coração?... Em vão
Em tudo illudo! Eis-te a fugir e a rir,
Do vulto estulto que em risonho sonho,
N'um céo sem véo te viu fulgir... sorrir!

Ai hoje... foge! Oh minha endeixa... deixa
Serena arena em que crepita a dita...
Que o pranto tanto, dos meus cantos santos,
Ai são canção de uma desdita afflicta!...

Gemidos fidos da minh'alma em calma
Sedentos, lentos a viver sem qu'rer!
No mundo immundo me esvaindo, o lindo
Amor em flôr a fenecer... morrer!...

J. Pereira de Almeida.

LUNDÚ

MUITO A MINH'ALMA SOFFREU

Amei de uma bella os olhos,
Uns olhos da côr do céo;
Por causa d'esses olhinhos
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta,
Olha teu dêngue,
Não mais me chames
Cacherenguêngue.

Tenho visto olhares ternos,
Porém nenhum como o teu;
Por causa d'esses olhares
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Dei-lhe um mimo feito d'ouro,
Um formoso camapheu;
Porém antes d'ella aceitar
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Quando fallei-lhe em amor
Toda ella estremeceu,
Ao vêl-a tremula de susto
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Tomei-lhe as mãos sem pedil-as,
Uni-as ao peito meu,
Mas ao sentil-a raivosa
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Meus carinhos, meus affectos,
Tudo ella aborreceu;
D'essa ingrata que mentiu-me,
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Esse anjinho tão formoso,
Nunca o amor concebeu,

Todo o tempo que adorei-a
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc..

Mello e Oliveira Junior.

MODINHAS

ESCUTA, OH VIRGEM

Para ser cantada na musica da modinha — *Virgem Santa*

Virgem santa e meiga a quem adoro
Mais do que o proscripto ao lar querido,
Escuta, oh virgem, o que sinto n'este peito,
Attende ao menos ao meu pranto, ao meu gemido.

Escuta, oh virgem, ao trovador que louco
Por ti vive só de amor já delirante;
Por Deus, não tenhas oh! tanto rancor d'elle
Que ha soffrido de mais por ser amante.

Deixa que n'essas faces de carmim
Sorva um beijo de amor em meu delirio,
Ah! não sejas cruel, tem dó de mim,
Attende ao menos a este meu martyrio.

Deixa que n'essas tranças de azeviche
Pouse um beijo com labios resequidos,
Que sentindo d'ahi grato perfume
Possa então acalmar os meus gemidos.

Se ouvires branda lyra por deshoras
Das cordas tristes sons só d'ais ferir,
Sente amor, sente amor, abre a janella,
Vem ouvir o teu bardo então carpir.

OS INSTANTES QUE NOS RESTAM

Os instantes que nos restam,
Linda Marcia, aproveitemos!
Instantes tão venturosos
Sabe o céo quando teremos.

Marcia, se os nossos destinos,
Curtos dias nos protestam,
Para que desperdiçamos
Os instantes que nos restam?

Ah! não percamos,
Minha querida,
Dôces momentos
Da nossa vida.

Se a risonha primavera
De nossos annos já vemos,
Da idade os bellos dias,
Linda Marcia, aproveitemos!

Vem, minha bella,
Entra em meu peito,
De amor nos una
Vinculo estreito.

Não percamos um instante
Dos nossos dias gostosos,
Antes que a morte nos roube
Instantes tão venturosos.

Vem, minha Marcia,
Que o tempo corre,
N'um'hora o homem
Se nasce, morre.

A gozar tão bellos dias
Sabe Deus se tornaremos,
O prazer que temos hoje
Sabe o céo quando teremos.

Vem, une á tua
A minha sorte,
Vivamos juntos
Até a morte.

A RECORDAÇÃO

Adorei na minha infancia
Bella joven seductora,
Foi feliz minha ventura,
Nossa sorte encantadora.

Mimosa flôr
D'haste pendida,
Vem recordar
Minha querida.

De amores as delicias
Em nossos peitos jazeram,
As sabias leis de Cupido
As nossas almas prenderam.

Mimosa flôr — etc.

Da nossa jura de amor
O hymeneu se apossou,
O dôce laço da vida
Té por fim se consummou.

Mimosa flôr — etc.

Correu o tempo veloz,
Seguiu-se a sorte fatal,
Mas em breve vi findado
O nosso amor conjugal.

Mimosa flôr — etc.

Pois a morte impia e féra
Roubar veio a minha amada,
Deixando em meu terno peito
Sua imagem retratada.

Mimosa flôr — etc.

Como prova de lembrança
Da nossa antiga ventura,
Fui plantar uma saudade
Junto á sua sepultura.

Mimosa flôr — etc.

Cresce commigo a saudade,
A lembrança do passado,
E assim a penar vivo
Carpindo o meu duro fado.

Mimosa flôr — etc.

Bem juntinho da saudade
Mimosa rosa nasceu,
Recordando o nosso amor
Da debil haste pendeu.

Mimosa flôr — etc.

RECITATIVOS

NEGRA SORTE

Ai, negra sorte! que cruel martyrio!
Na luz de um cirio se findou a lida!
Veio o cypreste me plantar saudade,
Qu'infelicidade nos vergeis da vida!

Arca sagrada — tu, infeliz mancebo,
No monte Nebo te escondeste só,
Não mais teus cantos ouvirei no mundo,
Gemer profundo se volveu no pó.

Flôres coitadas que na terra outr'ora
Tinham na aurora o bafejar do orvalho,
Murchas agora com horror pendidas
Choram sentidas — resequido o galho.

As flôres choram porque triste o céo
Lançára um véo sobre a manhã mais linda,
Carpindo a tarde se divisa lenta
A dôr cruenta que só n'alma finda.

Vate descrido no bercinho ameno
Cantou seu threno mas depois morreu,
Ave ligeira pelo sol queimada
Cahiu cançada — nunca mais se ergueu!

Foi qual a aguia que batendo as azas
N'um chão de brazas s'esqueceu do vôo,
Foi qual o cysne que a cantar nas aguas
Descanço ás magoas a chorar buscou!

Harpa arrojada, atirada a um canto
Só quer o pranto, a oração dos anjos,
Quebrada a corda — que lhe resta agora
Dos sons d'outr'ora — divinaes archanjos?

Resta a saudade, resta a agonia!
Prazer de um dia foi lembrança ou luto!
Pobre mancebo — no jardim ceifada
Arvore coitada que morreu sem fructo!

A mágoa, o pranto só ficou na terra,
N'ella se encerra fraternal o laço;
Assim foi passaro — na prisão captivo,
Não mais altivo esvoaçou no espaço!

Lyra encantada — uma manhã sem tarde
No fogo arde da paixão mais quente,
Depois a noite vem nublar impura,
Tornar escura — a vocação do crente!

Artista, genio — coração tão quente
Já não se sente, já não bate mais,
Vate na vida de gemer cançado
Foi apressado desprender seus ais!

Cheio de amores na feliz memoria
Tentava a gloria só erguer de pé!
Mas negra parca sepultar lá veio
O artista cheio de esperança e fé! —

Foi-se o passado a se toldar de escuro
E o fado impuro lhe surgiu medonho!
Mas foi sublime, governando a vista
Na terra artista — Raphael no sonho!

De Deus a imagem sobre ti pendida
Deixaste a vida e abraçaste a luz!
Meu Deus, disseste — para mim sorriste,
Em quanto triste te apontava a cruz!

Assim o martyr conduzindo a palma
Depoz su'alma lá nos céos um dia!
Ao Christo unido na final vertigem
A santa virgem lhe serviu de guia!

Ai, negra sorte! que cruel martyrio!
Na luz de um cirio se findou a lida!
Veio o cypreste me plantar saudade,
Qu'infelicidade nos vergeis da vida!

E tudo o esquece — só na terra existe
O amigo triste nos lamentos seus,
Tambem se finda a descantar ternura
Da sepultura no prezado adeus!

Candido José Ferreira Leal.

SONHEI-TE

Sonhei-te da paz no retiro profundo
Dos males do mundo fugindo ao baldão;
Sonhei-te nos dias de terna amizade,
N'amarga saudade de meu coração.

Sonhei-te, anjo puro, nos céos existente,
Quand'inda innocente no berço dormia,
Teu rosto divino d'archanjo n'um riso
Com terno sorriso p'ra mim se sorria.

Sonhei-te nas nôites serenas d'estio,
As aguas do rio sentindo correr;
E vendo da praia nas rochas sentado
O sol namorado no mar s'esconder.

Sonhei-te de noite revendo as estrellas,
As luzes tão bellas dos astros dos céos;
Sonhei-te do mundo enganoso apartado,
De rojo prostrado no templo de Deus.

E quando mil votos traidores, mentidos,
Protestos fingidos no mundo encontrei;
Lá mesmo entre os braços d'amante enganosa,
Imagem formosa, comtigo sonhei.

LUNDÚ

GENTIS, VOSSÊ JÁ VIU, JÁ?

Lundú brazileiro, composto pelo curioso B. B., e posto em musica pelo professor Dorison

Gentis, vossê já viu, já,
Iôyô mais sidotô?
Que deixa o peito dá gentis
Fazendo tátá sem dô?

Qui ladrão que faz a gentis
Sentir por elle um bichinho,
Roendo no coração
Lhe pinicando mansinho.

Vossê, gentis, não tem, não,
Tambem seu camondonguinho,
Não tem amor, não quer bem
A algum iôyôsinho?

Pois é dôce, é bem gostoso
Ter a gentis seu ladrão,
Para alliviar as mágoas
De seu triste coração.

Não ha gentis de bom gosto,
Do grande tom rigoroso,
Que não tenha seu Adonis,
Seu trambolhinho amoroso.

O querer bem e amar
E o gostar, do que é bom,
Não offende, não é crime,
E não é peccado, não.

MODINHAS

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha onde estava
Triste donzella a pensar;

Perguntou-lhe: Virgem bella,
Que fazes no teu scismar?
E tu? pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Não sei onde vou parar.

Diz-lhe a virgem sentida,
Que estava triste a pensar:
Eu tambem vago na vida
Como tu vagas no mar.

Vaes de uma a outra das vagas,
Eu de um a outro scismar,
Tu indolente divagas,
Eu vivo triste a cantar.

Vaes onde te leva a sorte,
Eu aonde me leva a Deus,
Buscas a vida, eu a morte,
Buscas a terra, eu os céos.

SE O FADO ASSIM TE ORDENA

Se o fado assim te ordena
Cumpre-o e sê-me constante,
Que no lugar mais remoto
Saberei ser tua amante.

Mesmo distante
Te guardarei
O fido amor
Que te jurei.

Inda mil braças
Na sepultura,
Te serei firme
Na minha jura.

A cruel sorte
Com seu rigor
Quebrar não póde
Meu firme amor.

Ah! sê constante,
Guarda-me amor,
Ah! não me sejas
Falso e traidor!

D. Preciosa G. P. Duarte.

A MARINA

Para ser cantada na musica da modinha — *Quando eu morrer não chorem minha morte*

Quando um dia me vires vacillante
Percorrendo esse trilho de amarguras,
Não me dês um olhar, não me maldigas,
Nem sorrias das minhas desventuras.

Não sorrias, mulher, pois não soubeste
Dar vida ao infeliz que agonisava,
Foste o vento maldito que assoprando
As petalas da florinha desfolhava.

Vampiro feminino que sugaste
O alento d'esta alma enfebrecida,
Insecto venenoso que perpassa
E rapido como a setta rouba a vida.

Sem dó, sem compaixão aniquilaste
Um futuro tão ledo que sonhei,
Mulher, tu me illudiste, não me falles,
Nem digas que eu tão louco te adorei.

Tu não és a visão que eu contemplava
Em meus sonhos de amor junto ao seu leito,
Que essa tinha, ó mulher, um coração
Palpitando de leve no meu peito.

Tu não és a visão de vestes alvas
Que tão pura e gentil me apparecia,
Sua voz era meiga como a rôla
Soltando pura endeixa de harmonia.

Quando um dia me vires sobre a estrada
Succumbindo infeliz ao desalento,
Não me dês um olhar, não quero ouvir-te,
Não venhas avivar o meu tormento.

Se as turbas curiosas perguntarem
O nome de quem jaz agonisando,
Responde desdenhosa á populaça:
Um louco por amor, um miserando!

Alvarenga Netto.

DESDE O DIA EM QUE TE VI

Desde o dia em que te vi
Ainda em botão, bella flôr,
Vi-te e guardei em meu peito
Amizade e puro amor.

Mas se algum dia eu podesse
Desfrutar amores teus,
Então sorrindo eu diria:
Tu és minha, encantos meus.

Por mando da flôr
De minha affeição,
Vieram tres rosas
Ainda em botão
Plantar em meu peito
Amor e paixão.

N'essas petalas de carmim
Que retratam formosura,
Ficou minh'alma gravada,
Mas gravada sem ventura.

Porém quando a morte impia
Meus tristes dias findar,
Vai, oh flôr de meus encantos,
Lá na campa vegetar.

Lá d'entre os sepulchros
De orvalho banhada,
Revela teu cheiro
Na triste morada,
Que assim é minh'alma
Ao Empyreo levada.

RECITATIVOS

CARMINIA

Carminia em trajes que a manhã consente
E reclinada n'um divan — sósinha,
Espera a noite p'ra tornar-se bella
E do seu baile se fazer rainha.

Tem ella o peito de paixões eivado,
No pensamento só possue amores,
Pensa em delicias, não sabendo ella
Que após os gozos se succedem dôres.

Esquece tudo, p'ra lembrar-se apenas
Que é moça e linda — que possue grandezas;
Só de seus labios se desatam risos
Se em dextra alheia ella vê riquezas.

E' uma d'essas cortezãs da época
Que tudo exprimem n'um olhar sómente,
Recebe em troca dos amantes seus
Montões de ouro por um beijo ardente.

De Margarida Gautier é copia,
Despreza o homem que a venera tanto,
Sorri de jubilo se nas faces d'elle
Enxerga os sulcos de amargoso pranto.

São estes entes o retrato vivo
Da flôr garbosa — de manhã nascida,
Que apenas chega o tufão da tarde
Eil-a sem folhas — pelo chão cahida.

E aquelles mesmos que no hastil a viram,
Que a contemplaram tão garbosa e bella,
Nem se recordam da manhã passada
E vão passando sem olhar p'ra ella.

E a pobre rosa pelo chão rojada
Reflecte como a felicidade corre;
E impellida pelo vento — a flôr —
Vai ter ao ceno que a recebe — e morre!

Gualberto Peçanha.

A MORENINHA

Tu pedes um verso, gentil moreninha?
Se queres meu canto tristonho te dou,
Não sintas que eu chore, que o choro é meu canto,
Morreram meus gostos, poeta não sou.

Tu pedes um verso, gentil moreninha?
Vem preste sentar-te bem junto de mim...
Escuta uma historia dos tempos passados...
Mas olha... Não chores! não chores assim...

Escuta uma historia dos tempos passados,
Historia tão triste que eu temo contar-te:
Amei uma virgem, seu nome era Rosa,
Morena, tu coras?... Não quero enfadar-te...

Amei uma virgem, seu nome era Rosa,
Morena, tu sabes, que vida eu gozava?
Amaste algum dia, responde? ó morena,
A vida era um sonho, sonhando a passava.

Amaste algum dia? responde, ó morena,
Sentiste no peito doçuras de amor?
Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Cercada da briza, dos céos e da flôr?

Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Morena, trocaste na jura sagrada?
E' prece divina que os anjos entoam,
Se jura tão santa presiste guardada.

E' prece divina que os anjos entoam
E ella jurava — jurava constante,
Na patria querida sorrindo aos prazeres,
Com fé protestava nas juras do amante.

Na patria querida sorrindo aos prazeres
Eu tinha esperanças de um dôce porvir,
Um dia, p'ra longe dos lares paternos,
Jámais eu pensára tão cedo sahir.

Um dia p'ra longe dos lares paternos
A sorte imprevista meus passos guiou;
Morena, eu não digo... meu peito se parte,
Mas, ouve... essa virgem taes juras quebrou.

Morena, eu não digo... meu peito se parte...
Distante da patria dous annos passei,
Voltava eu contente, correndo a chamal-a,
Nadava em prazeres, quando ella avistei.

Voltava eu contente correndo a chamal-a,
Mas vejo... que um outro beijava-lhe a mão...
Não sou eu teu noivo?... Risonho lhe digo:
A impia, sorrindo, responde-me: — Não!...

LUNDÚ

O RETRATO DE SINHÁSINHA

Escutem bem
Que vou cantar,
Uma menina
Vou retratar.

Cabeça immunda,
Cheia de caspa,
Tira aos alqueires
Quando se raspa.

Não tem orelhas
Por seus peccados,
Tem os lugares
Esburacados.

Os olhos vesgos
E agathados,
'Té sem pestanas
Sapirocados.

Nariz enorme
E acachapado,
Toma-lhe a cara
De lado a lado.

A bocca é grande,
Dentes compridos,
Cheios de sopas
E alguns cahidos.

Os seus peitinhos
São de borracha,
E os biquinhos
São de tarracha.

Os seus bracinhos
De orango-tango,
Suas perninhas
De magro frango.

Cintura fina,
Bunda não tem.
O mais não digo,
Eu sei mui bem.

Quem apanhar
Bichinho igual,
Deve-o guardar
Para signal.

MODINHAS

A NOIVA DO SEPULCHRO

Poesia do snr. J. Norberto de Sousa e Silva, e musica do snr. F. de S. Noronha

Uma cruz e bronca pedra
Eis a sua sepultura;
Ah! por minha desventura,
Aqui jaz, silencio, amor!
Minhas lagrimas sómente
Denunciem minha dôr!

Infeliz!... Elle saudoso
O prazo dado aguardava;
Sente passos... me julgava,
Mas o fere vil traidor!
Oh cruel, podeste tanto?
Como é dura a minha dôr!

Tosca cruz... pedra sagrada,
Recebei meu triste pranto!
Recebei em penhor tanto
Minha dextra, e meu amor!
Oh! console este consorcio
Da saudade a minha dôr!

SEM A TUA COMPANHIA

Como quem vive nas trevas
Privado da luz do dia,
Assim eu sinto minh'alma
Sem a tua companhia.

Sou uma harpa já quebrada
Que sôa sem melodia,
Sou uma flôr desfolhada
Sem a tua companhia.

Não sinto o menor prazer,
Não pousa em mim alegria,
Sou uma estatua sem vida
Sem a tua companhia.

Sou um cadaver, meu anjo,
Deitado na campa fria;
Não posso ter existencia
Sem a tua companhia.

J. B. S.

Oh! vem, morena, não vacilles, vem,
Quero em meus braços t'estreitar — fremente,
Serás a minha Malibran formosa,
Por quem a vida offertarei contente.

Vem... que me importa d'este mundo as fallas
Se tu me adoras, se eu tambem te adoro,
Se acaso folgas, sou contente ao vêr-te,
Se tu padeces tambem soffro — choro.

Oh! vem, morena, esqueçamos tudo,
Habitaremos da florestra em meio;
Quando dormires velarei teu somno,
De lindas flôres cobrirei teu seio.

Lá viveremos qual no céo os anjos,
Frondentes arv'res nos darão abrigo;
E quando a aurora despontar risonha
O sabiá conversará comtigo.

Oh! vem, morena, na soidão das matas
Olvidaremos d'este mundo as galas;
Existiremos um p'ra o outro — apenas
Trocando mutuas — amorosas fallas.

Nada receies, vem fruir commigo,
Que te idolatro — um existir de flôres,
Longe das turbas — tudo são delicias,
Longe das turbas — não existem dôres.

Oh! vem, morena, gozaremos juntos
Este amor santo, abençoado, puro;
Serás meu anjo tutelar na vida,
Mesmo além-tumulo te amarei — eu juro.

Gualberto Peçanha.

GEMIDOS D'ALMA

Feliz eu fôra, se tivesse agora
Lyra sonora, p'ra cantar fulgôres;
Feliz eu fôra, se minha alma louca,
Cançada e rouca, não sentisse dôres.

Feliz eu fôra, sè minha'alma triste
Que tu feriste, fatal crença ingrata;
Me désse amor, mas désse amor constante,
Que dôcemente, nossa vida mata.

Feliz eu fôra, se em sonhar d'amores
Mimosas flôres, junto a mim tivesse;
Então quizera que seu lindo rosto,
Ao meu desgosto, outra vida désse.

Feliz eu fôra, se meu pobre peito,
Sentisse o effeito de gentil amor;
Então veria o meu archanjo lindo
P'ra mim sorrindo, desterrar-me a dôr.

Feliz eu fôra, se podesse agora,
Como out'ora, não sentir paixão;
Por esses olhos de belleza cheios
Que a seus enleios me arrastando vão.

Feliz eu fôra, se a mente inquieta
Com voz dilecta, me dissesse... amai...
A joven bella, de teus sonhos queridos,
Os teus gemidos escutando vai.

Feliz eu fôra, se o fatal destino
Me désse um hymno de gentil esp'rança,
Depois da infausta illusão perdida,
Me désse á vida o que a vida cança.

Feliz eu fôra, se gozasse tanto;
Mas tal encanto para mim não ha;
Cruel tristeza me escurece a alma,
Me rouba a calma que o prazer me dá.

LUNDÚ

LUNDÚ DAS MOÇAS

Para o dia de Santo Antonio

Santo Antonio, meu santinho,
Attendei minha oração,
Eu prometto ter-vos sempre
Junto do meu coração.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio,
Para que o demonio
Não venha tentar,
A dar-vos um banho
No fundo do mar.

Dai-me um noivo, meu santinho,
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Não o quero dos que fallam
Em bailes, funcções sómente,
Que esses tirados d'ahi
A fórma só tem de gente.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Não me dês d'estes que fallam
Com modos de santarrão,
Que cochicham segredinhos
Limpando as unhas da mão.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Dos que olham com tregeitos,
Com artes não sei de quê,
Fallando sempre em amores,
Meu santinho, não me dê.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Dos que andam farejando
Casamentos com dinheiro,
D'esses não, porque só querem
Escrava no captiveiro.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Dos beatos moralistas
Que a tudo chamam indecente,
Cruz, demonio! Agua salgada!
Deus me livre de tal gente!

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

MODINHAS

QUANDO MARILIA BELLA

Quando Marilia bella
De algum pastor se agrada,
Treme de susto e de zelo
A minh'alma apaixonada.

Ah! corações insensiveis,
Que amor ancioso brada,
Sirva de exemplo a todos
A minh'alma apaixonada.

DESPEDIDA

Quando, Marilia bella,
Teus mimos eu gozava,
E mais absorto estava
Na gloria de te vêr,
Invejoso o destino
Do meu contentamento,
No mais cruel tormento
Tornou nosso prazer.

Decreta rigoroso
Que eu gema toda a vida,
Nem um'hora de alegria
Se atreve a conceder.
Dos braços teus me aparta,
Da patria me desterra,
Vagar de terra em terra
Me ordena até morrer.

Cumprir me foi forçoso,
Cara, os decretos seus,
E nem um terno adeus
Te pude, ó céos! dizer.
Chorai, meus tristes olhos,
Chorai tão dura sorte,
Até que o véo da morte
Vos venha escurecer.

JUNTO AO CEMITERIO

Poesia do snr. José Victorino, e musica do snr. Elias Alvares Lobo

De que valem grandezas da terra,
Seus orgulhos despidos de amor,
Se as grandezas tão fôfas que encerra
Se sepultam da campa no horror?...

De que valem sorrisos fagueiros
Desprendidos sem alma ou ardor,
Se os sorrisos voando ligeiros
Vão sumir-se da campa no horror?...

De que valem bellezas na vida
Sem o brilho do meigo pudor,
Se a belleza, qual flôr já pendida,
Perde o viço da campa no horror?...

De que valem na vida os prazeres,
Ternas phrases, do ouro o fulgor,
Se taes brilhos, encantos, poderes
Lá se esconde da campa no horror?...

Esta vida é votada á tristeza,
Ás miserias, aos prantos e a dôr!
N'ella a gloria, o poder, a belleza,
Tudo foge da campa no horror!...

Venha embora uma falsa doçura
D'esta vida occultar o amargor,
Tudo acaba! sómente a alma pura
Não succumbe da campa no horror.

CANÇÃO

A DESPEDIDA DO VULUNTARIO

Composição do snr. José Rufino de Oliveira Costa

Adeus, terra de meu berço,
Patria minha tão querida,
Em defeza de teus brios
Vou arriscar minha vida.

Adeus, minha mãi sagrada,
A quem devo tanto e tanto!
Roga a Deus p'ra que eu não morra,
E volte a enxugar teu pranto.

Adeus, querida maninha,
Anjo do céo, flôr da terra...
Já ouço o som da trombeta
Que me chama pára a guerra.

Adeus, mulher adorada,
Meiga, terna, dôce amante;
O osculo da despedida,
Ah! vem dar-me n'este instante.

Adeus, terra de meu berço,
Adeus, minha mãi sagrada,
Adeus, querida maninha,
Adeus, mulher adorada.

Adeus, excelso monarcha
D'aureo torrão brazileiro,
Abençôa o teu soldado,
Aperta a mão do guerreiro.

Lá nas campinas do sul,
Sempre em memoria terei
Patria, mãi, irmã, amante,
Meus deveres e o meu rei.

RECITATIVOS

MINH'ALMA É TRISTE

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
É dôce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares,
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Ás vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa!

E como a rola que em sentida queixa
O bosque acorda desde o alvor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gozos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste,
—Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos—a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a flôr que morre
Perdida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem dôce canto o sabiá do mato!

E como a flôr que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da briza,
Minh'alma murcha, mas ninguem a entende,
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a prendi nos braços!
Que o diga e falle o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dous laços,
Ambos choramos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gozos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— Eu vejo o mundo na estação das flôres...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
É como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afão da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a serêa
Que em dôce canto me attrahiu na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão rasas!...
—Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—No amor, na gloria, na mundana lida
Foram-se as flôres—a minh'alma é triste!

Casimiro de Abreu.

NÃO POSSO ESQUECEL-A

Não posso esquecel-a que é muito formosa,
Tão meiga, tão linda, de faces rosadas;
Que olhos tão ternos, que olhar penetrante,
Que louros cabellos em tranças largadas!

Não posso esquecel-a que é um anjo na terra,
É fada gentil, tem tanta ternura...
Me chamem de louco, que importa que o seja?
Eu quero ser louco por tal creatura.

Não posso esquecel-a, desejo adoral-a,
Embora que o fado nos tente apartar,
Que importa soffrer da sorte os dictames
Se lá na mansão a pretendo abraçar?

Que importa que eu soffra tormentos horriveis
Amando essa joven de tanta belleza?
Não posso esquecel-a, não devo, não quero,
Não pecco em amal-a com tanta firmeza.

LUNDÚ

NÃO HA TROCOS MIUDOS

Para ser cantado pela musica do lundú — *Eu gosto da côr morena*

Anda o povo em multidão,
Que confusão!
Lastimando o duro fado,
Sem poder comprar mais nada,
Ai! caçoada,
Ter dinheiro desprezado.

Quer seus dôces bons comer
E beber,
O deus Baccho queridinho,
Ha-de só os adorar,
Sem tocar,
Pois não ha mais trocosinho.

Quanto é triste n'esta vida,
Esta lida,
De confusa andar as leis,
Sem saberem sustentar,
Bem mandar,
Haver troco aos pontapés.

Só lá querem aceitar,
Destrocar,
Nota grande aos moçosinhos
Bem janotas e trajados,
Afamados,
Do Thesouro empregadinhos.

Estes são bem garantidos,
São servidos
De miudos a fartar,
Só não tem os pobresinhos,
Coitadinhos,
Que ha-de a nota cambiar!

Tudo isto a quem devemos,
Nem sabemos,
Se á Justiça, se ao Poder;
Queira o povo lastimar,
Esperar,
Mundo novo apparecer.

Adeodato Socrates de Mello.

MODINHAS

BASTA, AMOR, MEU TERNO PEITO

Basta, amor, meu terno peito
Assás penado já tem,
Para sua desventura
Foi bastante querer bem.

Amor, escuta
Tão justa queixa,
Amor, piedade,
Vai-te, me deixa.

O pranto me inunda a face,
Nos olhos não se detem,
Quem quer chorar, como eu choro,
Custa pouco, queira bem.

Amor, escuta — etc.

Contra os delirios de amor
A razão força não tem,
Que a razão é só chimera
Se se oppõe ao querer bem.

Amor, escuta — etc.

N'UMAS DESERTAS PRAIAS

N'umas desertas praias
Abandonou-me Armia,
Inda me lembra um dia
Tão triste para mim.

Fiquei sobre o rochedo
De todas abandonado,
Entreguei-me á lei do fado,
Os meus gostos deram fim.

Echo saudoso
Chega ao baixel,
Traz-me noticias
D'esta infiel.

Ciumes e saudades,
Tormentos e dôres,
São estes os premios
Que tive de amores.

O fado tyranno,
A barbara sorte,
Acaba com a morte
Tão duro rigor.

UMA VISÃO

Poesia do snr. Gonçalves Dias, e musica do snr. José Amat

Quando o somno me pesa nos olhos
Revoar sinto em torno de mim,
Vaga sombra que ameiga os meus sonhos,
Talvez fórma de algum seraphim.

Toda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescor,
Vem, meu anjo, dos cilios retintos
Vem levar-me nas azas de amor.

Passo a noite se acaso repouso,
Sempre a vêr-te nos meus sonhos d'ouro;
Alva a tez, breve a bocca rosada
Sob o véo escondido um thesouro.

N'uma rede de encantos me prendes
Com grinaldas de mystico odôr,
Vem, meu anjo, dos cilios retintos
Vem levar-me nas azas de amor.

Bella fada que douras meus sonhos
Que sympathica a vida me fez!
Já não és illusão mentirosa,
Eu te vejo acordando talvez!

Bello anjo d'uma alma celeste
Seu dôce olhar de graça e pudor,
Vem, meu anjo, dos cilios retintos
Vem-me arroubar d'extremos d'amor.

COMO ADORAR-TE?...

Perdão, mulher, se te adorei um dia,
Se loucas phrases desprendi sorrindo;
Disse: «eu te adoro» no fallar, mentindo
Balbuciei o qu'eu então sentia.

Como adorar-te, se não tenho amores,
Como verdade te fallar, se minto?
Como adorar-te, se nest'alma sinto
Crueis tormentos — infinitas dôres?

Como adorar-te, se gastei meus dias
Nos attractivos da mulher perdida?
Como adorar-te, se gastei a vida
Com as Bacchantes — nas venaes orgias?

Como adorar-te, se não tenho crença,
Se vivo errando n'este mundo á tôa,
Se de mancebo virginal corôa
Eu desfolhei-a com angustia immensa?

Como adorar-te, se me vejo só
Dentro do peito acalentando a dôr?
Como, donzella, te offertar amor
Quem só implora compaixão e dó?

Guarda de virgem, este casto amor,
Penhor sagrado de quem é criança,
Qu'este meu peito que não tem esp'rança
Só guardará o soffrimento — a dôr.

Gualberto Peçanha.

TRISTES HARPEJOS

Não chores, mancebo, nos sonhos da vida,
Na triste guarida de amor e soffrer!
Não chores, teus prantos de dôres partidos
Não pagam gemidos de amargo viver!

Não chores, teu peito de magoas coberto
Bem póde, deserto de gozos, murchar!
Não chores, que a senda dos *tristes harpejos*
Te rouba os adejos colhidos no lar!...

Não chores, Quiquita, tirada dos braços,
Dos dôces abraços de ti, feneceu!
Não chores, su'alma da lamina indina,
Lá foi-se divina, p'ra o gremio do céo.

Não chores, que a vida de acerbas torturas
Em tantas doçuras ás vezes se faz!
Não chores, que o anjo dos teus amargores
Te guarda os amores, que um dia terás!...

Não chores, mancebo, nos cardos da vida,
Na triste guarida de amor e penar!
Quiquita era virgem — morreu innocente!
Não resta inclemente — por ella — chorar!

Casimiro Ramalho.

LUNDÚ

CONSELHOS AOS HOMENS

Amar a moça formosa
E' muito bom, é gostoso,
Em quanto ella nos tributa
Amor sincero, extremoso.

Mas se ella nos finge
O que a alma não sente,
Se de outro os carinhos
Afaga e consente...

Então é tolice
Ser d'ella amador,
Então, meus amigos,
Fujamos de amor.

Amar a moça que é feia
Ás vezes tambem é bom,
Se ella tem alguma graça,
Se é rica, ou do grande tom!

Mas se ella sem graça
Seu corpo atavia,
Se é pobre e ser tola
Em tudo annuncia...

Então é tolice — etc.

Amar a moça faceira
Ás vezes tem cabimento
Se no olhar, se no riso,
Revela discernimento.

Mas se ella é louquinha
No riso, no olhar,
Se a todos namora
Para vêl-os penar...

Então é tolice — etc.

Amar a moça que é fria,
Nem sempre é um grande mal,
Se com pressa ella repelle
Os planos d'audaz rival.

Mas se ella sem alma
O amor desconhece,
Se nossos protestos
Despreza ou esquece...

Então é tolice — etc.

Davam-me os céos
O bem maior,
Os céos não valem
Um teu favor.

VIDA E MORTE

Poesia de Mello Moraes Filho, e musica de Calado Junior

Linda flôr, como és mimosa
Na tua manhã primeira;
És como a virgem formosa
Cantando de amor fagueira.

E que côr tu tens suave,
Como realças no monte!
Semelhas á branca neve
Que se balouça na fonte.

São teus cantos os da briza
Que te beijou ao nascer,
O teu véo a nuvem lisa
Que pelo ar vai descer.

Mas... que vejo! emmurchecida
Aos silvos d'atro tufão...
Não tens perfumes? perdida
Tu jazes no frio chão?!

Revive, bella florinha,
Que quero te dar um canto,
Serás p'ra sempre a rainha
D'esta alma que te quer tanto.

Mas qual assim é a vida
N'este viver de amargura,
Ao principio embellecida
De pensamento e ventura.

E depois, um vento frio
Desbota as flôres do peito,
E da morte o calefrio
Nos atormenta em seu leito.

TÃO LONGE DE MIM DISTANTE

Tão longe de mim distante
Onde irá teu pensamento?
Quizera saber agora
Se esqueceste o juramento.

Quem sabe se és constante,
Se ainda é meu teu pensamento?
Minha alma toda devora
Da saudade agro tormento.

Vivento de ti ausente,
Ah! meu Deus, que amargo pranto!
Suspiros, angustias, dôres,
São as vozes de meu canto.

Quem sabe, pomba innocente,
Se tambem te corre o pranto!
Minh'alma cheia de amores
Te entreguei já n'este canto.

RECITATIVO

CRENÇA E MORTE

Não tenho lyra para decantar-te,
Só para amar-te vim aqui, oh virgem;
Tu és o anjo que me déste alento
Ao soffrimento de que foste origem;

Tu és tão linda, tão formosa e pura,
Tua candura, enlaçou minh'alma.
Louco corri... e para mim sorrindo
Disseste rindo:—não te dou a palma.

Eu vi-te, bella, a me fallar de amores
Por entre as flôres, de um jardim mimoso;
O sol no occaso desmaiava—além
Na côr que tem, nosso céo formoso.

Na branda aragem do soprar da briza
Que se desliza sobre um mar tão quedo;
Ouvi a queixa sonorosa — triste
Dizer que existe, bem fatal degredo.

Entre scismas a divagar tristonho
Sempre risonho teu semblante vi,
E entre queixas de sentido pranto
Senti o encanto que me prende a ti.

E se algum dia nos vai-vens da sorte
Vier a morte regelar meu peito;
Vai ao sepulchro de teu pobre noivo
Deitar um goivo, de amizade em preito.

Eugenio Passos.

LUNDÚ

JÁ NÃO HA TROCOS MIUDOS

Para ser cantado pela musica do lundú — *Estamos no seculo das luzes*

Já não ha trocos miudos
N'esta nossa capital,
Os cambistas são os grandes
N'esta época fatal.

Os pobres é que se vêem
Em assados e apuros,
Pois desejando miudos
Hão-de pagar grandes juros.

Um gasto de tres mil reis
Não é nada, ainda é pouco,
P'ra uma nota de dez
Dizem logo: — Não ha troco.

Até nas casas de pasto
As listas tem um letreiro,
Dizendo que p'ra comer
Levem trocado dinheiro.

Já se vê pelas vidraças
Letreiros sobre papeis
Dizendo não haver troco
Mesmo p'ra cinco mil reis.

De maneira que o pobre,
Mesmo tendo algum dinheiro,
Não trazendo os taes miudos
Passará por caloteiro.

Correm annuncios com letras
De palmo de comprimento
Dizendo que os taes miudos
Vendem-se a doze por cento.

E não sabemos té onde
Tudo isso irá parar,
O certo é que o pobre
Ha-de — soffer e calar.

Houve ha pouco uma assembléa
Já se sabe, de graúdos,
Para vêr se decidiam
A questão dos taes miudos.

Ainda agora se espera
Pela tal resolução,
Não admira pois tudo
É assim n'esta nação.

As cousas estão mudadas,
Já se despreza os graúdos,
Pois agora só imperam
Como é sabido, os miudos.

E quem ha-de nos valer
Em momento tão sinistro?...
Ah! já sei, corramos todos
Ao palacio do ministro.

Gualberto Peçanha.

FADINHO

O CRAVO, DEPOIS DE SECCO

O cravo, depois de secco,
Bota-se por ahi além;
A rosa, quanto mais secca,
Tanto mais prestimo tem.

Que lindo botão de rosa
Que aquella roseira tem!
Debaixo ninguem lhe chega,
Acima não vai ninguem.

A rosa que é bem nascida,
Tem acções de bem criada;
Ainda que se ache offendida
Não se mostra apaixonada.

A rosa muito aberta
Qualquer vento a desfolha;
A moça muito garrida
Qualquer rapaz a namora.

Brilha, rosa que nasceste
Na mais linda primavera;
Foste nada entre os espinhos
Para mais brilhares na terra.

Aqui d'onde estou bem vejo
Uma rosa singular;
Tenho gosto de a vêr,
Pena de não a gozar.

Rosa branca na silveira,
Cravo rosado do monte:
Quem quer vêr a rosa alegre
Ponha-lhe o cravo defronte.

A rosa muito aberta
Nenhuma valia tem;
Ao botãosinho fechado
Todo o mundo lhe quer bem.

Perde a rosa o cheiro fresco,
Tambem perde a linda côr;
Tudo tem sua mudança,
Só não deixo o meu amor.

Oh! rapaz que vendes rosas,
Vem cá que eu tenho dinheiro;
Vende-me das fechadinhas,
Que as abertas não tem cheiro.

Aqui d'onde estou bem vejo
Uma rosa para abrir;
Quem me dera ser sereno,
Que n'ella fôra cahir!

Minha rosa mui brilhante,
Todo o mundo te cubiça;
Ao domingo na igreja
Quem te vê não ouve missa.

Eu não te adoro, janella,
Pois não tens merecimento;
Adoro aquella rosa,
Que está da banda de dentro.

A rosa quer-se apanhada
Antes do sahir do sol;
O cravo ao meio dia,
P'ra seu cheiro ser melhor.

MODINHAS

JÁ NÃO SINTO POR TI TANTO AMOR

Se és anjo no rosto e belleza,
Tens no peito de fera o rigor,
Ai! não temo teus feros enganos,
Já não sinto por ti tanto amor.

Desligaram-se os teus dos meus dias
Como o vento desfolha uma flôr,
Não quizeste que a flôr fosse minha,
Já não sinto por ti tanto amor.

De teu olhar no terno desmaio
Vejo escripto a traição e o furor,
Me enganaste a luz de meus olhos,
Já não sinto por ti tanto amor.

Desligaram-se os teus dos meus dias
Como o vento desfolha uma flôr,
Não quizeste que a flôr fosse minha,
Já não sinto por ti tanto amor.

ROMANCE

NOIVA DESERTORA

—Deus esteja com as tias
Todas tres a costurar.
« Deus venha com o sobrinho
Que vem de passar o mar.

—Que é do cavallo branco
Que eu deixei aqui ficar?
« Vosso cavallo, menino,
Lá nas guerras ha-de andar.

—Que é do meu annel de ouro
Que eu deixei aqui ficar?
« O vosso annel, menino,
No dedo da prima ha-de andar.

—Que é da minha rica prima
Que eu deixei aqui ficar?
«A vossa prima, menino,
Já comnosco não quiz estar;
Está hoje cozendo pão
Para ámanhã se casar.

—Digam-me as senhoras tias
Ella onde vai morar?
Quero ir a sua casa,
Quero com ella fallar.

«Menino, não vades lá,
Que elles podem-vos matar.
—Matarem-me, senhores, não,
Que eu tambem sei praticar;
Nas terras por onde andei
Aprendi a conversar.

Quando lhe bateu á porta
Já estavam p'ra jantar;
Arrearam-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.

—Deus esteja com os folgantes,
Pois bem sabem que é brincar;
Não se arrojem as cadeiras,
Não me quero assentar,
Não me quero assentar, não,
Nem nada quero gastar;
Se o noivo dá licença
Á noiva quero fallar.

—«Licença, senhor, a tem,
Se ella lh'a quizer dar.

—Toma lá este vestido
Para levares a casar;
Outros melhores que eu tinha
Não os quizeste ganhar.

«Aqui d'el-rei quem me acode,
Justiça a este lugar!
Os meus primeiros amores
No coração tem lugar,
Vá o noivo para a rua,
Fique este no seu lugar.

CANÇONETA

VIVA O ZÉ PEREIRA!

Poesia do snr. Francisco Corrêa Vasques

CORO

E viva o Zé Pereira!
Pois que a ninguem faz mal,
E viva a bebedeira
Nos dias de carnaval!
Zim, balala! Zim balala!
E viva o carnaval!

Uma tarde passeando
Lá na rua do Sabão,
Eu fiquei sem meu chapéo
Por causa da viração.
Eu não sinto o meu chapéo
Nem qu'isto me aconteça,
Sinto só deixar com elle
A minha pobre cabeça.

E viva o Zé Pereira — etc.

Uma vez brincava eu
Com dous caroços de *mangas*
E em casa sem querer,
De vidro, parti as mangas.
Fujo p'ra a rua, que a velha
Queria escovar-me o pó,
E uma *manga* d'agua ensopa-me
As *mangas* do paletot.

E viva o Zé Pereira — etc.

Uma vez em certo hotel
Uma tainha eu comia
Que o sujeito afiançava
Ser pescada n'esse dia;
Caça o dinheiro da gente
Com elle faz sua dita
Sendo ás vezes estas *casas*
Escassas varas de chita.

E viva o Zé Pereira — etc.

Pois bem, meu pai, eu fico
Da sua *fazenda* guarda,
Mas como eu *ademenistro*
Quero já ter uma *farda*.
Isso até não se *pregunta*
Tendo o negocio na mão
Eu havia de ter *pasta*
Da *fazenda* de *argodão*.

E viva o Zé Pereira—etc.

Vossês são uns idiotas
Em pensar qu'eu subo a serra,
Mas eu vou então provar-lhes,
Como dou com tudo em terra!
Hei-de dançar um can-can
Qu'ha-de levar tudo a breca!
Embora que vossês gritem
—Pereréca! oh! Pereréca!

E viva a Pereréca
Pois que a ninguem faz mal,
Sem agua na caneca,
Nos dias de carnaval!

O Zé Pereira no carnaval
Póde o *zabumba* rebentar,
Mas depois d'esta folia
Outros lhe tomam o lugar!
Sem *mascaras* percorrem *elles*
As ruas d'esta cidade,
Arrebentando sem *malho*
A *pelle* da humanidade!

E viva o Zé Pereira—etc.

O author manda pedir
Um pouco de paciencia,
Mais do que nunca precisa
Toda vossa indulgencia!
Dêem palmas e desculpem
Este trabalho grutesco
Que devêra se chamar
—Les Pompiers de Nanterre.

E viva o Zé Pereira—etc.

LUNDÚ

EU JÁ TIVE UMA MENINA

Eu ja tive uma menina
A quem amei mais que a ti,
Ausentou-se, foi-se embora,
Eu fiquei, mas não morri.

Menina traidora
Que falta á promessa
Não fique em lembrança,
Melhor é que esqueça.

Antes quero ser
Queimado do lume,
Que andar soffrendo
O negro ciume.

Comprei para a cuja
Um lindo retrato,
De genio inconstante,
De um genio ingrato.

Gastar a gente
Os seus cabedaes
Em fitas bonitas
E outras cousas mais;

Andar a gente
Feito um ladrão
Em risco de achar
Pedrada ou bordão;

Andar a gente
Feito um corropio,
Por lamas e chuvas
Em noite de frio;

Passar pela rua,
Parar na esquina,
Julgando que ouvia
A voz da menina;

Olhando para lá
Se chega a janella,
Como a noite é escura
Não sabe se é ella;

Acender o churuto
Para dar signal,
E ella namorando
Outro no quintal;

Sósinho no canto
Como um tolo
Ella com outro
Fazendo tijolo;

Estar sempre no canto
Sósinho, em pé,
Chocando com os olhos
Como jacaré;

Gostar da menina,
Dar a picholeta,
Sem ao menos poder
Fallar com a preta.

Trabalhos crueis
Que já foram meus
Não fallem-me n'elles
Pelo amor de Deus.

CANÇÃO

PARLENDAS CARNAVALESCAS

Amanhã é domingo
De pé do cachimbo,
Toca na gaita,
Repica no sino,
O sino é d'ouro,
Repica no touro;
O touro é bravo,
Mata fidalgo;
Fidalgo é valente,
Enterra o menino
Na cova de um dente.

Pico, pico, me piquei,
Um grão de milho achei;
Um moinho me moeu,
Um ratinho me comeu,
Eu chamei por S. Thiago,
S. Thiago não me ouviu,
Ouviram-me dous ladrões,
Apalparam-me os calções;

Eu cuidei que era graça,
Bebi vinho da cabaça.

Era e não era
No tempo da hera,
Meu pai era vivo,
Minha mãi por nascer,
Que lhe havia de fazer?
Deitei as pernas ás costas
E puz-me a correr.
Subi por escada abaixo,
Desci por ella acima,
Encontrei um pecegueiro
Carregado de maçãs,
Fui-me a elle
E comi avellãs.
Veio o seu dono
E deu-me com um pau,
Bateu-me n'um olho,
Magoou-me um joelho.

Ora vamos e venhamos
Pela terra dos ciganos,
Um burrinho compraremos,
O folar que elle fizer
Será para o primeiro
Que aqui fallar quizer,
Fóra eu que sou juiz,

Cômo perna de perdiz,
Fóra eu que sou capitão,
Cômo perna de leitão.

« Cabra cega, d'onde vens?
—De Castella.
« Que me trazes?
—Pão e costella.
« Dás-me d'ella?
—Não, que é para mim
E p'ra a minha velha
Comer d'ella.

Rei e rainha,
Condessa, cestinha,
Vamos a dar
Uma tarefinha.
S. Pedro me leve,
Me queira levar,
Se alguma menina
Me fizer olhar,
Rir, conversar.
—Agora o Senhor S. Pedro
Dá licença de eu olhar?
— « Não te deixo olhar
Sem essa agulha acabada,
E a outra começada.
—Já acabei, já comecei,
Já tornei a começar.

Agora o Senhor S. Pedro
Deu licença de eu olhar.

« Truz truz;
— Quem é?
« O velho das contas.
— Elle o que quer?
« Vender contas.
— Não ha dinheiro
« Fia até Janeiro.

Sorrobico,
Massarico,
Quem te deu
Tamanho bico?
Foi Nosso Senhor
Jesus Christo.
Bicho vai,
Bicho vem,
A ganhar
O seu vintem.
Piolho na lama,
Pulga na cama,
Dá um pincho,
Põe-se em França...

MODINHAS

QUEM ÉS TU?

Poesia do snr. Mello Moraes, Filho, e musica do snr. S. Rosa

Quem és tu, que vens á noite,
Tristesinho aqui scismar,
Fugindo de tantas galas
Que o mundo póde offertar!

Serás nota harmoniosa
D'uma lyra de crystal,
Transformada n'um anjinho
Dormindo n'um tremedal?

És fada que no silencio
A tempestade domina,
Trajando nas azas brancas
A meiga luz matutina?

Ou dos meus sonhos ardentes
És o sêr encantador,
Que vens dourar meu futuro
Aos beijos do teu amor?

Não! és orphão! no silencio
Buscas aqui te abrigar,
Quando nos finda a ventura
É nosso allivio chorar!

És a crença! és a saudade,
A muda expressão da dôr!
Linda per'la descravada
Do throno azul do Senhor!

FIM DO VOLUME IV

INDICE

	Pag.
A concha e a virgem	81
A despedida do voluntario	104
Adeus á patria	54
A marina	83
A minha Lilia morreu	62
Amor e delirio	21
A moreninha	88
Amor eterno	27
A noiva do sepulchro	92
A mulher perdida	39
A recordação	73
A tarde	51
A ti!	44
A virgem da noite	40
A virgem de luto	31
A virgem melancolica	15
Basta, amor, meu terno peito	111
Bernabé Cangica	22
Carminia	86
Como adorar-te?	114
Conselhos aos homens	116
Coração de bronze	54
Crença e morte	122
Da innocencia o dôce estado	63
Deixa, Dahlia	6
Desde o dia em que te vi	85
Desejo	48
Despedida	102
Escuta, oh virgem	71
Estatua da vida	11
Eu já tive uma menina	134
Falla	19
Fujo de vêr-te	66
Gemidos d'alma	67
Gemidos d'alma	97
Gentil Analia	52
Gentis, vossê já viu, já?	80
Já não ha trocos miudos	123
Já não sinto por ti tanto amor	128
Junto ao cemiterio	103
Lagrimas do voluntario	45
Lundú das moças	99
Marilia, se me não amas	15
Mesmo da cama póde escutar	42
Minh'alma é triste	105
Muito a minh'alma soffreu	69
Não ha trocos miudos	109
Não polkas?	94
Não posso esquecel-a	108
Negra sorte	73
Noiva desertora	129
N'umas desertas praias	112
O adeus do voluntario	34
O cravo, depois de secco	126
O dia nupcial	17
O gatinho	61
O mestre de musica	7
O meu fiel juramento	38
O meu penar	17
O progresso do paiz	32
O que eu senti	12
O retrato de sinhásinha	90
Os instantes que nos restam	72
O soldado	60
Outr'ora	49

	Pag.
Para mim é o mundo um deserto	25
Parlendas carnavalescas	137
Pezares	65
Por um só ai	46
Quando Marilia bella	101
Quando seu bem vai-se embora	23
Quem és tu?	141
Quem não ama e não adora	5
Recordação da tristeza	57
Se a chamma activa	119
Sem a tua companhia	93
Se o fado assim te ordena	82
Sonhei-a	38
Sonhei-te	79
Sonhos, amores	58
Tão longe, de mim distante	121
Teus lindos olhos	36
Tristes harpejos	115
Uma visão	113
Um jogo	13
Um teu dôce agrado	30
Vem... morena!	95
Vem, ó briza, fiel companheira	56
Vida e morte	120
Viva o Zé Pereira!	134

F. Maria Pomello — Um [illegible] 7 mil [illegible]. 1 v. — Vi[illegible] o rode de Lisboa. 1 v. — [illegible] rio, romance [illegible].

T. de Vasconcellos — Um [illegible] de arrendador. 1 v. — Duas [illegible] cadas, comedia — Papeis [illegible] lhos. 1 v. — Vilegas na terra [illegible]. 1 v. — O [illegible] ecclesiastico — Reflexões á carta do Padre Joaquim. — A [illegible] do Carvalho.

Arnaldo Gama — O genio do mal. 1 v. — O [illegible] de Villar. 2 v. — O segredo do abbade. 1 v. — O filho da Baldaya. 1 v. — Uma [illegible] de S. Nicoau. 1 v. — A [illegible] de Pero Garcho — [illegible] ou [illegible]? Verdades e [illegible]. 2 v. — O [illegible] do [illegible] e [illegible]. — [illegible] em annos.

Alfredo [illegible] — Mysterios de Lisboa. 4 v., [illegible] — A [illegible] 2 v., com [illegible] — [illegible] 2 v., com [illegible] — [illegible] 1 v. — Memorias do [illegible] — [illegible] 2 v., com [illegible].

Mon. Alvim — [illegible] 1 v. — [illegible] philosophia.

O Pelo, [illegible] Herculano.

Freire — [illegible] 1 v.

A. M[illegible] — [illegible] Portugal.

Vi[illegible] — [illegible] Portugal. [illegible] 1 v. — [illegible] 1 v. — [illegible] Cicolo [illegible].

E. Tava[illegible] — [illegible] no Brazil. 2 v.

Andrade [illegible] — Um [illegible] corte. 3 v. — [illegible] no. 1 v. — [illegible] 1 v.

[illegible] 1 v.

[illegible] 1 v.

[illegible] 1 v.

[illegible] Pe. Costa [illegible].

Da[illegible] — [illegible] 1 [illegible] mercio [illegible].

Es[illegible] — [illegible] dre [illegible]. 1 v.

Nov[illegible] — [illegible] de [illegible].

Co[illegible] do Instituto [illegible] plice e [illegible] zil, desde [illegible].

Di[illegible] rios.

O [illegible] Historia [illegible] Mendes [illegible]. 1 v.

H[illegible] Abreu e Lima. 2 v.

P[illegible] Pinto. 1 v.

Os [illegible] rio do Por[illegible] 1 v.

M[illegible] vo. por [illegible]. 2 v.

P[illegible] bos [illegible] com [illegible].

[illegible] Lobo [illegible] 2 v.

[illegible] 6 v.

O [illegible] — [illegible] Trajano A. [illegible]

[illegible] Lo[illegible] 1 v.; 2.ª A taber[illegible] 1 v.; 3.ª [illegible] mys[illegible]; 4.ª [illegible] Villen; 5.ª [illegible] 6.ª

[illegible] 7.º Os piratas do Tejo; 8.º Os dous [illegible]; 9.º As ruinas do [illegible]; 10.º O novo Monte-Christo.

[illegible] Tabaco — Os [illegible] de uma [illegible]. 9 v. — O que faz a ambição [illegible]. — As noites portuguezas — Viagens de Gulliver a varios paizes remotos. 3 v.

[illegible] topographica de Villa Nova de Gaya, 3.ª edição.

[illegible] do consulado e do imperio por Thiers. 11 v.

[illegible] em Africa, Asia, America e Oceania, obra classica. 8 v., com estampas.

[illegible] do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes, por Fernão L. de Castanheda. 8 v.

[illegible] da universidade de Coimbra. 3 v. — Historia da origem, progresso e decadencia das diversas facções que agitaram a [illegible] desde 14 de julho de [illegible] á abdicação de Napoleão. 3 v.

[illegible] do Principe D. João, por [illegible] do Goes. 1 v.

[illegible] de D. Francisco de S. [illegible], cardeal patriarcha [illegible] 1 v.

Memorias [illegible] de Portugal, por [illegible]. 1 v.

[illegible] da restauração de Portugal, pelo duque de Bragança. 2 v.

Historia de Portugal, por Alexandre Herculano. 4 v.

Maximas e pensamentos do marquez de Maricá. 1 v.

[illegible] da viuvosa e infeliz Clara Harlowe. 16 v.

[illegible] para [illegible] e Fernandes. 2 v., [illegible]

[illegible] de D. João de Castro [illegible] gazetas que [illegible] os [illegible] 1541.

Palmeira maranhense [illegible] poesias.

Historia da revolução de Minas-Geraes em 1844. 1 v.

Julio ou a casa paterna. 1 v.

Joanninha ou a engeitada [illegible]rosa.

Julia ou o subterraneo. 2 v.

Liberatinos e conspiradores. 2 v.

Innocente e culpado ou o segundo filho de uma familia. 2 v.

Jardim do povo — Romances publicados: O laço de fitas. 1 v. — Rico e pobre. 1 v. — Os homens do mar, por Victor Hugo. 3 v. — Memorias da mocidade. 1 v. — Pedro e Laura. 1 v. — Os amores d'Artagnan. 5 v. — Miragens de felicidade. 1 v. A filha do homicida. 3 v. — Antoniella, por Lamartine. 1 v. — A loba, por P. Feval. 3 v. — O Conde de Camors. 2 v. — Geneveva, por Karr. 1 v. — Tempestades do coração. 2 v. — Os incendiarios da India. 2 v. — A familia de Penarvan. 2 v. — O guia do deserto. 5 v. — O jogo da morte. 6 v. — O brinco perdido. 2 v. — Joaquim Dick. 5 v. — O matador de tigres. 2 v. — O medico vermelho. 5 v. — O pacto de sangue. 8 v. — O salteador do monte deserto. 2 v. O filho de Marat. 4 v.

Dicionario dos jogos. 1 v. com mais de 200 jogos.

O preço da felicidade. 1 v.

Cartas e outras obras do marquez de Pombal. 2 v.

O Amazonas, por E. Carvalho [illegible] de Marajó e revolta [illegible] 2 v.

A [illegible] Placido. 3 v.

[illegible] 4 v.

[illegible] 1 v.

[illegible] Rua de [illegible] Carvalho [illegible], 5.

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME V

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor

75, Rua de S. José, 75

1876

LISPANHA E PEDRAR DE CRUZ COUTINHO

[illegible]

[illegible]

[illegible] 1 v. [illegible] 8 v. [illegible] 1 v. [illegible] 1 v. [illegible] 6 v. [illegible] 1 v. — A [illegible] 1 v. — A [illegible] 1 v. — [illegible] 2 v. — [illegible] 4 v. — A [illegible] 1 v. — A [illegible] 1 v. — A [illegible] 4 v. — A [illegible] 1 v. com estampas. — A [illegible] e demonio, romance. — A [illegible] natural 2 v. — Memoria historica [illegible] 1 v. — A [illegible] de Santa Catharina. 2 v. — A maldi-

[illegible] 1 v. [illegible] 2 v. [illegible] 2 v. [illegible] 2 v. [illegible] 1 v. [illegible] 5 v. [illegible] 3 v. [illegible] da Hollanda, durante [illegible] 1 v. [illegible] da companhia de Jesus na provincia do Maranhão e Para 1 v. — Album de [illegible] Literario portuguez no Rio de Janeiro 1 v. com os retratos de Herc[illegible]

TROVADOR

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

ALEXANDRE DUMAS — A guerra das mulheres. — A familia dos Borgias. 2 v. — Os dramas do mar. 2 v. — O cofre de prata. — De Paris a Cadiz. 6 v. — De Cadiz a Tanger. 6 v. — A dama das perolas. 3 v. — A mão do finado. — O conde de Monte-Christo. 4 v. — As duas Dianas. 9 v. — A consciencia. 3 v. — Os companheiros de Jahu. 2 v. — O cavalheiro do Harmental. 2 v. — A casa de gelo. 3 v. — Ascanio ou a côrte de Francisco I. 4 v. — Uma familia corsa. — A rainha Margarida. 5 v. — Os quarenta e cinco. 5 v. — A dama de Monsereau. 6 v. — Paulina. 2 v. — Fernanda. 2 v. — Eduardo III. 2 v. — A filha do regente. 4. v. — Historia dos Stuarts. 2 v. — Condessa de Salisbury. 2 v. — Cecilia ou o vestido de noivado. 2 v. — O capitão Paulo. 2 v. — Amaury. 3 v. — Catharina Blum. 2 v. — As gemeas de Machecoul. 4 v. — A tulipa negra. 3 v. — Sylvandira. 2 v. — Os crimes celebres. 3 v. — Deus dispõe. 2 v. — A furna do inferno. — O cavalheiro da casa vermelha. — Albina. 1 v. — Apontamentos de Antony. 1 v. — O bastardo Mauleon. 4 v. — Gabriel Lambert. 1 v. — Um morto a contar sua historia. 1 v. — Isabel de Baviera. 3 v. — Joanna de Napoles. 1 v. — A marqueza de Brinvilliers. — Pascal Bruno. 1 v. — A pomba. 1 v. — Os tres mosqueteiros. 4 v. — Vinte annos depois. 5 v. — Visconde de Bragelonne. 10 v. — O filho de Marat. 5 v.

VICTOR ou o menino da selva.

OLIVEIRA — José Estevão, esboço biographico, com o retrato.

ARABIRI — Diccionario dos jogos. 1 grosso v. contendo mais de 200 jogos, entre elles: voltarete, whisth, dominó, gamão, damas, xadrez, etc.

F. COOPER — O corsario vermelho. 3 v. — O espião do campo neutro. 4 v. — O carrasco. 2 v. — Os leões do mar. 2 v. — O medidor de terrenos. 4 v. — O piloto. 4 v. — O derradeiro mohicano. 4 v. — Os puritanos da America. 4 v.

BRÉHAT — A feiticeira negra. 1 v.

ALBERTO BLANQUET — Os amores de Artagnan. 5 v. — O rei de Italia. 2 v. com estampas.

SAINTINE — Picciola. 1 v.

D. BRANCA DE CARVALHO — O preço da felicidade. 1 v.

LABOULAYE — O partido liberal, seu programma e futuro. — Paris na America. — O principe Cão de Agua.

PEREIRA DE AZURARA — Angelina ou dous acasos felizes. — Coincidencias fataes, romance.

A CONDESSA DE MONTE-CHRISTO, por Du Boys.

J. OSORIO — Vida e feitos de el-rei D. Manoel. 3 v.

VICENTE F. DE CASTRO — Os homens de sangue ou os soffrimentos da escravidão. 2 v. — Mysterios da roça. 4 v. — Miserias da actualidade. 4 v.

THEOPHILO BRAGA — Visão dos tempos. — Tempestades sonoras. — Ondina do lago. — Torrentes, poesias. — Folhas verdes, poesias. — Floresta de romances. — Cantos populares do archipelago açoriano. — Cancioneiro e romanceiro geral portuguez. 1 v. — Introducção á historia da litteratura portugueza. 1 v. — Historia dos quinhentistas. 1 v. — Historia do theatro portuguez no seculo XVI. 1 v.

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME V

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

PORTO
TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancella Velha, 62

1876

TROVADOR

MODINHAS

LUZ E MYSTERIO

Poesia de Mello Moraes Filho, e musica de Eugenio Cunha

Quando a lua no céo vai percorrendo
Prateando o setim azul do espaço,
Quando o pranto do orphão dolorido
O Senhor o recebe em seu regaço;

Quando o sopro da briza na palmeira
Parece suspirar tão dôcemente,
Quando descanta o pobre sertanejo
Um idyllio de amor todo innocente;

Então, eu vou sósinho com meu pranto
Esconder-me do mundo fementido,
Procuro a serrania mais espessa
Para n'ella occultar o meu gemido.

E lá eu julgo não sentir da vida
O sol abrazador queimar-me o seio,
Só, conversa com Deus extasiada
A minh'alma prendida n'este enleio.

N'um morno dia perfumoso e lindo
Ella grata respira o mago incenso,
E banhada de luz entôa os hymnos
Com os anjos gentis aos pés do Immenso.

E n'este delirar da mente afflicta
Eu quizera passar a flôr dos annos,
Embora mesmo sem gozar do mundo
Sonhos, delicias, infernaes enganos.

E depois... os seus olhos derramando
No meu triste viver infortunado,
Pranteio a minha sorte delirante,
Meu eterno soffrer, meu duro fado.

Arrancai, ó meu Deus, minha existencia
N'esses ternos momentos de ventura,
Porque minh'alma das paixões despida
Aos vossos olhos sorrirá mais pura.

NINGUEM

Poesia do dr. D. J. G. M., e musica de R. Coelho

Quando estou c'o a minha amada,
Quer a veja passeando,
Quer em pé, quer assentada,
Quer sorrindo, ou quer'fallando,
Minh'alma magnetisada
A vai sempre acompanhando.

Amago influxo
Obediente
Ao seu capricho
Só pensa e sente.

Vós, que sobre a terra amaes,
Mortaes;
Vós, anjos, que amaes nos céos
A Deus;
Vós, que de amor entendeis,
Sabeis
Se eu posso amar inda mais?
Se eu não posso, póde-o alguem?
— Ninguem!

Quando ella ao som do piano,
Que ao toque suave geme,
Das harmonias o arcano
Revela na voz estreme,
Minh'alma como o oceano
Se espraia a ouvil-a e treme.

De cada nota
Que vai fugindo
Echo é minh'alma
Que a vai seguindo.

Vós, que sobre a terra amaes,
Mortaes;
Vós, anjos, que amaes nos céos
A Deus;
Vós, que de amor entendeis,
Sabeis
Se eu posso amar inda mais?
Se eu não posso, póde-o alguem?
—Ninguem!

ARIA

O CABELLEIREIRO

Tive um pai tão estouvado,
Que temendo a diabrura,
Fez de minha creatura
Cabelleireiro gigante:
Porém no fatal instante
Que o pentesinho empunhava,
Vi que o peito se inflammava,
E para o fogo se acalmar
Hei-de com agua as pentear.

Uma d'ellas penteando
Presumida e impertinente,
Vi que os meus dedos sujava
Com certo ingrediente.

O pente largo espantado
Gritando: — porque se pinta?
Para me sujar-me os dedos
Tem na bola tanta tinta!

Desmaiou envergonhada
Cahindo com a cadeira,
E me deixando nas unhas
A mui tinta cabelleira.

N'isto entra um figurão
Marido da perereca,
Um grito solta de horror:
Minha mulher é careca!...

O tal marido
Com tal desgosto,
Perdeu o riso
Tapando o rosto.

Com muita justiça,
Com muita razão,
Esposa careca!
Cruz... tentação!

Pois uma mulher careca
Não queiram por um milhão,
Ter a morte á cabeceira,
Cruz, demonio, tentação!...

P'ra ser becco sem sahida,
Como costumam dizer,
Primeiro veja não falle
O que eu lhes vou dizer:

Primo, não seja careca,
Segundo, não ser idosa,
Tercio, ter contos de reis,
Quarto, não ser furiosa.

Ah! se eu podera
O pente largar,
Eu só procurára
Mulher p'ra casar.

E não sendo assim
Não cáiam em tal,
Com este conselho
Não irão mui mal.

Se alguma vier
Com tal condição,
Só para fallar-lhes
De amor união;

Amigos, lhes peço
Se lembrem de mim,
E sem escutal-a
Só gritem assim:

Vai-te, demonio,
Vai-te, tentação...
Se insistir gritem:
—Péga, ladrão!

RECITATIVOS

ADELIA

Adelia, meu anjo, escuta um segredo,
Que é isto? tens medo? Meu Deus! porque coras?
Não tenhas receio, attende, faceira,
Escuta, ligeira, que passam-se as horas.

Não fujas, Adelia, terás tanto medo
De ouvir um segredo, que tremas assim?...
Escuta, meu anjo, teus olhos tão lindos,
Dão gozos infindos — ah! volve-os p'ra mim!

Escuta, meu anjo, não tenhas receio,
Ainda este enleio?... porque, linda flôr?
Porque me fugiste, tremeste, coraste,
Jámais escutaste — segredo de amor?

Jámais te disseram que eras formosa
Qual rosa librada nas azas da briza?
Ou nunca sentiste ferir teus ouvidos
Lamentos sentidos — és muda? indecisa?

Escuta o segredo — segredo innocento...
Ainda és tremente? socega... te imploro,
Assim... socegaste... me attende serena,
Galante morena: « Ha muito eu te adoro ».

Perdôa-me, Adelia, mas tu me perdeste,
Com risos soubeste minh'álma prender;
Como ha-de o poeta, vergado á vertigem,
Distante da virgem que adora, viver?

Gualberto Peçanha.

LEMBRANÇAS

Nas horas tristonhas que tudo escurece,
Que a alma apparece mostrando seu manto,
São horas que eu teço canções de amizade
De triste saudade, de dôr e de pranto.

Aqui no retiro da minha orphandade
Aonde a saudade me tem dado dôres,
Eu vi em teus olhos um fim de bonanças,
Um céo d'esperanças, um mundo de amores.

Se escuto o gemido da rola em seu ninho,
Chorando o filhinho que cedo perdeu,
Se a briza fagueira nos bosques suspira,
Ao som d'esta lyra tambem choro eu.

Me lembro do tempo que junto passámos,
Que alegres cantámos n'um mundo de flôres;
Da linda estrellinha que então nos seguia,
Que nos presidia nas juras de amores.

Me lembro dos campos, dos cantos saudosos,
Dos sons maviosos que além eu ouvi;
Do seio materno, do pai extremoso,
Do irmão carinhoso — me lembro de ti.

Se escuto alta noite gentil trovador
Cantando o amor com voz de alegria,
Eu tenho saudades do nosso passado,
De quando a teu lado contente eu vivia.

LUNDÚ

DE QUE ME SERVE ESTA VIDA

De que me serve esta vida
De tormento agro e sem fim?
Quando não estou de guarda
Toca a rebate o clarim.

De que me servem as folgas
Se não as posso gozar?
Quando não 'stou de piquete
De noite sáio a rondar.

Não tenho socego!...
Me diz o tenente:
Vá para o serviço
Pois falta-me gente.

O que hei-de fazer?
Eu visto a fardinha,
Botando as corrêas
Eu vou p'ra a guardinha.

Porém se um dia
Eu n'isto scismar,
Faço uma trôxa
E ponho-me a andar.

Com esta me raspo
Oh! rapaziada,
Pois esta vidinha
E' mui desgraçada.

Villarinho.

MODINHAS

ROUBASTE, TYRANNA PARCA

Roubaste, tyranna parca,
Meu pai, meu dôce amor,
Céos, piedade, dai-me a morte,
Tirai-me a cruenta dôr.

De que me serve esta vida
N'este mundo de amargura?
Terna mãi que eu tanto amava
Hoje jaz na sepultura!

ESCUTA

Como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr,
Assim minh'alma em delirios
Suspira por teu amor;
E tu qual uma insensata
Com teu desprezo me mata.

Oh! se eu podesse encontrar
Em teus labios um sorrir,
Seria a minha ventura
E tambem o meu porvir;
Mas com tua crueldade,
Nem se quer tens-me amizade.

Permitta o céo que algum dia
Mais feliz possa eu ser,
Se continuar d'esta sorte
Prefiro antes morrer;
A morte é um somno dourado
Para quem é desprezado.

Manoel Ferreira.

AMARGOS DIAS PASSEI

Amargos dias passei
Pensando na sorte austera,
Hoje me vejo em desgraça,
Já não sou quem d'antes era.

Mas quanto é triste
Viver ausente!
Eu prefiro a morte
Do que ser vivente.

Pensando na sorte austera
De continuo a suspirar,
Por não te vêr, Marcia bella,
O meu destino é só chorar.

Mas quanto é triste
Meu padecer!
Eu prefiro a morte,
Desejo morrer.

RECITATIVOS

O JANOTA

Ando na moda p'ra agradar ás bellas
Que nas janellas ao passar eu vejo;
Torno-me d'ellas — de terreiro um gallo —
Verdade fallo, é o que desejo.

Por isso uso as derradeiras modas,
Quaesquer ou todas que Paris nos dá;
Julgam *chalaça* o que digo? — Então
Muita attenção — vão ouvindo lá:

Calça na moda—a *balão* chamada,
Mui bem talhada por franceza mão,
Alva camisa de cambraia fina,
Linda botina de fino tacão;

Chapéo mui fino—de castor, patente,
Cabello rente—á duque de Saxe,
Collete ornado de botões brilhantes,
Pois dos *tunantes* é o luxo, é praxe;

Gravata *chique*—de uma côr mimosa,
Tendo uma rosa por um alfinete,
Luvas, bengala, *mexican* bem feito
Tornam perfeito meu gentil *toillete*.

Com primoroso *pince-nez* de gosto
Se fito o rosto de qualquer menina,
Ella ao principio quer mostrar-se esquiva,
Depois captiva cahe no laço—é sina.

O meu bigode com torcidas pontas
Ás moças tontas faz dar mil saltinhos,
Com os olhos faço um tal *pisca-pisca*
—Segura isca para os taes peixinhos.

E qual moça que ao meu vêr tão *chique*
Presa não fique pelo beiço?—Hein?
Só desejando qu'eu com tom faceiro
Diga primeiro: «—Quer casar, meu bem?»

As proprias velhas—sazonados pomos,
Chupados gomos de um fructo azedo,
Dizem que anhelam me adorar tambem,
Eu com desdem, então digo:— «É cedo!»

Permittam ellas qu'este amor rejeite,
Amas de leite, — não preciso, juro;
Se bem que tenha rijos dentes — sei,
Jámais gostei de mastigar pão duro.

Folgada vida, mui alegre, passo
Se bem que escasso seja o cobre. — Ora
Se ellas me adoram... e com preferencia
Pela apparencia que só vêem por fóra.

Como deixar de idolatrar as bellas
Se eu sou d'ellas um fiel debuxo?
Mesmo *esbagado,* sim senhor, quer quer?
Pois a mulher o que quer vêr é luxo.

Gualberto Peçanha.

O CANTO DO DESCRIDO

Que vale a vida para o desgraçado,
Soffrendo o fado, sem allivio achar?
Antes na campa esse somno duro
Que prematuro póde a morte dar.

Só entre os mortos o socego impéra,
Que sorte austera tão cruel negou;
Ante os cyprestes e os chorões crescidos
Morrem gemidos que essa dôr levou.

Ahi, na lousa do martyrio a palma,
Em santa calma só pezares gozou!
Quando da vida a cadêa dura
Que a desventura lhe prender deixou.

Ninguem derrame sobre o triste, o pranto
Que nunca um canto de prazer soltou!
Que o véo da morte,—essa noite escura,
Da sepultura o seu mal findou!

Quando da lua o clarão divino
Vier benigno lhe trazer a luz;
O sacro emblema mostrará brilhante
De insinuante—respeitosa cruz...

J. de Araujo e Silva.

LUNDÚ

YÔYÔ, VOSSÊ É O DEMONIO

Yôyô, vossê é o demonio
Que me está enfeitiçando,
Deixe-me que sou captiva,
Não me esteja namorando.

Leve o demonio a tentação
De um yôyô tão feiticeiro;
Vá-se, deixe-me sósinha,
Cumprir o meu captiveiro.

Será acaso muita trunfa
Que lhe faz tanta influencia?
Ai, yôyô, não seja assim,
Veja bem, tome tenencia.

Não queira pela mulata
P'ra sempre ficar perdido;
Que a muito moço bonito
Isso tem acontecido.

Se sou cará com melado,
Tire-me do captiveiro,
Que a mulata do Brazil,
Se é boà, vale dinheiro.

Se sou fructo saboroso,
Ou do céo dôce maná,
Yôyô, traga o seu dinheiro
P'ra comprar o cambucá.

Se sou manga da Bahia,
Ou saboroso cajuí,
Yôyô, traga seu dinheiro
Se me quizer para si.

Se vossê gosta de mim,
Se isto tudo é verdade,
Vá ter com o meu senhor
Comprar minha liberdade.

Se a mulata do Brazil
Lhe captiva o coração,
Tambem é de muita gente
A unica consolação.

Que a mulata do Brazil
Sempre grata a seu senhor,
Não quer ficar perdida
Por causa do seu amor.

Araujo Pinheiro Junior.

MODINHAS

FOI EM MANHÃ D'ESTIO

Poesia de Laurindo Rebello, e musica de João A. Cunha

Foi em manhã d'estio
D'um prado entre os verdores,
Q'eu vi os meus amores
Sósinho a cogitar.

Cheguei-me a ella,
Tremeu de pejo,
Furtei-lhe um beijo,
Pôz-se a chorar.

Eram-lhe aquellas lagrimas
Na face nacarada,
Per'las da madrugada
Nas rosas da manhã.

Santificada
N'aquelle instante,
Não era amante,
Era uma irmã.

Curvados os joelhos
Os braços lhe estendia,
Nos olhos me luzia
Meu innocente amor.

Assoma a virgem,
Deu-se quebranto,
Secca-se o pranto,
Cresce o rubor.

DONZELLA, POR PIEDADE

Donzella, por piedade, não perturbes
A paz que se abrigou no peito meu;
Ah! não venhas com teus cantos de illusões
Recordar um amor que já foi teu.

Eu amei-te, sim, ingrata, eu amei-te,
Quanto o meu coração amar podia;
No verdor de meus annos adorei-te
Só a ti, só a ti no mundo via.

Faço timbre hoje emfim de aborrecer-te,
Mil vezes faço timbre em adorar-te;
Tuas fallas de amor mandam deixar-te,
Minha viva paixão manda querer-te.

Se eu procuro, ingrata, deixar de vêr-te,
A tristeza me acompanha a toda a parte,
Se para allivio meu busquei fallar-te,
Arrependo-me, emfim de conhecer-te.

QUANDO TE VI

Musica do snr. Noronha

Quando te vi tão formosa
Não sabes o que eu senti?
Não sabes, não, que o respeito
Suffocou meu morno peito
Por ti! por ti!

Teus olhos cheios de fogo
Me cravaste—eu vacillei;
Est'alma em que chammas arde,
Porque foi então cobarde?
Não sei... não sei.

Mas tu lêste no meu peito,
Conheceste o affecto meu,
Porém vendo-me indeciso,
Nem tu soltaste um sorriso,
Nem eu, nem eu.

Mas vi-te um dia curvada
Ao peso de intensa dôr,
Choravas, chorei, porém
Bemdito pranto de amor.

A SER INGRATA TAMBEM

Se me virem ser ingrata
Não se admire ninguem,
Um ingrato me ensinou
A ser ingrata tambem.

Quem é sincera no mundo
Corre risco em querer bem;
Eu o fui—mas me ensinaram
A ser ingrata tambem.

Melhor é gostar de todos,
Não querer bem a ninguem;
Já que o ingrato me ensinou
A ser ingrata tambem.

Vossê me chama seu bem?
Eu não sou bem de ninguem;
Um ingrato me ensinou
A ser ingrata tambem.

ROMANCE

SONHO DE VENTURA

(PENSAMENTO FUGITIVO)

Melodia do snr. S. Luiz Castro, e palavras do snr. S. L. de O. C.

Eu a vi como sempre tão bella,
Reclinada a sorrir-se p'ra mim,
A feliz e ditosa donzella
Me dizia palavras sem fim.

Fui feliz, eu tambem lhe fallei
D'este fogo sagrado — o amor,
E a dextra tomando a beijei
Lhe roubando da tez seu primor.

Tu me amas, formosa deidade?
Diz depressa, que eu quero saber,
Se de mim queres ter piedade
Ou de gozos eu venha a morrer.

A sorrir-se me diz esta diva:
« Eu aceito este teu puro amor! »
E não mais para mim foi esquiva,
E fiquei sendo d'ella o senhor.

RECITATIVOS

MORTE D'ALMA

Amei-te, oh virgem, no silencio d'alma,
Colhi a palma d'um mentido amor;
E essas crenças que libei comtigo,
Eil-as commigo no gemer da dôr.

Amei-te, oh virgem, e qual flôr mimosa
Que descuidosa com o tufão pendeu;
Assim minh'alma que aprendeu amores
Hoje entre dôres por ti só morreu.

A linda estrella que adorei na vida
Nuvem perdida sua luz finou;
Ai de agonia soletrou tormentos,
Teus pensamentos no horror lançou.

Mancebo infame, te saudou o encanto,
Falsario canto te envolveu no pó;
Alma de marmore te escondeu o véo,
Surdo é-te o céo, tu mereces dó.

Sorriu-te o mundo, lh'escutaste as fallas,
Trajaste as galas que vestia o crime;
Somno do inferno te tornou mulher,
Dôres requer, teu soffrer me opprime.

Libaste sofrega o licôr da morte
Que deu-te a sorte na fatal vertigem;
Pura buscaste de amor um beijo,
Viste o lampejo de tu'alma virgem.

Tudo acabou-se e teus tristes dias
Cavam agonias d'uma fé sem luz;
P'ra ti, ai triste!... já não ha perdão,
A redempção só acharás na cruz!

Porque, donzella, não afogou-te o pranto
No sentir tanto tua inutil vida?...
Altar sem culto te maldiz o Eterno,
Ri-se o inferno, és mulher perdida.

V. J. Bom Successo Junior.

ELMAIA

Tu me chamaste de infiel, morena
Porque, tyranna, me offendeste assim?
Eu já fallei-te, já te fui perjuro,
Pois já tens queixas que fazer de mim?

Talvez tu sejas inconstante e vária,
E por teu genio, tu me julgues tal!
Porém eu juro que te amo e muito...
E tu, Elmaia, tens-me amor igual?

N'aquelle baile em que dançamos juntos,
Tu me provaste que eras muito má!
A sós deixavas muitas vezes, muitas,
Quem vida e alma, eterno amor te dá!

E' assim que provas que tambem me amas?
E' d'essa fórma que se póde amar?
Não, minha virgem, quem amor tem firme,
Só junto d'elle póde bem gozar...

Porém, perdôa; são transportes d'alma!
Estou vencido, já te beijo os pés!
E se me amas com amor bem puro,
Deixa esses modos, que me são crueis.

Manoel de Macedo.

LUNDÚ

OS VADIOS

Graças aos céos, de vadios
As ruas limpas estão,
'Stá cheia d'elles a casa
Chamada de correcção.

Já foi-se o tempo
De mendigar,
Fóra, vadios,
Vão trabalhar.

Senhor chefe da policia,
Tem a nossa gratidão
Por mandar esses vadios
P'ra a casa de correcção.

Já foi-se o tempo
De mendigar,
Fóra vadios,
Vão trabalhar.

Bem exacto sois, senhor,
Por essa deliberação,
Pois muita gente merece
A casa de correcção.

MODINHA

AO DERRADEIRO CANTAR DO CYSNE.

Poesia de M. M., e musica de J. Leite

A meiga virgem
Dos sonhos teus,
Ora na terra
Por ti, a Deus.

Anjo perdido
Na solidão,
Ouve os suspiros
D'um coração!

Sôpro de morte
Gelou-te o peito,
Tombaste cedo
N'um frio leito.

Anjo perdido — etc.

Se tu na vida
Me déste os cantos,
Na morte escuta
Meus tristes prantos.

Anjo perdido — etc.

Adeus, ó bardo,
Sonha commigo,
Na noite eterna
Do teu jazigo.

Anjo perdido — etc.

RECITATIVOS

AMAR-TE

Amar-te é a scisma d'este peito ardente
Que almeja crente, teu amor tambem;
Amar-te é a vida que m'infiltra n'alma
A dôce calma que venturas tem.

Embora a sorte me comprima o peito,
Em duro leito de bem agras dôres;
Quero adorar-te, assim mesmo, virgem,
N'esta vertigem, de um sentir de amores.

Mas ai! eu sei que em vão procuro
No meu futuro descobrir esp'ranças;
Hoje meu peito, de soffrer cançado,
Só no passado vai colher lembranças.

Lembranças qu'ridas, no verdor d'outr'ora,
Bem triste chora, quem por ti suspira;
Hoje, offuscadas, só me restam dôres,
Mirrhadas flôres no vibrar da lyra.

Quem sabe s'inda voltarão risonhos
Os bellos sonhos da estação florida!
Oh! quão ditosa me seria a sorte,
N'este transporte, respirando vida!

Oh! quanto é dôce a esperança linda
Que vive ainda entre o meu soffrer;
N'ella sorri-me tua imagem qu'rida,
E dá-me a vida para amar-te e crêr.

O MARTYRIO

Minh'alma geme n'um atroz delirio,
Cruel martyrio que meu peito encerra;
Foi n'esta lucta de soffrer cançada
Que minha amada me arrojou á terra.

Por essa virgem de meus sonhos, linda,
Paixão infinda me devora o peito;
Se n'ella sonho, quando estou dormindo,
Sinto sorrindo a ventura ao leito.

Porém acordo! e com dôr immensa,
Amor e crença vejo ter perdido:
Carpindo soffro da desgraça o córte
Té vir a morte me levar comsigo.

De que me serve o viver no mundo?
Sentir profundo, occultando n'alma:
Feliz lembrança que sonhei outr'ora
P'ra achar agora do martyrio a palma.

Vem dar-me, virgem, tua mão ao leito,
Que ao teu, meu peito, nunca foi traidor:
Tanta esperança que sonhei, sem crime..
Só me deprime teu perdido amor.

Oh! não desprezes meu sentido canto,
Nem este pranto que derramo em vão...
Perdôa, virgem... meu soffrer não vês?
Eis-me a teus pés a te pedir perdão.

.....

Minh'alma geme n'um atroz delirio,
Cruel martyrio que meu peito encerra;
Foi n'esta lucta de soffrer cançada
Que minha amada me arrojou á terra.

LUNDÚ

AS NOTAS DO THESOURO OU OS TROCOS MIUDOS

Poesia do snr. J. M. C. Tupinambá, e musica do snr. Arvellos

Fugiram d'esta cidade
As notas de dez tostões,
Com medo dos paraguayos!
A culpa tem-a os mandões.

Velhos, tortos, aleijados,
Judeu, christão e mouro,
Tem maná de frigideira
Nas notas do thesouro.

Lá se foram os miudos,
Babau, senhor ministro,
É preciso remediar-nos
N'este caso tão sinistro.

Velhos, tortos — etc.

Pede-se de porta em porta
Qual esmola pede o pobre,
Não ha miudos para cinco,
O que ha é muito cobre.

Velhos, tortos — etc.

Não ha troco nas boticas,
Nas tabernas, sapateiros,
Nos açougues e logistas,
Nem na mão dos boleeiros.

Velhos, tortos — etc.

Quem quizer ir ao thesouro
Seu papelinho sellar,
Vá munido de miudos
Se os tiver para levar.

Velhos, tortos — etc.

N'esta casa do dinheiro
Não ha trocos miudos,
Assim como a mim faltam
Os pequenos e graudos.

Velhos, tortos — etc.

Com letras côr das escriptas
As notas do thesouro estão,
Nos annuncios do *Jornal*
Servindo de especulação.

Velhos, tortos — etc.

A nossa Dona Policia
Sua vista já perdeu,
E cega no seu cantinho
Esses annuncios não leu.

Velhos, tortos — etc.

O rico não dá cavaco,
Tem credito, come fiado,
Mas o pobre, coitadinho,
É quem fica atropellado.

Velhos, tortos—etc.

Eu já vi uma excellencia,
Que tem muito dinheiro,
Vendendo notas miudas
Na casa d'um banqueiro.

Velhos, tortos—etc.

Excellentissimos senhores
Representantes da nação,
Tende piedade de nós,
Para o povo compaixão.

Velhos, tortos—etc.

Já vai cheirando mal
A tal historia de miudos,
A culpa é do mesmo povo
Sustentar certos pançudos.

Velhos, tortos—etc.

Choremos, povo, choremos
A miseria de nossa terra,
Que até as notas miudas
Voluntarias foram á guerra.

Velhos, tortos—etc.

Vou mandar imprimir
Quinhentos mil cartões,
Que tenham o mesmo valor
Das notas de dez tostões.

Velhos, tortos—etc.

Com elles eu vou abrir
Uma casa de banqueiro,
Com premio bem pequeno
Hei-de ganhar muito dinheiro.

Velhos, tortos—etc.

Esta tão feliz idéa,
Parto da imaginação,
Ha-de ter em outubro
Um premio na exposição.

Velhos, tortos—etc.

O governo agradecido
Com este serviço prestado,
Me ha-de dar uma teteya
E uma pensão de cruzado.

Velhos, tortos—etc.

Fico rico, muito nobre:
O commercio penhorado,
Com este grande serviço
Me faz logo deputado.

Velhos, tortos,—etc.

E tendo uma cadeira
No seio da representação,
Não custa ser senador,
Sou logo senhor barão.

Velhos, tortos — etc.

Viva, viva o progresso
Da nossa civilisação,
Que um banco de miudos
Já faz — Senador — Barão.

Velhos, tortos — etc.

MODINHAS

AMELIA

Para ser cantada pela musica da modinha — *Trovador*

Ha tres annos, donzella formosa,
Que meu peito por ti geme ardente!
Ha tres annos que soffro torturas
Com sorriso nos labios que mente!

Ha tres annos, perdida a esperança,
Vejo a vida tristonha e tão fria!
Meu futuro parece um espectro
Me apontando uma campa vazia!

E nas horas de triste abandono
O passado contemplo risonho,
Procurando esquecer, pobre louco,
O presente tão negro e medonho!

E lá vejo distante e bem longe,
Entre as brumas do tempo a ventura,
Vejo risos e sonhos de gloria,
Terna crença de amor, dôce e pura!

Vejo um mundo festivo e de encantos,
Onde outr'ora não fui peregrino,
Onde altares a dôr não ostenta,
Onde é tudo de amor terno hymno!

Mas se os olhos eu volvo ao presente,
Se de sonho bemdito eu acordo,
Vejo um mundo de crepe e de dôres...
Minha sina tão triste recordo!

Flôres murchas, o riso desfeito,
Pranto eterno murchando-me a face,
A descrença no peito abrazado,
E de gloria nem sombra fugace!

Eis a vida que eu passo na terra
Ha bem tempo, mulher, ha tres annos,
Sem achar no presente consolo,
Illusões do porvir nos arcanos!

Ah! não digas que é pouco! é bem triste,
Do Empyreo cahir no inferno!...
Se eu a taça libei da ventura,
Porque daes-me, mulher, fel eterno?

Que martyrios crueis hei soffrido!
Quantas noites tão longas, sem sómno!
Quanto pranto vertido em silencio!
Quantos dias de triste abandono!

Fui outr'ora feliz, mas te vendo,
Meu sorriso troquei pelo pranto!
Ai remata os tormentos que soffro,
Meu affecto recebe tão santo!

Ri-te, anjo, e não queiras que eu diga
Que um demonio perdeu-me e fugiu-me,
Que os martyrios que soffro, ha tres annos,
São castigos que Deus infligiu-me!

Oh! tem pena de mim, santo anjinho!
Cumpre os mandos que tens do teu Deus,
Alumia o caminho que trilho,
Leva uma alma que é tua p'ra os céos!

E se um anjo se mancha e nodôa
Os affectos mortaes aceitando,
Eu rojado na terra contrito
Passarei minha vida te orando!

Ou então d'esse céo em que adejas
Bate as azas de linda brancura,
Vem a mim n'este lodo da vida,
Dá-me um dia sequer de ventura!

E depois para lá remontando,
Não te importes que o peito me arda,
Se não pódes ser minha na terra,
Sê nos céos o meu anjo da guarda!

A. J. de Almeida e Silva Junior.

A CRUZ DA SEPULTURA

O pharol da minha vida,
Já não brilha, não dá luz;
Meu viver é noite escura
Junto a uma negra cruz.

De continuo gemo, choro,
A saudade me tortura,
Não existe mais esperança
Junto a uma sepultura.

O sol que p'ra mim brilhava,
Promettendo-me ventura,
Offuscou-se para sempre
Junto a uma sepultura.

O amor que vos encanta,
Que aos viventes seduz,
Murchou-lhe a flôr da vida
Junto a uma negra cruz.

O anjo que me adorava
A' dôr hoje me conduz,
Deixou o corpo sem alma
Junto a uma negra cruz.

Infeliz, que ignorava
Ser amado com ternura,
Hoje o amor só contempla
Junto a uma sepultura.

RECITATIVOS

QUIZ FUGIR-TE

Quiz fugir-te, Maria formosa,
P'ra d'amor não soffrer o tormento;
Quiz fugir-te, mulher seductora,
Mas p'ra isso fiquei sem alento.

Vi teu rosto tão bello, tão lindo,
Vi teus olhos com tanto fulgor,
Vi teus labios p'ra mim se sorrirem
Ateando em meu peito o amor.

Ah! então já não pude fugir-te,
Entreguei-te o meu coração,
Mas, oh! quanto eu fui infeliz,
Pois fui victima de tua paixão!

Porque tu, ó mulher adorada,
O amor não queres comprehender,
Meu socego quizeste roubar
P'ra de pena fazer-me morrer!

J. B. da Silva.

AMOR DO CÉO

Poesia do snr. dr. Nuno Alvaro, e musica de A. J. Monteiro

Vivia triste, como as aves vivem
Que adejam longe na amplidão dos mares,
Vivia triste, como vive o nauta
Saudando a patria de longinquos lares.

Mas, de repente, meu viver sombrio,
Luz vespertina n'um luzir dourou,
Eu vi teus olhos derramando chammas
E por encanto, meu soffrer cessou.

Mas ah! que os olhos que revelam tanto,
Que á luz da aurora mais brilhantes são,
Não perceberam no tremer dos labios
Dizer-lhes triste, não me deixem não.

Amei-os muito! meu amor foi lirio,
Que dôce briza nem sequer soprou;
Foi dôce nota d'uma frauta agreste
Que um echo triste para o céo levou.

Amei-os muito! meu amor perdeu-se
Além do espaço que limita o céo,
Acaso soube a andorinha o rumo
Abrindo as azas quando o ar perdeu?

Acaso soube no passar das nuvens,
Se os sentem só no peito amor?
Acaso soube se o perfume santo
A Deus se eleva no escalar da flôr?

Ah! não duvides que esse amor tão puro
Como o incenso que se eleva a Deus,
Ahi se eleve nos dourados sonhos
Que sinto ás vezes nos delirios meus.

JÁ HOUVE TEMPO

Já houve tempo em que eu tinha riso,
Flôres n'esta alma que o prazer pollúe;
Canções alegres como as vozes santas
Dos ledos passaros festejando o dia.

Já vi minh'alma s'expandir festiva,
Ao som sympathico d'uma voz divina,
Tremer-me o corpo ao cantacto meigo
Da mão macia de gentil donzella.

Se tive sonhos no inspirado craneo...
A mente em fogo me ditou mil cantos,
Que como o incenso que p'ra o céo s'eleva
Só tinha assumpto na mulher que amava.

Mas, hoje, triste, já não tenho risos
Nos labios seccos pela febre aguda;
Só tenho lagrimas no coração ferido
Pelos espinhos do desprezo adusto.

Mas, ai! que importa que me cuspa o fado
—O author maldito de meus males todos—
Horrores negros que o Averno encerra
Se a uma ingrata hei-de amar p'ra sempre?

Ainda mesmo que odial-a queira,
Meu Deus, não posso, que odiar-te era!
Se um rosto lindo tu lhe dar soubestes
Porque uma alma lhe déstes feia?...

Permitte, oh Deus, que eu esqueça a ingrata
Que esta existencia vai matando aos poucos;
Eia, Senhor, misericordia ao filho
Sem ledos sonhos, sem amores santos!

* * *

LUNDÚ

VIVA S. JOÃO

Poesia de Paula Brito, musica de um bahiano

Rezai, meninas solteiras,
Ao santo da devoção,
Fez sempre mil milagres
O Baptista S. João.

Quem uma fogueira
Não póde saltar,
N'um livro de sortes
Brinquedo ha-de achar.

Em quanto a morte não chega
Se divirta quem podér,
Pois ninguem sabe da vida
O que Deus tem p'ra fazer.

Quem uma fogueira — etc.

Cuide as casadas nos filhos
Se elles inda são crianças,
A solteira — coitadinha,
Viva cheia d'esperanças.

Quem uma fogueira — etc.

E' dos bens o bem mais dôce
O bem da religião,
Não é de Deus protegido
Quem não reza a S. João.

Quem uma fogueira — etc.

MODINHAS

O SONHO

Eu sonhei que nos meus braços
Dôcemente te apertava,
Que em teus labios minha vida
Inteira se evaporava.

Oh que prazer tão celeste
Não tive n'este sonhar!
Se tal sonho fosse eterno
Quizera nunca acordar.

Antes fôra um sonho a vida;
Eu teria então prazer,
Que acordado, só eu vivo,
N'um continuo padecer.

Oh! que prazer—etc.

CASO DE AMOR TÃO FINGIDO

Caso de amor tão fingido
Eu já fiz, hoje não faço,
Eu por ti já dei a vida,
Hoje não dou nem um passo.

Basta, ó cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor,
Pois não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor?

Se fazes gosto em deixar-me,
Ninguem te priva, ó cruel,
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel.

Basta, ó cruel, já não posso—etc.

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida,
Eis o que faz minha dôr.

Basta, ó cruel, já não posso—etc.

Vem, ó Lilia, vem chorôsa,
Em meus braços reclinar-te,
Vem ouvir ternos queixumes,
Quero tudo relatar-te.

Basta, ó cruel, já não posso—etc.

Vês, cruel, quanto padeço,
Vê tambem qual é meu fado,
Vê que na vida de amores
Quem ama quer ser amado.

AI, MEU BEM, SE EU NÃO TE AMO

Poesia de F. M. M., e musica de J. R. de Oliveira Costa

Ah, meu bem, se eu não te amo
Um passo não chegue a dar,
A mesma terra em que piso
Não me queira sepultar.

Ah, meu bem, se eu não te amo
Deus do céo me não escute,
Nem o sol me alumie,
Nem a terra me sepulte.

Ah, meu bem, se te não amo
Seja um ente sem ventura,
As ondas do mar sanhudo
Sejam minha sepultura.

Se não crês no que te digo
Tens aqui meu juramento,
Acharás teu nome escripto
No meu terno pensamento.

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

RECITATIVOS

A FAUSTA

Vivi outr'ora sem amor, sem crença,
Na dôr intensa de eternal pungir!
Foram-se os risos, me esqueci dos cantos,
Só tive prantos de cruel sentir!...

Qual rola afflicta que perdeu o esposo,
Vivi saudoso a soluçar sem fé!...
Dôces lembranças que eu amei, coitado!...
Nem no passado divisei de pé!...

Eu era a folha que o tufão quebrára,
Que além rojára e que a seccar pendeu!...
Não houve uma alma que entendesse a minha,
—Pobre avesinha que a gemer morreu!

Era-me a vida, tão tristonha, um fardo
Que eu pobre e tardo carregava só!
Via o presente, como a terra, escuro!
Via o futuro reduzido a pó!...

E além nas nevoas de um passado inglorio
Todo illusorio o meu gozar findou!...
E eu inda moço nem um riso tinha,
—Palma mesquinha que o soffrer murchou.

Ia-se a vida e minha fé com ella,
Formosa estrella que brilhou uma vez!
E eu era um velho no verdor dos annos
Só pelos damnos que o chorar me fez!

Mas, como em noites de cruel procella
A esp'rança véla quem morreu cuidou,
Um anjo viu-me divagar sem tino
E o meu destino com amor mudou.

Hoje eu sou crente, meu futuro é liso,
Como um sorriso de criança á mãi!
Vivo contente, me esqueci dos prantos,
Deram-me os cantos que o fruir só tem!

Fausta, meu anjo, te abençôo agora,
Que o bardo chora de feliz que é!
Eu que era morto tive vida immensa!
Pela descrença me outorgaste a fé!

Amo! eu te amo, como á crença o crente!
Fausta innocente, que eternal fruir!
Deus, seu affecto concedei-me eterno!
E venha o inferno — morrerei a rir!

A. J. de Almeida e Silva Junior.

TEUS OLHOS

Morena, eu te peço, não volvas teus olhos
Assim d'este modo, gentil, feiticeiro;
Oh! não, se não queres, ao vate abatido
Vêr louco adorando teu rosto faceiro!

Oh não, se soubesses com quanta magía
Teus olhos attrahem o meu coração,
De certo, morena, teus olhos galantes
Os não volverias com tanta expressão!

Se meigos os fitas na rosa brilhante,
Que expande na terra seu grato perfume;
A rosa tão bella se esconde medrosa,
Teus olhos são bellos que a faz ter ciume!

Se no céo azulado brilhando uma estrella
Por ti é fitada meu anjo — tremendo,
Desmaia e se esconde apressada nas nuvens,
Que olhar fascinante! — a fugir vai dizendo.

Assim se no vate este olhar perigoso
Tu cravas sorrindo, um momento, um instante,
Coitado, sem siso, a teus pés fascinado
Lá vai abater-se, captivo, arquejante!...

Morena, eu te peço, não volvas teus olhos
Assim, que me matas, me tiras o siso!...
Morena, eu te peço, por Deus não sorrias
Que arrancas-me a vida com esse sorriso!...

J. B. Marcenal.

LUNDÚ

AS VELHAS DA ÉPOCA

Ai que para ti não é
Desfrutar n'um baile velhas,
Qual pastor entre rebanhos
Guardando suas ovelhas.

Que risadas estão dando
Entre as portas escondidas,
Quem por entre portas vê
Estas scenas divertidas!

Dançar a valsa a tres tempos,
Para traz sempre aos pulinhos,
Isso só fazem as velhas
Do tempo dos Affonsinhos.

Que risadas — etc.

Julgam que p'ra bem dançar
Elle e qualquer se arrisca?...
Ora adeus, senhoras velhas,
Vão jogar a tusa, a bisca.

Que risadas — etc.

Vêr aquella, que enxofrada
'Stá no canto de uma sala,
Porque o janota não foi
P'ra uma polka convidal-a!

Que risadas — etc.

Vêr uma tia baixinha,
Gorda, terna, feita amante,
É cousa para fugir
Cem leguas d'ella distante.

Que risadas — etc.

Vão antes pegar nas contas
E rezar dous *Padre-Nossos*,

Que as danças de hoje em dia
Foram feitas para os moços.

Que risadas — etc.

MODINHAS

COMO A ROSA, AMOR DURA UM SÓ DIA

Musica de Raphael Coelho

Como a rosa, amor dura um só dia,
Ninguem creia nos votos d'amor,
Sois mimosa, do cume da gloria
Precipita no abysmo da dôr.

Só comtigo, no peito e na mente,
E's meu bem, tu meu Deus, cá na terra,
E' por ti que meu peito palpita,
E' em ti que o mundo se encerra.

Insensato é o homem que pensa
Gozar vida sem ter dissabor,
Terno amor que ao prazer nos conduz,
Nos arroja no abysmo da dôr.

Já no mundo gozei mil venturas,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dôr.

Insensato é o joven que pensa
Ter amantes com ingratidões,
Entre amor não ha tyrannia
Que escravisa nossos corações.

Já no mundo gozei de ventura,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido,
Sepultado no abysmo da dôr.

DESPEITO

Eu tambem sonhei venturas,
Eu tambem tive illusão,
Amores dentro do peito,
Prazeres no coração.

Mas hoje apenas me resta
Tristes ais soltos em vão.

Na rocha da desventura.
Minha illusão se findou,
Quanto amei, hoje detesto
A mulher que me enganou.

Detesto a vida que ella
Para sempre envenenou.

Viva embora mui feliz
Essa mulher que adorei,
Seja-lhe o canto do mundo
O amor que lhe jurei.

Seja-lhe só a lembrança
Os beijos que n'ella dei.

Do inferno mão abrazada,
Mil insultos violentos
Imprimam n'aquellas faces,
N'aquelles labios cruentos.

Que cuspidos — não beijados
Não fariam meus tormentos.

SE A DESGRAÇA ME ACOMPANHA

Se a desgraça me acompanha,
Minha sorte assim o quiz;
Vai-te embora, triste sorte,
Lá vem um dia feliz.

Só uma esperança futura,
Consoladora, me diz
Que entre os dias desgraçados
Lá vem um dia feliz.

De amar-te com firmeza,
Foi voto que sempre fiz;
Para eu dar-te mil abraços,
Lá vem um dia feliz.

RECITATIVOS

MINH'ALMA É TRISTE

(IMITAÇÃO)

Minh'alma é triste como é triste a filha
Que geme afflicta por morrer-lhe o pai,
É triste como — o triste adeus do filho
Que a mãi abraça e para a guerra vai.

Minh'alma é triste como a voz do nauta
Que sobre as ondas o soccorro implora,
E triste como pezaroso pranto
Da mãi querida que p'la filha chora.

Minh'alma é triste qual ranger dos gonzos,
É triste como o rebentar da vaga;
Inda é mais triste que o adeus da vida
Da mãi que morre e a filhinha afaga.

Minh'alma é triste como é triste a supplica
Do desvalido que mendiga um pão;
Minh'alma é triste como o som do bronze,
Nuncio da morte de um querido irmão.

Minh'alma é triste como é triste a sorte
Do pobre esposo que ao degredo vai;
É triste como triste é o ai pungente
Da infeliz filha que em deshonra cahe.

Cafife.

OS OLHOS D'ELLA

Os olhos d'*ella*, de fulgor divino,
São dous pharóes a reflectirem n'alma,
São vivos cirios d'um brilhar sem fim,
Luz que deslumbra de meu peito a calma.

Os olhos d'*ella* são estrellas puras
A indicarem da ventura o trilho,
São fogos d'alma que ao brilhar desfazem
Os gelos d'alma no mais leve brilho.

Os olhos d'*ella* a desferirem chammas
São quaes de Phebo destacados raios,
Banha-se o peito no calor que emanam
Ao exprimirem juvenis desmaios.

Os olhos d'*ella* são de amor as armas
Que da razão o predominio tolhem,
Que livres pulsos traiçoeiros prendem,
Que n'um lampejo mil triumphos colhem.

Os olhos d'*ella* tem minh'alma presa;
A luz me foge se seu brilho vejo;
Vacillo, tremo, titubeio, morro
N'um gemer louco, n'um tenaz almejo.

Os olhos d'*ella* são a luz que expelle
A negra nevoa que me tolda a vida,
Falte-me a luz que nos seus olhos brilha,
Minh'alma triste morrerá descrida.

A. J. de Sousa.

CANÇÃO

CONSELHO

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor;
Não dês á sorte
Que tanto illude
Sem a virtude
Algum valor.

Tudo perece,
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria o amor!
Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lirio a côr;
Cultiva attenta,
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flôr.

Pastor humilde,
Monarcha ingente,
Soffre igualmente
Destino austero:
Mas, o varão
Sabio e honrado,
Zomba do fado
Por mais severo.

Honrosos cargos,
Titulo, nobreza,
É tudo presa
Da parca dura;
Porém, não finda
Do virtuoso
O nome honroso
Na sepultura.

MODINHAS

ALZIRA FORMOSA

Modinha bahiana

Alzira formosa,
Ventura foi vêr-te,
Seguiu-se o render-te
O meu coração.

Amor se render-me
Achou o motivo,
Eu já sou captivo,
Eu amo e então! então...

Ao vêr os teus olhos
Vivos e bellos
Eu tenho de vêl-os
Maior ambição.

Por mais que os veja
Não parte a vontade,
Eu tenho saudade
Eu amo e então! então...

J. Capistrano Leite.

SE AQUELLA INGRATA

Modinha bahiana

Se aquella ingrata
Jurasse ser
Minha sómente
Até morrer;

De ser meu bem,
De ser só minha,
De só commigo
Viver juntinha...
Mas tu, tyranna,
Já não me attendes,
Ao terno amante
Cruel offendes.

Meu peito soffre
Ardente chamma,
Amor me abraza,
Amor me inflamma.

A ella corro,
Prazer exulto,
Á minha amada
Rendendo culto;
E' quando esta
Então me diz:
Comtigo, Jonio,
Já sou feliz.

Capistrano Leite.

UMA VISÃO

Quando o somno me pesa nos olhos,
Revoar sinto em torno de mim,
Vaga sombra que ameiga os meus sonhos,
Talvez fórma de algum seraphim.

Toda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescôr,
Vem, meu anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas azas de amor:

Passo a noite se acaso repouso,
Sempre a vêr-te nos meus sonhos d'ouro,
Alva à tez, breve a bocca rosada,
Sob o véo escondido um thesouro!

N'uma rede d'encantos me prendes
Com grinaldas de mystico odôr,
Vem, meu anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas azas de amor.

Bella fada que doura meus sonhos,
Que sympathica a vida me fez!
Já não és illusão mentirosa,
Eu te vejo acordando talvez!

Bello anjo d'uma alma celeste,
Dôce olhar de innocencia e pudôr,
Vem, meu anjo dos cilios retintos,
Vem-me dar teus extremos de amor!

XACARA

O QUE É AMOR

Poesia do dr. D. J. G. Magalhães, e musica do snr. Raphael

Tu me perguntas
O que é amor?
Arduo problema
Me vens propôr,
Sublime thema
Para um doutor!
Mas se me dizes
O que é a dôr,
O que é o frio,
O que é calor,
Dir-te-hei, oh bella,
O que é amor.

Amor não soffre
Definição,
Sente-se o effeito
D'essa paixão,
Que róe no peito
O coração.

Sentil-o posso,
Dizel-o não,
É frio, é febre,
É um volcão;
É tudo a um tempo
Sem confusão.

Amor é tudo
Por modo tal,
Que eu não sei dar-te
Um só signal;
Para explicar-te
Seu natural,
Sei que da vida
Elle é causal:
Mas tambem mata,
Tambem faz mal;
Ora é divino,
Ora infernal.

Ora nos mostra
Na terra o céo
N'um rosto lindo
Como é o teu,
Quando dormindo
Se volve ao meu;
Ora em noss'alma
C'um gesto seu
O inferno embebe;
Que mais sei eu?
Amor é tudo,
É um Protheu.

Queres um meio
Para o saber?
É a quem te ama
Corresponder;
Á sua chamma
Tu has-de vêr
Que melhor cousa
Não póde haver.
Correspondido,
É tal prazer,
Que mais os anjos
Não podem ter.

AH! TU NÃO SABES!

Ah! tu não sabes como eu soffro, anjinho!
Que duro espinho me atormenta a vida,
Vives alegre n'um viver de flôres
E eu soffro dôres só por ti, querida!

Amo-te muito! meu amor é tanto,
Como esse pranto que me banha o rosto,
Nas horas mortas de uma noite longa
Que mais alonga meu senil desgosto!

Ah! tu não sabes que poema ingente
Solétro crente n'este amor, querida!
Vi-te, adorei-te, e a teu sorrir, criança,
Minha esperança renasceu com vida!

Amo-te muito! sem te vêr não vivo!
Anjo revivo, se o olhar que é teu,
Paira na fronte do defunto andante,
Sem fé, errante, soluçando atheu.

Dá-me um sorriso! viverei comtigo!
Teu rosto amigo velará meu pranto,
E quando a morte me privar da vida
Só tu, querida, escutarás meu canto!

Ah! tu nasceste para mim! sê minha!
Anjo ou rainha, sem amor não vivo!
Ama o poeta que já vive pouco,
Que ama-te louco e morrerá captivo!

A. J. de Almeida e Silva Junior.

LUNDÚ

O LADRÃO DO FRADESINHO

O ladrão do fradesinho,
Deu agora em confessor,
Eu em confissão lhe disse:
—Frade, não quero teu amor.

Este amor não é meu,
É de Raphael,
Quando Raphael fôr
É de quem quizer;
Aturai minhas raivas,
Meus calundús.
Apesar das cousinhas
Que eu bem quizer,
Ai! me larga, diabo,
Ai! me solta, demonio;
Diabo do frade,
Que frade damnado,
Me solta os babados,
Meu bom Santo Antonio.

Elle um dia me encontrou
Lá na rua do Ouvidor,
Eu gritando lhe disse:
— Frade, não quero teu amor.

Este amor não é meu — etc.

Frade, se queres ter vicio
Antes seja jogador,
Vai encommendar defuntos
Na igreja de S. Salvador.

Este amor não é meu — etc.

MODINHAS

QUAL SALTANTE PASSARINHO

(MODINHA BAHIANA)

Qual saltante passarinho
Que apesar de preso canta,
E que longe da consorte
Sempre seus males espanta;

Tal eu faço á Nize ausente
De teus mimosos agrados,
Pois que de muitos os brados
O mal minoram de um ente.

José Joaquim dos Reis.

OH! LILIA

Oh! Lilia, de ti distante
Eu soffro cruel tormento,
O teu formoso semblante
Me lembra a cada momento.

Se o cruel fado oppressor
Quer que eu passe assim a vida,
Se as saudades, pranto e dôr
Só me dá sorte homicida,
Eu quero a vida acabada;
Adeus, ó Lilia adorada,
Meu terno suspiro aceita:
Deixa louco a tua amada
Já que teu amor rejeita.

Dize, ó Lilia adorada,
Se te não move o meu pranto,
Tu zombas de meus tormentos,
P'ra que me desprezas tanto?

Deu-te acaso a natureza
Insensivel coração,
Ou te deu tanta belleza,
Tanta graça e perfeição,
P'ra que eu fosse desgraçado?
Tira-me a lei de meu fado
Que me faz sempre infeliz;
Vou morrer abandonado
Porque o fado e Lilia o quiz.

AS TERNURAS DE MEUS AIS

Seccos troncos, duras penhas
Que em silencio me escutaes,
Parece que estaes sentindo
Ás ternuras de meus ais.

De sensiveis os teus olhos
São os mais ternos signaes,
Pois repetem com ternura
As ternuras de meus ais.

Antes quero vêr meu peito
Passado de mil punhaes,
Do que vêr escarnecido
As ternuras de meus ais.

Sentem troncos, sentem penhas,
Sentem feros animaes,
Só tu, Marilia, não sentes
As ternuras de meus ais.

Justos céos, que em negra sombra
Meus queixumes escutaes,
Talvez que vos enternezam
As ternuras de meus ais.

Faze, cruel, se é teu gosto,
Ditosos os meus rivaes,
Dará mais gloria ao exemplo
As ternuras de meus ais.

Se o céo te quizer punir
Dos teus crimes capitaes,
Póde ser que abrande o céo
As ternuras de meus ais.

Se amor com amor se paga,
Anda, vem, não tardes mais,
Vem para vêr com ternura
As ternuras de meus ais.

O TABERNEIRO

Murmura o mundo que o taberneiro
É ratoneiro por vender—toucinho,
Seja rançoso, seja bom, por preço
Que não esqueço—bem puxadinho.

Se vende a carne por pataca a libra
Na corda vibra da pobreza humana,
Que diz ser caro, sem saber se o gado
Após cortado, lá no peso engana.

Se vende um queijo por dous mil e cem
Para um vintem só de lucro haver,
Dizem que o pobre taberneiro *honrado*
É malcriado até no off'recer.

Quando elle julga estar mui descançado,
Já reclinado sobre o seu balcão,
Lá entra o preto da visinha e diz:
«Nhonhô Luiz, m'esqueceu sabão.»

Só vende á vista, e jámais fiado
Café torrado com feijão moido;
Tambem lá vende ao melhor freguez
Por trinta reis, seu maduro ardido.

O taberneiro vende arroz, farinhas,
Tambem sardinhas, capilés e massas;
Vende presuntos, marmeladas finas,
Paios em tinas, salchichões e passas.

Quasi que deve se chamar barbeiro
Ao taberneiro — pois que dá sangrias,
As d'este tornam as pessoas quentes,
As d'outro algentes — dizer quero frias.

Feijões que vende: amendoim, cavallo,
Vejam, não fallo no que é mulatinho,
Pois se desejo dar um beijo — é asneira
Dal-o á torneira d'um barril de vinho.

Esta bebida é a que dá conforto,
Se é do Porto! — note bem, do velho,
É um regalo. Depois da moafa,
Mesmo a garrafa nos parece espelho.

Por ella vê-se com pezar profundo
Que todo o mundo p'ra mentir nasceu,
Dizer o mesmo que o taberneiro
É ratoneiro?... — Elle diz: não eu.

O taberneiro é p'ra mim sujeito
P'lo qual engeito o melhor bocado,
Principalmente quando elle diz:
Se é para o Diniz tudo dê fiado.

Todos bem sabem o que é fiado,
É genero dado p'ra pagar depois,
Com a differença que no ir sommar
Vem-se a pagar em vez de um bico — dois.

Gualberto Peçanha.

NÃO SOU INGRATO

Quando tristonho, taciturno fujo
Sem teu semblante seductor olhar,
Comtigo dizes suspirando: — Ingrato!
Morro por elle, não me sabe amar.

É que te enganas! eu padeço e muito,
Mas te consagro santo amor profundo:
Não sou ingrato; quero dar-te um culto,
Mas em silencio sem que saiba o mundo.

Sou mui cioso; mas a sorte avára
Póde teus dotes me querer roubar:
Diz: — da florinha que será — coitada —
Se o tenue orvalho lhe vier faltar?...

A vida agora sobre um chão de flôres
— Rio de sonhos — deslisando vai;
Se o sol crestal-a n'uma tarde amena
Murcha de mimos — sem aromas cahe. —

É este o mundo que illude — o eden
Que prende os olhos, nossa vida encánta:
São nossos sonhos, festivaes prazeres,
Dourada taça de ventura santa.

Sonhar me deixa com a mente em chammas
Em quanto a criança do amor resplende:
Em quanto o peito não baqueia exhausto
De encontro aos prantos que o soffrer accende.

Amo-te muito; mas eu temo ainda
Que a dôr, que dorme n'este peito morto,
Acorde intensa por manhã de inverno,
Então me fine sem achar conforto.

Não sou ingrato! mas a labareda,
Queimando o cedro que campêa augusto,
Um dia póde, levantando incendio,
Queimar o debil pequenino arbusto.

E se algum dia — a padecer — disseres:
Que é d'essas rosas de minh'alma vivas?
Não te respondo: o furacão crestou-as
Aos toscos beijos de paixões lascivas.

Não sou ingrato! mas na primavera
Tenho provado tantas amarguras,
Que sem esp'rança o coração já velho
Receia fallas de amorosas juras.

Antes tem pena do soffrer do vate
Que outr'ora a vida lhe correu bem mansa;
O peito gasto é um jardim esteril
Onde não medra luminosa esp'rança.

Eu me arreceio de dizer-te, virgem,
Que te consagro santo amor profundo.
Não sou ingrato! quero dar-te um culto,
Mas em silencio, sem que o saiba o mundo.

S. Paulo — 1866.

Gratulino Coelho.

LUNDÚ

EU NÃO GOSTO DE OUTRO AMOR

Lundú bahiano pelo padre Telles.

Eu não gosto de outro amor
Que não seja amor de cá,
É amor muito gostoso
Amor de minha sinhá.

Seus affectos, seus quindins
Enfeitiçam o mundo inteiro,
Faz escravos homens serios
O terno amor brazileiro.

Eu zombei por largo tempo
De seus laços, suas prisões;
Eu zombei do captiveiro
Dos mais ternos corações.

Não mais quiz o deus do amor
Consentir a zombaria,
Pois ao vêr certos olhinhos
Fez-me preso n'esse dia.

Ninguem pois deve zombar
D'esse amor tão feiticeiro,
Quando julga que está livre
É o máis prisioneiro.

É conselho de quem ama
Certos olhinhos de cá:
Affectos, quindins, requebros,
Só os de minha sinhá.

MODINHAS

OS MEUS AMORES

Tu és um anjo na terra
E no céo um seraphim,
Dos prados a bella flôr,
E's a rosa do jardim.

E's o lustre que clarêas
O mais escuro salão,
Das damas formoso typo,
Dos homens a perdição.

Das jarras a linda flôr,
Dos canteiros o alecrim,
Tu és um anjo na terra,
E no céo um seraphim!

QUANDO EU MORRER, CHOREM TODOS MINHA MORTE

Para ser cantada com a musica da modinha — *Quando eu morrer ninguem chore a minha morte*

Quando eu morrer, chorem todos minha morte,
Cerquem meus amigos o meu leito,
Mas arrastem essa ingrata bem p'ra longe,
Pois não quero o contacto de seu peito.

Tudo desejo, muitas flôres em meu tumulo,
Immensa gente junta ao corpo do finado,
Mas não ella, inda que me traga a vida,
Escondam meu cadaver já gelado.

Deixem minha pobre mãi verter seu pranto,
Cerquem-a de tudo quanto amei,
E que n'esses amores de volupia
Ella chore o retrato que lhe dei.

A meu pai—(escusado é fallar n'elle)
Deixou-me no mundo ignorado e triste,
Hoje d'elle não me resta uma lembrança
Uma só lagrima em meus olhos não existe.

Nada mais quero, chorem todos minha morte,
Cerquem meus amigos o meu leito,
Mas arrastem essa ingrata bem para longe,
Pois não quero o contacto de seu peito.

A MULHER

Poesia do snr. Guedes Junior, e musica do snr. Calado Junior

A mulher, esse dragão da humanidade
Que a obra mais perfeita maculou,
Não é dado do crime abstrahir-se,
Pois ferrete fatal a indigitou.

O bondoso e incauto homem
Vai á mulher agradar,
Mas a cruel, fementida,
Duro fel lhe faz tragar.

A mulher quando ostenta seus carinhos
É p'ra o homem arrojar á negra dôr,
E elle tão benigno, tão improvido,
Cada vez lhe consagra mais amor.

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher quando diz amar o homem
É com o fim de executar a falsidade,
E se d'isto se preserva algumas vezes
Não é por lhe ter grande amizade.

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher tem o attributo da maldade
Que muitas vezes se divisa em seu semblante,
E sempre procurando o atroz embuste
Vai alfim apunhalar o peito amante!...

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher sempre tem em sua mente
O desejo do artificio e da illusão,
Ella vai atraiçoar o incauto homem
Quando mesmo lhe offerece a sua mão!...

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher inda dotada de bondade
Sempre tem o caracter de perjura,
E' condição da qual nunca se afasta
Senão quando intervem a parca dura!...

O bondoso e incauto homem — etc.

TRISTES SUDADES

Modinha bahiana, por Damião Barbosa

De saudade lastimosa
Que persegue amantes peitos,
Eu soffro n'esta alma afflicta
Os crueis duros effeitos.

Quem dera me ouvisse
Alguem de ternura,
Que meigo escutasse
A minha amargura!

Tristes saudades padecem
Peitos a amor sujeitos,
Conheço por experiencia
Os crueis, duros effeitos.

Quem dera me ouvisse — etc.

Ciumes, ais não conhecem
Peitos a vigor afeitos,
Pois quem ama é quem sente
Os crueis, duros effeitos.

Quem dera me ouvisse — etc.

AO LUAR

Era no estio quando a sombra tua
Pallida á lua — tão formosa eu vi;
N'esse teu rosto tão fulgente e bello
Um dôce anhelo — vi ràiar p'ra mi!

Então eu presa de vertige' ardente
Cahi tremente — a teus pés, ó virgem:
Tu te sorriste para mim a eito
E no meu peito — vi de amor a origem!

Desde esse instante de amoroso enleio
Eu no teu seio — me reviver senti;
Lembras-te, ó anjo, que luar fazia?
Que poesia — contemplar-te, houri!

Oh! bem te lembra, minha virgem bella,
Que arage' aquella suspirava alli;
Era no estio quando a sombra tua
Pallida á lua — tão formosa vi!...

O OPULENTO

Eil-o que passa nos seus trens faustosos,
Ebrio das pompas que a riqueza dá,
Solta dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda e nem se avista já.

Insulto, escandalo á misèria extrema
Que ás portas do infeliz bate só,
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre de martyrio e dó.

Por altas noites em salões dourados
Se agitam danças de um folgar sem fim,
E o rico mostra esplendor que ostenta
Ornatos proprios de um real festim.

Soam descantes e harmonias soam
Que infiltram n'alma a languidez d'amor,
E entre os folguedos que de véos se rasgam,
Celestes véos de virginal pudor!

E as noites voam, fugitivas, ledas
Entre as delicias que ventura tem,
E aos sons festivos que ao prazer convida
Lá vão saudosas murmurando além.

Ás mesmas horas quantas familias gemem
Tragando o calix d'amargoso fel,
A quantos crimes não arrasta a fome
Com seus tormentos de um pungir cruel!

Triste viuva que vivia pobre
Luctando em balde contra acerba dôr,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia,
Cedeu ao crime. Santo Deus, que horror!

Sobre as escadas de um mosteiro antigo
Que a lua esmalta com saudosa luz,
Dous orphãosinhos sem um tecto ao menos
Á sombra dormem do velar da cruz.

Honrado artista sobre um leito humilde
Cahe sem alento que não póde mais,
Trabalha sempre na miseria immerso
P'ra soffrer penas no porvir fallaz.

Velho soldado que ao bradar da patria
Vertera o sangue no calor da acção,
Vergonha, opprobrio, maldição eterna
Hoje esquecido lá mendigam pão!

A casta virgem á penuria cede;
Do erro ao crime só um passo vai,
Era hontem pura, criminosa hoje,
Ámanhã perdida nas orgias cahe.

E o rico folga nos saraus luzidos
Sorrindo a todos com um sorrir mordaz,
E o rico baldo aos sentimentos nobres
Seu ouro esgota no prazer fallaz.

Só não tem ouro p'ra valer ao pobre,
Só não tem ouro p'ra calar a dôr,
Só não tem ouro p'ra salvar a virgem
Dos torpes laços de um mentido amor.

Homens ditosos que folgaes no luxo,
Vergai á dôr, á compaixão vergai,
E os agros prantos de martyrio e sangue
Nos baços olhos do infeliz seccai.

Dai-lhe o sobejo d'essas mesas lautas
Que as mais das vezes arrojaes ao chão,
Folgai embora, mas roubai á fome
Tantas familias que mendigam pão.

LUNDÚ

NÃO AMO AOS GOSTOS DOS MAIS

Que se importa o mundo injusto
Com meus suspiros e ais?
Não dou satisfação ao mundo,
Não amo aos gostos dos mais.

Hei-de seguir
Meu coração,
Embora o mundo
Diga que não.

Dizem que eu tenho mau gosto,
Me dão razões taes e quaes;
Não dou satisfação ao mundo,
Não amo aos gostos dos mais.

Hei-de seguir — etc.

Uns dizem que ella é feia
Outros, tamandoais;
Não dou satisfação ao mundo,
Não amo aos gostos dos mais.

Hei-de seguir — etc.

A PERPETUA

Vinde, perpetua, habitar
Junto d'este peito meu;
Vinde mitigar as dôres
Que um amor me concedeu.

Vinde, perpetua, apressada
Junto a meu peito habitar;
Vinde estas dôres sem fim
Com tua imagem findar.

Perpetua, tu só vieste
Gravar-me uma esperança;
Comtigo veio a saudade
Confirmar nossa alliança.

Descança, perpetua pura,
No meu peito, até que um dia
Essa esperança que trazes
Do hymeneu seja alegria.

O PRISIONEIRO

Ai! captivo, tão moço vivendo
N'este forte, no mar sem ninguem,
Cada dia te espero gemendo
Como espero ser livre tambem.

Rainha das ondas, na barca ligeira,
Aos echos cantando dirige-te ao mar;
São dôces os ventos, a onda é fagueira
E o céo é sem nuvens, tu pódes vogar.

D'estas aguas altanas tão bellas,
E teu seio que lindo que está!
Tão suave, quem sopra-te a vela?
Meiga briza, ou amor? quem será?

Rainha das ondas — etc.

Tu, esperança, m'inunda este peito!
Ai! se queres d'aqui me arrancar,
Eu te sigo, a ventura eu aceito,
Quero livre outras plagas pisar.

Rainha das ondas — etc.

Porque páras? a dôr que me cança
Despertou-te este pranto p'ra mim?
Semelhante á fugace esperança
Ai! me foges, e eu vivo inda assim!

Rainha das ondas — etc.

Enganou-me illusão tão querida!
Mas que vejo? m'estendes a mão?
Astro amigo que prendes-me a vida,
Ámanhã seguirei teu clarão.

Rainha das ondas — etc.

SAUDADE, FUGI DE MIM

Saudade, fugi de mim,
Levai comvosco os pezares,
Vêde que minha Marilia
Não pisa mais estes lares.

Foi-se o prazer,
Foi-se a ventura;
Debalde lucto
Contra a amargura.

Por acinte do destino
Que folga com meus penares,
Veio a mim, foi-se tão cedo,
Não pisa mais estes lares.

Foi-se o prazer,
Foi-se a ventura;
Debalde lucto
Contra a amargura.

A VIUVINHA

Ai de mim, triste viuva
Na pobreza abandonada;
Já não tenho meu marido,
Ai de mim, triste coitada.

Passo dias entre angustias
N'uma triste solidão;
Minha sorte foi-me avára,
Só em mim sinto paixão.

Meu trajar são vestes tristes,
Oh! meu Deus, Deus de bondade:
Meu viver fel amargoso,
De mim tende piedade.

Tenho em mim cruel tristeza,
Já não gozo um só prazer;
Já não tenho pai nem mãi,
Só me resta hoje morrer.

Carpindo junto ao sepulchro
Os restos do meu amor;
Sinto no peito convulso
Suffocar-lhe horrenda dôr.

Oh! morte, porque não vens
Meus tristes dias findar?
Vinde, por Deus, eu te peço,
Á campa quero baixar.

Ai de mim, triste viuva
Na pobreza abondonada;
Já não tenho meu marido,
Ai de mim, triste coitada.

COMO EU AMEI

Amei as flôres que me ornaram o berço,
Amei os cantos d'uma mãi querida;
Amei a virgem que aqueceu-me o culto,
Amei o anjo que me deu a vida.

Amei do lirio a candidez tão pura,
Amei da harpa o sentido harpejo,
Amei as flôres que se inclinam tristes,
Amei da virgem o ardente beijo.

Amei da rola a tristonha queixa,
Amei sorrindo o nascer d'aurora;
Amei o lago todo crespo ao vento,
Amei a bocca que beijei outr'ora.

Amei das salas o trajar e galas,
Amei os risos, os festões, as flôres,
Amei a orchestra que morria em ais,
Amei da morte seus crueis horrores.

Amei a gloria, com loucura e ancia,
Amei da taça o calor do vinho,
Amei o collo que aqueceu-me a fronte,
Amei das matas o gentil pombinho.

Amei do piano o correr de uns dedos,
Amei da estrada o ancião curvado,
Amei da vida o sorrir fingido,
Amei do jogo o cahir do dado.

Amei do orphão a sentida prece,
Amei da noiva a corôa pura,
Amei dos bailes o rodar da valsa,
Amei as letras d'uma sepultura.

Amei a tocha acce[illegible] ao morto,
Amei dos labios a [illegible]ão da morte,
Amei do morto o contrahir das faces,
Amei do preso o carpir da sorte.

Amei do pobre o esfarrapado manto,
Amei da lua a brilhante luz,
Amei a flauta que em trinados morre,
Amei o martyr que morreu na cruz.

Amei das vagas o chorar sentido,
Amei de Deus o poder tão forte;
Amei ao lirio debruçado ao longe,
Amei a virgem que me deu a morte!

J. M. Mancebo.

JULIETA

Tu és a estrella fulgurante e bella .
Da noite immensa d'esta vida incerta,
És os meus sonhos, a visão bemdita
De encantos divos e de luz coberta.

E então do peito no segredo eu guardo
Teu nome santo — festival reliquia,
Teu rosto meigo me acompanha sempre,
Anjo bemdito que ao poeta guia.

Vejo-te ás vezes e meu a[illegible] augmenta,
Mais este fogo me consom[illegible]ma,
Soffro martyrios, os espinhos crescem
D'esta existencia na mirrada palma.

Amo-te muito! minhas mãos nas tuas
Tremem tocando n'uma chamma ardendo,
Se os olhos fito nos teus olhos negros,
Digo um poema que só eu compr'endo!

Anjo formoso que eu adoro a medo
Id'lo bemdito do meu culto santo,
Um pensamento para mim que soffro,
Dar-te-hei a vida, meu amor, meu pranto.

E quando inerte repousar p'ra sempre
Na campa fria que o viver consome,
Passa em meus sonhos festival, sorrindo,
E eu morto mesmo bemdirei teu nome.

A. J. de Almeida e Silva Junior.

LUNDÚ

É BEM BOM, NÃO DOE NEM NADA

Minha dôce yáyásinha
Quando está toda enfadada,
Dá pancadinhas na gente...
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a pancada
Tem feitiço.

Ás vezes bulo com ella
Para vêl-a amofinada,
Dá-me e... puxa-me os cabellos,
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que o enfado
Tem feitiço.

Hontem bricando com ella
Pregou-me uma dentada,
Clamei-lhe mesmo ferido:
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a dentada
Tem feitiço.

Um dia dando-lhe um beijo
Pôz-me a lingua ensanguentada,
Então me rindo lhe disse:
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que seus modos
Tem feitiço.

MODINHAS

FOI POR MIM, FOI PELA SORTE

Foi por mim, foi pela sorte
Minha desgraça tecida,
Sou, ó céos! bem desgraçado,
Nem morro, nem tenho vida.

Por não ter um desengano
Da minha Marcia querida,
Vivo em continua afflicção,
Nem morro, nem tenho vida.

Do ciume abrazador
Vive est'alma combatida,
N'esta lucta desastrosa,
Nem morro, nem tenho vida.

Só da fera desventura
É minh'alma perseguida;
Ah! mentiu-me o duro fado,
Nem morro, nem tenho vida.

AI DE MIM

Poesia do snr. Innocencio Rego, e musica do snr. José J. Alves

Gemendo em vão minha dôr,
Mil suspiros vou soltar;
Consumo assim minha vida
Triste pranto a derramar!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Aquella que eu tanto adoro
Menospreza o meu amor,
Deixa-me assim ir penando
Soffrendo cruenta dôr!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Victima da desventura,
Soffrerei a minha sorte,
Deixarei de padecer
Quando emfim vier a morte!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

NOSSA MÃI

Ama o bardo seus cantos, seus sonhos,
Como póde na terra se amar,
Passam annos, já velho, infeliz,
Nem dos sonhos já quer-se lembrar.

Dôces phrases d'amor mutuamente
Os amantes só sabem jurar;
Mas o tempo, a distancia, a ausencia
Tudo póde essas juras quebrar.

Cresce a flôr junto á margem do rio
E perfumes só quer exhalar;
Nós amamos a flôr quando é bella,
Desprezamos se a vemos murchar.

Mas o tempo, a distancia, não podem
De uma mãi, o amor acabar;
Minha mãi, eu vos amo na terra
Como a Deus lá no céo hei-de amar.

Este amor nem a morte cruel
Poderá em minh'alma acabar;
Se na vida vos sagro meu peito
Junto á campa irá elle estalar.

Ha-de o tempo, a distancia, a ausencia,
D'este amor dôce laço estreitar;
Minha mãi, eu vos amo na terra
Como a Deus lá no céo hei-de amar.

CANÇÃO

A INFELIZ

Já meu bem desceu á tumba,
Descança na fria lagem,
Só o verde-negro cypreste
Lhe rende triste homenagem.

Os jasmins, saudades, lirios,
Tudo o tufão dispersou;
Apenas um triste goivo
Com o meu pranto brotou.

Vem terminar os meus dias,
Oh! parca! querida amiga;
Depois, orvalha meu tumulo;
Meus ossos frios abriga.

E tu, ó lua fagueira,
Nas noites tristes de maio,
Te rogo, por piedade,
De tua luz — um só raio.

RECITATIVOS

O PERDÃO

Se eu fôra um cuidado, quizera affligir-te,
Se eu fôra a saudade, quizera ralar-te,
Se eu fôra um punhal, quizera ferir-te,
Se eu fôra um veneno, quizera matar-te.

Se eu fôra uma dôr, quizera doer-te,
Se eu fôra o abysmo, quizera sumir-te,
Se eu fôra uma cobra, quizera morder-te,
Se eu fôra um volcão, quizera engulir-te.

Se eu fôra o remorso, quizera roer-te,
Se eu fôra o demonio, quizera tentar-te,
Se eu fôra um malvado, quizera perder-te,
Se eu fôra uma féra, quizera tragar-te.

Mas ah! qu'eu não sou nem punhal, nem veneno,
Nem cobra, demonio, remorso, cuidado,
Não sou a saudade, nem féra, nem dôr,
Volcão eu não sou, abysmo, malvado.

Sou homem que teme de Deus o poder,
Que d'um miseravel tem dó, compaixão,
Perdôo-te os males que tu me fizeste,
E tudo perdôo, porque sou christão.

LUIZ

(Do drama do mesmo titulo)

Como o ribeiro, que desdobra rapido,
Ama da estrella o scintillar inquieto,
Amo teus olhos, que no fogo timido
Vem reflectir-se no sonhar dilecto.

Como na praia do areal um atomo
Ama das ondas o partir nevado,
Amo teus risos que descobrem perolas
Dormindo em leito de setim rosado.

Como dos ramos no arquejar monotono
Ama a avesinha, balouçar-se á briza,
Amei teu seio, no palpite languido,
Quando a meu seio te prendia, Elisa.

E como o bardo, no sonhar phantastico,
Ama a lembrança, que levou da festa,
Adoro o sonho, que desparze balsamos,
Amo a saudade, que de ti me resta.

Ernesto Cibrão.

VOTO DE AMIZADE

Raiou o dia em que a virgindade
De uma deidade,—branco véo cingiu
Sorrindo alegre eil-a pressurosa,
Meiga e ditosa sua tez cobriu.

Hoje que um canto de meus labios pende,
Que minha voz fende, embalsamando o ar,
Sinto n'esta alma um prazer ingente,
Que de contente não posso occultar.

Feliz teu passo seja no universo...
Que eu possa em verso teu viver cantar,
Q'inda uma flôr mimosa e innocente
Da fraca mente te possa offertar.

Feliz, feliz teu novo estado seja...
Que a falsa inveja, não ouse manchar,
Sempre em teu lar, seja a paz amiga
Que sempre siga teu feliz trilhar.

Não vês a pompa, o luxo e o brilho
Simples, mas filho do amor mais puro,
São incentivos, que guardar não deve
Quem te prescreve, um feliz futuro.

É dom que ha muito, no peito encerrado
Bem conservado, só agora sahe...
Qual pura essencia, que ha mui guardada
Mas derramada na amplidão se esvai.

Não vês aqui o grupo encantador
Que só o amor por ti, aqui o chama?
São incentivos que ninguem occulta,
Que só se escuta, quando só se ama.

Exulta pois tambem, feliz esposa,
Minha mente ousa, a ti versos fazer,
Faltos de logica, porém não rimados,
São simples dados, d'um fraco saber.

Aceita o fructo d'um fraco talento
N'este momento é o prazer quem falla,
Não é fingido mas sim verdadeiro,
Pois é o primeiro que meu peito exhala.

P. B. C.

LUNDÚ

FOI ASSIM O SEU AMOR

Foi assim o seu amor,
Como a onda elle passou,
Foi esperança de um dia
Que o desengano matou.

Foi assim o seu amor,
Dubio brilhar d'uma estrella,
Em céo escuro e turvado,
Vão capricho de uma bella!

Foi assim o seu amor,
Exhalação venenosa
De uma flôr que simulava
Ser innocente e mimosa.

Foi assim o seu amor,
Infiel, mentida jura,
Promessa que fôra santa
Se a fizesse um'alma pura.

MODINHAS

N'ESTE SITIO, QUANDO A NOITE

N'este sitio, quando a noite
E' da morte uma expressão,
O silencio se perturba,
Solta um ai meu coração.

Volta suspiro a meu peito
Ou nos ares vai morrer,
Quero em minh'alma esconder
Meu amor, minha paixão.

Quando á noite a natureza
Parece não ter acção,
Por violencia de amor
Solta um ai meu coração.

Volta suspiro a meu peito
Ou nos ares vai morrer,
Quero em minh'alma esconder
Meu amor, minha paixão.

O DESALENTADO

Não me importa do baile o bulicio,
Nem da orchestra sonora harmonia;
Não me importa que um peito descrente
Já não sente do mundo alegria.

Já não sente do mundo fingido;
Só deseja viver esquecido.

Se na valsa acham outros ventura
Que as tristezas lhe faça esquecer;
Eu só acho mudanas lembranças
D'um eterno e pungente soffrer.

Ai! tão joven, as crenças perdi,
Deixo o mundo, p'ra ellé morri.

Eu no baile só vejo mentira
Proferida por bocca enganosa,
Quanta dama ao findar uma valsa
Não se julga p'ra sempre ditosa!

Eu não creio nas juras mentidas,
Que se tornam em breve esquecidas.

N'essas galas que as bellas adornam
Já não vejo senão seducções;
São ornatos que a ellas só servem
P'ra attrahir e prender corações.

Corações inexpertos que esquecem
Que essas galas em casa fenecem.

Essas festas que outr'ora eu amava
Quero d'ellas agora fugir;
Que m'importa prazeres do mundo,
Se eu não quero taes gozos fruir?

Fujo ao mundo em que só acho dôr
Em retorno de um candido amor.

COMO É BELLO DA DONZELLA

Nova modinha para ser cantada na musica — *São ciumes d'uma ingrata*

Como é bello da donzella
Ouvir fallar dôcemente,
Quando prostra-se a seus pés
Triste infeliz padecente!

Como é bello da donzella
A pureza e castidade;
Como é bello a donzella
Ter em tudo lealdade!

Como é bello da donzella
Seu pésinho delicado,
Seu andar tão feiticeiro
Que captiva ao desgraçado!

Como é bello da donzella
Seu trajar com singeleza,
Ser mui casta e virtuosa,
Ter em tudo só nobreza!

Como é bello a donzella,
Ser em tudo virtuosa,
Do Senhor ser crente filha
Padecente e carinhosa!

É mais bello do que tudo,
N'este mundo indifferente;
Vêr de um anjo dôce riso
Casto, puro, e innocente!

Adeodato Socrates de Mello.

RECITATIVOS

SAUDADES

No cimo dos montes, ao som da corrente
Que a lua tremente prateia ao fulgir,
Que horas eu passo — scismando, scismando
E ás sombras fallando que vejo surgir!

Agora no encosto da penha escalvada
Diviso estampada de negro uma cruz;
E tu, junto d'ella, pousar vagarosa,
Oh! virgem formosa, banhada de luz!

Depois de joelhos, os labios agitas,
E tremes, palpitas, pedindo ao Senhor;
Talvez me converta da vida os espinhos
Em brandos carinhos, em sonhos d'amor!

Immovel outr'ora na plaga deserta
Eu vejo-te incerta, celeste visão,
Cruzando teus braços no seio tão bello
E o negro cabello rojando no chão.

Ao brilho dos astros, da briza ao alento,
Ao vago lamento do rio a chorar,
Eu ouço-te e vejo-te, ó candida imagem,
Do bosque a folhagem passando agitar.

De ti separado — que fundo martyrio!
Eu sinto em delirio qu'esta alma s'esvai;
E quero do exilio, na dôr que me opprime,
Um grito sublime mandar-te n'um ai!

Agora que a lua parece que a medo
A face em segredo saudosa escondeu;
Eu juro que a morte não póde apartar-nos
E havemos amar-nos na terra e no céo!

Augusto Emilio Zaluar.

Ó MEIGA VIRGEM

O' meiga virgem divinal, querida,
Tem pena, escuta meu cruel soffrer,
Vem aos meus braços alentar a crença
D'um peito exangue, que só faz — gemer.

Que tem que o mundo te maldiga e zombe
Se dar-te eu posso meu amor ardente?
Que val escarneos sem razão d'um louco,
Que val seus cantos, seu sorrir demente?

Que val promessas d'um gozar infindo
S'em breve as juras tu virás quebrar?
Só ama o bardo que deseja encantos
Um dia ao menos bem feliz gozar.

Só ama a briza quando vom saudosa
Beijar mansinha divinaes madeixas;
Só ama a vaga, que bramindo á praia
Entrega aos ventos gemebundas queixas.

Só ama o céo a pallidez da flôr
Que pende á tarde quando o sol é forte;
Que mesmo secca nos jardins perdida,
Manda o orvalho prantear-lhe a morte.

Só ama o triste que viveu no mundo
Santa lembrança que murchou no peito,
Só ama o crente que desceu ao nada
A cruz gelada do marmoreo leito.

Não dês ao mundo teu amor ditoso
Nem tantos sonhos que febril desejo,
Q'eu quero dar-te bem feliz, a sós,
Na lyra—um canto,—no teu collo um beijo.

Mello Moraes, filho.

LUNDÚ

DIZEM QUE SOU BORBOLETA

Dizem que sou borboleta,
No amar sou bandoleiro,
A culpa tem quem me forja
Os ferros do captiveiro.

Não posso vêr moça bella
Sem amor me titilar,
Sou feito de carne e osso,
Por força me hei-de dobrar.

Se ha moças que vibram
Olhar tão ardente,
Que o peito da gente
Queimando,
Cortando,
Rasgando,
Lá dentro nos vão
Accender a paixão;
O mais insensivel
Por bem ou por mal
Terá sorte igual:

Amará,
Gemerá,
Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

Se vejo moça corada,
Fico de amor abrazado;
Moça pallida e romantica
Põe-me todo derrotado.

A moreninha me encanta,
Me derrete, me maltrata,
Me envenena, me enfeitiça,
Me fere, me abraza e mata.

Por todas eu sinto
O meu coração
De gosto e paixão
Ferido,
Perdido,
Rendido,
Aos ferros exposto;
Por gloria e por gosto,
O mais insensivel,
Por bem ou por mal,
Terá sorte igual:
Amará,
Gemerá,
Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

Olhos negros e travessos
São p'ra mim settas de amor;
Os azues matam a gente,
Requebrados com langor.

Sejam grandes ou pequenos,
Ardentes, ternos ou não,
Todos elles me repuxam
Suspiros do coração.

Olhinhos hei visto,
Eu bem sei de quem,
Que tal força tem,
Que enleiam,
Chasquciam
E ateiam
Voraz fogo ardente
No peito da gente.
O mais insensivel,
Por bem ou por mal,
Terá sorte igual:
Amará,
Gemerá,
Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

Não sei o que é ter orgulho
De constancia ou de firmeza;
Eu só me orgulho de amar
A' toda e qualquer belleza.

Quando estou junto das moças
Meus olhos são de tarracha,

Meu coração é trapiche,
Tenho alma de borracha.

N'um dia, n'um'hora,
No mesmo lugar,
Eu gosto de amar
Quarenta,
Cincoenta,
Sessenta.
Se mil fôrem bellas,
Amar todas ellas.
O mais insensivel,
Por bem ou por mal,
Terá sorte igual:
Amará,
Gemerá,
Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

MODINHAS

DE LIVRE QUE SEMPRE FUI

De livre que sempre fui
Hoje escravo me tornei;
O amor sujeita a tudo
Ao rigor de sua lei.

Inda qué preso
Aos olhos teus,
Dos actos meus
Não sou senhor;
Fica-me a gloria
De ser vencido,
De ser ferido
Pór teu amor.

QUEM ÉS TU?

Poesia de Mello Moraes, filho, e musica de S. Rosa

Quem és tu que vens á noite
Tristesinho aqui scismar,
Fugindo de tantas galas
Que o mundo póde offertar?

Serás nota harmoniosa
D'uma lyra de crystal,
Transformada n'um anjinho
Dormindo n'um tremedal?

És fada que no silencio
A tempestade domina,
Trajando nas azas brancas
A meiga luz matutina?

Ou dos meus sonhos ardentes
E's o sêr encantador
Que vens dourar meu futuro
Aos beijos do teu amor?

Não! és orphã! no silencio
Buscas aqui te abrigar;
Quando nos finda a ventura
E' nosso allivio chorar!

E's a crença! és a saudade,
A muda expressão da dôr!
Linda per'la descravada
Do throno azul do Senhor!

A HORA QUE TE NÃO VEJO

Poesia de Magalhães, e musica de C. Ignacio da Silva

A hora que te não vejo
E' p'ra mim hora perdida;
Se eu vivo só a teu lado
Como é curta a minha vida!

Que vida d'instantes,
Que breve existencia,
Que noitès de angustias
Passadas na ausencia!

Depois que te dei minh'alma
Só vivo um'hora no dia,
Mas hoje nem gozar pude
Um momento de alegria.

Que vida d'instantes—etc.

Só, oh Silvia, nos teus braços,
Do mundo todo esquecido,
Poderei gozar n'um'hora
Da ausencia o tempo perdido.

Que vida d'instantes—etc.

VISÃO DO CÉO CÁ NA TERRA

Visão do céo cá na terra,
Encanto, fada ou mulher,
As tuas chammas de amor
Abrazar meu peito quer.

Mulher, se tu és do céo,
Para que na terra vieste habitar?
Não sabes que cá n'este mundo
Todos hão-de te amar,

Todos são sensiveis,
Hão-de te adorar?
Porém, oh! Lilia,
E' natural
Que só os anjos
A ti sejam igual.

Mulher, sonho ou realidade,
De Deus philtro ou encanto,
As tuas divinas fórmas
Envolve divino manto.

RECITATIVOS

O POBRE

De porta em porta, sobre lentos passos,
Acompanhado dos filhinhos seus,
Eil-o que brada tendo os olhos baços:
«Esmola! esmola! pelo amor de Deus!»

E como a briza na amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai!
Ninguem responde — e com seus pezares
O pobre segue — desprendendo um — ai!

Esmola! esmola! n'outra porta implora;
Por ella espera de chapéo na mão;
Mas em resposta se lhe diz: «Agora
«O Deus dos céos o favoreça, irmão!»

E o coitadinho seu caminho segue,
Envergonhado de pedir assim!...
Quasi recúa — mas os olhos ergue,
Contempla os filhos — e prosegue alfim!

O dia inteiro no pedir se passa,
E' raro aquelle que um vintem lhe dá,
Depois recolhe-se á morada escassa
Onde soccorros que esperar não ha!

E quando a estrella da festiva aurora,
Enfeita os valles c'os primores seus,
Eil-o coitado! que outra vez implora,
Esmola! esmola! pelo amor de Deus!

E como a briza na amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai!
Ninguem responde — e com seus pezares
O pobre segue — desprendendo um — ai!

Ferreira Neves.

LACRIMOSA

Lacrimosas, tristes, de meu peito as vozes,
Já sem consolo se concentram n'alma...
Perdida a esp'rança, sem futuro e crenças,
Meu Deus! a morte! p'ra ventura e calma...

Meu Deus! a morte! Se o morrer é pena,
Quero soffrel-a!... Que castigo ameno!...
Se a vida encaro, que torturas sinto!...
Se a morte eu vejo, minha dôr sereno...

Se a morte eu vejo, se esquecer eu penso
Intensas dôres, afflicções, tormentos,
Presinto allivio, que a desgraça affronta...
Mas breve passam tão subtis momentos!...

Mas breve passam n'um scismar de enganos
Caros instantes em que vejo a morte!...
Voltam-me as horas de um viver de prantos,
De dôr profunda no teimar da sorte!...

De dôr profunda, que não mais se extingue,
De um condemnado por fatal sentença!...
Em vão supplíco — compaixão, clemencia...
E' minha sina — confessar descrença!...

E' minha sina — divagar no mundo
Como a barquinha que perdeu seu leme!...
Que sobre as rochas impellida bate,
Lucta com as ondas do oceano infrene!...

Lucta com as ondas como eu lucto em balde
Com mil miserias, sem parar sem fim!...
Nem mais um riso, nem sequer um riso
Na terra, os homens, inda tem pr'a mim!...

Na terra os homens, que subir desejam
Degraus do rico, portentoso e nobre,
Já sobre o pindo, no viver das honras
Não baixam olhos pr'a pensar no pobre!...

Não baixam olhos — ao degrau primeiro
Em que o pedinte se maldiz sentado!...
Em vão supplíca!... Se a justiça mostra,
Fica-lhe apenas — o prazer... coitado!...

Fica-lhe apenas — consciencia pura,
Crença infinita — que a virtude é — nada!...
E, sem arrimo, a mendigar favores
Calca os espinhos da cruenta estrada!...

Calca os espinhos maldizendo a tudo,
Té mesmo ás vozes da razão sensata,
Que val ao pobre — do saber — os fóros?...
Do pobre as letras — é o amor que mata!

Do pobre as letras, a moral, os dotes
São falsos brilhos de fallaz thesouro,
E' sabio aquelle que possue fortunas,
Que as letras troca por moedas d'ouro!...

Lacrimosas, tristes, de meu peito as vozes
Já sem consolo se concentram n'alma!
Perdida a esp'rança, sem futuro e crenças,
Meu Deus! a morte! p'ra ventura e calma!...

Julio Cesar Leal.

LUNDÚ

A QUITANDEIRA

Meu querido yôyôsinho,
Eu sou filha da Bahia,
Porque passa sem comprar
Um figo ou melancia?

Sô yôyô, porque quando passa
Os olhos quebra p'ra mim?
Olhe, yô-yô, p'ra quebranto
Tenho figa de marfim.

Yôyô me compre uma fruta
Que eu tenho no taboleiro,
Pegue n'ella, meu yôyô,
Pegue, *ande*, tome o cheiro.

Tenho tambem uma fruta
Que yôyô ha-de gostar,
Mas tambem se ella quizer
Muito caro ha-de pagar.

Veja como ella está
Bonitinha e tão inchada,
E' *escorregar* com os *cobres*
E dê lá sua *dentada*.

Então gostou, maganão?
Isso mesmo eu dizia,
Já vê que as frutas gostosas
São as que vem da Bahia.

MODINHAS

EU VI UM SABIÁ CANTANDO

Musica do snr. J. S. Arvellos

Eu vi um sabiá cantando
N'um ramo, terno e sósinho,
Cantava, porque não via
A sua belleza no ninho.

Ai! ai! ai! ai!
Ó céos que dôr!
Quem póde viver alegre
Ausente de seu amor?

Eu vi um sabiá cantando
E um rouxinol tambem:
Um canta e outro responde:
Triste cousa é querer bem.

Ai! ai! ai! ai!—etc.

Ninguem nos póde privar
D'este nosso amor tão forte,
Cá n'este mundo só Deus,
Depois de Deus só a morte.

Ai! ai! ai! ai!—etc.

Adeus, ó bella menina,
De ti me vou apartar,
A corôa que nos prende
Nos quer hoje separar.

Ai! ai! ai! ai!—etc.

A ESTATUA DA DÔR

Poesia de Tupinambá, e musica do snr. J. S. Arvellos

Se soubesses, cara Elvira,
Quanto soffre o coração,
Que te amo com ardor
N'esta triste solidão;

Se soubesses como vivo
Dia e noite a gemer,
Sem crença d'esta vida,
N'este ermo a padecer;

Como eu tenho saudades
De ti, minha querida,
Imperio de minh'alma,
Pharol de minha vida;

Como eu desejo findar
A vida, assim tão dura,
Que só póde lenitivo
Buscar na sepultura;

Sentirias no peito a dôr
D'essa tua ingratidão,
E os mudos labios teus
Haviam de pedir perdão.

UM SORRISO

Poesia do snr. P. A. Brito, e musica da modinha — *Eu quisera ser eterna*

Em teus labios de carmim
Um dôce riso pairou,
E minha alma vacillante
Por teu sorriso ficou!

Dize, mulhér adorada,
Porque assim te sorriste?
Falla n'essa voz de anjó
O que no peito sentiste!

Seria um riso maligno?
De odio ou de piedade?...
Mas teus labios se tingiram
D'encantos da Divindade!...

Seria um riso innocente
Que p'ra ti veio de Deus?...
Mas teu seio era agitado
E não pensavas nos céos!...

Falla para que eu morra!
O que por ti se passou?...
Seria um raio d'amor
Que de tua alma escapou?...

*

Se o foi, então com arroubos
Eu saúdo o teu sorriso...
Eu saúdo a chave d'ouro
Que me abre o paraiso!...

ACABOU-SE OS MEUS TORMENTOS

N'esta gruta cavernosa
Vem-se esconder os mortaes,
Fiquem n'ella sepultados
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

Rudes penhas insensiveis
Que a tempos desafiaes,
Estalareis escutando
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

Correntes no ar suspensas
Que este meu pranto abrigaes,
Afoguem-se em vossas aguas
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

E tu que foste modêlo
De muitos peitos leaes,
Recebe na campa fria
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

RECITATIVOS

DESCRENÇA

O calor do fogo ou — da chamma ardente
Que a alma sente incendiar-se tanto,
É como o raio que fulmina e mata,
E o amor da ingrata se converte em pranto!

Mas, ai! de mim, se maldigo a sorte,
Se até da morte hei zombado crente!...
Qu'importa embora que humilhada viva,
Se a dôr lh'activa um viver pungente?!...

Se busco ás vezes da mulher perjura
Sonhar ventura que gozei outr'ora,
Eu sinto n'alma um desejo immenso
D'um fogo intenso abrazar-me agora!...

Assim o odio rebentando em chamma,
Que mais s'inflamma n'um voraz delirio...
Viver só quero alentando a vida,
Na fé perdida que me deu martyrio...

E porque choras? me dirás tranquilla,
Tens amor?—eu a vida, um desprezo e dó!...
Mas, ai! de ti... infernal vampiro,
Se da morte o tiro converter-te em pó!

Embora eu sinta a paixão ardente
Queimar-me a mente com mentidas juras,
Direi-te sempre que não creio n'ellas,
São todas ellas, por demais perjuras.

E quando alfim já na tumba fria
A morte um dia te roubar a vida,
Tu dirás tremula:—Que horror! meu Deus!
São peccados meus! já estou perdida!

João da Silveira Sampaio Junior.

O VAGABUNDO

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano
Fumando o meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namóro estrellas,
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto á lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguem, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante
Quando á noite nas trevas em mim se entornam
Os reflexos do baile fascinante.

Namóro e sou feliz nos meus amores,
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrazada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora,
Ella ao vêr-me sorri tão dôcemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palacio as longas ruas,
Passeio a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu throno,
Minha patria é o vento que respiro,
Minha mãi é a lua macillenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adórno a rua;
Como as aves do céo e as flôres puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo a Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por ahi alguma bella
Bem dourada e amante da preguiça,
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha-de achar-me na sé, domingo, á missa.

Alvares de Azevedo.

UMA SUPPLICA

Se eu fôra do Olympo o archanjo famoso,
Ao throno do Eterno te havia chegar,
Se eu fôra do mundo monarcha potente,
No throno dourado te havia sentar;

Voando, eu iria dizer-te um segredo,
Se fôra canario no bosque a folgar;
Se eu fôra das flôres o *amor perfeito,*
Quizera em teu peito só desabrochar;

Se eu fôra de Orpheu a lyra cadente,
Teu nome sómente quizera cantar;
Se eu fôra algum Tasso, de amor perecendo,
Como elle por ti eu quizera acabar;

Se eu fôra Petrarcha no amor extremoso,
Por Laura de certo te havia trocar;
Se eu fôra Virgilio, Castilho, Camões,
Meu estro sublime te havia offertar.

Mas... eu não sou anjo, nem flôr, nem canario,
Nem rei, nem Orpheu, nem Tasso amador,
Petrarcha, Virgilio, Castilho, Camões,
Sou triste coitado que te implora amor.

B. J. Borges.

AMOR

Se longe estou de ti—em ti só penso!
Se durmo, oh! anjo meu, comtigo sonho!
Comtigo a vida, é um prazer immenso,
Sem ti—deserto inhospito, medonho!

Se acaso penso, só medito em ti!
Se á noite velo, só me lembra amor!
Renasce a esp'rança que perdida vi,
Que a vida alenta, que me dá valor!

Teu nome escuto no ciciar da brisa,
Entre a ramagem de florido val!
Quando em silencio — a noite se desliza,
Quando ruge furioso o vendaval!

Sou outro agora! Tua linda imagem
Eu vejo em tudo, tudo me recorda
Desde a florinha que se curva á aragem,
Té o canto d'ave, que nos diz — acorda!

Quer vele ou durma, seja noite ou dia,
Sempre commigo tu presente 'stás;
Depois d'eu morto, volve a cinza fria,
E o teu retrato ainda alli verás!

Sou teu, és minha! Não queiras fugir-me,
Qu'est'alma, crenças, para ti só tem!
Ah! não me fujas, quando á noite ouvir-me
Por entre as trevas — te dizendo — vem!

F. P. dos Guimarães.

LUNDÚ

A FEIJOADA

Musica de J. S. Arvellos

Oh! que feijoada
Tão engordurada,
Tão cheia de bredos
Que me atola os dedos,
De limões azedos,
Pimentões ardentes!
Oh! que bello vinho,
Que gordo toucinho
Que na mesa bole!
Para ficar molle
Só nos falta o gole
Da bella aguardente.

Tudo é feijoada
Feita por amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Que negro tisnado,
Que corre apressado

Aqui, no Brazil!
Que pretas gentis,
Bonitas e feias,
Vestidas de tangas,
Vendendo pitangas,
Laranjas e mangas
No campo da feira!
Tudo é bebedeira,
Tudo é bandalheira,
Que nos causam zangas.

Estas são as notas
Que nos diz amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Quanta moça tola
Que come cebola
Da Inglaterra,
Com medo da guerra
De Napoleão!
Que ha n'esta terra,
Que porcos mimosos,
Carneiros cheirosos,
Cabras berradeiras,
Gallinhas poedeiras
Nas segundas-feiras
Vão p'ra correcção!

Estas são as notas
Que nos diz amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Quanta moça feia
De meiguice cheia,
Nas suas janellas!...
Mas quantas mazellas,
Quantas erysipelas
Encobre o balão!
Quantos impostores
Da rapaziada
Formados doutores,
Andam ás embigadas,
Andam ás cabeçadas,
Só a cachação!

Tudo é feijoada
Feita por amor,
Para encher a pança
De um trovador.

MODINHA

ROSTO D'ANJO

Rosto d'anjo, formosa donzella,
Que as cadêas de amor me puzeste,
Ah! não fujas—não leves-me a vida,
Não me roubes um bem que me déste.

Já não póde meu peito ser d'outra,
Já não posso existir sem te amar;
Só comtigo entendi a existencia,
Quero á campa comtigo baixar.

São ligados os meus aos teus dias,
Como o calix á folha da flôr!...
Não consintas que a flôr se desfolhe,
Ah! não quebres os laços de amor.

Já não póde meu peito ser d'outra—etc.

FIM DO VOLUME V

INDICE

	Pag.
Acabou-se os meus tormentos	132
A cruz da sepultura	42
Adelia	11
A estatua da dôr	130
A fausta	52
A feijoada	139
A hora que te não vejo	121
Ah! tu não sabes!	70
Ai de mim	102
Ai, meu bem, se eu não te amo	51
A infeliz	104
Alzira formosa	64
Amargos dias passei	16
Amar-te	32
Amelia	39
Amor	137
Amor do céo	44
A mulher	83
Ao derradeiro cantar do cysne	31
Ao luar	86
A perpetua	91
A quitandeira	127
A ser ingrata tambem	25
As notas do thesouro ou os trocos miudos	35
As ternuras de meus ais	74
As velhas da época	55
A viuvinha	94
Caso de amor tão fingido	50
Como a rosa, amor dura um só dia	57
Como é bello da donzella	112
Como eu amei	96
Conselho	63
Descrença	133
De livre que sempre fui	119
De que me serve esta vida	13
Despeito	58
Dizem que sou borboleta	116
Donzella, por piedade	23
É bem bom, não dóe nem nada	99
Elmaia	29
Escuta	15
Eu não gosto de outro amor	80
Eu vi um sabiá cantando	128
Foi assim o seu amor	108
Foi em manhã d'estio	22
Foi por mim, foi pela sorte	101
Já houve tempo	46
Julieta	97
Lagrimosa	125
Lembranças	12
Luiz	106
Luz e mysterio	5
Minh'alma é triste	60
Morte d'alma	27
Não amo aos gostos dos mais	90
Não sou ingrato	78
N'este sitio, quando a noite	109
Ninguem	7
Nossa mãi	103
O cabelleireiro	8
O canto do descrido	19
O desalentado	110
Oh! Lilia	83
O janota	17
O ladrão do fradesinho	71
O martyrio	33
O meiga virgem	114
O opulento	87
O perdão	105
O pobre	123
O prisioneiro	92
O que é amor	68

	Pag.
Os meus amores	81
Os olhos d'ella	61
O sonho	49
Os vadios	30
O taberneiro	76
O vagabundo	134
Qual saltante passarinho	73
Quando eu morrer, chorem todos minha morte	82
Quando te vi	24
Quem és tu?	102
Quiz fugir-te	43
Rosto d'anjo	141
Roubaste, tyranna parca	15
Saudade, fugi de mim	93
Saudades	113
Se a desgraça me acompanha	60
Se aquella ingrata	65
Sonho de ventura	26
Teus olhos	54
Tristes saudades	85
Uma supplica	136
Uma visão	67
Um sorriso	131
Visão do céo cá na terra	122
Viva S. João	47
Voto de amizade	107
Yôyô, vossê é o demonio	20

[illegible] 2 v.

[illegible] 2 v.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] 3 v. — [illegible] 8 v. — [illegible] 3 v. — Livro [illegible] 2 v. — [illegible] — As [illegible] por S. Pedro. — Maria [illegible]

[illegible]

[illegible] 3 v.

[illegible] 1 v.

[illegible] 8 v.

[illegible] 2 v.

[illegible] 2 v.

Marques — Vocabulario orthogra-

phia da Língua portuguesa 2 v. [illegible]

Camilo Castello Branco — Dicionario universal de [illegible] 1 v.

Silva Pereira — Nova chronologia brasileira. 1 v.

C. Machado — Dicionario [illegible] 1 v.

Navarro — [illegible] 1 v.

Carolina de M. [illegible] — Lições de [illegible] portuguesa. 1 v.

Adolfo Casamajor — A [illegible]

[illegible] — A [illegible] 4 v.

[illegible] — [illegible] 5 v.

Joaquim Nogueira — [illegible] 2 v.

[illegible] — [illegible] 6 v.

Pedro [illegible] — [illegible] 1 v.

Luiz [illegible] — [illegible] 3 v.

João Deus — [illegible] 1 v. — [illegible] 1 v. — O [illegible] 1 v. — [illegible] 1 v. — [illegible] 1 v. — [illegible] da [illegible] 1 v. — [illegible] mundo

Maria P. de Souza — [illegible] — [illegible] — [illegible]

[illegible] — [illegible] 1 v. — [illegible]

[illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] de Alpiarça.

[illegible] — [illegible]

[illegible] — [illegible]

[illegible] — [illegible]

GENERAL LIBRARY
UNIVERSITY OF CALIFORNIA—BERKELEY

RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED

This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

16 Mar'54MC

21—100m-1,'54(1887s16)476